

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

RAPHAELA DE SOUZA BORGES

**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA JOVENS ESTUDANTES E
TRABALHADORES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE
CURITIBA: UM OLHAR PARA A GERAÇÃO Z A PARTIR DA TEORIA DA
SUBJETIVIDADE DE GONZÁLEZ REY**

CURITIBA

2025

RAPHAELA DE SOUZA BORGES

**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA JOVENS ESTUDANTES E
TRABALHADORES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE
CURITIBA: UM OLHAR PARA A GERAÇÃO Z A PARTIR DA TEORIA DA
SUBJETIVIDADE DE GONZÁLEZ REY**

**The Meanings of Work for Young Students and Workers of a Higher Education
Institution in Curitiba: A Look at Generation Z from the Perspective of González
Rey's Theory of Subjectivity**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-
Graduação Stricto Sensu em Administração, da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR).
Orientadora: Profa. Dra. Liliane Canopf Vera

CURITIBA

2025



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



RAPHAELA DE SOUZA BORGES

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA JOVENS ESTUDANTES E TRABALHADORES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE CURITIBA: UM OLHAR PARA A GERAÇÃO Z A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE DE GONZÁLEZ REY

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Organizações E Tecnologia.

Data de aprovação: 25 de Setembro de 2025

Dra. Liliane Canopf Vera, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Elisa Yoshie Ichikawa, Doutorado - Universidade Estadual de Maringá (Uem)

Dr. Leonardo Tonon, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 12/11/2025.

AGRADECIMENTOS

A jornada que culminou nesta dissertação foi marcada por desafios, aprendizados e, acima de tudo, pela presença de pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para sua realização. Este trabalho reflete não apenas o esforço individual, mas também o apoio e incentivo de muitos que estiveram ao meu lado durante todo o processo.

Agradeço à Prof^a Dr^a Liliane Canopf Vera, pela orientação dedicada, paciência, atenção e carinho. Seu incentivo constante, principalmente nos momentos mais desafiadores, foi um pilar fundamental nesta trajetória. Mais do que orientar, você acreditou em mim, muitas vezes mais do que eu mesma, mostrando-me que era possível superar as dificuldades e seguir em frente, por meio de suas palavras reconfortantes.

Aos professores e colegas do programa de PPGA 2023 da UTFPR, pelos debates enriquecedores, sugestões e pelo ambiente acadêmico acolhedor. Cada troca de ideias nos corredores e nas salas de aula foi essencial para expandir meus horizontes e aprofundar a minha compreensão sobre os temas estudados. Sou especialmente grata pelos conselhos preciosos e pelas múltiplas ajudas em momentos de dificuldade. Os cafés compartilhados, as risadas espontâneas e as histórias trocadas tornaram essa jornada acadêmica mais leve e significativa.

Aos estimados professores que integraram a banca examinadora, Prof^a Dr^a Elisa Yoshie Ichikawa (UEM) e Prof. Dr. Leonardo Tonon (UTFPR), também registro minha gratidão. Suas considerações, pontuações e, por vezes, firmes “puxões de orelha”, sempre marcados por afeto e respeito, foram essenciais para aprimorar este trabalho. Cada sugestão apresentada trouxe uma nova perspectiva, desafiando-me a repensar, reconstruir, aprofundar e, sobretudo, buscar fazer melhor. O cuidado e a atenção com que analisaram esta pesquisa demonstraram um compromisso genuíno com a excelência acadêmica.

Aos participantes da pesquisa, que gentilmente disponibilizaram seu tempo e compartilharam suas experiências. Vocês não apenas contribuíram com dados fundamentais para este estudo, mas também com suas histórias de vida, perspectivas e reflexões que enriqueceram a compreensão do tema abordado.

À minha família, pelo apoio e compreensão ao longo de toda a minha trajetória, em especial, ao meu marido, pelo companheirismo, paciência e pelo

incentivo constante em todos os momentos desta caminhada. Sua dedicação foi essencial, especialmente nas cobranças carinhosas para que eu não postergasse as tarefas e mantivesse o foco.

Aos meus colegas de trabalho, especialmente minha coordenadora, pela compreensão e pela torcida ao longo dessa jornada. A colaboração e o suporte de vocês fizeram com que eu pudesse equilibrar as demandas profissionais e acadêmicas.

Às instituições que apoiaram esta pesquisa, oferecendo recursos, infraestrutura e suporte técnico, à UTFPR, pela oportunidade de realização deste mestrado e suporte do corpo docente, e à UniCesumar, pelo apoio na coleta de dados e incentivo à pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio, conselho e incentivo foi essencial para que eu pudesse chegar até aqui. Este trabalho é dedicado a todos vocês, que fizeram parte desta trajetória de construção e realização. Obrigada!

"Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos. É nesse núcleo silencioso que encontramos a força para suportar o insuportável, para seguir adiante quando tudo parece perdido. O ser humano é capaz da maior das resistências, e essa resistência é a nossa verdadeira humanidade." (José Saramago, 1995)

RESUMO

O trabalho desempenha um papel importante na sociedade, não apenas como meio de sobrevivência, mas também como fonte de realização pessoal e estrutura psicológica. Atualmente, muitos estudos e pesquisas apontam o crescimento do adoecimento de trabalhadores, no aspecto mental, em função de práticas das organizações e da relação que o trabalhador estabelece com elas. Somando-se a isso, percebe-se um movimento da Geração Z, composta por nascidos entre os anos de 1995 e 2010, questionando esta relação trabalho-trabalhador e apresentando um novo significado e sentido a ela. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar os sentidos do trabalho para os jovens estudantes e trabalhadores, pertencentes a Geração Z, de uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR, a partir da teoria da subjetividade de González Rey. De modo específico, pretende-se: (i) identificar aspectos centrais e periféricos do trabalho para os jovens da Geração Z; (ii) aproximar discussões entre elementos comuns e divergentes do sentido do estudo e do trabalho para os jovens estudantes e trabalhadores; e (iii) verificar características dos membros da Geração Z de uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, visto que se pretendeu investigar aspectos subjetivos dos entrevistados, buscando a identificação dos sentidos atribuídos por eles, a partir de uma epistemologia sócio-histórica, ou seja, considerando as questões históricas e sociais em que o fenômeno estudado acontece. A investigação adotou abordagem qualitativa, fundamentada na epistemologia sócio-histórica, com uso do método construtivo-interpretativo e análise a partir dos Núcleos de Significação de Aguiar & Ozella. O corpus foi composto por oito participantes, selecionados conforme critérios de diversidade de gênero, idade e tempo de experiência profissional. Os dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas e analisados de modo a articular as narrativas com o referencial teórico. Os resultados evidenciam que os jovens atribuem múltiplos sentidos ao trabalho, que se configuram de forma dinâmica e contraditória. O trabalho aparece como meio de sustento, mas também como espaço de aprendizado, autonomia, reconhecimento e construção de projetos de futuro. Os entrevistados revelaram forte desejo de estabilidade e mobilidade social, bem como valorização do estudo como motor de desenvolvimento. Entretanto, emergem também experiências de sobrecarga, renúncia de lazer e saúde, além da percepção de precarização e desvalorização em alguns contextos laborais. A análise apontou que, embora convivam com tensões entre prazer e sofrimento, os jovens demonstram resiliência e empenho em conciliar estudo e trabalho, desmontando estereótipos de descompromisso com esforço ou de imediatismo. O sentido do trabalho, nessa perspectiva, é produzido na intersecção entre trajetórias individuais e condições sociais, confirmando a relevância da subjetividade como categoria analítica. Conclui-se que a compreensão das experiências desses jovens amplia o debate sobre a juventude e o mundo do trabalho, trazendo contribuições para políticas públicas e práticas organizacionais mais sensíveis às demandas de bem-estar, reconhecimento e qualidade de vida.

Palavras chaves: sentido do trabalho; jovem estudante-trabalhador; geração Z; subjetividade.

ABSTRACT

Work plays an important role in society, not only as a means of survival but also as a source of personal fulfillment and psychological structure. Currently, many studies and research point to the growth of workers' illness, particularly mental illness, as a result of organizational practices and the relationship that workers establish with them. In addition, there is a movement among Generation Z, composed of those born between 1995 and 2010, questioning this work-worker relationship and attributing new meanings to it. The general objective of this study is to analyze the meanings of work for young students and workers belonging to Generation Z at a Higher Education Institution in Curitiba-PR, based on González Rey's Theory of Subjectivity. Specifically, the study aims to: (i) to identify central and peripheral aspects of work for Generation Z youth; (ii) to approximate discussions between common and divergent elements in the meaning of study and work for young students and Workers; e (iii) to verify the characteristics of Generation Z members from a Higher Education Institution in Curitiba-PR. To achieve these goals, a qualitative research was carried out, since the intention was to investigate the subjective aspects of the interviewees, seeking to identify the meanings they attribute to work through a socio-historical epistemology, that is, considering the historical and social issues in which the phenomenon occurs. The investigation adopted a qualitative approach, based on socio-historical epistemology, using the constructive-interpretative method and analysis through the Meaning Cores (Aguiar & Ozella). The corpus consisted of eight participants, selected according to criteria of diversity in gender, age, and professional experience. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed in order to articulate the narratives with the theoretical framework. The results show that young people attribute multiple and dynamic meanings to work, configured in contradictory ways. Work appears not only as a means of livelihood but also as a space for learning, autonomy, recognition, and the construction of future projects. The participants revealed a strong desire for stability and social mobility, as well as valuing study as a driver of development. However, experiences of overload, renunciation of leisure and health, and the perception of precariousness and devaluation in some labor contexts also emerged. The analysis indicated that, although they live with tensions between pleasure and suffering, young people demonstrate resilience and commitment in reconciling study and work, deconstructing stereotypes of lack of effort or immediacy. From this perspective, the meaning of work is produced at the intersection between individual trajectories and social conditions, confirming the relevance of subjectivity as an analytical category. It is concluded that understanding the experiences of these young people expands the debate on youth and the world of work, bringing contributions to public policies and organizational practices that are more sensitive to the demands for well-being, recognition, and quality of life.

Keywords: meaning of work; young student-worker; Generation Z; subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração dos resultados de combinações de busca nas bases de dados CAPES e SPELL.	29
Figura 2: Síntese das etapas da formação do corpus da pesquisa.....	88
Figura 3: Demonstração da consolidação dos núcleos individuais em núcleos gerais.	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos artigos encontrados nas bases de dados CAPES e SPELL a partir dos critérios de busca.....	30
Quadro 2: Quantidade de artigos analisados classificados e distribuídos pelo sujeito da pesquisa.....	34
Quadro 3: Distribuição dos artigos analisados classificados pela principal teoria epistemológica nos quais foram discutidos os dados da pesquisa	35
Quadro 4: Levantamento dos artigos mais citados e a respectiva quantidade de citações feitas nos artigos da revisão integrativa.....	36
Quadro 5: Autores mais citados nas referências dos artigos analisados na revisão integrativa.	38
Quadro 6: Detalhamento e comparação de aspectos retirados dos artigos que convergem com o tema sentido do trabalho e o sujeito da pesquisa desta dissertação: jovem estudante e trabalhador.....	42
Quadro 7: Delimitação temporal da geração Z apontada busca por palavra-chave “geração z” na plataforma Spell no mês de setembro 2024.....	72
Quadro 8: Resumo dos critérios para a participação dos sujeitos nas pesquisas em função à diversidade de perfil.....	87
Quadro 9: Perfil dos participantes da pesquisa que realizaram a entrevista. .	100
Quadro 10: Comparativo dos sentidos mapeados dos entrevistados	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos artigos analisados por ano de publicação.	31
Gráfico 2: Distribuição das publicações em relação aos estados aos quais os(as) autores(as) dos artigos estão vinculados por meio das instituições.	32
Gráfico 3: Distribuição das análises das revistas de acordo com a sua classificação Qualis.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNS	Conselho Nacional de Saúde
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
MOW	<i>Meaning of Work</i>
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
PJ	Pessoa Jurídica
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SPELL	<i>Scientific Periodicals Electronic Library</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCUISV	Termo de Consentimento Utilização de Imagem, Som e Voz
Unicesumar	Centro Universitário do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivos da Pesquisa	22
1.2 Justificativa Teórica e Prática	23
1.3 Estrutura da Dissertação	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO	27
2.1 Revisão Integrativa	28
2.2 O Trabalho no Mundo Contemporâneo	50
2.3 A Construção dos Sentidos do Trabalho	60
2.4 A Teoria da Subjetividade	65
2.5 Quem é esta Geração Z?	72
3 METODOLOGIA	80
3.1 Revisão integrativa	80
3.2 Pesquisa de Campo.....	80
3.2.1 Sujeitos da Pesquisa	85
3.2.2 Critérios de inclusão e exclusão	87
3.2.3 Etapas da Pesquisa de Campo	88
3.2.4 Procedimentos de Coleta de Dados	90
3.2.5 Procedimentos de Tratamento dos Dados	92
3.2.6 Procedimentos de Análise dos Dados: Núcleos de Significação.....	93
3.3. Aspectos Éticos envolvidos na Condução da Pesquisa	95
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	97
4.1 Sobre o corpus da pesquisa	99
4.2 Apresentação das Análises Individuais	101
4.3 Contradições e sentidos do trabalho e do estudo: a síntese dos núcleos de significação	124
4.3.1 Núcleo 1 – Trabalho como centralidade e responsabilidade	127
4.3.2 Núcleo 2 – Trabalho como mais que dinheiro: propósito, utilidade e reconhecimento	131
4.3.3 Núcleo 3 – Prazer e sofrimento no trabalho (contradições, pressões, precarização)	134
4.3.4 Núcleo 4 – Estudo como motor de futuro e mobilidade	137

4.3.5 Núcleo 5 – Conciliação difícil entre estudo e trabalho (renúncia, cansaço e disciplina)	140
4.3.6 Núcleo 6 – Projetos de futuro e desejo de estabilidade.....	143
4.4 O sentido de trabalhar e estudar a partir da Teoria da Subjetividade	146
4.5 Estratégias de enfrentamento.....	150
4.6 Hábitos da Geração Z.....	152
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS	170
APÊNDICE A – DETALHAMENTO DA REVISÃO INTEGRATIVA.....	178
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	187
APÊNDICE C - FORMULÁRIO DE INTERESSE DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA	188
APÊNDICE E – TCLE E TCUIV	190
APÊNDICE F – TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DE RELATÓRIO FINAL.....	195

1 INTRODUÇÃO

Araújo e Sachuk (2007) revisitam o conceito de trabalho, salientando que a humanidade se organizou historicamente e politicamente em torno dele, desde os caçadores do período paleolítico até os profissionais da era tecnológica atual, evidenciando que o trabalho é importante para a existência humana.

Para compreender essa evolução, Woleck (2002) traça um panorama histórico do trabalho, começando com os gregos, que viam o trabalho como uma condição social associada a sofrimento e punição, considerada indigna para o homem livre. A valorização do trabalho como um meio de aplicação das capacidades humanas emergiu na Idade Média, quando passou a ser visto como um instrumento de sucesso terreno e de realização da vontade divina. Depois, a Reforma Protestante introduziu uma nova concepção sobre o trabalho, vinculando-o à acumulação de riquezas e ao sucesso material, além de elevar a profissão a um dever, encarando o labor como um fim em si mesmo.

Woleck (2002) prossegue, afirmando que, na Era Moderna, o trabalho foi valorizado como uma forma de desenvolver habilidades e o crescimento pessoal, fazendo surgir distinções entre trabalho qualificado e não qualificado, produtivo e não produtivo, manual e intelectual. Nesse contexto, o ócio foi condenado e a produtividade foi sacralizada¹, transformando o trabalho em uma prática viciante e incessante. O tempo livre se tornou escasso e a lógica do trabalho permeou todas as esferas da vida, marcando o início da era capitalista, na qual a força de trabalho é trocada por salário, uma dinâmica que persiste até hoje. Tanto é que, ao analisar o capitalismo contemporâneo, Woleck (2002) observa nuances da Idade Moderna, como a globalização financeira, a crescente precarização das relações de trabalho, altas taxas de desemprego e a mobilidade geográfica que resulta na eliminação de postos de trabalho.

Nesse movimento histórico em que o trabalho se configura como eixo estruturador das sociedades, atravessando diferentes épocas e ressignificações – da condenação moral dos gregos à sacralização moderna da produtividade, e, posteriormente, às contradições do capitalismo contemporâneo, torna-se igualmente relevante observar que a própria origem etimológica do termo carrega consigo marcas

¹ Transformação de algo em sagrado

simbólicas. A etimologia da palavra trabalho remonta ao latim *tripalium*, um instrumento de tortura medieval composto por três paus ou varas cruzadas, usados para punir condenados (Araújo e Sachuk, 2007; Ferraz e Fernandes, 2019; Fernandes, Gedrat e Vieira, 2023). Historicamente, o trabalho foi visto, com frequência, de forma negativa. Atualmente, embora seu significado tenha evoluído, ainda carrega a conotação de esforço e desconforto, exigindo dedicação e tensão para alcançar metas. Apesar disso, o trabalho também passou a ser compreendido como elemento constitutivo da identidade humana, dotado de sentidos múltiplos que transcendem a mera sobrevivência.

Atualmente, reconhece-se que o trabalho tem uma dimensão social, pois está ligado a um propósito coletivo e é realizado em conjunto com outras pessoas, visando beneficiar a coletividade (Araújo e Sachuk, 2007; Fernandes, Gedrat e Vieira, 2023; Vieira, Santos e Almeida, 2023). Nesse sentido, ele cumpre uma função social e contribui para a formação do sujeito (Salgado, Aires e Santos, 2018). Por meio da atividade laboral, que é um elemento essencial da vida humana, o indivíduo interage com a sociedade e com as práticas sociais. Assim, o trabalho desempenha um papel crucial na vida do ser humano, conferindo uma identidade. Além disso, como afirmam Dias et al. (2019), o trabalho atua como regulador social, estruturando o tempo e o espaço das atividades das pessoas e influenciando significativamente a realização pessoal.

Hoje, as relações sociais intrínsecas ao trabalho estão sendo reavaliadas sob uma nova perspectiva, devido ao rápido avanço das tecnologias da informação e ao fenômeno da globalização, que começaram na década de 1980. Esses fatores têm sido identificados como importantes agentes de transformação no sistema capitalista e no mercado de trabalho atual, contribuindo para a formação de uma nova realidade social (Araújo e Sachuk, 2007; Tolfo e Piccinini, 2007; Antunes, 2020; Vieira, Santos e Almeida, 2023). Os novos jargões corporativos estão imbuídos de ideologias de produtividade e lucratividade, mas, por trás disso, promovem uma precarização ampliada: conceitos como voluntariado, empreendedorismo, *pejotização*² e

² A *pejotização* implica que o trabalhador, que na prática pode estar submetido a lógica de subordinação e regulamentação, figura formalmente como Pessoa Jurídica (PJ). Isso serve para mascarar ou enfraquecer os direitos típicos do contrato de trabalho tradicional — férias, 13º salário, FGTS etc. Essa mudança formal de vínculo não é vista por Antunes como um mero detalhe técnico: ela representa uma estratégia de desproteção jurídica e “privatização” dos riscos e responsabilidades (e perdas) que antes eram assumidos pelo empregador ou pelo sistema de regulação trabalhista (Antunes, 2018)

*uberização*³ emergem em meio à real devastação social. Mesmo quando um emprego é garantido, os efeitos são imediatos: redução da remuneração, violação de direitos trabalhistas e diminuição das ações coletivas (Antunes, 2020).

A implementação de políticas neoliberais, como a vinculação de ganhos salariais à lucratividade e produtividade, a flexibilização que elimina a barreira entre horários de trabalho e de vida pessoal e a intensificação do ritmo das atividades, bem como a adoção de práticas de multifuncionalidade e gestão baseada em pressão psicológica, resultam em maior insegurança e vulnerabilidade, levando a um aumento significativo de acidentes de trabalho e doenças relacionadas a ele, como doenças osteomusculares e transtornos mentais (Antunes e Praun, 2015; Dias et al., 2019; Costa, Marques e Ferreira, 2020).

O adoecimento mental, portanto, torna-se um fenômeno presente no ambiente de trabalho, afetando também outras áreas da vida dos trabalhadores. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou o relatório *World Mental Health Report: Transforming Mental Health for All*, revelando que, em 2019, um bilhão de pessoas viviam com transtornos mentais, incluindo 15% dos adultos em idade laboral e 14% dos adolescentes (OMS, 2022). Estima-se que, conforme o relatório, 12 bilhões de dias de trabalho sejam perdidos anualmente devido à depressão e ansiedade. O estudo ainda mostrou que indivíduos com condições graves de saúde mental tendem a morrer, em média, 10 a 20 anos mais cedo que a população em geral.

Somando-se aos dados acima, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicou o documento *Mental Health at Work: policy brief*, orientando para que seja feita uma revisão e implementação de ações nas organizações laborais, para empregadores e governos (OIT, 2022). Sugere, por exemplo, a redução de cargas pesadas de trabalho, condenação de comportamentos negativos e outros fatores que são possíveis estressores e geradores de sofrimento no trabalho. Sustenta, ainda, que é necessário atentar-se ao fato de que o trabalho amplifica questões sociais que afetam negativamente a saúde mental como a discriminação, desigualdade e a violência psicológica (*bullying* e assédio moral). Ao fim, a OIT (2022) pede medidas

³ A *uberização* é a forma em que a mediação digital, as plataformas e algoritmos substituem parte do aparato de gestão direta tradicional, aprofundando a precariedade. Na *uberização*, o trabalhador é muitas vezes considerado “autônomo”, mas operando sob controle indireto (rankeamentos, penalidades por desempenho, variabilidade de demanda), sem garantias mínimas, o que aprofunda o desequilíbrio entre capital e trabalho (Antunes, 2018)

de monitoramento e a tomada de decisão na implementação de ações de prevenção e cuidado com os trabalhadores.

Além do adoecimento, observa-se um descontentamento em relação à realização no trabalho. Um estudo promovido pelo Centro de Integração Empresa e Escola (CIEE), intitulado *Empregabilidade Jovem Brasil*, revelou que, ao analisar a população jovem do Brasil, apenas 12% dos jovens empregados ocupam posições técnicas que permitem aprendizado, novos conhecimentos e crescimento na organização. Isso indica que a maioria dos jovens está em ocupações pouco desafiadoras (Canal CIEE, 2023). A falta de realização e desenvolvimento profissional pode levar ao desengajamento ou adoecimento, conforme apontam Dias et al. (2019), enfatizando que a ausência de autonomia, a escassa participação nas decisões sobre seu trabalho, a desvalorização do trabalhador e a falta de visibilidade do impacto de suas atividades ou a sensação de realizar algo sem sentido podem resultar em desgaste e problemas de saúde mental. Segundo Melo et al. (2019), os jovens buscam autonomia financeira e realização pessoal e profissional, enfrentando o desafio de equilibrar esses objetivos com as exigências do mundo profissional.

Nesse cenário, em que se evidenciam fragilidades relacionadas às condições de trabalho, à escassez de perspectivas de desenvolvimento e ao impacto negativo na saúde mental dos jovens, torna-se necessário observar como essas questões se manifestam de maneira particular na geração que atualmente começa a ocupar de forma mais expressiva o mercado de trabalho. É nesse ponto que a análise se volta à Geração Z, cujas especificidades históricas, sociais e culturais ajudam a compreender as tensões e expectativas que marcam sua relação com o mundo laboral.

Ao focar na Geração Z, composta por indivíduos nascidos a partir de 1995 (Bharat e Mahanandia, 2018), as análises anteriores se alinham com estudos que descrevem características desse grupo, que é composto por nativos digitais, com grande familiaridade com a tecnologia. Eles são conhecidos pela capacidade de realizar várias tarefas simultaneamente, pelo imediatismo e pela dificuldade de lidar com autoridade e hierarquia. Nascidos após a popularização da internet, entram no mercado de trabalho em busca de um ambiente que reflita sua realidade: conectado, aberto a interações, rápido e global (Dorsey, 2021).

Em relação à percepção dessa geração sobre o mercado de trabalho, Saciloto et al. (2017) identificaram que metade dos jovens da Geração Z não pretende permanecer no mercado de trabalho atual, e que a maioria não planeja ficar muitos

anos em uma mesma empresa, esperando um crescimento profissional rápido. Em complemento, Obregon et al. (2016) também discutem as expectativas dessa geração em relação à carreira, destacando que, para a Geração Z, ter um propósito é mais importante do que apenas ter um emprego. Eles são imprevisíveis e consideram o prazer como um fator crucial para a realização profissional. Além disso, é importante ressaltar que a Geração Z busca conhecimento de forma autônoma, acredita em sua capacidade de conquistar objetivos com esforço e se mostra disposta a enfrentar desafios e contratempos de maneira rápida (Bharat e Mahanandia, 2018).

Dentre os jovens de 15 a 30 anos, conhecidos como Geração Z, muitos estão equilibrando os papéis de trabalhadores e estudantes. De acordo com a grade curricular brasileira, aos 14 anos, um jovem está finalizando o 9º ano do Ensino Fundamental e, por volta dos 21 anos, deveria finalizar o Ensino Superior, considerando um curso de quatro anos. Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que há 48 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos (IBGE, 2024). Desse total, 39,9% apenas trabalham e 25,5% apenas estudam. Os jovens que nem estudam e nem exercem atividades laborais são 18,5%. E conseqüentemente, 16,1% são os jovens que estudam e que trabalham simultaneamente.

Novella et al. (2018) complementam os dados do IBGE (2024) com um estudo que abrange mais de 15.000 jovens entre 15 e 24 anos em nove países: Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Haiti, México, Paraguai, Peru e Uruguai. Esse estudo introduz o conceito “Nem-Nem”, referindo-se àqueles que não estudam nem trabalham, correspondendo a 21% da população pesquisada. Apesar de o termo “Nem-Nem” sugerir que esses jovens são ociosos, no Brasil, 36% deles estão buscando emprego, e 79% dedicam-se a negócios familiares ou a tarefas domésticas. Assim, apresenta-se uma reflexão: “ao contrário das convenções, este estudo comprova que a maioria dos nem-nem não são jovens sem obrigações, mas sim envolvidos em atividades produtivas” (Novella et al., 2018, p.03).

Essa constatação é relevante, pois coloca em questão a imagem estigmatizante que recai sobre esses jovens, frequentemente vistos como improdutivos ou desinteressados, quando na realidade estão inseridos em formas de trabalho não reconhecidas ou desvalorizadas socialmente. O estudo de Novella et al (2018) revela, portanto, a complexidade das trajetórias juvenis, marcadas por desigualdades estruturais que limitam o acesso à educação formal e a empregos de

qualidade. Ao evidenciar a participação desses jovens em atividades domésticas e familiares, o conceito de “Nem-Nem” passa a indicar menos uma condição de passividade e mais uma manifestação de exclusão social e econômica, na qual gênero e classe social desempenham papéis centrais — já que, em sua maioria, as tarefas domésticas recaem sobre jovens mulheres, invisibilizando sua contribuição produtiva.

Se, por um lado, parte da juventude é classificada como “Nem-Nem”, por outro, os levantamentos indicam também um contingente de jovens de 15 a 29 anos que acumulam os papéis de estudante e trabalhador (IBGE, 2024). Torres et al. (2020) destacam duas perspectivas no mercado de trabalho juvenil: de um lado, estudantes dedicados exclusivamente à vida acadêmica e, de outro, jovens inseridos no mercado laboral. Entretanto, os autores observam o crescimento — ainda sem estatísticas consolidadas — de estudantes que conciliam atividades laborais com o Ensino Superior, fenômeno que redefine a compreensão da experiência juvenil.

Além dos achados qualitativos em Torres et al. (2020), os dados oficiais do IBGE (2022) reforçam essa tendência de mudança nas formas de inserção juvenil. Em 2022, havia cerca de 10,9 milhões de jovens (22,3% da população de 15 e 29 anos) que não estudavam nem trabalhavam — uma redução em relação a 2019 em 2,4 pontos percentuais (IBGE, 2022). Em 2023, esse contingente dos “Nem-Nem” caiu para 10,3 milhões, passando a corresponder a 21,2 %, o menor valor da série histórica iniciada em 2012 (IBGE, 2023). Ao mesmo tempo, os dados de 2023 também apontam que 15,3 % dos jovens nessa faixa etária estavam simultaneamente inseridos no trabalho e nos estudos, 39,4% apenas trabalhavam e 25,5 % apenas estudavam (IBGE, 2023). Em 2024, a proporção de jovens que não trabalhavam nem estudavam reduziu-se para 18,5 %, enquanto os percentuais dos outros grupos permaneceram relativamente estáveis (IBGE, 2024). Essa dinâmica estatística indica um movimento recente de migração do grupo “Nem-Nem” para formatos de inserção mais ativos, especialmente o de estudantes-trabalhadores.

Essa tendência reforça a importância de analisar o trabalho juvenil não como uma experiência isolada, mas como prática que se entrelaça à execução de outros papéis — especialmente o de estudante —, configurando um campo de tensões e significados que impactam de forma decisiva a formação, a identidade e os projetos de vida desses jovens. O trabalho adquire uma abordagem mais ampla, pois as ocupações não necessariamente garantem independência, mas coexistem com outras dimensões da vida, interferindo na formação acadêmica, nas relações sociais

e até na identidade pessoal. Torres et al. (2020) enfatizam que essa vivência (estudar e trabalhar) está permeada por contradições: se, por um lado, o trabalho pode proporcionar prazer ao oferecer aprendizado, sociabilidade e autonomia, por outro, também gera sofrimento em função da sobrecarga, da pressão por resultados e das limitações impostas pela precariedade das condições laborais.

Essa duplicidade entre prazer e sofrimento vivida pelo estudante-trabalhador revela um ponto central: longe de ser apenas um rito de passagem ou etapa transitória, o trabalho na juventude se configura como um espaço de tensões que impactam diretamente a saúde física e mental. O dossiê *Panorama da Situação de Saúde de Jovens Brasileiros* de 2016 a 2022, elaborado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e organizado por Leandro, Sobrinho e Abramo (2024), mostra que 33,03% de todos os acidentes de trabalho notificados no período ocorreram entre jovens de 15 a 29 anos, com predominância entre homens, mas com destaque também para as jovens mulheres da saúde, que concentram 37% dos acidentes com materiais biológicos, sendo 74% das vítimas do sexo feminino. No campo da saúde mental, o documento ressalta que “os transtornos mentais foram a primeira causa de internação entre os homens de 15 a 29 anos e que as mulheres com vínculo formal são as que mais notificam afastamentos relacionados ao trabalho (Leandro, Sobrinho e Abramo, 2024, p.40).

Esse panorama é agravado pelas condições de inserção ocupacional: 70,1% dos jovens entre 18 e 24 anos estão no mercado de trabalho e, destes, 43,6% se encontram em situação de informalidade (Leandro, Sobrinho e Abramo, 2024). Tais dados confirmam que a juventude trabalhadora vivencia intensamente a precarização, seja na forma de vínculos frágeis, violência ou acidentes de trabalho e intercorrências por transtornos mentais, configurando um cenário em que compreender os sentidos atribuídos ao trabalho torna-se fundamental.

Assim, o cruzamento entre as análises qualitativas de Torres et al. (2020), IBGE (2022; 2023; 2024) e os dados epidemiológicos de Leandro, Sobrinho e Abramo (2024) reforça a necessidade de compreender o estudante-trabalhador como figura emblemática da juventude contemporânea, marcada por múltiplas pressões e vulnerabilidades que demandam atenção das políticas públicas no tocante à saúde mental e aprofundamento acadêmico sobre os sentidos atribuídos ao trabalho.

É nesse cenário de análise crítica do trabalho na modernidade e suas consequências para as relações laborais vividas por jovens estudantes e

trabalhadores que se propõe o presente estudo. Assim, busca-se explorar as experiências e sentidos que os jovens estudantes e trabalhadores atribuem às suas atividades laborais, enfatizando a individualidade na construção desses significados, fundamentando-se na Teoria da Subjetividade de González Rey.

A Teoria da Subjetividade de González Rey (2017) oferece uma compreensão complexa e dialética do sujeito, distanciando-se das abordagens tradicionais que veem a subjetividade como algo interno, fixo e isolado. Em oposição a isso, a teoria sugere que a subjetividade é formada por um processo histórico, social e cultural, sendo constantemente construída e reconstruída nas interações do indivíduo com o mundo ao seu redor. Nessa ótica, a subjetividade é tanto individual quanto social, na qual o sujeito e o contexto se influenciam mutuamente.

Essa teoria enfatiza que a subjetividade é um processo contínuo, multifacetado e emergente, que se desenvolve por meio das experiências vividas e das relações estabelecidas ao longo da vida. González Rey (2017) destaca que o sujeito não é apenas moldado pelas estruturas sociais, mas também é ativo na produção de suas próprias significações e sentidos. Esse processo de produção da subjetividade é singular, pois cada sujeito interpreta, constrói um significado e reage a suas circunstâncias de maneira única, conforme suas histórias, emoções e contextos. Assim, a subjetividade não deve ser vista como um mero reflexo do social, mas como um processo ativo de criação de sentido.

Com o intuito de compreender melhor como os jovens da Geração Z percebem o significado do trabalho em um contexto neoliberal, onde desempenham simultaneamente os papéis de estudante e trabalhador, formulou-se a seguinte questão: quais são os sentidos do trabalho para o jovem estudante e trabalhador de uma Instituição de Ensino Superior (IES) em Curitiba-PR, considerando suas histórias profissionais e à luz da teoria da subjetividade?

1.1 Objetivos da Pesquisa

Para abordar a problemática apresentada, o objetivo geral deste estudo é analisar os sentidos do trabalho para o jovem estudante e trabalhador de uma IES em Curitiba-PR, a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey. Para isso, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar aspectos centrais e periféricos do trabalho para os jovens da Geração Z;
- b) Aproximar discussões entre elementos comuns e divergentes sobre o sentido do estudo e do trabalho para os jovens estudantes e trabalhadores;
- c) Verificar características dos membros da Geração Z em uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR.

1.2 Justificativa Teórica e Prática

Para destacar a relevância prática deste estudo, é importante mencionar uma pesquisa atual, amplamente divulgada em notícias no site de busca Google, realizada pela consultoria Deloitte⁴ (2024), intitulada Pesquisa *Gen Z & Millennial 2024*. A 13ª edição, correspondente a 2024, foi realizada em 44 países com 23.000 participantes, incluindo 500 jovens brasileiros. Os resultados demonstram uma visão diferenciada da Geração Z em relação ao mundo do trabalho, indicando que a maioria (86%) considera importante ter um senso de propósito para sua satisfação no trabalho e bem-estar e está cada vez mais disposta a rejeitar tarefas ou empregadores que não correspondam aos seus valores.

Apenas cerca de metade (51%) da Geração Z classifica sua saúde mental como boa ou extremamente boa, e 13% dos jovens entre 16 e 24 anos consideram sua saúde mental ruim ou péssima. Entre os jovens, 40% frequentemente se sentem ansiosos, em comparação a 34% entre aqueles de 25 a 34 anos. A pesquisa também identificou que preocupações financeiras e o bem-estar familiar são os principais estressores, além de fatores relacionados ao trabalho, como longas jornadas e falta de reconhecimento. Outros dados mostram que 55% dos entrevistados se sentiram sobrecarregados, e 57% relataram experiências de medo e angústia.

Do ponto de vista prático, é crucial entender como esses jovens interpretam o trabalho, uma vez que suas experiências profissionais podem influenciar suas trajetórias futuras. Como afirmam Araújo e Sachuk (2007), compreender os sentidos do trabalho para indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas e suas implicações é um desafio significativo para administradores, visando entender as

⁴ A Deloitte é uma empresa global de consultoria que oferece serviços, como auditoria, consultoria e relatórios de pesquisa. Publica anualmente em seu site um estudo sobre gerações e expectativas frente ao mercado de trabalho, englobando diversos países.

transformações no mundo do trabalho e seus significados para os trabalhadores.

Além disso, o trabalho desempenha um papel importante na vida dos jovens, podendo impactar positiva ou negativamente seu bem-estar e saúde mental. A satisfação no trabalho pode promover um senso de realização e motivação, enquanto o estresse e o sofrimento podem levar a problemas como ansiedade, depressão e esgotamento. Contudo, observa-se que alguns jovens têm uma perspectiva positiva em relação ao trabalho, contrabalançando os resultados da maioria. A partir dessas investigações, pode-se contribuir para a formulação de políticas públicas atuais ou reforçar políticas existentes. Além disso, pesquisas desse tipo podem incentivar organizações a reconsiderar suas práticas de gestão em relação à promoção da saúde mental dos trabalhadores.

A busca por publicações científicas que abordem o sentido do trabalho e a experiência do jovem estudante-trabalhador é inspirada em um estudo realizado por Sá e Lemos (2017). As autoras consultaram a base de dados *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), buscando artigos publicados em periódicos nacionais de Administração que tratassem do tema, utilizando critérios de classificação de periódicos Qualis⁵ estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): A2, B1 e B2. A amostra resultou em 26 artigos com as palavras-chave “sentido do trabalho” e “significado do trabalho”, analisados com base em títulos, temas e palavras-chave. Destes, Sá e Lemos (2017) concluem que apenas 2 artigos abordaram especificamente o jovem ou o estudante, e a maioria das publicações baseou-se no modelo do *Meaning of Working*⁶ (MOW, 1987), liderado por Estelle Morin, sem explorar outras abordagens. A ampliação dos estudos sobre o tema poderia trazer novas perspectivas que serviriam de base para investigações futuras

⁵ Qualis Capes é um sistema que faz a classificação da produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros, no que diz respeito aos artigos publicados em diversos periódicos, revistas, anais e livros científicos, englobando todas as áreas do conhecimento. O método de análise foi criado para classificar a qualidade dos artigos stricto sensu e das pesquisas científicas. Como resultado, uma lista com a classificação é disponibilizada e pode ser acessada por quem deseja conhecer os periódicos que apresentam um bom conteúdo. A classificação é a seguinte: O Qualis Capes para periódicos é caracterizado e estratificado da seguinte forma: A1 e A2 contempla periódicos de excelência internacional; B1 e B2 abrange os periódicos de excelência nacional; B3, B4, e B5 considera os periódicos de média relevância; e C contempla periódicos de baixa relevância, ou seja, considerados não científicos e inacessíveis para avaliação.

⁶ Grupo de pesquisa intitulado como *Meaning of Work Research Team* (MOW), que abrange pesquisadores de vários países e publicou em 1987 um dos primeiros esforços de sistematização do estudo do significado do trabalho.

em diversas áreas do conhecimento, considerando a natureza multidisciplinar do conceito.

Dessa forma, o presente estudo busca ampliar o conhecimento sobre jovens trabalhadores, especialmente por correlacionar o sentido do trabalho à abordagem de González Rey, uma vez que não foram encontrados estudos que integrem esses constructos nas bases de dados consultadas. A partir de uma revisão integrativa a partir de 133 artigos publicados entre os anos de 2014 e 2025 no portal CAPES e SPELL, foram encontrados somente 04 artigos que discorrem sobre o sentido do trabalho a partir da abordagem de González Rey e somente 07 que estudam o sentido do trabalho para o público jovem (seja ele adolescente ou jovem, estudante ou não, trabalhador ou não). Esta revisão está detalhada na seção 2.1 do Capítulo Referencial Teórico. A pesquisa durante o programa de mestrado visou ouvir diretamente os membros da Geração Z, proporcionando um espaço para que compartilhassem suas experiências, preocupações e aspirações de forma mais detalhada, permitindo uma análise mais rica das nuances individuais e das diversas perspectivas.

Portanto, aprofundar o tema por meio da pesquisa, especialmente envolvendo as vozes diretamente afetadas, é essencial para uma compreensão mais rica e contextualizada. Espera-se que os resultados deste estudo revelem como esses jovens, tanto estudantes quanto profissionais, percebem as dicotomias de sentimentos em relação ao trabalho e como constroem seu significado no contexto atual.

1.3 Estrutura da Dissertação

Este trabalho é organizado em cinco seções, cada uma com uma função específica, mas todas contribuindo para o objetivo geral da pesquisa.

No primeiro capítulo, denominado Introdução, são apresentados o tema, a contextualização do problema estudado, os principais pontos abordados na pesquisa, os objetivos gerais e específicos, além das justificativas teóricas e práticas que sustentam a investigação. O segundo capítulo, Referencial Teórico, traz as bases teóricas, organizadas em grandes temáticas: revisão integrativa sobre os sentidos do trabalho; o contexto moderno do trabalho; a conceituação do sentido do trabalho; a

Teoria da Subjetividade na construção do sentido do trabalho; e, por fim, a caracterização da Geração Z e suas expectativas em relação ao trabalho.

O terceiro capítulo apresenta a Metodologia, destacando a importância da abordagem qualitativa na investigação do fenômeno e detalhando o método de pesquisa de campo. Nele, também é descrita a técnica de coleta de dados utilizada: entrevistas semiestruturadas. O capítulo finaliza com a discussão sobre os critérios de seleção e engajamento dos participantes, além dos aspectos éticos relacionados à pesquisa.

No quarto capítulo, intitulado Análise e Interpretação dos Dados, são analisadas as falas dos participantes, buscando a construção de sentido a partir da técnica de núcleos de significação, com o intuito de apresentar o constructo teórico dos indicadores e sua interpretação do sentido subjetivo. Para concluir, o quinto capítulo traz as Considerações Finais sobre o que foi abordado ao longo da investigação, bem como as conclusões alcançadas em relação ao objetivo geral da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A revisão dos textos já produzidos é de suma importância para embasar a pesquisa. Como aponta Bryman e Bell (2011), uma revisão competente da literatura é, pelo menos em parte, um meio de afirmar a credibilidade do pesquisador como alguém que tem conhecimento na área escolhida. Não se trata apenas de reproduzir as teorias e opiniões de outros estudiosos, mas também de ser capaz de interpretar o que eles escreveram, possivelmente usando suas ideias para apoiar um determinado ponto de vista ou argumento.

Creswell e Creswell (2021) observa que a maioria das dissertações e teses tem como objetivo integrar a literatura, estruturá-la em diversos tópicos inter-relacionados, geralmente começando por assuntos mais amplos e avançando para os mais específicos, e resumir as principais questões. Bauer e Gaskell (2003) destacam que a revisão de literatura, na pesquisa qualitativa, é um momento de construção teórica em que o pesquisador identifica lacunas, dialoga com perspectivas diversas e estabelece o enquadramento conceitual de sua investigação. É sobre detalhar estudos específicos anteriores, a fim de construir um arcabouço teórico e encontrar as lacunas de originalidade. Então, além de auxiliar na delimitação mais precisa do problema para compreendê-lo, pode ajudar no estabelecimento do marco teórico (teorias e conceitos) que serão utilizados na pesquisa (Minayo, 2001).

Aprofundando melhor sobre as revisões de textos, insere-se a categoria revisão integrativa. Este modelo de revisão é uma metodologia de revisão de literatura que proporciona a síntese de conhecimentos a partir de trabalhos experimentais e não experimentais, de dados qualitativos e quantitativos, possibilitando a criação de um novo conhecimento (Cavalcante e Oliveira, 2020; Hassunuma et al., 2024). Esta revisão, enquanto método de pesquisa, permite a síntese do conhecimento disponível sobre um tema específico, combinando achados de diferentes abordagens metodológicas e ampliando a compreensão teórica sobre o objeto de estudo (Dantas et al., 2022).

Diferentemente das revisões sistemáticas, que possuem um enfoque mais restritivo na seleção dos estudos, a revisão integrativa possibilita maior flexibilidade na inclusão de diferentes tipos de pesquisas, desde estudos empíricos até revisões

teóricas, o que favorece uma análise mais abrangente das contribuições científicas na área (Mendes, Silveira e Galvão, 2008).

Outro aspecto fundamental da revisão integrativa é a necessidade de garantir rigor metodológico em todas as suas etapas, desde a formulação da questão norteadora até a extração e análise dos dados. Para isso, é essencial adotar critérios explícitos de inclusão e exclusão dos estudos, assegurando a transparência e reprodutibilidade da pesquisa (Cavalcante e Oliveira, 2020). Além da definição das bases de dados utilizadas, critérios como o período de publicação, a relevância dos periódicos e a adequação metodológica dos estudos selecionados desempenham um papel crucial na qualidade da revisão.

No presente estudo, a delimitação dos descritores buscou abranger diferentes perspectivas teóricas e empíricas sobre o sentido do trabalho para jovens, garantindo que os resultados obtidos refletissem um panorama representativo da literatura nacional sobre o tema, possibilitando estruturar o quadro para fundamentação teórica.

Essa técnica conta com seis passos (Souza, Silva e Carvalho, 2010 e Cavalcante e Oliveira, 2020). São eles:

- a) definir a pergunta norteadora;
- b) buscar ou selecionar a amostra de literatura;
- c) coletar os dados;
- d) analisar criticamente os estudos incluídos;
- e) discutir os resultados;
- f) apresentar a revisão integrativa.

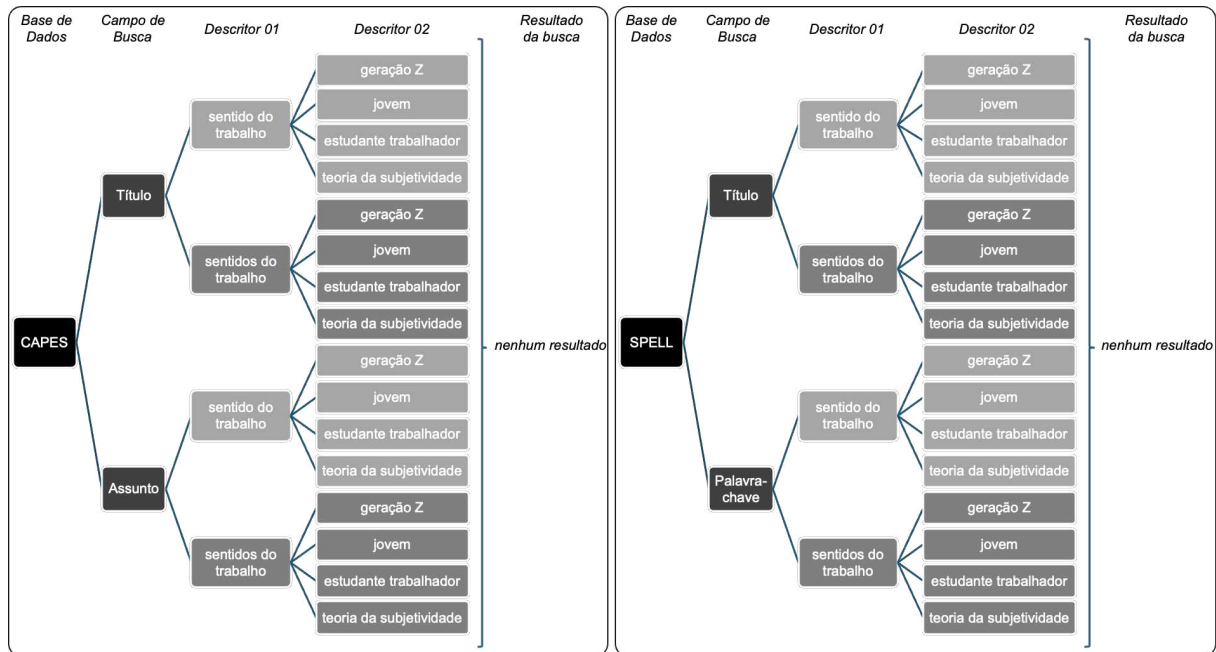
2.1 Revisão Integrativa

Com o intuito de demonstrar a relevância acadêmica desta pesquisa, como descrito na seção Justificativa, bem como de nortear a escolha dos autores e conceitos a partir de uma lacuna teórica, foi realizada uma busca bibliográfica por artigos acadêmicos sobre o tema. Seguindo a metodologia da revisão integrativa, como primeiro passo, foi definida a seguinte pergunta norteadora: Qual o panorama das pesquisas relacionadas ao conceito de sentido do trabalho para jovens estudantes e trabalhadores a partir de trabalhos publicados no Brasil?

Como segundo passo, a busca na literatura implica a definição dos critérios para a seleção e busca de materiais. Esses critérios são fundamentais para assegurar a credibilidade do estudo. A seleção deve assegurar que a amostra seja representativa; o ideal é que todos os resultados obtidos sejam preservados. Nos casos em que a seleção completa dos dados não seja possível, é crucial justificar essa escolha, além de incluir critérios adicionais que possam ser necessários ao longo do processo (Souza, Silva e Carvalho, 2010).

O primeiro critério utilizado foi a base de dados a ser pesquisada. Foram utilizadas as bases de dados eletrônicas CAPES e SPELL para o levantamento de artigos científicos. A pesquisa aconteceu durante o mês de agosto de 2024, com revisão em fevereiro de 2025. Inicialmente, partiu-se da combinação dos descritores: “sentido do trabalho” e sua variação no plural, “jovem”, “geração z e estudante-trabalhador” e, por fim, a “teoria da subjetividade”, buscando esta combinação no título ou no assunto/palavra-chave. A Figura 1 a seguir ilustra as combinações realizadas e o resultado das buscas.

Figura 1: Ilustração dos resultados de combinações de busca nas bases de dados CAPES e SPELL.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Partiu-se, então, para uma busca mais ampla, utilizando somente a palavra-chave “sentido do trabalho” e, como alternativa à palavra “sentido”, foi pesquisada no seu plural: “sentidos”.

Para os critérios de seleção iniciais, optou-se em buscar os descritores somente nos campos: título ou palavras-chave/assunto. Além disso, filtrou-se somente artigos publicados, com acesso público, gratuito e completo, não excluindo qualquer idioma de publicação. Por fim, restringiu-se a data publicação dentro do período de 2014 a 2025.

A coleta de dados, terceiro passo da revisão integrativa, refere-se ao processo de extrair informações relevantes dos dados brutos que se alinham com a pergunta central do estudo, valendo-se de ferramentas que ajudem a reduzir erros e garantir a precisão na verificação dos critérios (Hassunuma et al., 2024). Após a seleção dos dados brutos, foram eliminados artigos repetidos⁷. O resultado desta pesquisa trouxe 133 artigos, dispostos segundo o Quadro 1 abaixo, apresentando a quantidade de artigos da busca por plataforma e a quantidade final de artigos a serem analisados.

Quadro 1: Distribuição dos artigos encontrados nas bases de dados CAPES e SPELL a partir dos critérios de busca.

Base de Dados	Qtde artigos	Artigos repetidos	Artigos nas duas plataformas	Artigos Analisados
SPELL	61	1	33	27
CAPES	110	4	0	106
Total	171	5	33	133

Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

A primeira análise foi realizada com o auxílio de uma planilha criada no *software Microsoft Excel*, contendo as primeiras informações de cada artigo: base de dados, título, resumo, palavras-chave dos artigos e os respectivos autores. Complementando esta análise, seguiu-se para o quarto passo: a análise crítica dos estudos selecionados.

Na revisão integrativa, a análise crítica é similar à avaliação de dados em pesquisas tradicionais, visando examinar as especificidades de cada estudo, assim como a rigorosidade dos métodos e técnicas utilizados na sua elaboração (Souza, Silva e Carvalho, 2010). Primeiramente, para entender a natureza e a relevância dos artigos, foi realizada uma leitura completa, o que facilitou a familiarização com os objetivos da pesquisa, o objeto de estudo, os principais resultados obtidos e as

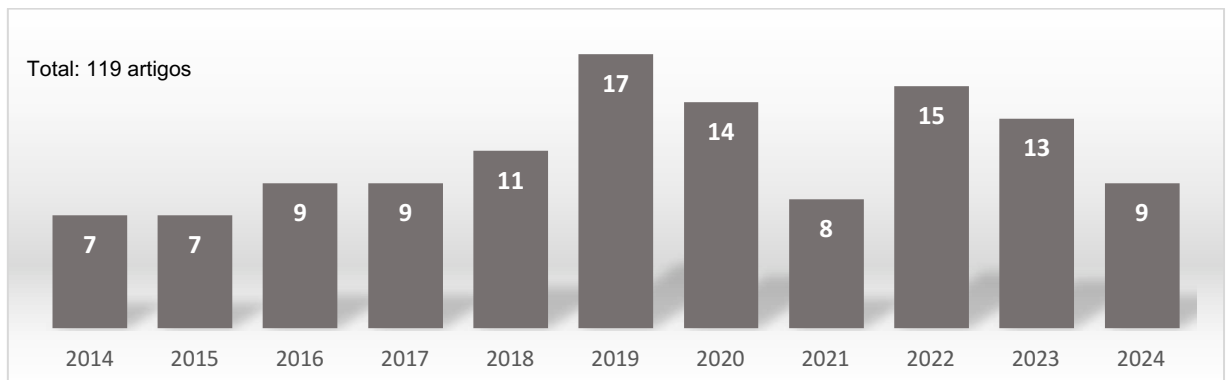
⁷ Artigos repetidos: Na plataforma Spell, apareceram 02 artigos duplicados, sendo excluído 01 deles para a análise apresentada. Na plataforma CAPES, foram excluídos 04 artigos duplicados. Consideram-se também como repetidos os artigos constantes em ambas as plataformas. Sendo assim, foram desconsiderados 33 artigos do resultado da busca na plataforma Spell por também constarem na plataforma CAPES.

lacunas no conhecimento. Essa etapa possibilitou a análise das características de origem (periódico, instituição e estado) das publicações e suas dimensões epistemológicas, bem como o descarte de 14 artigos que não estavam conectados com o tema desta pesquisa, chegando ao total de 119 artigos para a análise desta revisão integrativa. Para melhor organização e categorização de todas as informações, foi preparado um quadro (conforme Apêndice A) com as informações para serem transformadas em dados para a análise.

O quinto passo da revisão integrativa é a discussão dos resultados, comparando-se os dados, procurando lacunas ou delimitando prioridades para estudos futuros (Cavalcante e Oliveira, 2020). A partir disso, são descritas a seguir as principais análises dos artigos estudados.

Em relação ao ano de publicação dos estudos incluídos nesta revisão (ver Gráfico 1), o ano de 2019 apresentou o maior número de artigos publicados, obtendo 17 artigos (14%), seguido dos anos de 2022, com 15 artigos (13%), e do ano de 2020, com 14 artigos (12%) das publicações sobre o assunto pesquisado. Se considerar os artigos publicados nos últimos 5 anos, tem-se 59 artigos referentes a 2020 a 2024, representando 50% da totalidade.

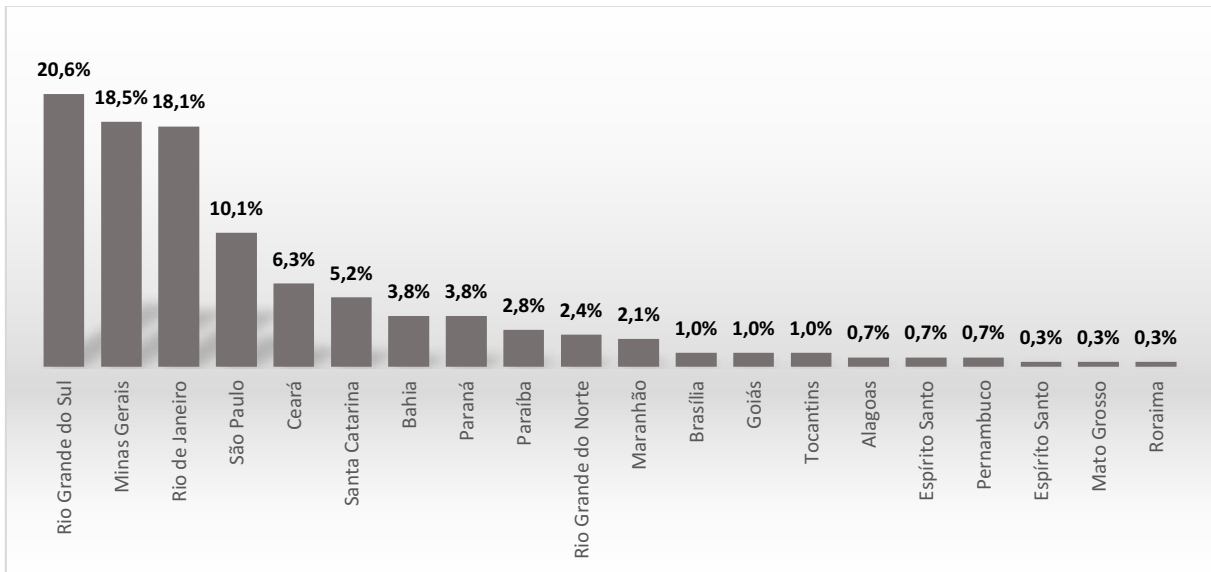
Gráfico 1: Distribuição dos artigos analisados por ano de publicação.



Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

Quanto à origem das publicações que estão contempladas nesta revisão, foram mapeados os estados brasileiros de origem dos estudos (Gráfico 2), tendo como escopo os institutos de pesquisa, universidades e centros de estudos em que os autores estavam vinculados no período de suas publicações. Ao todo, esta análise contemplou 292 pesquisadores, não considerando as repetições de autores em artigos diferentes.

Gráfico 2: Distribuição das publicações em relação aos estados aos quais os(as) autores(as) dos artigos estão vinculados por meio das instituições.



Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

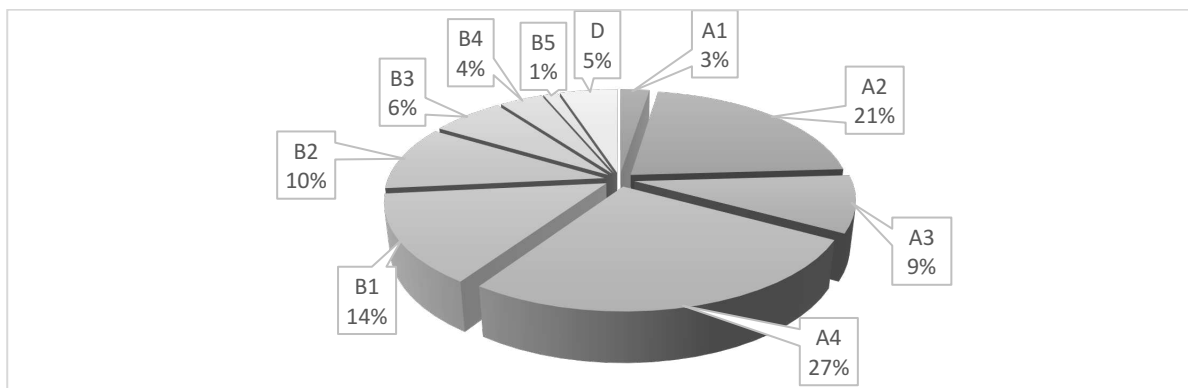
Mais da metade destes pesquisadores (55%) estão vinculados a instituições de ensino concentradas nos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Destacaram-se os estados com mais autores: Rio Grande do Sul, com 59 autores (21%), Minas Gerais, com 53 autores (18%), Rio de Janeiro, com 52 autores (18%), e 29 autores vinculados a instituições de São Paulo (10%). Os demais 105 autores estão distribuídos em instituições dos seguintes estados brasileiros: Ceará, Santa Catarina, Bahia, Paraná, Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão, Brasília, Goiás, Tocantins, Alagoas, Espírito Santo, Pernambuco, Mato Grosso e Roraima, por ordem de incidência, somando 45%.

Além disso, a base dos artigos revelou 5 autores pertencentes a instituições acadêmicas estrangeiras (Colômbia, Estados Unidos e Canadá) e 4 autores não pertencentes a instituições acadêmicas, fazendo parte de empresas ou órgãos públicos. As instituições de ensino de iniciativa pública possuem a maioria (54%), destacando-se as instituições com mais autores: Universidade Federal de Minas Gerais, com 19 pesquisadores, Universidade Federal do Ceará, com 13 pesquisadores, e Universidade Federal de Lavras, com 12 autores.

Sob a ótica dos periódicos nos quais os artigos desta revisão integrativa foram publicados, foram analisadas 79 revistas diferentes, destacando as seguintes revistas das instituições acadêmicas: Cadernos EBAPE.BR (FGV-RJ), com 8 artigos; Revista Gestão & Conexões (Universidade Federal do Espírito Santo), com 7 artigos; Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (Universidade de São Paulo), com 6 artigos; e, por fim, a Revista de Administração Mackenzie (Universidade Presbiteriana Mackenzie), com 5 publicações.

A respeito da classificação Qualis das revistas (Gráfico 3), 60% da base está dentro da classificação A1, A2, A3 e A4 (34 revistas). Destas, 2 periódicos são considerados A1: Revista História e Ensino (Universidade Estadual de Londrina) e Revista Ponto de Vista (Universidade Federal de Viçosa). Já as revistas com classificação A2 que tiveram artigos avaliados neste estudo são: Cadernos EBAPE.BR, Revista de Administração Mackenzie, Estudos e Pesquisas em Psicologia, Psicologia e Sociedade, Debates em Educação, Fractal Revista de Psicologia, Revista Administração Pública, Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica, Revista Brasileira de Orientação Profissional, Revista da Escola de Enfermagem, Revista de Psicologia, Diversidade e Saúde, Revista Observatório, Temas em Psicologia, Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, Texto & Contexto Enfermagem e, por fim, Trabalho, Educação e Saúde. A relação completa das revistas, instituições e sua respectiva avaliação encontra-se no Apêndice B.

Gráfico 3: Distribuição das análises das revistas de acordo com a sua classificação Qualis



Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

Com o intuito de entender quais artigos da revisão integrativa estariam relacionados com o objeto de pesquisa da presente dissertação, foi realizada a leitura

dos artigos apresentados na busca das duas plataformas. O objetivo era determinar os objetos de estudo dos artigos e verificar se haveria uma oportunidade de estudo, ou se estaria saturado de pesquisas. Esta análise mostrou-se com uma diversidade do sentido do trabalho para sujeitos de pesquisa (ver Quadro 2).

Dos 119 artigos selecionados para análise, 23 deles realizaram revisão de literatura ou pesquisa documental, na qual foram analisados 49 tipos diferentes de sujeito de pesquisa. A prevalência dos estudos apontou para pesquisas com docentes, representando 16% dos resultados dos artigos. Em seguida, aparecem estudos com enfermeiros (9%). Catadores de papel, trabalhadores em geral e servidores públicos aparecem com 5% cada; além disso, Pessoas com Deficiência e prostitutas, com 4% cada. Consolidaram-se artigos que continham público estudado: adolescente estudante-trabalhador, estudante, jovem, jovem-aprendiz, jovem estudante-trabalhador, jovem universitário e trabalhador universitário, atingindo 7% do total de artigos analisados.

Quadro 2: Quantidade de artigos analisados classificados e distribuídos pelo sujeito da pesquisa.

Sujeito de Pesquisa	Qtd	%	Sujeito de Pesquisa	Qtd	%
Docentes	15	16%	Trabalhadoras mães	1	1%
Enfermeiros	8	8%	Trabalhadoras policiais	1	1%
Catadores de papel	5	5%	Agentes comunitários	1	1%
Servidores públicos	5	5%	Agentes funerários	1	1%
Trabalhadores em geral	5	5%	Agentes penitenciários	1	1%
Pessoas com Deficiência	4	4%	Agricultores	1	1%
Prostitutas	4	4%	Aposentados	1	1%
Operários	3	3%	Bancários	1	1%
Artistas circenses/Mestres artesões	3	3%	Bombeiros	1	1%
Dependente químico	2	2%	Coordenadores de IES	1	1%
Garis	2	2%	Corretores imobiliários	1	1%
Militares	2	2%	Empreendedores	1	1%
Voluntários	2	2%	Engenheiros	1	1%
Presos egressos e internos	2	2%	Gestores	1	1%
Adolescente estudante-trabalhador	1	1%	Homens c/ úlceras falcêmicas	1	1%
Estudantes	1	1%	Imigrantes venezuelanos	1	1%
Jovens	1	1%	Trabalhadores da saúde	1	1%
Jovens-aprendizes	1	1%	Trabalhadores de mercado	1	1%
Jovens estudantes-trabalhadores	1	1%	Trabalhadores de ONG	1	1%
Jovens universitários	1	1%	Trabalhadores de shopping	1	1%
Trabalhadores universitários	1	1%	Trabalhadores de vendas	1	1%
Trabalhadoras	1	1%	Trabalhadores demitidos	1	1%
Trabalhadoras Gestantes	1	1%	Trabalhadores meia-idade	1	1%
Total			95	100%	

Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

Partindo para uma análise dos conteúdos dos artigos, verificou-se a predominância (70% dos artigos) de pesquisas qualitativas em comparação às quantitativas. Esse era um resultado esperado, uma vez que o tema “sentido do trabalho” parte do lugar da existência da subjetividade no sujeito no que tange a interpretação e a qualificação dos fenômenos no trabalho, concepções aderentes à abordagem qualitativa.

Outra análise proposta diz respeito ao entendimento de conteúdo e sua epistemologia. Apresentou-se alta incidência (73 artigos, representando 63% do total) de estudos apoiados no relatório do MOW (1987), tendo Estelle Morin como sua principal representante da teoria, sendo referenciada tanto na fundamentação teórica, como também como base de análise das respostas do público pesquisado. A prevalência desta teoria para análise de resultados pode ser explicada por já serem dadas as categorias de análise, uma vez que o conceito do MOW (1987) parte de categorias já determinadas nos estudos de Morin e demais autores, facilitando a análise de conteúdo por parte do pesquisador.

Outro autor de destaque é Ricardo Antunes, com a proposta de uma teoria crítica à construção do sentido do trabalho, refletida em 23 artigos. O terceiro representante é Christophe Dejours. Presente em 8 artigos, embasa como ponto central fundamentações referentes à psicodinâmica do trabalho. Por fim, Fernando González Rey aparece em somente 4 artigos, referenciando-se a Teoria da Subjetividade. O Quadro 3 detalha esta distribuição.

Quadro 3: Distribuição dos artigos analisados classificados pela principal teoria epistemológica nos quais foram discutidos os dados da pesquisa

Epistemologia	Qtde	%
Modelo Conceitual MOW	75	63%
Teoria Crítica	23	19%
Psicodinâmica do Trabalho	8	7%
Teoria da Subjetividade	4	3%
Logoterapia	2	2%
Psicologia Positiva	2	2%
Psicologia Social	2	2%
Logoterapia	2	2%
Psicologia Humanista	1	1%
Teoria da Representação Social	1	1%

Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

Finalmente, propôs-se uma análise das referências utilizadas pelos autores nos artigos analisados nesta revisão integrativa. A intenção desta análise era entender a predominância de autores/artigos utilizados como base para a construção do conhecimento. Para isso, descartaram-se os artigos que tinham como metodologia de pesquisa a revisão sistemática de literatura, uma vez que trazem em suas referências artigos sem prevalência de uma teoria ou outra. Além disso, foram excluídos pesquisas, leis, relatórios, notícias e artigos/livros sobre metodologia científica. Foram avaliadas 3.020 obras, e os 30 trabalhos mais utilizados para embasamento dos artigos da revisão integrativa são apresentados no Quadro 4 na página seguinte.

Quadro 4: Levantamento dos artigos mais citados e a respectiva quantidade de citações feitas nos artigos da revisão integrativa.

Qtd	Artigo das Referências Bibliográficas
74	Os sentidos do trabalho. (Morin, E. M.)
49	O trabalho e seus sentidos. (Morin, E. M.; Tonelli, M. J. & Pliopas, A. L. V.)
40	Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. (Tolfo, S., & Piccinini, V.)
35	Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e negação do trabalho. (Antunes, R.)
18	Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. (Andrade, S. P. C., Tolfo, S. R., & Dellagnelo, E. H. L.)
17	A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. (Dejours, C.)
17	On the meaning of work: A theoretical integration and review. (Rosso, B. D., Dekas, K. H., & Wrzesniewski, A.)
16	Buscando o Sentido do Trabalho. (Oliveira, S. R.; Piccinini, V. C.; Fontoura, D. S. & Schweig, C.)
16	Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: um estudo multimétodos. (Rodrigues, A. L.; Barrichello, A. & Morin, E. M.)
15	Adeus ao trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. (Antunes, R.)
15	Development of the Job Diagnostic Survey. Journal of Applied Psychology. (Gaulejac, V.)
15	O capital. Crítica da economia política. (Marx, K.)
14	O trabalho e seus sentidos: um estudo com peritos criminais da Polícia Federal. (Rodrigues, A.L.; Barrichello, A.; Irigaray, H.A.R.; Soares, D.R. & Morin, E.M.)
14	Sentido do Trabalho e Fatores de Qualidade de Vida no Trabalho para Professores de Universidades Públicas do Brasil e do Canadá. (Villas-Boas, A. A. & Morin, E. M.)
14	Sentido do trabalho: Análise da produção científica brasileira. (Sá, J. G. S., & Lemos, A. H. C.)
13	O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. (Lima, M. P. D.; Tavares, N. V.; Brito, M. J. & Cappelle, M. C. A.)
11	A gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. (Gaulejac, V.)
11	Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teórico-epistemológicas em Psicología. (Tolfo, S da R.; Coutinho, M. C.; Baasch, D. & Cugnier, J. S.)
10	Interpersonal Sensemaking and the Meaning of Work. (Wrzesniewski, A., Dutton, J. E., & Debebe, G.)
10	Sens du travail, santé mentale au travail et engagement organisationnel. (Morin, E. M.)
10	Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. (Coutinho, M. C.)
10	Significado do trabalho nas indústrias criativas. (Bendassolli, P. F. & Borges-Andrade, J. E.)
9	Fostering meaningfulness in working and at work. (Pratt, M. G., & Ashforth, B. E.)
9	O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. (Rohm, R. H. D., & Lopes, N. F.)
9	Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. (Neves, D. R.; Nascimento, R. P.; Felix Jr, M. S., Silva; F. A. D. & Andrade, R. O. B. D.)
9	Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores em organizações formais. (Bastos, A. V. B., Pinho, A. M. P., & Costa, C. A.)
9	The meaning of work in modern times. (Morin, E. M.)
8	As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. (Antunes, R. & Alves, G)
8	O que é o trabalho. (Albornoz, S.)
8	Subjetividade, trabalho e ação. (Dejours, C)

Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

A análise das referências bibliográficas acima evidencia que o artigo mais referenciado na pesquisa é: *Os sentidos do trabalho*, de Estelle Morin, com 74 citações, seguido por *O trabalho e seus sentidos*, da mesma autora, em coautoria com Tonelli e Pliopas, com 49 citações. Esses números demonstram a influência significativa de Morin no campo dos estudos sobre o sentido do trabalho. Sua abordagem é amplamente referenciada por discutir dimensões essenciais do significado do trabalho, como a identidade, a realização pessoal, a coerência com valores individuais e o reconhecimento social (Morin, 2001). Essa perspectiva enfatiza o trabalho como uma experiência subjetiva multifacetada, na qual diferentes dimensões se inter-relacionam para compor o significado atribuído pelos indivíduos às suas atividades laborais.

Contudo, embora a contribuição de Morin seja predominante, outros autores exploram o sentido do trabalho sob diferentes enfoques teóricos, conforme os artigos: *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e negação do trabalho*, de Ricardo Antunes; *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*, de Christophe Dejours; e *On the meaning of work: A theoretical integration and review* de Rosso, B. D., Dekas, K. H., e Wrzesniewski, A.

O primeiro artigo deles, sendo citado 35 vezes, traz o sentido do trabalho a partir da centralidade da exploração e das transformações estruturais do capitalismo, o fenômeno da precarização do trabalho e sua relação com a alienação (Antunes, 2000). O segundo, que foi referenciado 17 vezes, investiga como o sofrimento e a realização subjetiva se manifestam no ambiente laboral, especialmente no contexto da intensificação das exigências organizacionais (Dejours, 1992). Já o último artigo, que também é 17 vezes referenciado, aborda sobre o *Job Crafting*, o processo pelo qual os trabalhadores moldam proativamente suas tarefas, relacionamentos e percepções sobre o trabalho para que ele se torne mais significativo. Esse conceito enfatiza que o significado do trabalho não é apenas imposto pelas organizações, mas também construído ativamente pelos próprios trabalhadores (Rosso, Dekas e Wrzesniewski, 2010).

Além dos artigos mais citados, debruçou-se sobre uma análise dos autores referenciados de duas maneiras. Na primeira delas, mensurou-se a quantidade de citações, independentemente do nome do artigo, considerando as repetições. Na segunda, levou-se em consideração os diferentes artigos utilizados de cada autor,

levando em conta todos os nomes dos autores em cada artigo. O Quadro 5 ilustra os números:

Quadro 5: Autores mais citados nas referências dos artigos analisados na revisão integrativa.

Autor	Qtde citação	Qtde artigos	Temática Sentido do Trabalho
Estelle M. Morin	260	24	Dimensões do sentido do trabalho
Suzane Rosa Tolfo	139	19	Dimensões do sentido do trabalho
Valmíria C. Piccinini	88	19	Dimensões do sentido do trabalho
Ricardo Antunes	85	18	Sociologia do Trabalho
Christophe Dejours	69	19	Psicodinâmica do Trabalho
Maria José Tonelli	57	6	Psicodinâmica do Trabalho
Eloise H. Livramento Dellagnelo	54	3	Teoria da Subjetividade
Ana Alice Villas-Boas	50	12	Dimensões do sentido do trabalho
Ana Luisa Vieira Pliopas	49	1	Dimensões do sentido do trabalho
Pedro F. Bendassolli	45	20	Clínica da Atividade
Amy Wrzesniewski	38	6	Job Crafting (criador)
Andrea Leite Rodrigues	33	5	Comportamento Organizacional
Maria Chalfin Coutinho	32	9	Sociologia do Trabalho
Sidinei Rocha de Oliveira	31	12	Comportamento Organizacional
Alcides Barrichello	30	2	Psicodinâmica do Trabalho
Karl Marx	27	6	Marxismo
Vicent Gaulejac	27	3	Sociologia Clínica
Livia Oliveira Borges.	24	13	Comportamento Organizacional
Hélio Arthur Reis Irigaray	24	5	Dimensões do sentido do trabalho
Ana Maia Mendes	24	17	Psicodinâmica do Trabalho
Ana Heloísa da Costa Lemos	24	9	Sociologia do Trabalho
Mônica Carvalho Alves Cappelle	23	6	Sociologia do Trabalho
Daniele dos Santos Fontoura	22	5	Sociologia do Trabalho
Kely César Martins de Paiva	21	16	Psicodinâmica do Trabalho

Fonte: Dados da Revisão Integrativa (2025).

Novamente, nota-se a preferência pela autora Estelle Morin, que aparece 260 vezes nas referências bibliográficas dos artigos, seguida de Suzane Tolfo e Valmíria Piccinini. Somando os demais autores na lista dos 20 mais citados, obtém-se 610 aparições da teoria Dimensões do sentido do trabalho - MOW, número três vezes maior que o de autores que trabalham com a Psicodinâmica do Trabalho e Sociologia do Trabalho: Dejours e Antunes respectivamente.

Cabe aqui realizar uma reflexão no quesito epistemologia. Embora González Rey não apresente um número elevado de citações na tabela em comparação com autores como Estelle Morin e Christophe Dejours, suas contribuições para o estudo do sentido do trabalho são significativas. Sua Teoria da Subjetividade propõe que o sentido do trabalho não é fixo, mas construído de forma dinâmica a partir da

experiência individual e das relações sociais (González Rey, 2017). Diferente de abordagens que estruturam o sentido do trabalho em dimensões fixas, González Rey (2007) enfatiza que ele emerge de processos subjetivos únicos, influenciados pelo contexto histórico e organizacional. Apesar da menor incidência quantitativa de suas citações, sua perspectiva amplia a compreensão do fenômeno, trazendo uma visão mais contextualizada e qualitativa para a análise do trabalho.

Outra temática para o sentido do trabalho, apresenta-se a partir da Clínica da Atividade, a qual enfatiza a diferença entre o trabalho prescrito, isto é, regras e normas formais, e o trabalho real, aquilo que o trabalhador efetivamente faz no dia a dia (Clot, 2007). Então, o trabalho ganha sentido quando o indivíduo tem a possibilidade de agir e transformar sua realidade, encontrando espaço para expressar sua criatividade e desenvolver sua identidade profissional. Segundo Clot (2007), quando essa capacidade de ação é bloqueada – seja por restrições organizacionais, falta de reconhecimento ou impossibilidade de cooperação –, o trabalho pode se tornar fonte de sofrimento e desgaste psicológico. Sua abordagem contribui para a compreensão do sentido do trabalho como algo dinâmico e coletivo, construído na interação com colegas e nas possibilidades de realização dentro da atividade laboral.

E, para encerrar, os demais autores que abordam o comportamento organizacional no contexto do sentido do trabalho enfatizam a influência das práticas de gestão, da cultura organizacional e das relações interpessoais na construção do significado atribuído ao trabalho. Eles analisam como fatores como reconhecimento, autonomia, engajamento e valores organizacionais impactam a motivação e o bem-estar dos trabalhadores. Essas perspectivas evidenciam que o sentido do trabalho não está apenas na atividade em si, mas também nas condições oferecidas pela organização, nos vínculos estabelecidos entre trabalhadores e na congruência entre os objetivos individuais e organizacionais.

Durante a leitura, percebeu-se que muitos autores dos artigos analisados nesta revisão integrativa trouxeram concepções destes 3 autores juntos. A princípio, parecem convergir, pois falam do mesmo constructo “sentido do trabalho”, mas possuem olhares diferentes sobre a relação trabalho-trabalhador e, nesse sentido, é importante entender as concepções individuais.

Antunes (2000) argumenta que o trabalho é central na construção do sentido da vida, pois a realização pessoal e a autonomia só são possíveis quando o indivíduo encontra significado naquilo que faz. Ele critica a alienação e a precarização do

trabalho na sociedade capitalista, destacando que o trabalho assalariado, fetichizado e estranhado impede a experiência de satisfação, pertencimento e liberdade. Para o autor, uma vida plena exige que o trabalhador tenha controle sobre sua atividade, possibilitando tanto a autorrealização, quanto o uso autônomo do tempo livre.

Já Morin (2001) destaca que o trabalho não se limita a uma fonte de sustento, mas é essencial para a construção da identidade, para o sentimento de pertencimento e para a realização pessoal. Segundo a autora, o trabalho pode ocupar diferentes níveis de importância na vida do indivíduo, variando entre centralidade, quando se torna um eixo estruturante da identidade e dos projetos de vida, e neutralidade, quando é percebido apenas como uma necessidade econômica.

Por fim, Dejours (1992) enfatiza que o sentido do trabalho surge da interação entre o sujeito e suas tarefas, sendo essencial para a saúde mental que se transforme o sofrimento decorrente da organização do trabalho em prazer pela utilização das competências. A divisão excessiva das tarefas e a despersonalização do trabalhador podem levar ao sofrimento psíquico, enquanto a possibilidade de reconhecer sua contribuição e desenvolver suas habilidades permite a construção de um sentido positivo. Dessa forma, o significado do trabalho é dinâmico e varia conforme as condições sociais, econômicas e subjetivas, influenciando as relações humanas e a própria organização da sociedade.

Além de entender que existem concepções diversas sobre o sentido do trabalho, pode-se perceber que há espaço para trabalhar outros autores com perspectivas diferentes dos autores acima, contribuindo para a construção de um conhecimento mais robusto neste campo de atuação.

Seguindo para uma análise mais profunda dos artigos, a partir de uma aproximação ao sujeito desta pesquisa, averiguaram-se 7 artigos convergentes com a palavra-chave “sentido(s) do trabalho” e com o sujeito desta pesquisa: adolescentes trabalhadores, estudante, jovem universitário, jovem, jovem-aprendiz, trabalhador universitário e jovem trabalhador-estudante. As publicações destes artigos aconteceram nos anos de 2017, 2020, 2022 e 2024, e os autores estavam associados, em sua maioria, a instituições de ensino mineiras (4 artigos eram de Minas Gerais), estando os demais distribuídos entre instituições acadêmicas do Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina. Além disso, 17 autores mencionados nesses artigos, considerando-se o nome do autor independentemente de estar em mais de um artigo, possuíam as seguintes titulações: 2 pós-doutores, 2 doutores, 4 doutorandos, 7 mestres e 2

graduandos, demonstrando a relevância dos estudos analisados. E, contribuindo ainda no olhar de autoria, o pesquisador Silas Dias Mendes Costa está presente em vários artigos envolvendo jovens e sentidos do trabalho.

O Quadro 6 da página seguinte apresenta um comparativo entre artigos acadêmicos que investigam o sentido do trabalho, com foco no jovem estudante e trabalhador, permitindo uma análise das abordagens metodológicas, técnicas de coleta e epistemologias utilizadas. Os estudos contemplam diferentes perspectivas teóricas, como as Dimensões do Sentido do Trabalho, de Morin, a Psicodinâmica do Trabalho, de Dejours, a Sociologia do Trabalho, de Antunes, a Teoria da Subjetividade, de González Rey e a Teoria do Sentido e Significado, de Wrzesniewski. Os artigos analisam o sentido do trabalho a partir de diversas realidades, como o impacto do prazer e sofrimento laboral, a inserção no mercado corporativo, a vivência de aprendizes e universitários e a percepção de alunos de cursos técnicos. A diversidade metodológica, que inclui abordagens qualitativas e quantitativas, evidencia diferentes formas de compreender a experiência laboral dos jovens, destacando a relação entre trabalho, educação, reconhecimento e expectativas profissionais.

Quadro 6: Detalhamento e comparação de aspectos retirados dos artigos que convergem com o tema sentido do trabalho e o sujeito da pesquisa desta dissertação: jovem estudante e trabalhador.

Artigo	Objetivo da Pesquisa	Abordagem	Técnica de Coleta	Sujeitos da Pesquisa	Epistemologia Adotada
Costa, S.M., Marques, E.M.I. e Ferreira, A.C.C. <i>Entre sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes</i>	Descrever os sentidos atribuídos ao trabalho e às vivências de prazer e sofrimento.	Quantitativa	Entrevista fechada	25 trabalhadores e estudantes de 15 a 29 anos.	Psicodinâmica do trabalho (Dejours) Dimensões do sentido do Trabalho (Morin)
Tibola, N.G., Raitz, T.R. e Aquino, D.C.C. <i>Sentidos do trabalho na perspectiva de jovens universitários.</i>	Compreender e analisar os sentidos do trabalho na vida de jovens acadêmicos.	Qualitativa	Questionário	07 jovens universitários.	Sociologia do Trabalho (R. Antunes)
Lemos, A.H.C., Pinto, M.S. e Silva, M.A.C. <i>Mal-estar nas organizações: por que os jovens estão abandonando o mundo corporativo?</i>	Compreender as razões que levaram jovens a rejeitarem seus empregos em empresas privadas tradicionais, optando por carreiras em setores acadêmicos, públicos ou em sua empresa própria.	Qualitativa	Entrevista em profundidade	12 jovens.	Sentido e Significado (A. Wrzesniewski)
Costa, S.M., Barbosa, J.K.D., Rezende, A.F. e Paiva, K.C.M. <i>Os Sentidos do Trabalho para Trabalhadores Jovens.</i>	Compreender os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens que atuam como aprendizes em organizações.	Qualitativa	Entrevista semiestruturada	22 jovens de ensino social profissionalizante.	Dimensões do sentido do Trabalho (Morin)
Vieira, M.K.C. e Costa, S.D.M. <i>Compreendendo os sentidos do trabalho.</i>	Compreender os sentidos do trabalho a partir da percepção de trabalhadores universitários.	Quantitativa	Escala de Trabalho com Sentido (ETS)	88 trabalhadores universitários de uma IES.	Dimensões do sentido do Trabalho (Morin)
Santana, R.R.C e Ristum, M. <i>Os sentidos de trabalho e escola construídos por adolescentes trabalhadores.</i>	Investigar como adolescentes trabalhadores e estudantes vivenciavam sua experiência de trabalho e escolarização.	Qualitativa	Entrevista semiestruturada; frases para completar; produção de texto a partir de imagens	04 adolescentes estudantes e trabalhadores.	Teoria da Subjetividade (González Rey)
Silva, M.V. e Brasileiro, B. G. <i>Os sentidos do trabalho na perspectiva dos alunos e professores dos cursos técnicos integrado e subsequente da rede estadual de ensino.</i>	Analisar os sentidos do trabalho na percepção dos alunos e professores do curso técnico.	Qualitativa	Questionário	33 estudantes e 08 professores do curso médio de administração.	Teoria Crítica

Fonte: Dados da Revisão Integrativa, 2025.

Após a análise comparativa acima sobre os artigos selecionados, segue-se para o aprofundamento da discussão sobre o sentido do trabalho para os jovens, explorando as diferentes perspectivas teóricas e empíricas dos 7 artigos. O texto a seguir apresenta os principais achados dessas pesquisas, destacando as percepções dos jovens trabalhadores e estudantes sobre o trabalho, suas motivações, desafios e os fatores que influenciam a construção desse sentido. A diversidade de experiências revela a complexidade desse fenômeno, que se manifesta de maneiras distintas, conforme o contexto epistemológico, social e organizacional.

Costa, Marques e Ferreira (2020), no que tange às percepções sobre o trabalho, observaram a predominância da ideia de atividade remunerada como sentido ao trabalho. De acordo com os jovens, o trabalho só tem significado quando há identificação com a tarefa, satisfação e crescimento profissional, além de objetivos claros, prazer, oportunidade de ajudar os outros, honestidade e preservação da saúde. Por outro lado, um trabalho vazio de significado é aquele que compromete a saúde (tanto física quanto mental), ocorre em um ambiente desagradável, é apenas uma obrigação para receber o salário, não é motivador intrinsecamente, não permite crescimento profissional, apresenta falta de colaboração por parte da liderança ou não envolve interação com outras pessoas.

Sobre a condição de trabalhar e estudar, não existe convergência: para alguns jovens, a prioridade é o trabalho, por questões financeiras, enquanto, para outros, os estudos ocupam um lugar de destaque devido às possibilidades futuras que oferecem, visando a melhores oportunidades profissionais. As histórias mostram que os jovens se esforçam para conciliar trabalho e estudo, utilizando estratégias como o horário de almoço, deslocamento entre trabalho e escola, e fins de semana para atender às demandas dos cursos em que estão matriculados.

Costa, Marques e Ferreira (2020) apontam ainda que os elementos ligados à satisfação no ambiente profissional incluem as interações sociais: aprendizado, relações de amizade e convivência com colegas; o ambiente de trabalho; o sentimento de realizar um trabalho de que se gosta; ser elogiado e reconhecido pelo desempenho e ter liberdade para se expressar com os superiores e os colegas. Adicionalmente, os dados indicam que é possível não se ter prazer explícito no trabalho, mesmo quando ele tem significado. Ou seja, apesar de uma determinada tarefa ter significado para o trabalhador, isso não necessariamente se traduz em prazer. Dessa forma, para os jovens entrevistados no estudo, o emprego é significativo ao possibilitar a frequência

na universidade, contribuindo para uma possível realização profissional e pessoal no futuro.

Por fim, os elementos ligados ao desconforto também incluem os laços sociais no ambiente de trabalho: fofquinhas entre colegas, ausência de colaboração em equipe e clientes insatisfeitos. Além disso, abrangem as condições laborais: excesso de tarefas, falta de valorização profissional e remuneração inadequada, impactos físicos e mentais - fadiga, desconforto devido a insultos, estresse e exigências físicas, como a postura em pé para realizar as atividades de trabalho.

Atuando em outra vertente, Tibola, Raitz e Aquino (2020) pontuam que a juventude, sob uma perspectiva histórico-sociocultural, é compreendida como uma categoria social dinâmica, que combina semelhanças coletivas e diferenças determinadas pelo contexto em que está inserida. Longe de visões deterministas ou reducionistas, os jovens devem ser analisados em sua diversidade, considerando as experiências geracionais e os cenários locais e globais que influenciam suas trajetórias. Assim, a juventude não é um conceito fixo, mas um fenômeno em constante transformação, moldado pelas condições culturais e sociais de cada época e deixando sua marca na sociedade.

Os resultados da investigação destacam a complexidade da experiência juvenil na relação entre educação e trabalho, evidenciando um movimento oscilante entre essas dimensões. Os jovens pesquisados, acadêmicos de diferentes cursos, percebem essas vivências como centrais para suas trajetórias e para a construção de sua identidade social. Ao analisarem o sentido do trabalho e da juventude, emergem tanto as responsabilidades assumidas perante a sociedade, quanto as incertezas e desafios que acompanham esse percurso. Para esses jovens, o trabalho não apenas representa um meio de sustento, mas também um elemento essencial para sua inserção social, vinculado aos seus valores, ao reconhecimento e à realização de seus objetivos de vida (Tibola, Raitz e Aquino, 2020).

Lemos, Pinto e Silva (2017) trazem um estudo com jovens da Geração Y⁸ e construção do sentido do trabalho para este público, baseada na teoria Sentido e Significado, de Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010), que consideram o significado

⁸ A Geração Y, nascida entre 1981 e 1997, cresceu em um período de maior estabilidade econômica, expansão do acesso à informação e ampliação das oportunidades. Esse contexto favoreceu uma geração autoconfiante, flexível e orientada à autonomia, que valoriza equilíbrio entre vida pessoal e profissional, reconhecimento e desenvolvimento contínuo, além de demonstrar maior confiança e expectativas mais dinâmicas em relação à carreira. (Migueles et al., 2021)

como algo relacionado a interpretações socialmente compartilhadas sobre o trabalho e, o sentido, como algo individual. A análise dos núcleos mostrou que os entrevistados alegam ter deixado seus empregos por não encontrarem uma autonomia decisória, ter pouca flexibilidade, ter falta de prazer em executar suas atividades, além de possuir um excesso de trabalho prejudicando a qualidade de vida. A grande incidência nas respostas foi a busca por um sentido nas suas atividades.

Lemos, Pinto e Silva (2017) trazem um estudo com jovens da Geração Y e a construção do sentido do trabalho para esse público, baseado na teoria Sentido e Significado, de Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010). A teoria do Sentido e Significado considera o significado como algo relacionado a interpretações socialmente compartilhadas sobre trabalho, e o sentido como uma interpretação individual. A análise dos núcleos mostrou que os entrevistados alegam ter deixado seus empregos por não encontrar uma autonomia decisória, ter pouca flexibilidade, ter falta de prazer em executar suas atividades, além de possuir um excesso de trabalho prejudicando a qualidade de vida.

Como conclusão, os autores Lemos, Pinto e Silva (2017) relatam que, embora a literatura muitas vezes destaque a flexibilidade e o desejo de autonomia como traços centrais dessa geração, é a falta de sentido no trabalho que se mostra o elemento mais decisivo para a ruptura com as carreiras tradicionais. Ao mesmo tempo, a heterogeneidade dos perfis juvenis desafia estereótipos e mostra que não há uma única resposta geracional ao mundo do trabalho, mas sim múltiplas trajetórias que se constroem a partir da tensão entre expectativas pessoais e realidades organizacionais.

Complementando as discussões, Costa et al. (2023) apontam os sentidos do trabalho a partir de categorias analisadas em sua pesquisa, como percepções sobre a atividade exercida, apoio e reconhecimento social, compensação financeira, autonomia nas tarefas e expectativas profissionais. A pesquisa reforçou que o sentido do trabalho é multifacetado e influenciado por fatores individuais e contextuais. A centralidade do trabalho se destaca, especialmente entre os aprendizes que possuem pouca experiência formal e enfrentam vulnerabilidade socioeconômica, enxergando o trabalho como um meio de transformação social e fortalecimento de identidade dentro das normas estabelecidas pela sociedade.

Continuando, Costa et al. (2023) afirmam que, além da remuneração, que muitas vezes é um fator determinante para os jovens aprendizes, o propósito do

trabalho também está relacionado ao suporte recebido no ambiente organizacional. A falta de autonomia nas atividades, devido à padronização das tarefas, pode reduzir o sentido atribuído ao trabalho, restringindo-o à compensação financeira. No entanto, mesmo quando não há identificação com as funções desempenhadas, o vínculo com a organização ainda confere significado ao trabalho, pois proporciona experiência formal valorizada para oportunidades futuras no mercado.

Em seus estudos, Vieira e Costa (2024) apontam o trabalho sendo compreendido como uma experiência fundamental na vida dos indivíduos, permitindo-lhes exercer autonomia, adquirir novos conhecimentos, desenvolver habilidades para enfrentar desafios e contribuir tanto para si mesmos, quanto para a sociedade. Além disso, o trabalho possibilita reconhecimento e promove valores como moralidade, cooperação e socialização, sendo essencial para a construção da identidade. Um trabalho dotado de sentido estimula o indivíduo, preenchendo lacunas psicológicas e espirituais, e assume um papel central na vida das pessoas. Quando há propósito na atividade desempenhada, ocorre maior identificação e engajamento, favorecendo a permanência na organização ou no campo de atuação.

Nessa pesquisa quantitativa a partir das dimensões do sentido do trabalho do MOW (1987), compreendeu-se que, para os jovens trabalhadores universitários, o trabalho representa um meio de conquistar autonomia e ascensão econômica, permitindo melhores condições de vida e maior inserção social. A remuneração, as relações interpessoais, as condições de trabalho, a realização profissional, a liberdade de expressão e o reconhecimento são aspectos altamente valorizados, embora nem sempre plenamente alcançados (Vieira e Costa, 2024). Nesse sentido, os resultados da pesquisa indicam que todas as dimensões analisadas – utilidade social, qualidade das relações, ética, aprendizagem e desenvolvimento, coerência, expressividade e liberdade – apresentaram escores elevados, evidenciando que, para os trabalhadores estudantes participantes do estudo, o trabalho carrega as características associadas a um trabalho com sentido, conforme percebido por universitários inseridos no mercado de trabalho.

Santana e Ristum (2022) trazem o conceito do sentido do trabalho para adolescentes trabalhadores na perspectiva da Teoria da Subjetividade, de González Rey. O texto apresenta a atribuição de sentido do trabalho convergente e divergente entre os adolescentes. Um deles percebe o trabalho de forma positiva, associando-o à profissionalização e a remuneração. A valorização do trabalho por parte da família

e as condições socioeconômicas desfavoráveis contribuíram para que ele começasse a trabalhar desde cedo. Por fim, a escola possui o caráter formativo, como uma alavanca para o crescimento profissional no futuro.

O segundo participante coloca o trabalho como escape da inserção na criminalidade. A escola é vista com sentido de formação e como ascensão profissional. A terceira e a quarta participantes trabalham com a família e produziram um sentido para o trabalho com sentimentos positivos de segurança e proteção, muitas vezes vinculados a lazer e proximidade com os membros da família.

Assim, os autores concluem que, mesmo que seja comprovadamente ilegal, o trabalho infantil parece ser uma prática comum para lidar com dificuldades e carências materiais, indicando uma falha do governo em garantir a proteção total das crianças e adolescentes, apesar do que está estabelecido na constituição. Além disso, há uma valorização social do trabalho infantil, principalmente entre as classes mais baixas, nas quais é visto como uma forma de preparação para o futuro, proporcionando ao jovem trabalhador um espaço de aprendizado e integração, mesmo que isso o exponha a alguns riscos. Esse significado socialmente aceito do trabalho infantil digno está presente nos discursos dos familiares, adolescentes e empregadores (Santana e Ristum, 2022).

E para finalizar, o último artigo analisado pesquisa os sentidos do trabalho na percepção dos alunos e professores do curso técnico, no modelo de ensino concomitante Ensino Médio + Profissional. Silva e Brasileiro (2024) mostram que a maneira como o trabalho é representado sofre influências da sociedade, a qual liga a atividade profissional do indivíduo a uma justificativa (por que trabalhar?), a um sentimento de bem-estar e segurança ou a um prestígio social. Somado a isso, o trabalho pode ser uma atividade compulsória (obrigatoriedade do trabalho), que, no entanto, dota o indivíduo de uma segurança e/ou de um prestígio social. Essas qualidades também colaboram para tornar o trabalho uma fonte de preocupações e angústias, à medida que o indivíduo pode ter preocupações sobre sua inserção no mercado de trabalho ou ascensão econômica.

Como resultados da pesquisa, percebeu-se que a busca de um curso profissionalizante está conectada a uma qualificação, ainda no Ensino Médio, como tentativa de entrar no mercado de trabalho restritivo. A grande maioria dos estudantes também pretende continuar estudando, a fim de melhorar suas condições de trabalho. Porém, para continuar estudando, o trabalho assalariado deve estar acontecendo.

Assim, estabelece-se um circuito fechado, no qual o único meio de acesso aos estudos é o trabalho, e o acesso a melhores condições de trabalho dá-se pela qualificação acadêmica. Podemos dizer, nesse caso, que, para boa parte da juventude, a escola e o trabalho são realidades combinadas e cotidianas, sugerindo que o trabalho divide a centralidade de sua importância com a dos estudos (Silva e Brasileiro, 2024).

Diante das diferentes perspectivas apresentadas acima sobre o sentido do trabalho para os jovens, fica evidente que essa construção é atravessada por múltiplos fatores, como as condições socioeconômicas, o contexto organizacional, as relações interpessoais e as expectativas individuais. Enquanto alguns jovens atribuem ao trabalho um papel central na realização pessoal e profissional, outros o percebem como um meio para alcançar estabilidade financeira e ascensão social. Ao mesmo tempo, desafios como a falta de autonomia, o excesso de exigências e a precarização das condições laborais podem comprometer essa percepção, gerando desencanto e desmotivação. Assim, compreender o sentido do trabalho para a juventude exige uma abordagem ampla, que leve em conta tanto os aspectos objetivos quanto subjetivos dessa experiência, reconhecendo sua complexidade e impacto na formação da identidade e nas trajetórias profissionais desses indivíduos.

Seguindo para a última etapa da revisão integrativa, propõe-se uma exposição da revisão de forma clara e completa, minimamente com informações pertinentes e detalhadas, baseadas em metodologias já contextualizadas, sem omitir quaisquer informações (Souza, Silva e Carvalho, 2010). Sendo assim, se retoma a pergunta norteadora da revisão integrativa: Qual o panorama das pesquisas relacionadas ao conceito de sentido do trabalho para jovens estudantes e trabalhadores a partir de trabalhos publicados no Brasil?

A partir desta revisão integrativa, percebeu-se uma oportunidade de aprofundar o estudo do sentido de trabalho para o jovem estudante-trabalhador. Embora tenham sido encontrados 7 estudos que falam da população jovem, somente 2 deles se aproximam do objeto de estudo desta pesquisa: jovem estudante-trabalhador, ambos em uma perspectiva quantitativa e baseados em conceitos do MOW (1987). Os demais 5 artigos estão *clusterizados* da seguinte forma: 2 deles retratam o trabalho adolescente (jovem aprendiz e trabalho infantil/adolescente), 2 falam de estudantes (1 de Ensino Profissionalizante e 1 de Ensino Superior), desvinculando da obrigatoriedade de estar trabalhando, e, ao final, tem-se 1 artigo

que fala sobre o jovem, mas no contexto de mudança de carreira. Além disso, percebe-se uma lacuna epistemológica nos 7 estudos detalhados e nos demais artigos apresentados na busca nas bases de dados: poucos artigos trazem à luz a Teoria da Subjetividade de González Rey.

A análise dos artigos selecionados contribuiu para conhecer algumas características-chave dessas publicações. Assim, as publicações do período compreendido entre 2014 e 2025 não estão expressivamente concentradas em nenhum ano, e também não há concentração de publicações por local, instituição ou periódico, motivo pelo qual pode-se interpretar que esses estudos partem de iniciativas individuais ou de grupos de autores, não havendo polos ativos de produção.

Também foi possível compreender que os estudos sobre sentido do trabalho e sobre a Teoria da Subjetividade caminham em direções diferentes, sendo que os primeiros estão majoritariamente relacionados aos estudos organizacionais com uma dimensão epistemológica funcionalista (MOW/Morin) ou no viés psicológico, e aproximando-se da fenomenologia (Dejours). Por sua vez, as publicações sobre a Teoria da Subjetividade estão concentradas na área da psicologia sócio-histórica, apoiadas no materialismo dialético.

Portanto, com estes resultados, explica-se o caráter de originalidade desta dissertação, que pretende reunir os dois temas: sentido do trabalho e Teoria da Subjetividade, em um recorte específico: o olhar para o jovem estudante-trabalhador. Com isso, avaliar a construção do sentido do trabalho para jovens estudantes do Ensino Superior e trabalhadores formais torna esta pesquisa inédita e com perspectivas de contribuir para os estudos do trabalho e das gerações.

Trazer o conceito de trabalhar e estudar, realidade presente no Brasil, é importante para buscar outra percepção deste jovem. Pois, segundo (Costa, Marques e Ferreira, 2020), no dia a dia dos jovens que trabalham, surgem novos desafios, como equilibrar o trabalho com os estudos. Essa parcela da população se esforça para superar diversas dificuldades, buscando oportunidades e mostrando que trabalho e estudo podem caminhar juntos.

Apesar de, nos últimos anos, mais jovens estarem entrando no mercado profissional, ainda é possível identificar formas de exploração da força de trabalho e consequências negativas nas condições educacionais. Por outro lado, as pesquisas sobre a juventude costumam ser divididas em dois grupos distintos: estudantes e jovens trabalhadores. No entanto, é cada vez mais comum encontrar estudantes que

conciliam trabalho e estudo nas universidades brasileiras. O significado do trabalho tem se expandido, os empregos nem sempre resultam em emancipação total da família e a economia tem gerado situações como empregos temporários.

A partir da revisão integrativa, identificou-se que os autores mais influentes no estudo do sentido do trabalho são Estelle Morin e seus seguidores, além de Christophe Dejours, cujas contribuições são amplamente utilizadas. Embora Ricardo Antunes também seja recorrente, sua obra é majoritariamente empregada para contextualizar as transformações no mundo do trabalho, com destaque para a precarização e a crítica à centralidade do trabalho na vida social.

Diante disso, o referencial teórico propõe discorrer sobre a abordagem crítica de Antunes sobre o trabalho, articulando-a com uma análise do sentido do trabalho a partir da construção subjetiva dos sentidos, fundamentada na Teoria da Subjetividade de González Rey e na construção social do sentido do trabalho. Assim, busca-se compreender como os indivíduos atribuem sentido ao trabalho em um contexto marcado por transformações estruturais e intensificação da precarização.

2.2 O Trabalho no Mundo Contemporâneo

Partindo de uma perspectiva dialética, o trabalho tem sido, historicamente, a atividade que estrutura a vida em sociedade, constituindo-se como mediador entre o ser humano e a natureza, entre o indivíduo e o coletivo. Marx (2013) inaugurou uma análise crítica do trabalho ao defini-lo como atividade vital pela qual o ser humano se humaniza e transforma a natureza em mundo socialmente construído. No entanto, nas condições do capitalismo, o trabalho torna-se alienado: a atividade é separada do trabalhador, o produto não lhe pertence e a força de trabalho é reduzida a mercadoria. Nesse processo, o trabalho adquire aquilo que Marx (2013) denominou de duplo caráter: de um lado, trabalho concreto, produtor de utilidades; de outro, trabalho abstrato, reduzido a mera criação de valor, fundamento da lógica capitalista.

Lukács (2012) amplia essa reflexão, ao afirmar que o trabalho constitui a base fundamental do ser social, à medida que possibilita a mediação entre homem e natureza. Em sua ontologia, aprofunda essa compreensão ao definir o trabalho como o “fenômeno originário no qual se funda o ser social” (Lukács, 2012, p. 45), ressaltando que, por meio da atividade laboral, o ser humano produz o mundo social e,

simultaneamente, forma a si mesmo. O autor destaca ainda seu caráter teleológico, afirmando que “o homem antecipa idealmente o resultado antes de produzi-lo” (Lukács, 2013, p. 62), o que evidencia a dimensão criativa e projetiva inerente ao trabalho. Contudo, sob o capitalismo, essa potência é distorcida: nas formas alienadas, o trabalho “deixa de ser expressão da essência humana e converte-se em simples meio de subsistência” (Lukács, 2012, p. 103), revelando uma cisão entre o que o trabalho poderia ser enquanto realização humana e aquilo em que se converte sob a lógica da exploração. Ainda assim, Lukács enfatiza que essa atividade conserva um potencial emancipador, pois contém a possibilidade de superação da alienação e de reconstrução da individualidade.

Nesse sentido, sob o capitalismo, a relação entre trabalhadores e trabalho é marcada por contradições: de um lado, a possibilidade de realização e afirmação do sujeito; de outro, a alienação, a exploração e a perda de sentido. Como explica Antunes (2000), o mundo do trabalho contemporâneo convive simultaneamente com momentos de encanto, que permitem reconhecimento e pertencimento, e experiências de desencanto, marcadas pela precarização e insegurança. Do ponto de vista da subjetividade, González Rey (2017, p.41) enfatiza que o trabalho adquire sentido a partir da produção de “sentidos subjetivos constituem unidades simbólico-emocionais que articulam diferentes dimensões psíquicas e integram subjetividade social e subjetividade individual”, o que reforça a ideia de que o significado do trabalho não é dado, mas construído historicamente e vivenciado de modo singular.

Porém, antes de discutir os sentidos ou os significados para uma pessoa, torna-se necessário trazer o significado do trabalho para o momento presente. O trabalho vem se configurando como ocupação básica para a humanidade, ocupando um caráter central à vida das pessoas (Vieira, Santos e Almeida, 2023). O trabalho evolui de tarefas fundamentalmente desempenhadas por escravos, passando a ser às prestações dos servos e, com o advento da industrialização, se torna responsabilidade de uma classe assalariada. Ou seja, o trabalho como finalidade econômica torna-se a atividade dominante (Rizzo e Chamon, 2011). Em Marx (2013), essa transição expressa a passagem histórica da submissão direta para a subsunção formal e, posteriormente, real do trabalho ao capital, momento em que toda a dinâmica produtiva passa a ser reorganizada para atender às exigências da valorização. À luz de Lukács (2012), tais transformações históricas não eliminam, porém, o lugar central do trabalho, que permanece como fundamento do ser social, uma vez que é por meio

dele que se organizam as formas de vida coletiva e as demais esferas da sociabilidade.

Antunes (2000) explica esta glorificação do trabalho ao longo da humanidade, especificamente após o surgimento do capital, com a Revolução Industrial. O início da indústria só foi possível por duas condições, o capital acumulado e uma classe de trabalhadores livre, mas também pode ser dividido em duas classes: os trabalhadores livres assalariados, que vivem da venda da sua força de trabalho, e o capitalista, o proprietário dos meios de produção (Araújo e Sachuk, 2007). Assim, o trabalhador não trabalha para si, mas para o capitalista, proprietário dos meios de produção:

por um lado, o processo de produção transforma continuamente a riqueza material em capital, em meio de valorização e de fruição para o capitalista. Por outro, o trabalhador sai do processo sempre como nele entrou: como fonte pessoal de riqueza, porém despojado de todos os meios para tornar essa riqueza efetiva para si. (Marx, 2013, p.426).

Com o surgimento do capitalismo industrial, a natureza do trabalho começa a ser influenciada pela produção capitalista vigente. Inicia-se a expansão para o capital e para o lucro, em que a acumulação de capital domina e molda o processo de trabalho, ao passo que o capitalista passa a assumir uma forma primitiva de gerência⁹. O objetivo é coercivo de habituar o trabalhador às suas tarefas (Woleck, 2002). Nesse contexto, Marx (2013) descreve que o capital passa a impor uma disciplina fabril que reorganiza o tempo e o corpo do trabalhador, submetendo-o ao ritmo da maquinaria e ao prolongamento da jornada como meios de aumentar o mais-valor.

Portanto, o trabalho na sociedade capitalista é uma mercadoria, alienante, explorador, humilhante, monótono, repetitivo e submisso. A alienação envolve não só a separação entre o trabalhador e o produto de seu trabalho, mas também a perda de controle sobre o processo produtivo e a submissão a finalidades externas ditadas pelo capital (Marx, 2013). Para Lukács (2012), nessas formas alienadas o trabalho deixa de expressar a essência humana e reduz-se a meio de subsistência, produzindo indivíduos despotencializados. Assim, a alienação manifesta-se objetivamente, nas condições materiais, e subjetivamente, em sentimentos de esvaziamento, perda de sentido e estranhamento diante da própria atividade laboral. Apesar de sua centralidade na vida das pessoas, deveria ser representação da expressividade e da

⁹ Aqui referindo-se a Gerência da Administração Científica no conceito de controle das decisões durante a execução do trabalho. Este controle, no contexto contemporâneo, encontrou na gestão gerencialista as ferramentas necessárias para o controle/condicionamento do trabalhador.

autoconstrução do ser humano, fornecendo recompensas a partir da necessidade individual, possuir um conteúdo criativo e desafiante, ser dignificante, e por fim, possuir controle coletivo e proteção do Estado (Araújo e Sachuk, 2007).

Antunes e Alves (2004) indicam uma mudança da classe trabalhadora de meados do século passado. Com a redução de modelos fabris tradicionais¹⁰ e crises econômicas, surgiram formas mais desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais. Assim, os terceirizados, subcontratados, part-times aparecem como novas soluções, mas refletem diversas modalidades de precarização do trabalho. Neste momento, que mostra o aumento de trabalhadores em luta de empregos e uma redução em postos de trabalho, percebe-se o foco para empregos em setores de serviços com alta rotatividade, baixa qualificação e baixa remuneração (Antunes, 2020).

Juntamente com a substituição do modelo taylorista-fordista, predominante até 1970, instalou-se uma nova lógica na relação capital e trabalho, na qual a produção cede lugar à lógica financeira difundida pelas grandes organizações. Essa reestruturação do trabalho passa a exigir o entendimento da tecnologia como conjunto de informações organizadas no processo de fabricação de bens e serviços (Antunes, 2020).

Corroborando, Antunes (2000) afirma que a globalização e o avanço tecnológico produziram modificações no trabalho contemporâneo, fortalecendo a emergência do desemprego tecnológico. Desse modo, vários trabalhadores perderam seus postos de trabalho, à medida que máquinas e sistemas robotizados proporcionaram, a custos menores, os resultados produtivos que antes exigiam a intervenção direta da mão humana. Adicionalmente, Vieira, Santos e Almeida (2023) contribuem, expondo que essas inovações tecnológicas estão remodelando o capitalismo e se infiltrando em todos os aspectos da vida pessoal e social das pessoas. Assim, a tecnologia se torna fundamental em uma sociedade baseada em flexibilidade, mobilidade e rapidez, com seu caráter de comunicação instantânea e redução de tempo e espaço, resultando em uma economia cada vez mais eficiente.

Segundo Antunes (2000), as mudanças discutidas nesse estudo resultam da implementação do projeto neoliberal na sociedade capitalista, impactando tanto os

¹⁰ Taylorismo, Fordismo, Toyotismo.

países em desenvolvimento, quanto aqueles considerados de primeiro mundo. Essas transformações provocaram diversas modificações no arranjo produtivo, impulsionadas pelo progresso tecnológico e pela formação de modalidades de acumulação flexível. Esse cenário contribuiu para redefinir a natureza do trabalho, evidenciado pela intensificação das privatizações e pela flexibilização dos direitos trabalhistas. Na leitura marxiana, tais transformações expressam novas formas de subordinação real do trabalho ao capital, que continuam a operar sob o princípio fundamental da valorização: extrair mais-valor por meio da intensificação, da racionalização e da incorporação de tecnologias que ampliam o controle sobre o processo de trabalho (Marx, 2013).

O trabalho na contemporaneidade se configura, portanto, pela ruptura das práticas coletivas e do próprio conceito de trabalho, promovendo a fragmentação das atividades e a individualização no ambiente laboral. Em decorrência disso, o mercado enfrenta um retrocesso em relação aos direitos trabalhistas e às condições de trabalho. Assim, os trabalhadores acabam vivenciando de forma mais intensa um ambiente de medo e incerteza, levando-os a aceitar a precarização do trabalho, que é ideologicamente apresentada como flexibilidade laboral (Alves, 2011). Esse quadro aproxima-se do processo de reificação descrito por Lukács (2012), no qual as relações entre pessoas passam a assumir a forma de relações entre coisas, esvaziando a dimensão humana do trabalho e aprofundando o isolamento e a competitividade entre os trabalhadores.

Essa lógica destrutiva expande-se em escala global, o que o autor denomina como uberização do trabalho. Um exemplo trazido é o trabalho on-line, que modifica o conceito de separação entre vida privada e vida profissional, desmoronando a separação entre o tempo de vida no trabalho e fora dele (Antunes e Praun, 2015). Um novo tempo é inaugurado: a escravidão digital, trazendo assim o “benefício” e o malefício da flexibilidade: “sem jornadas preestabelecidas, sem remuneração fixa, sem atividade pré-determinada, sem direitos, nem sequer o direito de organização sindical. E até o sistema de metas é flexível: ela sempre deverá superar aquelas obtidas anteriormente” (Antunes, 2020, p.11).

O gerencialismo, na perspectiva crítica de Gaulejac (2007), não pode ser compreendido apenas como um conjunto de técnicas administrativas. Ele constitui um dispositivo ideológico que atravessa a cultura organizacional e a subjetividade dos trabalhadores, conformando modos de viver, pensar e se relacionar com o trabalho,

ou seja, a busca incessante por desempenho e excelência ultrapassa a esfera organizacional e invade a vida pessoal. Os trabalhadores são levados a internalizar a lógica da produtividade, identificando-se com metas e resultados, o que resulta em sobrecarga psíquica, competição exacerbada e naturalização da autoexploração. Ou seja, ao mesmo tempo em que convoca os trabalhadores à criatividade, autonomia e inovação, submete-os a sistemas de avaliação e controle cada vez mais rígidos. O resultado é uma tensão permanente entre a promessa de liberdade e a intensificação das formas de dominação.

No contexto das transformações do capitalismo contemporâneo, os mecanismos clássicos de controle sobre os trabalhadores sofreram mudanças significativas. Se antes a repressão e a imposição eram as principais ferramentas de gestão, atualmente as organizações recorrem a formas mais sutis de dominação, baseadas na persuasão e no apelo ao engajamento subjetivo dos indivíduos. Como aponta Gaulejac (2007, p. 109), “a repressão é substituída pela sedução, a imposição, pela adesão e a obediência, pelo reconhecimento”, revelando como o poder organizacional se sustenta não apenas em normas e hierarquias, mas também na captura da subjetividade dos trabalhadores, que passam a internalizar as exigências da empresa como se fossem expressão de sua própria vontade.

Assim, critica o gerencialismo por sua influência na precarização do trabalho, na desvalorização do trabalhador enquanto indivíduo e no estímulo a uma cultura de individualismo e competição excessivos. Ele argumenta que o gerencialismo pode levar ao esgotamento emocional dos trabalhadores, à perda de sentido do trabalho e à desumanização das relações no ambiente laboral. Essa perspectiva, o gerencialismo pode ser compreendido como uma forma contemporânea de alienação, na medida em que transforma os objetivos do capital em metas subjetivamente assumidas pelos trabalhadores, reforçando a reificação das relações de trabalho e a interiorização das exigências de desempenho (Gaulejac, 2007; Lukács, 2012).

A lógica do desempenho imposta pelo capitalismo contemporâneo produz um sujeito que não é mais adversário de comandos externos, mas, antes, um escravo de si mesmo. Han (2017) destaca que essa transformação se deu pela substituição do dever pela liberdade aparente: se antes havia o “dever obedecer”, agora vigora o “poder fazer”. Contudo, esse poder, travestido de liberdade, converte-se em um imperativo interno que obriga o sujeito a exceder continuamente sua capacidade, levando-o ao esgotamento. O indivíduo se cobra infinitamente, acreditando que seu

sucesso depende exclusivamente de seu esforço pessoal, o que o torna vulnerável a doenças neuronais, como depressão, hiperatividade, transtornos de déficit de atenção e a síndrome de burnout¹¹.

Para Han (2017), a sociedade atual não é apenas marcada por repressão, mas por excesso de positividade — excesso de estímulos, de possibilidades e de exigências de performance. Nesse sentido, o adoecimento psíquico não é mero efeito colateral, mas produto estrutural de uma racionalidade que valoriza o rendimento acima da vida. O esgotamento psíquico descrito por Han (2017) encontra raízes profundas na crítica marxiana da exploração. Marx (2013) demonstra que, na produção capitalista, a extração de mais-valor depende não apenas da extensão da jornada, mas da própria exaustão do trabalhador como sujeito. Lukács (2012) converge com essa leitura ao indicar que, nas formas alienadas de produção, o trabalho deixa de ser espaço de realização e passa a produzir indivíduos debilitados, que internalizam exigências externas como se fossem suas próprias, antecipando a lógica de autoexploração destacada por Han. Essa relação aparece de maneira contundente:

Quanto mais ele trabalha, menos tem para consumir; quanto mais valores ele cria, mais sem valor, mais indigno ele se torna; quanto mais formado o seu produto, tanto mais deforme o trabalhador; quanto mais civilizado o seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais engenhoso o trabalho, mais desprovido de engenho e escravo da natureza ele se torna. (Marx, 2013, p.377)

Essa passagem revela que o desgaste físico e emocional não é uma anomalia, mas parte estruturante de um sistema que transforma a vitalidade humana em capital. Assim, o que hoje se manifesta como burnout, ansiedade ou autoexigência extrema encontra antecedentes na crítica de Marx à conversão do trabalhador em mero suporte da produção.

Esse diagnóstico é reforçado pelo estudo de Cordeiro, Friede e Miranda (2018), que articula a reflexão de Han às tensões contemporâneas do direito e das relações de trabalho. Os autores observam que o paradigma da performance converteu o indivíduo em empresário de si, responsável por investir continuamente em sua própria formação, produtividade e empregabilidade, sob pena de exclusão

¹¹ Conforme a CID-11, o burnout (QD85) é definido como uma síndrome resultante de estresse crônico no trabalho que não foi gerenciado com sucesso, caracterizada por exaustão, distanciamento mental e redução da eficácia profissional. (OMS, 2019)

social. Tal dinâmica aprofunda a condição do indivíduo como “escravo de si mesmo”, à medida que é induzido a aceitar metas inalcançáveis como parâmetros de normalidade. Para esses autores, a sobrecarga de metas, a cobrança incessante por produtividade e a fadiga extrema são causas diretas de sofrimentos psíquicos e neuronais que não se reduzem a acidentes laborais, mas se configuram como fenômenos sociais disseminados. Desse modo, a crítica de Han, quando associada a estudos brasileiros, mostra como a lógica neoliberal se reproduz não apenas nas empresas, mas também nas práticas jurídicas e institucionais, legitimando relações de trabalho precarizadas e naturalizando o adoecimento como responsabilidade individual.

O sujeito busca a superação, corresponder a todas as demandas, executar a máxima da multitarefa, da motivação e do “não poder desligar”, sempre fadado a falhar. Falhar entre trabalho e família, ou entre a família e os amigos, ou ainda entre o trabalho, a família, os amigos e, principalmente, consigo mesmo, repetindo para si e/ou para outros justificativas como: “Não tenho tempo” ou “Não posso mais”. Esta autocobrança exagerada e autodestrutiva alimenta este ciclo, gerando autoacusação e adoecimento (Cordeiro, Friede e Miranda, 2018).

Nesse sentido, Viana (2023) discute como as novas tecnologias digitais — big data, redes sociais e sistemas de avaliação de desempenho — atuam como instrumentos de monitoramento e modelagem da subjetividade, reforçando a autoexploração silenciosa e contínua. Ao mesmo tempo, essas ferramentas alimentam uma sensação de liberdade e autonomia, mascarando a realidade de um controle difuso e sofisticado. Dessa forma, a sociedade do cansaço não se restringe ao excesso de trabalho e metas; ela envolve uma dimensão psicopolítica em que a subjetividade é manipulada a partir de dentro, tornando o sujeito cúmplice ativo de sua própria dominação.

A exigência pela rápida resposta dos funcionários às necessidades do mercado, cujas tarefas agora são monitoradas e programadas em curtos intervalos de tempo, juntamente com a busca incessante dos empresários em reduzir ao máximo qualquer tempo ocioso nos processos de produção, tem gradualmente transformado o local de trabalho em um ambiente propício para o adoecimento (Antunes e Praun, 2015).

É notório que o processo de tornar o trabalho mais precário não só está acontecendo ao mesmo tempo que a reestruturação produtiva, como também está

intimamente ligado a ela, com mudanças que vêm causando impactos significativos no campo do trabalho. Muitos argumentam que a principal consequência dessa complexa relação entre a precarização do trabalho e a reestruturação produtiva reside na deterioração das condições de trabalho e emprego, com aspectos como a desvalorização da mão de obra, relações trabalhistas mais frágeis, redução na qualidade dos empregos e aumento nos índices de desemprego se tornando cada vez mais comuns (Vieira, Santos e Almeida, 2023),

As imposições de cobrança visam criar indivíduos mecanizados, focados no que é fundamental para um sistema capitalista: a busca pelo lucro. A pressão por desempenho explora as inseguranças pessoais, ao tentar estabelecer propósitos excessivos relacionados ao sucesso profissional. Esse ciclo transcende o externo, tornando-se interno. Mesmo que as exigências externas cessem, a própria pessoa se transforma em seu próprio opressor e agressor (Han, 2017). Essa dinâmica corresponde, no pensamento marxiano, à interiorização da lógica de valorização: o capital não apenas organiza externamente o processo de trabalho, mas também converte o próprio trabalhador em instrumento de sua reprodução, moldando desejos, comportamentos e expectativas (Marx, 2013).

Dessa forma, as empresas conseguem fazer com que os funcionários adotem os objetivos da organização como se fossem seus próprios, utilizando discursos que prometem sucesso, estabilidade, bem-estar e segurança a longo prazo. Ao fazer o trabalhador acreditar que ele tem a capacidade de alcançar a excelência desejada, a empresa alimenta o ego do indivíduo ao permitir que ele desenvolva projetos, construa uma identidade e se realize. Portanto, o foco do esforço do empregado estará em si mesmo, contribuindo para o fortalecimento dos valores da empresa e a aceitação de suas diretrizes (Dias et al., 2019).

Guiados pela retórica do engajamento e comprometimento com a empresa, o empregado desvaloriza as ações em grupo, valoriza o individualismo e mina as conexões nas relações de trabalho. A diminuição da influência dos sindicatos organizados pelos trabalhadores e o enfraquecimento dos laços sociais são fatores que contribuirão para o aumento do isolamento, desamparo e problemas de saúde dos funcionários (Antunes, 2000).

Trata-se de um modelo de administração que se estrutura de maneira a promover a participação dos funcionários, ao mesmo tempo que controla às suas subjetividades, o que é essencial para alcançar altos níveis de produtividade. No

entanto, devido à competição intensa e à instabilidade do mercado, essa abordagem torna-se cada vez mais incapaz de proporcionar condições de trabalho que protejam a saúde física e mental dos trabalhadores (Antunes e Praun, 2015).

Esse fato é evidenciado pelos achados da pesquisa realizada por Almeida et al. (2022), que revelou que os trabalhadores relatam sofrer devido à alta carga de tarefas e metas a serem atingidas, à sobrecarga de trabalho, à falta de recursos materiais necessários para a realização das atividades, à ausência de reconhecimento por parte da liderança, à rejeição de suas opiniões e à fragilidade nas relações de confiança, especialmente com os superiores. Além disso, os trabalhadores reconhecem os efeitos adversos do sofrimento físico e mental relacionado ao emprego e a necessidade de buscar apoio profissional para reduzir os danos resultantes dessas experiências de sofrimento. Contudo, o temor de represálias por parte do empregador se configura como um obstáculo significativo.

De acordo com Antunes (2000), nos últimos anos, a sociedade contemporânea tem passado por grandes mudanças, tanto em termos materiais, quanto na esfera da subjetividade, devido às complexas relações entre essas diferentes formas de ser e existir da sociabilidade humana. Antunes (2000) aborda a ligação entre significado e emprego na sociedade atual sob uma análise sociológica. Conforme o escritor, é preciso ter uma vida com sentido no trabalho para também ter uma vida com sentido fora dele. Entretanto, mesmo na busca do sentido ou sentidos do trabalho, convém estar alerta às ideologias do capital que aprisionam e exploram o indivíduo. O que se percebe nas organizações da atualidade é um discurso sutil que permite a sujeição do indivíduo a outrém, por meio da ideologia da harmonia, motivação, empresa como família e outros atributos (Araújo e Sachuk, 2007).

Diante disso, é possível afirmar que o trabalho passou a ocupar uma posição central na vida da maioria das pessoas (Antunes, 2000; Dejours, 1992; Morin, 2001), funcionando como um guia que orienta os propósitos de suas existências. Essa postura, amplamente adotada atualmente, é essencial para a sobrevivência das empresas capitalistas flexíveis, que buscam garantir o comprometimento dos trabalhadores não por meio da coerção, mas atribuindo um novo significado ao trabalho ou reinterpretando o significado já existente.

2.3 A Construção dos Sentidos do Trabalho

A análise dos sentidos do trabalho é um tema importante nos dias de hoje, considerando as mudanças e revoluções na área organizacional, que requerem uma profunda reflexão por parte dos funcionários, resultando em uma maneira de interpretar o fenômeno do trabalho a partir da subjetividade de cada trabalhador. A investigação dos sentidos atribuídos pelos trabalhadores às suas ocupações pode ser abordada em várias disciplinas e sob diferentes enfoques teóricos. No entanto, a compreensão do que constitui o trabalho é um aspecto fundamental para iniciar essa análise (Fernandes, Gedrat e Vieira, 2023).

Segundo Fernandes, Gedrat e Vieira (2023), o trabalho é polissêmico e multifacetado. Ele reúne dimensões econômicas, simbólicas e afetivas que variam conforme a trajetória e o contexto sociocultural do indivíduo. Ainda a partir da leitura destes autores, o trabalho tem vários significados para a vida do trabalhador. De um lado, é considerado uma maneira de ganhar dinheiro; por outro, como uma ação que traz satisfação pessoal, reconhecimento social e oportunidade de criar e cultivar relacionamentos interpessoais (Dias et al., 2019). Além disso, como reconhecem Araujo e Sachuk (2007), o trabalho opera como uma instância privilegiada de socialização e formação identitária, constituindo-se em espaço de produção de sentidos sobre si e sobre o mundo. Dessa forma, os significados atribuídos ao trabalho estão sempre articulados às dimensões simbólicas, históricas e afetivas que organizam a vida dos indivíduos.

Historicamente, os primeiros estudos sobre os sentidos do trabalho foram conduzidos por Hackman e Oldham (1975). O Modelo das Características do Trabalho, proposto por Hackman e Oldham (1975), constitui uma das abordagens mais influentes na compreensão da motivação intrínseca no contexto organizacional. Os autores defendem que determinadas dimensões do trabalho — variedade de habilidades, identidade da tarefa, significância da tarefa, autonomia e feedback — influenciam diretamente três estados psicológicos críticos. Entre eles, destaca-se a experiência de significância do trabalho (*experienced meaningfulness of work*), que se refere à percepção de que a atividade realizada é importante e tem valor. Nesse sentido, afirmam: “*the experienced meaningfulness of the work is the degree to which the individual experiences the job as one which is generally meaningful, valuable, and worthwhile*” (Hackman e Oldham, 1975, p. 167). Essa formulação inaugura a

compreensão de que o significado do trabalho não reside apenas em sua função técnica, mas na forma como o indivíduo vivencia e interpreta sua atividade.

Além disso, Hackman e Oldham (1975) enfatizam que a significância do trabalho não se restringe às características objetivas da tarefa, mas envolve a forma como estas são subjetivamente vividas pelos trabalhadores. A percepção de que o trabalho forma um todo coerente (identidade da tarefa), exige diversidade de habilidades e possui impacto sobre outras pessoas (significância da tarefa) fortalece a motivação intrínseca. Do mesmo modo, a autonomia confere responsabilidade pessoal sobre os resultados, enquanto o feedback proporciona clareza acerca da eficácia do desempenho. Esses elementos já antecipam a importância de aspectos subjetivos na construção de significados, aproximando o modelo de perspectivas contemporâneas que valorizam valores pessoais, reconhecimento e coerência biográfica (Rosso, Dekas e Wrzesniewski, 2010; Vieira e Costa, 2024).

Vale mencionar que, no Modelo das Características do Trabalho, desenvolvido por Hackman e Oldham (1975), os autores não usam a palavra “sentido” (no sentido existencial ou subjetivo, como usualmente é visto no português). Eles utilizam o termo em inglês “*meaningfulness of work*”, traduzido na literatura brasileira geralmente como “significado do trabalho”. A discussão proposta por Oldham e Hackman sobre as características do trabalho já indicava a relevância dos fatores subjetivos para a motivação e a satisfação no ambiente laboral. Ao destacar dimensões como identidade da tarefa, importância da tarefa e autonomia, o modelo enfatiza que não basta analisar o trabalho em sua dimensão técnica ou estrutural: é preciso compreender como ele é percebido e experienciado pelo trabalhador. Essa distinção é importante para evitar que o modelo seja confundido com abordagens existenciais sobre sentido, embora ele abra caminho para compreensões psicológicas mais amplas.

Evoluindo na linha temporal, os estudos dos pesquisadores do grupo MOW (1987) consideravam “sentido” e “significado” como semelhantes. Para entender o “*meaning of work*”, eles estruturaram os dados em 4 dimensões: centralidade do trabalho, as normas sociais sobre o trabalho, os resultados valorizados do trabalho/metabolismo e a identidade de regras. Esse modelo reforça que a experiência laboral é simultaneamente individual e social, articulando expectativas coletivas e interpretações pessoais (Sá e Lemos, 2017).

Para esclarecer o uso das palavras como sinônimos, Tolfo e Piccini (2007) investigaram a origem do termo “sentido” no latim, que é “*sensus*”, referindo-se à percepção, ao significado, ao sentimento, ou ao verbo “*sentire*”, que significa perceber, sentir e saber. Embora as autoras tenham notado que “sentido” e “significado” são frequentemente tratados como sinônimos, elas fazem uma distinção entre os dois. Elas definem “significado” como a representação social que a tarefa realizada tem para o trabalhador, levando em conta o reconhecimento necessário para atingir os resultados desejados, o pertencimento a um grupo e a relevância desse grupo para a sociedade. Por outro lado, “sentido” diz respeito ao valor que o trabalho tem para o indivíduo em um contexto pessoal, associado à satisfação e à autorrealização (Tolfo e Piccini, 2007). Pesquisas recentes reforçam essa diferenciação, como Tibola, Raitz e Aquino (2020), que demonstram que universitários atribuem sentido ao trabalho a partir de expectativas subjetivas, emoções e projetos futuros.

Ainda na análise dos conceitos, Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010) observam que muitos estudos empregam os termos “significado” e “sentido” de forma intercambiável, sem esclarecer as distinções entre suas definições e a inter-relação entre elas, o que dificulta a compreensão do tema. Para abordar esses conceitos, os autores sugerem a utilização dos termos “*meaning*” (significado) e “*meaningfulness*” (sentido), associando o primeiro à percepção individual, influenciada pelo contexto social, e o segundo à qualidade de algo que é considerado significativo.

Contribuindo, Silva e Simões (2015) ressaltam a importância das diversas concepções e reflexões de diferentes autores para fomentar um debate contínuo sobre as construções conceituais e as nuances entre os termos “significado” e “sentido” no âmbito do trabalho. As autoras argumentam que, assim como as noções de trabalho, as visões sobre o sentido atribuído a ele evoluem ao longo do tempo, e que a diferenciação entre significado e sentido no trabalho está mais relacionada à área de pesquisa de cada autor do que aos próprios construtos (Silva e Simões, 2015).

Alinhando-se à perspectiva de Silva e Simões (2015), Pereira e Tolfo (2017) destacam a ausência de um consenso, particularmente na Psicologia, sobre o uso dos termos “sentido” e “significado” do trabalho. De maneira geral, os pesquisadores têm se empenhado em esclarecer as confusões conceituais e a definição das abordagens que utilizam em suas investigações (Pereira e Tolfo, 2017). As autoras enfatizam que, embora alguns teóricos recorram a diferentes terminologias, as variáveis analisadas

frequentemente permanecem as mesmas, o que torna os fenômenos de significado e sentido construtos complexos, multifacetados e interdependentes, com interpretações variadas conforme o contexto histórico. Essa visão é compartilhada por Campos et al. (2022), que ao analisar carreiras de recém-formados, identificam que o sentido do trabalho é influenciado simultaneamente por condições objetivas e por narrativas subjetivas que os indivíduos constroem sobre suas trajetórias.

Na perspectiva de González Rey (2007), a compreensão da subjetividade requer diferenciar os conceitos de significado e sentido, originalmente introduzidos por Vygotsky. O significado refere-se ao aspecto socialmente partilhado e relativamente estável da linguagem, funcionando como sistema de referência comum que possibilita a comunicação entre os sujeitos. Nesse sentido, o significado é um produto cultural, socialmente instituído, que organiza os elementos simbólicos de modo a assegurar a interação social. Como afirma o autor, “o significado é uma forma relativamente estável da linguagem, socialmente instituída, que funciona como referência para a comunicação e para os processos simbólicos” (González Rey, 2003, p.154). Assim, o significado possui caráter normativo e coletivo, funcionando como ponto de partida para os processos de apropriação subjetiva.

Em contrapartida, o sentido é compreendido como a dimensão subjetiva e singular que se produz na relação entre os sujeitos e os significados. Ele não se reduz ao conteúdo objetivo da palavra, mas integra experiências, emoções e vivências pessoais na constituição da realidade. Para González Rey (2004, p.23), o sentido subjetivo constitui-se como “uma configuração simbólico-emocional que integra diferentes momentos da experiência humana”, articulando emoções, experiências e significações na constituição da subjetividade. Assim, o sentido emerge do encontro entre o social e o individual, configurando-se como espaço de produção da subjetividade. Embora dependa dos significados sociais para existir, o sentido transcende-os, constituindo uma unidade dinâmica em que o sujeito se afirma como produtor ativo de sua experiência e de seu mundo subjetivo. Embora aprofundada apenas na próxima seção, essa diferenciação permite compreender que o sentido do trabalho é sempre dinâmico, contextual e singular, como também apontam Costa, Marques e Ferreira (2020) ao analisarem estudantes-trabalhadores.

Para entender a construção atual do conceito de sentido do trabalho, Ferraz e Fernandes (2019) identificaram Morin e Antunes como autores centrais, ainda que de epistemologias distintas, em alguns textos analisados são posicionados como

convergentes. Enquanto Morin analisa o sentido do trabalho no campo da Administração; Antunes aborda o trabalho no contexto do capitalismo, apresentando a categoria trabalho em sua totalidade e reavaliando os significados do trabalho sob a visão do trabalhador. Essa diversidade epistemológica explica por que o termo “sentido” assume conotações diferentes conforme o campo científico.

Então, para Antunes (2000), quando o trabalho é submetido à lógica do capital, não é possível falar sobre o seu sentido, pois tanto as atividades desenvolvidas no tempo livre quanto as desenvolvidas sob a relação de trabalho assalariado têm sentidos estranhados¹². Como resultado, o trabalho só tem sentido fora do capital. Em relação às condições laborais no atual modo de produção capitalista, observa-se que a precarização do trabalho tem se intensificado, configurando-se como um fenômeno estrutural que gera diversas consequências para a qualidade de vida dos trabalhadores. Antunes e Alves (2004) reforçam que essas transformações intensificam a alienação e a fragmentação da experiência laboral, limitando as possibilidades de realização subjetiva.

Continuando com Antunes (2000), o trabalho não deve ser visto como um objetivo final, mas sim como um meio para alcançar outros fins. Não se dedica à atividade profissional buscando aprimorar competências e talentos apenas pelo desenvolvimento pessoal, mas sim visando garantir uma remuneração que garanta o sustento básico. Por conseguinte, o verdadeiro significado do trabalho só é alcançado quando se supera a condição de trabalhadores assalariados. Essa crítica é essencial para compreender as contradições vividas por jovens trabalhadores, que frequentemente associam o trabalho à sobrevivência e à pressão por desempenho, como indicam Costa et al. (2023).

Tolfo e Piccinini (2007) trazem sua contribuição com a definição de sentido, entendido como uma parte da realidade social criada e reproduzida, que se relaciona com variáveis pessoais e sociais e impacta as decisões das pessoas e a estrutura da sociedade em um determinado momento. Dessa forma, a importância do trabalho, devido à sua relevância psicológica e social, muda à medida que surge do ato de atribuir significados e está ligada às circunstâncias históricas da comunidade. Portanto, um construto sempre inacabado. A dinamicidade desse construto também é identificada por Tibola, Raitz e Aquino (2020), que mostram que jovens universitários

¹² São sentidos diferentes que não convergem (notas da autora)

ressignificam constantemente o trabalho à medida que suas experiências e expectativas se transformam.

Diante da complexidade identificada na literatura sobre sentidos e significados do trabalho, torna-se evidente que compreender como os indivíduos elaboram essas construções exige uma abordagem que vá além das definições conceituais e das variáveis estruturais do trabalho. A produção de sentidos não se reduz a fatores organizacionais, socioeconômicos ou históricos, embora todos eles atuem de forma decisiva; ela envolve, sobretudo, processos subjetivos que articulam experiências, emoções, histórias de vida e modos singulares de interpretar o mundo. É nesse ponto que se destaca a necessidade de um referencial teórico capaz de integrar o social e o individual, o coletivo e o singular, permitindo acessar a dimensão qualitativa e dinâmica pela qual o sujeito produz sentidos. Assim, a próxima seção aprofunda a Teoria da Subjetividade, que oferecerá o suporte epistemológico e metodológico para compreender como os sentidos do trabalho emergem como construções subjetivas em movimento, situadas histórica e culturalmente, mas constituídas de forma singular por cada trabalhador.

2.4 A Teoria da Subjetividade

Antunes (2000; 2020) analisa o trabalho dentro do contexto do capitalismo contemporâneo, com foco nas transformações do mundo do trabalho e suas implicações para o trabalhador. Ele destaca a alienação, a precarização e a intensificação do trabalho, considerando o impacto dessas mudanças no sentido que o trabalho assume para o indivíduo. Contudo, para Antunes (2000), o trabalho também pode ser um espaço de resistência e luta por melhores condições e por um sentido mais humano. Essa reflexão abre espaço para compreender como contextos objetivos semelhantes podem gerar sentidos subjetivos distintos entre indivíduos.

Essa constatação evidencia que os sentidos não são determinados automaticamente pelas condições objetivas, mas emergem de processos subjetivos complexos, singulares e históricos, nos quais cada indivíduo reorganiza suas experiências de forma ativa. A partir disso, faz-se necessário entender como se dá esta produção de sentido, entendendo-a como um processo subjetivo de atribuição

de significado a esta categoria trabalho, trazendo uma saída para a dicotomia individual/social.

A compreensão da subjetividade tem sido um desafio central para a psicologia e para as ciências sociais em geral. Ao longo da história da disciplina, prevaleceram leituras que ora reduziram a subjetividade ao plano da consciência individual, ora a interpretaram como reflexo imediato de estruturas sociais. Nesse cenário, a contribuição de González Rey se destaca pela construção de uma teoria que reposiciona a subjetividade no coração da psicologia histórico-cultural, ao mesmo tempo que propõe um marco epistemológico inovador. Sua Teoria da Subjetividade articula as dimensões individual e social como inseparáveis, compreendendo-as como processos dialógicos em constante produção, que escapam às visões deterministas que marcaram grande parte da psicologia do século XX (González Rey, 2003; 2017). Essa abordagem permite compreender o sujeito como produtor ativo de sentidos, superando modelos lineares que entendem a experiência humana apenas como reflexo do meio.

Além disso, a teoria enfatiza o caráter recursivo da subjetividade: os sentidos subjetivos produzidos pelo sujeito retroalimentam novas experiências e influenciam suas formas de interpretação da realidade, configurando um sistema em movimento permanente (González Rey, 2003). Essa recursividade reforça a compreensão do sujeito como unidade complexa, capaz de reorganizar continuamente sua relação com o mundo social. Dessa forma, a teoria rompe com interpretações reducionistas, enfatizando a criatividade, a autoria e a plasticidade subjetiva.

Embora reconheça o legado de Vigotski, Leontiev e Luria, González Rey (2003) argumenta que suas formulações, em muitos momentos, tenderam a privilegiar a dimensão social como determinante, reduzindo o papel da singularidade na constituição psíquica. Sua proposta busca superar essa redução ao compreender a subjetividade como um sistema aberto em que o sujeito, mesmo condicionado pela história e cultura, produz sentidos novos e inesperados. Assim, a subjetividade deixa de ser pensada como reflexo do social para ser vista como espaço de emergência de novidade, de criação e de desenvolvimento.

Souza e Torres (2019) corroboram essa interpretação, ao afirmar que a Teoria da Subjetividade oferece três conceitos centrais para a psicologia contemporânea: sujeito, subjetividade e sentido subjetivo. Esses conceitos estão intrinsecamente articulados e permitem compreender como a experiência individual não é isolada do

social, mas também não é determinada de forma linear por ele. O sujeito, em sua singularidade, produz sentidos subjetivos que expressam sua história de vida, seus afetos e suas contradições, e que, ao mesmo tempo, se relacionam com os significados culturais mais amplos. Desse modo, a teoria de González Rey propõe um olhar dialético, que supera tanto o reducionismo individualista, quanto o sociologismo determinista:

A nossa definição de categoria sentido subjetivo orienta-se a apresentar o sentido como momento constituinte e constituído da subjetividade, como aspecto definidor desta, enquanto é capaz de integrar formas diferentes de registro social (social, biológico, ecológico, semiótico, etc.) numa organização subjetiva que se define pela articulação complexa das emoções, processos simbólicos e significados (González Rey, 2001, p. 18).

Portanto, o sentido subjetivo transcende a dimensão individual e está profundamente ligado ao contexto histórico, social e cultural. As transformações no mercado de trabalho, caracterizadas pelo aumento do desemprego, pela insegurança, pela flexibilização das relações laborais e pelas dinâmicas do sistema capitalista, influenciam as vivências dos indivíduos e podem modificar os sentidos atribuídos ao trabalho.

González Rey (2007) reforça que, embora existam significados sociais compartilhados em torno do trabalho, o sentido que cada sujeito lhe atribui é sempre singular, emergente e relacional, resultante de uma articulação dinâmica entre o vivido, o emocional e o simbólico. Outro ponto defendido por González Rey (2017) é o papel central das emoções na constituição da subjetividade. As emoções são compreendidas como organizadoras da experiência e núcleo gerador dos sentidos subjetivos, o que ajuda a explicar por que situações semelhantes podem ser vividas como realização, ameaça ou indiferença por diferentes trabalhadores.

Um dos principais avanços desta teoria foi a formulação de categorias conceituais próprias para explicar o funcionamento da subjetividade, diferenciando-se de abordagens psicológicas, que a reduzem a consciência, cognição ou comportamento. Em seus escritos, o autor destaca que conceitos como sujeito, subjetividade, sentido pessoal e sentido subjetivo constituem núcleos fundamentais para a construção de uma psicologia capaz de apreender a complexidade da vida humana (González Rey, 2001; 2003; 2007).

A categoria de sujeito ocupa lugar de destaque nesse arcabouço. Para González Rey (2003), o sujeito não é apenas resultado de forças externas ou mero

reflexo das condições sociais. Ele é compreendido como um sistema aberto, histórico e ativo, que produz sentidos singulares no decorrer de sua trajetória. O sujeito age e cria, ressignificando significados sociais e construindo formas particulares de subjetivação. Essa concepção rompe com a visão do sujeito como entidade individual isolada e, ao mesmo tempo, com a visão determinista que o reduz a expressão mecânica de estruturas sociais (Fernandes e Lopes, 2023). Nesse ponto, há uma clara filiação à tradição histórico-cultural, mas também um avanço significativo, pois a ênfase recai sobre a criatividade e a capacidade de emergência do novo.

A noção de subjetividade, por sua vez, é entendida como um sistema simbólico-emocional que organiza a experiência humana. Para González Rey (2017), a subjetividade se constitui como um campo no qual se entrelaçam processos sociais e individuais, de modo que cada vivência singular é atravessada tanto por significados compartilhados culturalmente, quanto por sentidos subjetivos únicos. Essa formulação supera as dicotomias entre racionalidade e emoção, interno e externo, individual e social, propondo uma visão integrada e complexa. Como afirmam Souza e Torres (2019, p. 36), “a subjetividade é uma categoria que permite compreender a articulação do social e do individual como parte de um mesmo processo histórico-dialógico, sempre atravessado por dimensões simbólicas e emocionais”.

Aqui, torna-se necessário destacar a noção de subjetividade social. Para González Rey (2004), os grupos, instituições e espaços coletivos também produzem subjetividade, constituindo formas compartilhadas de sentir, interpretar e organizar a vida social. A subjetividade individual, portanto, não se forma isoladamente, mas em relação constante com essas produções coletivas, que configuram modos de existência e expectativas sociais sobre trabalho, sucesso, reconhecimento e pertencimento.

Nesse contexto, a distinção entre significado, sentido pessoal e sentido subjetivo ganha centralidade. Em artigo de 2007, González Rey discute a evolução dessas categorias no interior da psicologia histórico-cultural. Os significados, segundo ele, são formas culturais relativamente estáveis, socialmente compartilhadas e transmissíveis. Já o sentido pessoal refere-se à relação particular do indivíduo com esses significados, marcada por sua história e por suas vivências afetivas. O passo mais inovador da teoria está no conceito de sentido subjetivo, definido como unidade simbólico-emocional que integra as dimensões social e individual em uma configuração única, sempre dinâmica e em movimento (González Rey, 2007). Essa

formulação representa uma contribuição original: “o sentido subjetivo não é uma simples representação cognitiva, mas uma configuração simbólico-emocional que emerge na experiência concreta e se organiza em sistemas complexos de subjetividade” (González Rey, 2001, p. 25). Assim, compreender a subjetividade significa investigar como o sujeito produz sentidos subjetivos em sua trajetória, e não apenas mapear significados culturais ou padrões de comportamento (Fernandes e Lopes, 2023).

Aplicada ao campo laboral, essa concepção ajuda a compreender por que trabalhadores expostos às mesmas condições objetivas podem produzir sentidos subjetivos radicalmente distintos. A experiência do trabalho se converte em campo de tensões, contradições e criação subjetiva — ora produzindo prazer, ora sofrimento, ora ambivalência —, como evidenciam pesquisas recentes sobre trabalhadores universitários e jovens estudantes-trabalhadores (Costa, Marques e Ferreira, 2020; Campos et al., 2022).

A produção de sentidos subjetivos não ocorre de forma linear ou previsível, mas é marcada por tensões, contradições e processos dialógicos (Souza e Torres, 2019). A categoria de sentido subjetivo não é apenas um refinamento teórico, mas o elemento central para compreender como os sujeitos produzem sentidos subjetivos a partir de suas vivências. Para González Rey (2007), os sentidos subjetivos não existem isoladamente, mas se configuram em sistemas complexos de subjetividade que se organizam ao longo da história do sujeito. Esse processo não é estático nem determinado, mas dialético, marcado por contradições, tensões e criações. É justamente nessa imprevisibilidade que se encontra o potencial explicativo da Teoria da Subjetividade: captar o modo como o sujeito atribui valor, ressignifica experiências e gera novos caminhos de desenvolvimento, conforme Salgado, Aires e Santos (2018).

No campo metodológico, González Rey (2011) propõe a Epistemologia Qualitativa, defendendo que a subjetividade não pode ser captada por métodos lineares, descritivos ou padronizados. A informação é produzida na relação dialógica entre pesquisador e participante, e não simplesmente coletada. Para pesquisas sobre sentidos do trabalho, essa perspectiva oferece ferramentas teóricas e metodológicas potentes para acessar dimensões profundas da experiência subjetiva.

O conceito de subjetividade é abordado a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e complexa, em que ela não é vista como algo estático e universal na

natureza humana, mas sim como um sistema em evolução constante. Esse sistema contribui para a formação do sujeito concreto, ao mesmo tempo em que é moldado por ele, por meio da contínua produção de sentidos e significados nos diferentes contextos sociais em que ele se insere (González Rey, 2003; 2007; 2017; Souza e Torres, 2019).

A ideia proposta ultrapassa a simples divisão entre indivíduo e sociedade para analisar de maneira mais ampla as diversas formas como se organizam as diferentes esferas sociais. Dessa forma, o social e o individual estão interligados e se influenciam mutuamente, gerando uma estrutura social que vai além da simples soma dos indivíduos, mas sim uma rede pulsante e em constante movimento de relações sociais de cunho subjetivo refletidas nas configurações subjetivas que a constituem (Souza e Torres, 2019).

Outro ponto descrito por Souza e Torres (2019) é que os vários grupos e organizações em uma comunidade estão conectados, ou seja, suas estruturas não se restringem aos aspectos tangíveis que definem um ou outro grupo social. A criação de sentidos subjetivos que surgem das interações contraditórias entre as esferas sociais e individuais e suas repercussões gera uma diversidade de impactos em diferentes esferas da vida em sociedade, que não são visíveis em modelos objetivos e uniformizados de relações e comportamento social.

A partir dessa compreensão, pode-se afirmar que o trabalho é um dos espaços mais potentes de produção de subjetividade na contemporaneidade. É no cotidiano laboral que valores, normas, expectativas e emoções são vivenciados de modo intenso, dando origem a sentidos subjetivos que podem reforçar ou tensionar significados culturais mais amplos. Assim, o trabalho não deve ser entendido apenas como atividade econômica, mas como campo de subjetivação, no qual se produzem histórias de vida, identidades e configurações de sentido (Clot, 2007; González Rey, 2004).

A Teoria da Subjetividade, ao compreender a produção de sentidos como um processo dinâmico, histórico e contraditório, oferece um referencial potente para analisar a forma como diferentes grupos sociais atribuem significados ao trabalho. Essa perspectiva amplia a leitura das práticas laborais para além das estruturas objetivas, permitindo reconhecer que cada sujeito, mesmo condicionado pelas determinações sociais, ressignifica sua experiência e cria formas de interpretar sua realidade (González Rey, 2003; 2007; 2017; Souza e Torres, 2019). Assim, o trabalho

deixa de ser entendido apenas como imposição externa ou espaço de exploração e passa a ser concebido também como campo de criação, resistência e produção de novos sentidos.

Como já apontaram Rizzo e Chamon (2011), as experiências laborais, em especial de trabalhadores em início de carreira, são atravessadas por tensões que combinam exigências sociais e trajetórias pessoais ainda em elaboração. Estudos recentes sobre juventudes trabalhadoras mostram que esses sujeitos constroem sentidos subjetivos a partir da articulação entre expectativas de futuro, vivências emocionais e condições objetivas de trabalho (Santana e Ristum, 2022; Obregon et al., 2016).

Como destaca Clot (2007), o trabalho constitui um dos principais espaços de produção da subjetividade, pois mobiliza ações, normas, afetos e valores que são continuamente reinterpretados pelos sujeitos. Nessa linha, as análises críticas de Antunes (2000; 2020) mostram que, mesmo sob condições adversas impostas pelo capitalismo contemporâneo, o trabalho permanece como campo no qual emergem resistências, tensões e formas singulares de criação subjetiva. A Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey, reforça que essas vivências não se limitam à dimensão econômica, mas se expressam como sistemas simbólico-emocionais em constante transformação, nos quais o sujeito produz sentidos que podem convergir ou divergir dos significados socialmente instituídos (González Rey, 2017). Assim, compreender o trabalho significa reconhecê-lo como um território de subjetivação, no qual identidades, histórias e sentidos se configuram de maneira dinâmica e situada, como já indicado por Tolfo e Piccinini (2007).

As transformações contemporâneas do mundo do trabalho — flexibilização, incerteza, intensificação e volatilidade — têm impacto direto nas experiências de diferentes grupos de trabalhadores. Como reconhecem Campos et al. (2022) e Tibola, Raitz e Aquino (2020), processos de inserção profissional são atravessados tanto por expectativas de realização quanto por frustrações decorrentes das condições objetivas. Nesse cenário, torna-se particularmente relevante compreender como as gerações mais jovens articulam estudo, trabalho e futuro, construindo sentidos subjetivos sobre suas trajetórias — tema que será aprofundado na próxima seção, ao tratar especificamente da Geração Z.

2.5 Quem é esta Geração Z?

A compreensão das transformações recentes no mundo do trabalho requer atenção especial à entrada da chamada Geração Z, grupo que reúne os indivíduos nascidos, em geral, entre meados da década de 1990 e o início dos anos 2010 (Bharat e Mahanandia, 2018). Porém, não existe consenso sobre o recorte temporal exato, como aponta o estudo de Melo et al. (2019). Partindo desse raciocínio, foi feita uma busca através da palavra-chave “geração z” na plataforma Spell, para identificar o que autores brasileiros consideram como período determinante para ser considerado Geração Z. Foram encontrados 17 artigos, dispostos no quadro 7, revelando que não existe ou mesmo definição única nas pesquisas nacionais.

Nesse ponto, é importante reconhecer que a própria noção de “geração” é uma construção sociocultural. Como argumentam Freire Filho e Lemos (2008), categorias geracionais são produzidas por discursos midiáticos, acadêmicos e institucionais, não sendo realidades naturais e homogêneas. Assim, a ideia de Geração Z reflete tanto marcadores históricos quanto narrativas sobre quem são esses jovens. Bezerra et al. (2019) reforçam essa perspectiva ao destacar que a hiperconectividade, frequentemente atribuída a essa geração, não é apenas um traço técnico, mas um elemento estruturante de sua experiência cotidiana.

Quadro 7: Delimitação temporal da geração Z apontada busca por palavra-chave “geração z” na plataforma Spell no mês de setembro 2024.

Ano	Autores	Ano	Autores
1989	Ceretta e Fromming (2011)	1995	Pauli, Guadagnin e Rufatto (2020)
	Santos et al. (2019)		Silvia, Mitiko e Silvia (2023)
1990	Melo et al. (2019)	1996	Scharf, Rosa e Oliveira (2012)
	Saciloto et al. (2019)		Munz e Mascena (2023)
	Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2019)		Leite et al. (2021)
	Rodrigues, Carvalho Neto e Diniz (2021)		Bispo et al. (2022)
1993	Obregon et al. (2016)	sem data	Ferreira e Giuliane (2022)
	Jacques et al. (2015)		Lima e Silva (2022)
	Sousa e Colanto (2021)		Resende e Dubeux (2020)
	Bezerra et al. (2019)		

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Apesar de se buscar um ano de corte, é necessário levar em consideração o alerta que Torres et al. (2020) traz em seu artigo: ao estudar uma geração como se fosse homogênea, requer-se uma atenção para entender as diferenças internas, a fim

de compreender as individualidades e desigualdades por razões históricas, sociais e culturais, evitando generalizações baseadas apenas na faixa etária.

Esses jovens cresceram em um cenário marcado pela expansão da internet, pela presença constante das redes sociais e pela aceleração tecnológica. Tal contexto formativo, segundo Bezerra et al. (2019), produziu uma geração hiperconectada, para a qual a interação digital é parte constitutiva da vida cotidiana. Não se trata apenas de jovens que utilizam a tecnologia como instrumento de mediação, mas de sujeitos que constroem sua identidade e seus modos de estar no mundo por meio da conectividade. Como afirmam os autores, “a Geração Z é marcada pelo acesso irrestrito à informação, pela facilidade de comunicação em rede e pela rapidez na assimilação de novas tecnologias, elementos que redefinem suas expectativas em relação ao trabalho e às organizações” (Bezerra et al., 2019, p. 137).

Essa dinâmica tecnológica também tem implicações subjetivas profundas. Fernandes e Lopes (2023) observam que a intensificação da vida digital reorganiza modos de atenção, vínculo social e percepção de produtividade, produzindo novas formas de subjetivação entre jovens adultos. Esses autores enfatizam que a relação da Geração Z com o trabalho é atravessada por expectativas de imediatismo, estimulação constante e desempenho acelerado, elementos diretamente moldados pelo ambiente tecnológico em que cresceram.

Esse perfil é também discutido em termos globais. Bharat e Mahanandia (2018), ao analisarem a entrada da Geração Z no mercado de trabalho, destacam que as empresas precisam de estratégias sustentáveis para atrair e reter esses jovens, que tendem a valorizar flexibilidade, inovação e aprendizado contínuo. Para os autores, não se trata de uma geração menos comprometida, mas de uma geração que estabelece novos parâmetros para a relação com as organizações. A busca por sentido e autonomia aparece como eixo central, o que exige das empresas uma revisão sobre práticas de gestão baseadas em hierarquias rígidas e estruturas inflexíveis. Segundo eles, “*Generation Z does not accept traditional organizational cultures without questioning them, demanding spaces for innovation and personal growth*” (Bharat e Mahanandia, 2018, p. 36).

No Brasil, a análise da identidade da Geração Z também tem recebido atenção. Melo et al. (2019), ao investigarem jovens inseridos no ambiente de startups, evidenciam que esse grupo busca ambientes de trabalho horizontais, marcados pela cooperação e pela experimentação. Os autores apontam que esses jovens se sentem

mais engajados quando percebem espaço para expressar suas ideias, testar projetos e interagir de forma colaborativa. Tal resultado reforça a percepção de que a Geração Z, mais do que aceitar passivamente o mundo do trabalho, reivindica um papel ativo na sua configuração. A flexibilidade, nesse sentido, não é apenas uma condição desejável, mas um valor estruturante dessa geração.

Já Freire Filho e Lemos (2008) discutem os imperativos de conduta atribuídos à chamada “geração digital” pela mídia impressa brasileira, destacando como discursos de performance, inovação e hiperatividade foram associados a esses jovens desde cedo. Segundo os autores, a representação midiática contribuiu para consolidar um imaginário no qual a juventude digital deveria estar constantemente conectada, produzindo e respondendo com rapidez às demandas. Essa construção cultural gerou efeitos subjetivos significativos, uma vez que estabeleceu padrões de comportamento que influenciam a maneira como esses indivíduos se relacionam com os estudos, com as interações sociais e com o trabalho. Como observam, “o discurso midiático institui a velocidade e a conectividade como marcas identitárias da juventude contemporânea, configurando expectativas que extrapolam o campo tecnológico e se projetam nas formas de sociabilidade e de inserção profissional” (Freire Filho e Lemos, 2008, p. 15).

A identidade da Geração Z, portanto, é marcada por tensões. De um lado, há o potencial inovador e a valorização da diversidade de experiências; de outro, há o peso das expectativas sociais que demandam adaptação rápida, multifuncionalidade e engajamento constante. Bezerra et al. (2019) destacam que esses jovens, apesar de demonstrarem elevada capacidade de lidar com múltiplas informações simultaneamente, frequentemente enfrentam sobrecarga e dificuldades de concentração, o que pode repercutir em sua relação com o trabalho, gerando sentimento de não dar conta de tudo. O próprio ambiente digital, ao mesmo tempo em que favorece autonomia e aprendizado, também acentua sentimentos de pressão e ansiedade. Fernandes e Lopes (2023) complementam essa análise ao argumentar que a intensificação tecnológica gera impactos no indivíduo que se expressam tanto em novas formas de sociabilidade, quanto em novas formas de sofrimento.

Essa busca por autonomia e propósito dialoga diretamente com achados de Costa, Marques e Ferreira (2020), que mostram que jovens estudantes-trabalhadores atribuem sentido ao trabalho quando identificam possibilidades de desenvolvimento, reconhecimento e articulação entre vida pessoal e profissional. De modo semelhante,

Costa et al. (2023) identificaram que aprendizes atribuem valor ao trabalho não apenas pela remuneração, mas pela oportunidade de pertencer, aprender e participar de algo significativo. Assim, a relação entre juventude e trabalho precisa ser compreendida em interação com valores subjetivos que orientam suas escolhas.

Freire Filho e Lemos (2008) relatam que a introdução precoce à tecnologia resultou em uma vivência única para essa nova geração em comparação às anteriores. Diante do vasto leque de inovações proporcionadas pela internet, surge o sentimento de obrigação constante de permanecer conectado. Ademais, os estudiosos ressaltam que, devido à inexistência de uma realidade sem os dispositivos móveis, os pensamentos e raciocínios desses jovens foram significativamente moldados por uma mentalidade que prioriza a complexidade e velocidade tecnológica.

Santos et al. (2023), em seu artigo sobre revisão bibliográfica acerca da influência das mídias nos jovens, chegam à conclusão de que a maioria dos artigos demonstram influência notória na relação do mau uso das redes sociais com o surgimento de malefícios para a saúde mental. Ainda apontam que a quantidade de horas on-line não foi determinante para a indicação da influência ou não na identificação de transtornos mentais.

Essas pressões se inserem no que Han (2017) denomina “sociedade do cansaço”, marcada pela autoexigência e pela intensificação da performance, fenômeno particularmente evidente entre jovens hiperestimulados. Dias et al. (2019) complementam essa análise ao demonstrar que discursos gerencialistas reforçam processos de responsabilização individual, aumentando sentimentos de inadequação e desgaste emocional, especialmente entre jovens submetidos a expectativas elevadas de produtividade.

A literatura sobre a Geração Z tem destacado de forma recorrente a centralidade do trabalho significativo para esses jovens. Obregon et al. (2016), em pesquisa com estudantes de escolas públicas e privadas, identificaram que as aspirações de carreira dessa geração vão além da estabilidade financeira ou da ascensão hierárquica, estando profundamente vinculadas à busca por propósito, impacto social e realização pessoal. Os autores observam que “a Geração Z demonstra interesse em carreiras que lhe possibilitem aprendizado contínuo, desenvolvimento de competências e contribuição efetiva para a sociedade” (Obregon et al., 2016, p. 95). Tal constatação evidencia que, para esses jovens, a experiência

profissional está intrinsecamente ligada à construção de identidade e ao desejo de alinhar valores pessoais com valores organizacionais.

No mesmo sentido, Saciloto et al. (2017), ao investigarem as expectativas da Geração Z em uma empresa de grande porte, verificaram que, embora a remuneração e a segurança no emprego permaneçam como fatores relevantes, não são suficientes para garantir engajamento e retenção. O estudo mostra que esses profissionais esperam ambientes de trabalho que favoreçam sua participação ativa, o reconhecimento por seus esforços e a oportunidade de crescimento acelerado. Segundo os autores, “a expectativa de reconhecimento e de ascensão rápida aparece como um traço marcante da Geração Z, que associa sucesso profissional a trajetórias menos lineares e mais dinâmicas” (Saciloto et al., 2017, p. 12). Essa tendência sinaliza uma ruptura com os modelos tradicionais de carreira, baseados na estabilidade e na progressão gradual.

Contudo, a mesma ênfase na busca por sentido e reconhecimento traz desafios às organizações. Leite et al. (2022) abordam o fenômeno do *opt-out*, em que profissionais da Geração Z decidem deixar empresas que não atendem suas expectativas de flexibilidade, bem-estar e propósito. O estudo aponta que esses desligamentos voluntários não são necessariamente expressão de descomprometimento, mas de incongruência entre valores individuais e valores institucionais. Como afirmam, “o *opt-out*¹³ da Geração Z reflete menos uma falta de resiliência e mais uma recusa a permanecer em contextos que não proporcionam sentido e qualidade de vida” (Leite et al., 2022, p. 15).

Essa tendência conecta-se à discussão realizada por Lemos, Pinto e Silva (2017), que investigaram o mal-estar de jovens em organizações tradicionais e constataram que a falta de escuta, a rigidez de normas e a ausência de reconhecimento subjetivo têm levado muitos a abandonar o mundo corporativo. Os autores destacam que “os jovens rejeitam formas de gestão centradas exclusivamente em metas e resultados, e buscam relações de trabalho mais dialógicas e horizontais” (Lemos, Pinto e Silva, 2017, p. 710).

Outro aspecto relevante é que a Geração Z atribui grande valor à aprendizagem contínua e à possibilidade de transitar entre diferentes experiências. Bezerra et al. (2019) ressaltam que esses jovens não enxergam o trabalho como um

¹³ O termo *opt-out* significa recusar-se ou optar por não participar de algo.

destino fixo, mas como um processo em constante transformação. Essa busca por diversidade e propósito conecta-se às análises de Bharat e Mahanandia (2018), que defendem a necessidade de as organizações desenvolverem estratégias de gestão de talentos orientadas para a sustentabilidade. Para eles, reter a Geração Z exige oferecer não apenas benefícios materiais, mas também um ambiente que estimule a inovação, o equilíbrio entre vida pessoal e profissional e a valorização da autenticidade. Caso contrário, o risco de rotatividade elevada será inevitável. Como sintetizam: “*organizations must focus on creating workplaces where Generation Z feels empowered, respected, and able to contribute meaningfully*” (Bharat e Mahanandia, 2018, p. 37).

No cenário latino-americano, Novella et al. (2018) destacam que as trajetórias dos jovens são marcadas por descontinuidades entre estudo, empregos precários e períodos de inatividade, dificultando o estabelecimento de carreiras estáveis. No Brasil, iniciativas como o relatório do Canal CIEE (2023) evidenciam desafios adicionais, como o descompasso entre formação e oportunidades disponíveis, ampliando a vulnerabilidade ocupacional desse grupo.

Grande parte dos jovens da Geração Z tem enfrentado múltiplas dificuldades de inserção no mercado de trabalho, agravadas pelo contexto recessivo e pela instabilidade econômica. De acordo com Corseuil, Franca e Poloponsky (2020), além do aumento expressivo da taxa de desemprego juvenil a partir de 2015, um fator determinante foi a maior permanência dos jovens nessa condição. Além disso, Corseuil, Franca, e Poloponsky, (2020) ressaltam que a permanência prolongada no desemprego tende a produzir efeitos negativos de longo prazo, como o desestímulo à busca por trabalho (desalento) e a inserção em ocupações de baixa qualidade, frequentemente marcadas pela informalidade e pela baixa remuneração. Entre 2015 e 2019, observou-se uma elevação da taxa de informalidade e do trabalho por conta própria entre os jovens, indicando que muitos deles, diante das barreiras para acessar empregos formais, acabaram aceitando postos mais precários Corseuil, Franca, e Poloponsky, (2020). Tal cenário reforça a ideia de que os impactos da crise econômica não se limitam ao aumento do desemprego, mas também comprometem a qualidade das oportunidades disponíveis.

A OMS (2022) advoga que jovens foram um dos grupos mais vulneráveis aos impactos emocionais da pandemia, especialmente aqueles conciliando estudo e trabalho, enquanto a OIT (2022) aponta que a insegurança laboral agravou sintomas

de ansiedade e desesperança. No Brasil, Leandro, Sobrinho e Abramo (2024) identificam deterioração significativa dos indicadores de saúde mental juvenil entre 2016 e 2022, mostrando que condições estruturais do trabalho influenciam diretamente o bem-estar psicológico dessa geração.

Um contraponto interessante à causa do surgimento do adoecimento da Geração Z é que ela ingressou no mercado de trabalho às vésperas do advento da pandemia de COVID-19 e sofreu o impacto desta condição. O sofrimento psicológico observado entre os estudantes universitários analisados nas pesquisas realizadas se manifestou por meio de estresse, sensação de impotência diante do isolamento, desconforto com a vigilância constante, apreensão em relação às medidas preventivas, receio de perder entes queridos, inquietação com a situação econômica do país, além de sintomas de ansiedade e depressão. Também foram relatadas dores de cabeça, irritabilidade, autoisolamento, falta de interesse em atividades, angústia e até transtornos alimentares (Gundim et al, 2020).

Nesse sentido, de acordo com Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2023), pode-se deduzir que os jovens da Geração Z, frente aos desafios e fracassos enfrentados no ambiente profissional, começaram a lidar com uma pressão psicológica mais intensa e a sentir um desgaste emocional acentuado, os quais, além de gerarem grande angústia e, conseqüentemente, afetarem sua saúde física e mental, também influenciaram suas interações sociais e familiares.

Continuam Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2023) que, além de se dedicarem aos estudos, os jovens que fizeram parte desse estudo buscaram alternativas para contornar o desemprego e garantir uma renda. Muitos optaram por empreender ou atuar em atividades informais. Foi observado que uma parte significativa dos entrevistados se envolvia em trabalhos informais ou já havia iniciado seu próprio negócio.

A análise sobre a Geração Z evidencia que, embora compartilhem um mesmo contexto histórico e tecnológico, esses jovens não vivenciam o trabalho de modo homogêneo. Suas experiências são atravessadas por múltiplas contradições, que envolvem tanto o desejo de autonomia e propósito quanto a pressão por desempenho e estabilidade. Essa heterogeneidade confirma a proposição de González Rey (2007; 2017) sobre a singularidade das experiências, evidenciando que os jovens elaboram sentidos distintos mesmo quando expostos às mesmas condições estruturais — como precarização, hiperconectividade ou pressões por desempenho. Dessa forma, no caso

da Geração Z, o trabalho torna-se um espaço no qual cada indivíduo reorganiza experiências, expectativas e contradições de maneira própria, produzindo interpretações singulares sobre carreira, futuro e realização.

Assim, estudar a Geração Z vai além de descrever tendências; exige compreender como esses jovens atribuem sentido ao trabalho a partir de suas experiências concretas, expectativas e contradições. Essa abordagem permite captar como reinterpretam estudo, carreira e futuro em um contexto marcado por rápidas mudanças tecnológicas e sociais.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos revelam a consistência e a coerência dos referenciais teórico e metodológico para assegurar a cientificidade de um trabalho acadêmico. Conforme Faria, Maranhão e Meneghetti (2011, p.9), “é preciso haver uma conciliação necessária entre as técnicas mais apropriadas de pesquisa, a dimensão epistemológica e a metodologia nela contida e que lhe corresponde”. Neste sentido, o relacionamento do sujeito pesquisador com a complexidade do conteúdo de seu objeto de estudo é fortalecido pela epistemologia escolhida, que lhe servirá de base neste processo. Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Para isso, os próximos tópicos descrevem o tipo e método de pesquisa, os sujeitos da pesquisa, a coleta de dados e a análise de dados.

3.1 Revisão integrativa

Caracterizada como uma pesquisa de natureza qualitativa, que visa entender o contexto social através da análise das percepções dos envolvidos (Bryman e Bell, 2011), esta investigação teve início com uma revisão integrativa. Essa abordagem consiste em organizar a literatura existente sobre um determinado tema, com o objetivo de reunir informações relevantes. A pesquisa busca estabelecer mecanismos que ajudem a definir as etapas metodológicas (Souza, Silva e Carvalho, 2010). Os métodos utilizados na revisão integrativa foram descritos em detalhe ao longo de seu desenvolvimento e podem ser consultados na seção 2.1 Revisão integrativa (no capítulo Referencial Teórico) desta dissertação.

3.2 Pesquisa de Campo

A perspectiva epistemológica do construtivismo social parte da compreensão de que o conhecimento não é um reflexo passivo da realidade, mas uma construção ativa mediada pelas interações sociais e culturais. Pedro Demo (1985) enfatiza que o conhecimento é historicamente situado e permanentemente inacabado, o que implica reconhecer o caráter processual e crítico da produção científica, ou seja, “conhecer é,

em essência, construir, e não apenas reproduzir” (Demo, 1985, p. 24), o que desloca a ênfase do acúmulo de informações para a capacidade reflexiva e transformadora do sujeito em seu contexto social. Nesse sentido, o construtivismo social rejeita concepções de neutralidade e objetividade absolutas, entendendo que todo saber emerge de práticas humanas situadas em relações de poder, linguagem e historicidade.

Ao defender uma postura crítica e reconstrutiva diante do conhecimento, Demo (1985) argumenta que a ciência deve ser compreendida como prática social, orientada não apenas para a descrição da realidade, mas para sua problematização e transformação. Nessa linha, o construtivismo social assume que a produção de saberes ocorre em diálogo constante com a realidade, mas sempre mediada por interpretações, valores e disputas simbólicas. Essa perspectiva não apenas amplia a compreensão do processo científico, mas também valoriza o papel ativo do sujeito e das coletividades na construção de significados, estabelecendo uma epistemologia voltada à criticidade, à democracia e à emancipação social.

González Rey (2011) também critica essa postura, pois ela desconsidera a complexidade do sujeito em sua singularidade. Em vez disso, defende uma epistemologia qualitativa que valoriza a interpretação, a construção de sentidos e o papel ativo do pesquisador no processo de investigação. Nesse sentido, a produção do conhecimento não é entendida como reprodução fiel de uma realidade externa, mas como construção dialógica mediada pelos sentidos subjetivos que emergem na relação entre pesquisador, participante e contexto.

Essa inflexão epistemológica aproxima a teoria de uma visão crítica da ciência. Segundo González Rey (2017, p. 35), “o conhecimento psicológico não pode reduzir-se a categorias objetivas independentes do sujeito; ele é sempre uma produção simbólico-emocional que se atualiza nas relações concretas”. Essa afirmação desloca a pesquisa do terreno da neutralidade e da objetividade absoluta para uma perspectiva construtivo-interpretativa, na qual a subjetividade do pesquisador também é reconhecida como parte constitutiva do processo científico.

A epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2011) representa, nesse contexto, uma ferramenta metodológica essencial. Ao propor a construção de modelos teóricos a partir de casos singulares, o autor legitima a singularidade como unidade de análise científica. Essa perspectiva se contrapõe à lógica da generalização estatística e ao predomínio da quantificação, permitindo que fenômenos complexos,

como a subjetividade, sejam estudados em sua riqueza e especificidade. Como sintetiza González Rey (2017, p. 42), “a singularidade não é uma exceção, mas expressão legítima da subjetividade em movimento”.

Esse posicionamento teórico-metodológico abre caminho para uma compreensão mais ampla dos processos humanos. Ao reconhecer a centralidade da subjetividade, González Rey (2011) reposiciona o papel do sujeito no centro da pesquisa, não como objeto de estudo passivo, mas como agente criativo, produtor de sentidos e protagonista de sua própria história. Essa mudança de perspectiva tem implicações profundas não apenas para a teoria, mas também para a prática da pesquisa psicológica e para o campo aplicado, como será desenvolvido nas seções seguintes deste capítulo.

Este trabalho foi delineado tendo em vista a abordagem de pesquisa qualitativa. Conforme expõe Creswell e Creswell (2021), a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, ou seja, significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Tal interpretação partiu do desenvolvimento da descrição do ambiente, do convívio entre os indivíduos e da análise de dados, identificando categorias/temas para que, ao final, possibilitem inferir conclusões sobre seu significado.

A pesquisa qualitativa aborda questões específicas e, nas ciências sociais, foca em um nível de realidade que não é passível de quantificação. Conforme indicado por Bryman e Bell (2011), essa forma de pesquisa empírica investiga fenômenos atuais em seus contextos autênticos, valendo-se de diversas fontes de evidência. Isso significa que a pesquisa qualitativa lida com um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, explorando as dimensões mais profundas das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à mera operacionalização de variáveis (Minayo, 2001).

Creswell e Creswell (2021, p.187) continua: “O pesquisador qualitativo usa um raciocínio complexo multifacetado, interativo e simultâneo”. Apesar de o raciocínio ser em grande parte indutivo, têm-se a fusão de processos indutivos com os dedutivos, à medida que a observação acalenta, na sua elaboração prévia, métodos de formulação constitutiva da problemática.

O pesquisador qualitativo vê os fenômenos sociais holisticamente. Isso explica por que estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises. Quanto mais complexa, interativa e

abrangente a narrativa, melhor o estudo qualitativo. Os modelos gráficos multifacetados de um processo ou de um fenômeno central ajudam a estabelecer esse quadro holístico (Creswell e Creswell, 2021, p.187).

Na visão de que o conhecimento é um processo contínuo de construção e não algo fixo, González Rey (2017) argumenta que, no contexto em que um fenômeno se manifesta, podem surgir questões implícitas que exigem do pesquisador uma constante reavaliação de seus métodos. Isso deve ser feito com base nas novas informações e dados que emergem ao longo da pesquisa. Assim, a abordagem qualitativa defendida por González Rey se caracteriza por um movimento dinâmico de definição e redefinição, que se ajusta às decisões e escolhas metodológicas ao longo de toda a investigação.

Para González Rey (2011), a pesquisa, portanto, não segue um padrão fixo, nem é aleatória. Durante o desenvolvimento da investigação, o pesquisador se depara frequentemente com novos problemas e desafios. Ele evita seguir uma sequência pré-definida para as diferentes etapas do processo, e sim orienta-se por suas próprias ideias, conceitos e escolhas, que fazem parte do complexo contexto do estudo. Porém, ao destacar o papel ativo do pesquisador, não se ignora a importância da atuação do próprio objeto de estudo, que também é ativo e participa desse processo muito mais do que o pesquisador imagina.

González Rey (2017) argumenta que o conhecimento possui um caráter construtivo-interpretativo, o que significa que deve ser compreendido como uma produção, em vez de uma simples apropriação linear da realidade que se nos apresenta. Segundo o autor, em pesquisas dessa natureza, a abordagem qualitativa valida o aspecto construtivo-interpretativo por meio de uma interação dialógica entre o entrevistador e o entrevistado.

Na pesquisa qualitativa, as categorias e palavras-chave são ferramentas importantes para organizar, analisar e interpretar os dados coletados. Elas ajudam a identificar padrões e temas significativos, permitindo que o pesquisador desenvolva uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado. Segundo Creswell e Creswell (2021), a utilização adequada de categorias e palavras-chave contribui para a validade e a confiabilidade da pesquisa qualitativa, tornando os resultados mais claros e compreensíveis. As palavras-chave são termos ou frases específicas que representam conceitos ou ideias importantes encontradas nos dados. Nesse sentido, as questões orientadoras das entrevistas foram elaboradas a partir da definição a

priori de categorias, apoiadas na literatura do sentido do trabalho e subjetividade: “jovem”, “Geração Z” e “sentido do trabalho”, descritas no capítulo Referencial Teórico.

A perspectiva temporal na pesquisa se refere à consideração e análise dos aspectos temporais dos fenômenos estudados ao longo do tempo. Ela é uma dimensão essencial em muitos estudos, pois permite entender como os fenômenos se desenvolvem, mudam e evoluem ao longo de diferentes períodos. A perspectiva temporal desta pesquisa foi transversal, ou seja, coleta dados de forma pontual, analisando uma situação ou fenômeno em um único momento.

O método de análise dos dados fundamentou-se na abordagem construtivo-interpretativa, na qual a análise ocorreu por meio de um diálogo entre o pesquisador e o participante da pesquisa. Essa metodologia é compreendida como um processo interativo entre um orientador e um complementar, em que ambos colaboram na construção e interpretação, sendo esses dois componentes integrados em um único processo:

A pesquisa construtivo-interpretativa define a ação de pesquisa como simultaneamente teórica e dialógica. [...] o momento empírico nas ciências humanas não é de ‘coleta’ de evidências que aparecem diretamente no comportamento, modelo que tem funcionado com fundamento em uma lógica de pergunta-resposta-indução. Compreender o momento empírico como teórico e dialógico implica sua definição como sistema de relações dentro das quais se desenvolve o processo de pesquisa (González Rey, 2017, p. 87).

O processo de interpretação das informações se estende ao longo de toda a pesquisa, permitindo que o pesquisador desenvolva novos significados (Rossato e Martinez, 2017). Este método transcende a simples coleta de dados, estabelecendo uma relação dialógica entre o pesquisador e o pesquisado. Essa interação possibilita que o pesquisador reflita sobre determinados temas e descubra outros que, muitas vezes, não estavam previamente em sua consideração. Juntos, o pesquisador e o pesquisado reconstruem a teoria e, por meio dela, buscam os significados gerados, tanto para o pesquisador quanto para o sujeito da pesquisa, resultando em novos entendimentos. Nesse contexto, não se trata apenas de validar uma teoria por meio do relato do pesquisado; há uma reflexão sobre diferentes interpretações, que gera novos conhecimentos (González Rey, 2011).

Sob essa abordagem dialógica entre os indivíduos, “o homem não pode ser apenas objeto de uma explicação, produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também compreendido, processo esse que supõe duas consciências,

dois sujeitos, portanto, dialógico” (Freitas, 2002, p. 25). Nesse tipo de relação, ocorre uma ressignificação dos sujeitos que participam do processo de pesquisa:

(...) resulta que o pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, de transformações. Ele se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa (Freitas, 2002, p. 26).

Cada investigador elabora e redefine o problema de investigação a partir de suas experiências e percepções sociais, históricas, culturais e, essencialmente, epistemológicas, as quais permitem identificar a existência de um problema de pesquisa. O aspecto construtivo refere-se à capacidade do pesquisador de gerar compreensões a partir das informações coletadas; à medida que ele se depara com novos dados, sua percepção é moldada através de reflexões e induções ao longo de todo o processo de pesquisa (Rossato e Martinez, 2017).

Para dar continuidade às demonstrações específicas dos procedimentos metodológicos desta investigação, é importante que a questão direcionadora seja retomada. Deste modo, questiona-se: quais os sentidos do trabalho para o jovem estudante e trabalhador de uma IES de Curitiba-PR a partir de suas histórias profissionais e sob a ótica da Teoria da Subjetividade?

3.2.1 Sujeitos da Pesquisa

A reflexão de Bryman e Bell (2011) sobre os participantes em pesquisas qualitativas destaca que o objetivo não é representar numericamente uma população, mas compreender em profundidade os significados produzidos pelos sujeitos. Para os autores, a escolha dos participantes deve considerar a relevância de suas experiências para o fenômeno estudado, e não a quantidade de casos incluídos. Nesse tipo de investigação, o envolvimento tanto do pesquisador quanto dos participantes requer tempo, escuta e disponibilidade para o diálogo. Assim, o foco recai sobre a qualidade das narrativas e sobre a riqueza interpretativa que elas possibilitam, e não sobre a generalização dos resultados.

Creswell e Creswell (2021) reforça essa compreensão ao afirmar que o número de participantes em uma pesquisa qualitativa deve ser suficiente para permitir uma análise profunda e significativa do fenômeno, variando conforme o tipo de

abordagem utilizada. Para ele, a escolha do público deve ser intencional, escolhida pela relevância dos sujeitos para o objeto de estudo. Nesse sentido, a preocupação central não é com o número dos pesquisados, mas com a densidade interpretativa que emerge das narrativas.

Complementando essa perspectiva, González Rey (2017) argumenta que, em pesquisas qualitativas, ao determinar o número de participantes, nos distanciamos da noção de amostra, uma vez que esse conceito, tal como é entendido na epistemologia positivista, desconsidera as particularidades dos sujeitos e sua capacidade de abordar diferentes aspectos do problema em investigação. Adicionalmente, Bauer e Gaskell (2003) sugerem o termo seleção de respondentes, que tem como objetivo enfatizar que, em entrevistas qualitativas, não se deve aplicar critérios de amostragem para generalização, como ocorre na pesquisa quantitativa, pois o objetivo é explorar opiniões existentes e alcançar diversas representações sobre o tema.

Neste estudo, a definição de jovens foi baseada nos parâmetros da Política Nacional de Juventude e no Estatuto da Juventude, conforme estabelecido pela Lei nº 12.852, que define jovens como indivíduos com idades entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013). Os dados foram coletados em uma IES em Curitiba-PR, buscando atender aos critérios dessa faixa etária, assim como assegurar que os participantes fossem estudantes devidamente matriculados e trabalhadores.

O conceito de trabalhador foi restrito àqueles com contrato regido pelas normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e um mínimo de um ano de experiência profissional nesse tipo de contratação. A escolha pelo vínculo CLT, em detrimento de modalidades como estágio ou prestação de serviços ou PJ, fundamenta-se na intenção de investigar o sentido do trabalho a partir de experiências em que o indivíduo efetivamente participa da dinâmica organizacional, com responsabilidades e condições semelhantes às de um trabalhador formal. Estagiários e profissionais autônomos vivenciam formas mais transitórias e menos regulamentadas de inserção laboral, o que poderia implicar relações diferentes com o trabalho e com a própria identidade profissional. Assim, o vínculo formal foi considerado um critério importante para assegurar comparabilidade entre os participantes e profundidade nas análises sobre o modo como constroem sentidos subjetivos em torno do trabalho e de sua trajetória profissional.

O critério de experiência mínima de um ano foi adotado para assegurar que os participantes tivessem tempo suficiente de vivência no ambiente de trabalho para

elaborar reflexões consistentes sobre sua relação com o emprego e o significado que atribuem ao trabalho. Períodos muito curtos de inserção profissional poderiam representar experiências ainda em fase de adaptação, sem que houvesse um contato efetivo com a rotina, a cultura e as exigências organizacionais. A exigência de permanência superior a um ano permitiu, assim, que os relatos expressassem sentidos subjetivos mais consolidados, resultantes de um envolvimento contínuo com a prática laboral e com as dinâmicas institucionais que a constituem. Adicionalmente, buscou-se garantir uma diversidade de participantes, conforme descrito no quadro abaixo.

Quadro 8: Resumo dos critérios para a participação dos sujeitos nas pesquisas em função à diversidade de perfil.

Critério inclusão de sujeitos	Qtde Sujeitos
Jovem do gênero masculino	Pelo menos 01
Jovem do gênero feminino	Pelo menos 01
Jovem com idade entre 18 e 21 anos	Pelo menos 01
Jovem com idade entre 25 e 28 anos	Pelo menos 01
Jovem com até 3 anos de experiência profissional	Pelo menos 01
Jovem com mais de 3 anos de experiência profissional	Pelo menos 01
Jovem com vivência em 1 empresa somente	Pelo menos 01
Jovem com vivência de mais de 1 empresa	Pelo menos 01
Jovem cursando curso 01	Pelo menos 01
Jovem cursando curso 02	Pelo menos 01

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

3.2.2 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão e exclusão de sujeitos de pesquisa são condições que definem quem pode participar e quem deve ser excluído de um estudo. Eles são essenciais para garantir a qualidade dos resultados e a segurança dos participantes. Os critérios de inclusão são as características que os sujeitos devem ter para participar do estudo. Já os critérios de exclusão são as características ou circunstâncias que impedem a participação do sujeito, mesmo que ele preencha os critérios de inclusão. Seguem abaixo os critérios de inclusão e exclusão utilizados para esta pesquisa:

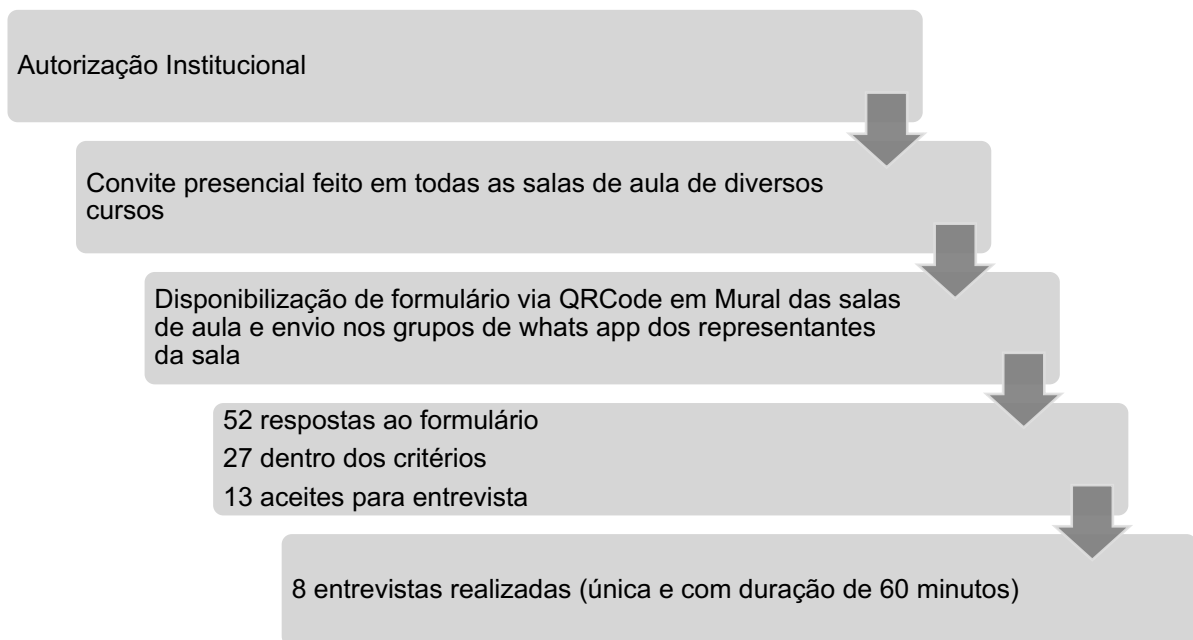
a) Inclusão: (I) ter nascido a partir de 1990 e ter mais que 18 anos; (II) estar cursando Ensino Superior presencial; (III) estar trabalhando há mais de um ano na mesma empresa com contrato formal de trabalho.

- b) Exclusão: (I) estar em férias ou qualquer forma de licença no período da pesquisa; (II) estar trabalhando como estagiário.

3.2.3 Etapas da Pesquisa de Campo

A realização da pesquisa seguiu um conjunto de etapas organizadas de forma sequencial, desde a autorização da instituição até a conclusão das entrevistas com os participantes. Essas fases compuseram o percurso metodológico da coleta de dados, orientado pelos critérios de inclusão e exclusão definidos previamente. A Figura 2 a seguir apresenta, de modo sintético, as etapas que estruturaram o processo de obtenção dos dados empíricos, permitindo visualizar o caminho percorrido até a formação do grupo de participantes. A seguir será descrito de maneira detalhada o percurso a formação do grupo de pesquisados.

Figura 2: Síntese das etapas da formação do corpus da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O acesso aos sujeitos da presente pesquisa ocorreu a partir da autorização da instituição, por meio de uma carta assinada pelo responsável pela coordenação do curso (Apêndice B) e do acesso às salas de aula para realizar o convite pessoalmente aos alunos da IES: Centro Universitário do Paraná (Unicesumar) pelo coordenador de curso. A escolha da IES se deu pela proximidade da pesquisadora, que exerce a

função de docente no ensino superior em cursos de Administração e Psicologia, desde 2022, na instituição. Com mais de 30 anos de experiência no cenário educacional, a Unicesumar possui 400 mil alunos, distribuídos em 6 campi presenciais (Maringá, Curitiba, Londrina, Ponta Grossa, Corumbá e Campo Grande) e 1.000 polos de educação à distância presentes em todos os estados brasileiros. A instituição oferece mais de 100 cursos de graduação, em áreas como Ciências Humanas, Exatas, Engenharias, Saúde, Gestão e Tecnologia.

Para selecionar os estudantes, foi enviado um formulário de levantamento de interesse (Apêndice C), elaborado na ferramenta *Google Forms*, para os estudantes da IES, solicitando o aceite para participar da pesquisa e dados de perfil para permitir a inclusão ou exclusão dos participantes a partir dos critérios de diversidade de perfil, critérios de inclusão e de exclusão descritos acima. O formulário contou com as seguintes informações:

- a) Nome;
- b) Data de nascimento;
- c) Gênero;
- d) Curso superior que está frequentando;
- e) Se está trabalhando atualmente, modelo de contrato e há quanto tempo;
- f) Cargo atual;
- g) Se neste momento está de férias ou algum tipo de licença;
- h) Experiências profissionais em outras empresas e o tempo total.

O formulário foi disponibilizado durante o mês de maio e junho/2025, sendo feitos reforços em sala de aula para incentivar a participação. Foram recebidas 52 respostas, sendo que, destas, somente 27 atendiam aos critérios da pesquisa. Os 25 respondentes que não foram considerados para a entrevista enquadravam-se a diversos critérios de exclusão, tais como: não estavam trabalhando (4 respondentes), trabalhavam como “*free lance*” ou “contrato PJ” (6 respondentes), estagiavam (8 respondentes), possuíam idade acima de 29 anos (6 participantes) ou não estavam estudando (1 participante).

Após a seleção dos participantes, lhes foi enviada mensagem via *WhatsApp*. Dos 27 indivíduos de pesquisa, 13 responderam à mensagem e somente 8 realizaram a entrevista, conforme no Quadro 9 descrito abaixo.

As entrevistas foram agendadas previamente, sendo realizadas no formato on-line, via plataforma *Google Meet*, em espaço fechado, com fone de ouvido e câmara aberta para garantir a privacidade e o sigilo dos conteúdos expostos na entrevista, bem como um ambiente tranquilo para que o sujeito pudesse falar livremente. As entrevistas aconteceram durante o mês de julho e agosto de 2025 e tiveram duração média de 60 minutos.

3.2.4 Procedimentos de Coleta de Dados

A entrevista semiestruturada foi escolhida como principal instrumento de coleta de dados desta pesquisa, por sua capacidade de articular perguntas previamente elaboradas com a flexibilidade necessária para a exploração de significados emergentes ao longo da interação com os participantes. Trata-se de uma técnica amplamente utilizada em investigações qualitativas, especialmente quando se busca compreender experiências, percepções e sentidos atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno em estudo (Creswell e Creswell, 2021). Flick (2009) argumenta que entrevistas semiestruturadas são especialmente úteis quando se busca compreender significados atribuídos pelos participantes, pois combinam uma estrutura previamente definida com abertura suficiente para explorar temas inesperados que emergem no encontro. Assim, quando bem conduzida, a entrevista possibilita captar nuances e profundidade que dificilmente seriam acessadas por técnicas mais rígidas.

Minayo (2001) acrescenta que a entrevista semiestruturada situa-se em uma posição intermediária entre a entrevista estruturada e a aberta, permitindo que o pesquisador direcione a conversa a partir de um roteiro-guia, mas sem restringir as possibilidades de aprofundamento diante de respostas inesperadas. Assim, o entrevistador pode formular questões adicionais, solicitar exemplos e esclarecer ambiguidades, preservando a espontaneidade do discurso dos sujeitos e, ao mesmo tempo, garantindo a cobertura dos temas relevantes para a pesquisa.

Bryman e Bell (2011) destaca que este tipo de entrevista é especialmente útil quando o objetivo é captar as interpretações subjetivas dos participantes sobre sua realidade social. Por meio da interação dialógica, torna-se possível compreender tanto conteúdos explícitos quanto implícitos, incluindo contradições, ambiguidades e nuances emocionais. Dessa forma, a entrevista semiestruturada não apenas recolhe

dados factuais, mas também favorece a emergência de sentidos subjetivos, alinhando-se aos pressupostos construtivo-interpretativos da pesquisa qualitativa.

Complementando, Bauer e Gaskell (2003) afirma que a entrevista semiestruturada constitui um instrumento privilegiado para acessar significados, percepções e construções subjetivas, pois permite ao entrevistado elaborar suas experiências em suas próprias palavras, ao mesmo tempo em que o pesquisador mantém um roteiro orientador. Os autores destacam que a entrevista qualitativa funciona como um espaço de expressão narrativa, no qual o participante constrói sentidos sobre sua realidade, possibilitando ao pesquisador compreender nuances, ambiguidades e complexidades que não emergiriam por meio de técnicas estruturadas.

A opção pela entrevista semiestruturada é fundamentada, uma vez que a pesquisa por meio de entrevistas é um processo social caracterizado pela interação e pela construção colaborativa. Assim, as palavras representam o principal meio de comunicação:

Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (entrevistado) para o outro (entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção do conhecimento (Bauer e Gaskell, 2003, p. 73).

Nesse mesmo sentido, González Rey (2011; 2017) argumenta que a entrevista deve ser compreendida como um espaço de produção de sentidos subjetivos, no qual pesquisador e participante co-constroem o conhecimento. Para o autor, a entrevista não se limita à coleta de informações declaradas, mas constitui um processo dialógico no qual emergem expressões simbólicas, afetivas e singulares da subjetividade. Assim, o pesquisador não é apenas um receptor de dados, mas um interlocutor ativo que, por meio de suas perguntas, escuta e interpretações, contribui para a emergência de novas zonas de inteligibilidade sobre o fenômeno investigado.

No presente estudo, o roteiro de entrevista (Apêndice D) foi elaborado a partir da revisão de literatura sobre o tema, contemplando questões que buscavam acessar tanto as dimensões objetivas da trajetória de vida e trabalho e estudo dos participantes, quanto os sentidos subjetivos atribuídos a essas experiências. Todavia, compreendendo a entrevista como um processo dialógico (González Rey, 2017; Minayo, 2001), a pesquisadora esteve aberta a reformulações, adaptações e

aprofundamentos no decorrer das interações, de modo a capturar aspectos singulares e emergentes de cada narrativa.

Assim, na perspectiva da Teoria da Subjetividade, a entrevista semiestruturada não se limita a um recurso técnico, mas configura-se como um espaço relacional de produção de sentidos. Diferente das abordagens que entendem a entrevista apenas como meio de registro do já dado, em González Rey (2003; 2011; 2017) a entrevista é concebida como um processo dialógico, histórico e subjetivo, no qual os participantes se tornam sujeitos ativos da pesquisa. Nesse movimento, emergem sentidos subjetivos que não aparecem de forma direta ou explícita, mas que se constroem na interação entre pesquisador e entrevistado, atravessados por emoções, contradições e representações sociais. Essa compreensão reafirma a adequação da entrevista semiestruturada aos objetivos deste estudo, pois possibilitou acessar tanto as dimensões individuais quanto sociais da subjetividade, respeitando a singularidade de cada trajetória e, ao mesmo tempo, abrindo caminhos para a construção teórica em constante diálogo com a realidade investigada.

3.2.5 Procedimentos de Tratamento dos Dados

Os relatos foram transcritos e analisados, auxiliando na compreensão de aspectos propostos pelo estudo, formulados em consonância com os objetivos da pesquisa. Considerando que as entrevistas gerariam um material e não apenas a coleta de dados, a transcrição fiel da entrevista forneceria um material extremamente rico para análises das situações vividas e ditas. Portanto, fez-se necessário gravar as entrevistas para o registro com gravação de voz, previamente consentido por todos os participantes. A concordância com a gravação das entrevistas foi concedida por meio da assinatura dos termos: Termo de Livre Consentimento Informado, Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento para Uso de Imagem e Som de Voz (TCUISV) pelos entrevistados (Apêndice E).

Os dados registrados nas entrevistas e gravação pelo modo da transcrição na íntegra foram analisados por meio da metodologia núcleos de significação, a ser descrita na próxima seção, definindo indicadores de análise da fala dos pesquisados. Assim, o material produzido nessa fase foi analisado e interpretado com base no referencial teórico adotado para a consecução dos objetivos propostos pelo estudo.

A transcrição das entrevistas foi feita com auxílio do aplicativo *Transkriptor*¹⁴, sendo respeitadas as orientações para transcrições de dados proposta por Meihy e Holanda (2007) no capítulo do livro específico desta temática. Sendo elas:

- a) Transcrição absoluta: transcrição literal de todas as perguntas e respostas, com erros, repetições, sons e expressões;
- b) Textualização: retiradas das perguntas, erros gramaticais, sons e ruídos. Nesta fase também é construído o tom vital – a frase que qualifica a história para não perder a essência.
- c) Conferência: apresentação do texto na versão final.

Durante o tratamento e a análise dos dados, o anonimato dos participantes foi integralmente preservado. Os nomes fictícios foram mantidos em todas as etapas de organização e interpretação do material, garantindo que nenhuma informação pessoal pudesse levar à identificação dos sujeitos. As gravações, transcrições e arquivos digitais foram armazenados em local seguro e de acesso restrito à pesquisadora, em conformidade com as orientações éticas vigentes. Ao longo da redação do capítulo de Análise e Interpretação de Dados, as falas foram identificadas apenas pelos nomes fictícios, o que permitiu preservar a individualidade das narrativas sem expor a identidade dos participantes. Essa conduta assegurou o rigor ético e metodológico necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa comprometida com a integridade dos sujeitos e com a credibilidade dos resultados.

3.2.6 Procedimentos de Análise dos Dados: Núcleos de Significação

Na metodologia de análise, recorre-se à proposta de núcleos de significação, cujo processo de apreensão dos sentidos se faz a partir da sistematização de pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação e se orienta em uma abordagem sócio-histórica.

A seleção do método de análise neste estudo foi motivada pela compreensão de que essa abordagem procura captar, por meio das falas dos indivíduos, uma

¹⁴ É uma solução que utiliza IA (inteligência artificial) para transcrever a entrevista que foi gravada de maneira automática.

conexão com as diversas manifestações que moldam os significados e interpretações que são criados, atribuídos, rejeitados ou reconfigurados nas práticas que envolvem a vivência, formando assim os sujeitos sociais. Conforme elucidam Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 61)

para que possamos, portanto, nos apropriar das significações, necessário se faz apreender não sua unilateralidade, mas suas relações, qualidades, contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento.

A metodologia dos núcleos de significação, proposta por Aguiar e Ozella (2013), emergiu como uma ferramenta de análise que os pesquisadores podem empregar para entender os sentidos e significados que os indivíduos constroem em relação à realidade em que estão inseridos. Ou seja, as determinações nas quais o sujeito está imerso na sua realidade são entendidas como elementos constitutivos da sua subjetividade.

Dessa forma, ao examinar as orientações presentes em um processo dialético, é fundamental ressaltar que o indivíduo, membro da sociedade e único em sua essência, resultante de diversas influências na interação com o meio social, constrói sua singularidade por meio de mediações sociais (Aguiar e Ozella, 2013). Todas essas influências, nas quais o sujeito está envolvido, devem ser analisadas levando-se em consideração a concretude dos acontecimentos, conforme se sucederam. Para realizar essa análise, o método adotado incluiu os seguintes processos interligados de forma dialética: leituras variáveis e repetidas do material transcrito; identificação da(s) palavra(s) com sentido - precursor(es); agrupamento dos precursores em indicadores; e conexão dos indicadores - a formação dos núcleos de significação.

Inicialmente, procedeu-se com a análise sem a intenção de identificar elementos específicos ou classificá-los, mas sim de aprofundar a compreensão do conteúdo daquela situação específica. Em seguida, voltou-se à análise, porém com o propósito de salientar elementos que despertaram interesse ou chamaram a atenção pela natureza do que foi relatado (como, por exemplo, relacionar-se com o objetivo da pesquisa), ou pela sua frequência, repetição, ponto favorável, ou pela importância atribuída pelos entrevistados em suas falas, pela carga emocional presente, pelas sugestões não explicitadas, ou ainda, pela qualidade da argumentação (Aguiar e Ozella, 2006, 2013).

Dessa forma, ao analisar o material transcrito, destacam-se os pontos nas falas do que se repetem ou que transmitem emoções intensas ou ambiguidades. Esses pontos são denominados de indicadores preliminares e costumam ser encontrados em grande quantidade, fornecendo diversas possibilidades para a estruturação dos principais temas. Os indicadores preliminares são, então, segmentos de discurso formados por palavras conectadas que carregam um significado, refletem a totalidade do indivíduo e, portanto, representam uma unidade de pensamento e linguagem (Aguiar e Ozella, 2006, 2013).

Continuam Aguiar e Ozella (2006, 2013) explicando que o procedimento do método consiste em agrupar os pré-indicadores de acordo com a similaridade, complementaridade ou contraposição, a fim de reduzir a diversidade dos indicadores. A formação do núcleo de significado representa um nível mais abstrato, pois envolve a articulação dialética entre os indicadores e seus conteúdos prévios, visando à elaboração de uma nova síntese.

A investigação dos núcleos avança em direção a uma interconexão intra-núcleos. Em linhas gerais, esse método evidencia semelhanças e/ou oposições que revelam, novamente, a ação do indivíduo. Essas oposições nem sempre estão claras na superfície do discurso, sendo identificadas por meio da análise e interpretação do pesquisador. Assim, parte-se do concreto para o interpretativo: do discurso externo do indivíduo avança-se para algo mais introspectivo, chamado de zona de significados, resultante da subjetividade explorada neste estudo.

A partir da organização das entrevistas, abstraíram-se os indicadores de sentidos em diálogo com os objetivos desse estudo. Como consequência, na etapa seguinte, no processo de síntese das falas, foram construídos núcleos de significação, a serem explorados no capítulo Análise e Interpretação de Dados.

3.3. Aspectos Éticos envolvidos na Condução da Pesquisa

A importância dos aspectos éticos é evidente na condução de estudos, sobretudo os de cunho qualitativo. O cuidado não passa somente pela identificação dos possíveis problemas éticos que podem afetar os participantes devido à intervenção dos pesquisadores, mas também pelas medidas adotadas para garantir a proteção daqueles envolvidos na pesquisa. A participação dos entrevistados na

pesquisa foi voluntária e, após a assinatura dos termos, o participante recebeu uma das vias e a outra ficou arquivada pela pesquisadora.

Os participantes desta pesquisa foram devidamente esclarecidos sobre todos os seus processos, de acordo com a legislação pertinente, incluindo as informações sobre os objetivos desta pesquisa, sobre o sigilo e confidencialidade das informações fornecidas por meio das entrevistas semiestruturadas, bem como sobre as gravações de áudios das entrevistas. Foram informados também sobre a possibilidade de desistência da participação do estudo após a leitura e assinatura de duas vias de cada termo do TCLEs (Apêndice E). E, como forma de reduzir os riscos e/ou as dúvidas que porventura surgissem ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a pesquisadora se colocou à disposição de cada participante por telefone e/ou e-mail.

A garantia do anonimato e da confidencialidade foi um dos princípios éticos desta pesquisa. Desde a etapa de convite à participação, os participantes foram informados de que suas identidades seriam preservadas em todas as fases do estudo. Para tanto, optou-se pelo uso de nomes fictícios, criados pela pesquisadora, de modo a substituir os nomes reais nos registros, nas transcrições e nas citações apresentadas. Essa escolha segue as recomendações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que orienta pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assegurando o direito à privacidade e à proteção da identidade dos sujeitos. Mais do que uma exigência normativa, essa medida expressa o compromisso ético de respeito aos participantes e à confiança depositada por eles ao compartilharem suas vivências, emoções e percepções sobre o trabalho e os estudos.

Além disso, o grupo de pesquisadores assinou o Termo de Compromisso, de Confidencialidade de Dados e Envio de Relatório Final (Apêndice F), que assegura que foi garantido o anonimato dos participantes e das informações relatadas. Tendo em vista as prescrições previstas na Resolução nº 510/2016 (CNS, 2016), que trata de pesquisas com seres humanos no campo das Ciências Humanas e Sociais, foram cumpridas as exigências de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o sigilo dos informantes, bem como a guarda de materiais, dispensando-se, desse modo, sua submissão ao CNS através do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em conformidade com o inciso I, do parágrafo único, do artigo 1.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

O presente capítulo é dedicado à análise dos resultados empíricos produzidos ao longo da investigação, realizada com oito jovens universitários trabalhadores e estudantes de uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR. A opção metodológica pelo uso da entrevista semiestruturada possibilitou a emergência de narrativas singulares e densas sobre a experiência desses sujeitos, permitindo o acesso às múltiplas dimensões que compõem o sentido do trabalho. Tais dimensões não são compreendidas como categorias previamente definidas, mas como construções que surgem do diálogo entre pesquisador e participante, em consonância com a perspectiva epistemológica adotada.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar os sentidos do trabalho para o jovem estudante e trabalhador a partir da Teoria da Subjetividade, de González Rey, em que o trabalho é compreendido não apenas como prática objetiva, mas como espaço simbólico, emocional e relacional no qual o sujeito constrói significados sobre si e sobre sua inserção social. Para atingir este objetivo, foram definidos três objetivos específicos:

- a) Identificar aspectos centrais e periféricos do trabalho para os jovens da Geração Z;
- b) Aproximar discussões entre elementos comuns e divergentes sobre o sentido do estudo e do trabalho para os jovens estudantes e trabalhadores;
- c) Verificar características dos membros da Geração Z em uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR.

A análise aqui apresentada tem a função de responder a esses objetivos, de modo que cada etapa do capítulo se articula com as questões de pesquisa e contribui para sustentar a problematização inicial. Assim, buscou-se compreender como os jovens entrevistados atribuem sentido à atividade laboral quando esta se entrelaça à condição de estudantes universitários, condição que traz implicações diretas para sua trajetória profissional, suas expectativas futuras e sua inserção no mundo do trabalho.

Para dar conta dessa complexidade, a análise e interpretação dos dados foi organizada em quatro momentos. O primeiro dedica-se à caracterização sociodemográfica dos participantes, o que permite conhecer melhor o perfil da amostra e situar o leitor no universo de análise. O segundo contempla as análises individuais, conduzidas a partir da metodologia dos Núcleos de Significação (Aguilar e

Ozella, 2006), nos quais cada entrevista é explorada de forma singular, considerando os elementos que emergem como centrais em cada narrativa; a construção de indicadores, entendidos como unidades mais amplas que reúnem e articulam diferentes pré-indicadores; e a elaboração dos núcleos de significação, que expressam os sentidos centrais configurados nas narrativas. Esses núcleos são expressões dinâmicas da subjetividade que emergem nas relações entre o singular e o coletivo, o individual e o social.

O terceiro momento é destinado às análises coletivas, em que se busca identificar os principais núcleos de significado identificados nas entrevistas, a construção do sentido do trabalho conectada à subjetividade e as principais características da Geração Z, identificadas nas entrevistas. Por fim, o quarto momento organiza a discussão a partir dos objetivos específicos, o que permite retomar a problemática inicial e articular os achados empíricos ao referencial teórico adotado.

Ao iniciar a etapa referente à produção dos dados desta pesquisa, retomam-se também os fundamentos epistemológicos pautados em González Rey que orientam a pesquisa qualitativa. O primeiro deles é o princípio de que o conhecimento possui natureza construtivo-interpretativa. Trata-se de um processo construtivo, porque o saber não é produzido de forma automática a partir de instrumentos, mas resulta do confronto entre as análises do pesquisador e os diferentes momentos empíricos vivenciados no percurso investigativo. É também interpretativo, pois depende das leituras e interpretações realizadas pelo pesquisador, que se torna fonte ativa na geração de conhecimento.

Um segundo princípio epistemológico diz respeito à valorização do singular como instância legítima de produção do conhecimento. Isso implica reconhecer, de maneira definitiva, a relevância teórica de cada experiência individual. A subjetividade de um único participante contém elementos de sentido subjetivo capazes de contribuir para a formulação e o aprimoramento de um modelo teórico em desenvolvimento. Esse modelo não tem como propósito encerrar a compreensão do fenômeno investigado, mas sim oferecer zonas de inteligibilidade e possibilidades de ação que permaneçam abertas à ampliação e ao aprofundamento.

O terceiro princípio refere-se à concepção da pesquisa como um processo dialógico, isto é, uma forma de comunicação viva entre os sujeitos. A implicação central dessa perspectiva é a de que os participantes não se expressam adequadamente a partir de instrumentos rígidos ou padronizados. Os sentidos

subjetivos emergem por meio de processos simbólicos e emocionais, expressos em narrativas, gestos e afetos, que somente se revelam quando os respondentes se constituem efetivamente como sujeitos da pesquisa.

Nesse contexto, o construto teórico produzido pela investigação configurou-se como uma organização subjetiva, estruturada a partir dos elementos qualitativos considerados mais relevantes. Nos diálogos estabelecidos com os participantes, emergiram núcleos de sentido compartilhados. Esses núcleos, articulados entre si, permitem compreender de que modo se constituem os sentidos subjetivos do trabalho para os jovens estudantes-trabalhadores, articulando tanto dimensões explícitas quanto implícitas das narrativas. Essa análise possibilita abarcar, simultaneamente, aspectos individuais e sociais da subjetividade vivenciada pelo grupo.

4.1 Sobre o corpus da pesquisa

O corpus da presente pesquisa constitui-se de oito entrevistas semiestruturadas realizadas com jovens universitários trabalhadores de uma Instituição de Ensino Superior particular, localizada em Curitiba-PR. A escolha por esse público está diretamente vinculada à problemática central do estudo, que busca compreender os sentidos do trabalho na interface com a vida acadêmica. Considerou-se, para fins de inclusão, que os participantes deveriam ter nascido a partir de 1995, estar matriculados em curso superior, possuir vínculo formal de trabalho há pelo menos um ano na mesma organização e ser maiores de 18 anos.

Essa delimitação permitiu reunir um grupo que representa a Geração Z, composta por sujeitos que cresceram em meio a transformações sociais, tecnológicas e culturais significativas. Tais jovens vivenciam a transição entre a formação acadêmica e a inserção profissional em um cenário marcado por instabilidade, competitividade e rápidas mudanças organizacionais. Ao mesmo tempo, trata-se de sujeitos em processo de construção de identidade, que conciliam projetos de vida pessoais, acadêmicos e profissionais. Nesse sentido, o corpus aqui apresentado revela-se particularmente relevante para compreender os modos de subjetivação do trabalho entre jovens no início de sua trajetória laboral. A seguir, segue Quadro 9 que apresenta a síntese do perfil dos participantes.

Quadro 9: Perfil dos participantes da pesquisa que realizaram a entrevista.

Nome Fictício	Gênero	Idade	Curso	Profissão	Tempo Experiência	Qtde Empresas
Ana	feminino	26	Psicologia	Business Partner RH	3,5 anos	02
Bruno	masculino	26	Psicologia	Analista RH Jr	6 anos	03
Gabriel	masculino	27	Psicologia	Conferente	8 anos	01
Fernanda	feminino	23	Psicologia	Professora	3,5 anos	03
Juliana	feminino	25	Administração	Supervisora	9 anos	03
Mateus	masculino	24	Administração	Gerente	9 anos	02
Mariana	feminino	22	Administração	Assistente Administrativo	3,5 anos	03
Vitor	masculino	23	Administração	Coordenador Administrativo	4 anos	02

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em termos de idade, os participantes têm entre 22 e 27 anos, faixa que corresponde ao período socialmente reconhecido como juventude. Quanto ao gênero, observa-se uma composição equilibrada, contemplando tanto homens quanto mulheres, o que possibilita apreender nuances de gênero na experiência do estudo e do trabalho.

No que se refere à formação acadêmica, o grupo é heterogêneo: encontram-se estudantes vinculados a cursos das Ciências Humanas e Sociais aplicadas. Essa diversidade de áreas de estudo é relevante por permitir a análise de como distintos campos de formação se relacionam com a inserção no mercado de trabalho e com os projetos futuros desses jovens. Cabe observar, prematuramente, que se evidencia a centralidade do duplo pertencimento – ser estudante e trabalhador – na constituição de seus relatos.

O vínculo profissional de todos os entrevistados é formal, em empresas de pequeno e médio porte, abrangendo setores distintos, como administração, comércio, serviços e áreas técnicas. As funções exercidas variam entre atividades operacionais, administrativas e de liderança, revelando diferentes níveis de responsabilidade e expectativa de carreira. O tempo de permanência no emprego atual é superior a um ano em todos os casos, aspecto que garante que os participantes já tenham vivenciado processos de adaptação e consolidação em seus contextos de trabalho, possibilitando narrativas mais reflexivas e consistentes.

Além disso, o corpus permite captar a articulação entre projeto acadêmico e experiência profissional. Emergem percepções acerca dos desafios de conciliar

estudo e trabalho, como a gestão do tempo, o cansaço físico e mental, e a priorização de atividades acadêmicas ou laborais conforme as demandas de cada período.

A caracterização sociodemográfica também evidencia que os jovens entrevistados compartilham uma condição geracional comum: pertencem à Geração Z, marcada pela hiperconectividade, pela valorização da experiência prática, pela busca de propósito e por expectativas diferenciadas em relação ao mercado de trabalho. Esse recorte geracional será retomado nas seções analíticas posteriores, sobretudo no que se refere ao objetivo específico de verificar características dessa geração no contexto investigado.

Portanto, o corpus formado pelas oito entrevistas possibilita compreender a diversidade de trajetórias, expectativas e desafios vividos por jovens universitários trabalhadores em Curitiba-PR. A pluralidade de gênero, áreas de estudo, funções profissionais e contextos organizacionais enriquece o processo de análise, permitindo não apenas identificar aspectos comuns, mas também compreender as singularidades que marcam a produção subjetiva do sentido do trabalho nesse grupo. Tal caracterização reforça a pertinência de utilizar a metodologia dos Núcleos de Significação como estratégia de análise, uma vez que esta possibilita a apreensão da subjetividade em sua complexidade, articulando elementos individuais e coletivos no processo de construção dos resultados.

4.2 Apresentação das Análises Individuais

I. Participante Ana

Ana, 26 anos, é estudante do 8º período de Psicologia e atua como Business Partner em uma empresa de tecnologia. Sua trajetória profissional começou em uma franqueadora do ramo de estética, onde percebeu um desalinhamento ético com os valores da empresa, o que a motivou a buscar uma organização que valorizasse mais os funcionários. Na atual função, passou de estagiária de endomarketing a analista de Recursos Humanos (RH), até assumir o papel de Business Partner, com foco em apoiar líderes, conduzir processos de recrutamento, clima organizacional e desenvolvimento. O trabalho ocupa posição central em sua vida, assumindo o papel de prioridade, embora essa dedicação gere sentimentos de culpa e sobrecarga. Sua narrativa revela uma dualidade entre o prazer pelo que faz e o cansaço decorrente da

rotina intensa. O trabalho aparece também como espaço de reconhecimento e utilidade, associado a valores familiares, especialmente à influência da mãe — ex-diretora de RH que enfrentou um burnout, experiência que marcou profundamente sua trajetória e seu olhar para a saúde mental no ambiente corporativo.

O episódio vivido pela mãe foi um ponto de inflexão que a levou a abandonar o sonho de cursar Medicina e optar por Psicologia, buscando compreender e prevenir o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho. Ana atribui ao estudo um papel de formação cidadã, de construção de pensamento crítico e de posicionamento, embora reconheça que o trabalho tenha ocupado o lugar prioritário antes reservado à vida acadêmica. Sente-se, por isso, insuficiente nos estudos e lamenta não conseguir se dedicar como antes, ainda que mantenha o desejo de seguir aprendendo e, futuramente, cursar uma pós ou mestrado. Sua rotina é marcada por estratégias de conciliação — como a organização do tempo e a renúncia a momentos de lazer — para equilibrar o trabalho, a faculdade e a vida pessoal. Em sua fala, emergem sentidos do trabalho como propósito, estabilidade e realização, mas também como espaço de tensão e autoexigência, em que busca ressignificar sua atuação a partir de valores humanos e do compromisso com o cuidado nas relações organizacionais.

A partir da análise das narrativas de Ana, emergiram núcleos de significação que expressam sua relação com o trabalho, o estudo e os sentidos subjetivos que atribui a essas experiências. São eles:

Núcleo 1 – Trabalho como prioridade e realização

O trabalho ocupa centralidade na vida de Ana, sendo constantemente colocado em disputa com a família como prioridade. Apesar da culpa que sente ao priorizar a esfera profissional, reconhece que o trabalho é fonte de estabilidade financeira, segurança e também realização. É nele que encontra motivação, amizades e o sentimento de estar “fazendo a coisa certa”.

Núcleo 2 – Trabalho com propósito e valorização

O sentido do trabalho se constrói à medida que há reconhecimento e confiança. Ana sente satisfação quando funcionários a procuram para desabafar ou buscar orientação, reforçando que sua função vai além do técnico e envolve cuidado. O propósito é ainda sustentado por sua história familiar, especialmente pela

experiência de burnout vivida pela mãe, que ressignifica sua atuação em RH como possibilidade de prevenir o adoecimento de outros trabalhadores.

Núcleo 3 – Sobrecarga e tensões hierárquicas

Embora ame sua função e reconheça o ambiente positivo da atual empresa, Ana vive uma constante sensação de cansaço e sobrecarga. Além disso, há incômodo frente à rigidez hierárquica e às decisões autoritárias que limitam o questionamento, situação que remete à vivência anterior em ambientes abusivos e que gera desconforto no presente.

Núcleo 4 – Estudo como identidade e cidadania

O estudo é compreendido como parte essencial da identidade, associado ao desenvolvimento pessoal, à cidadania e à capacidade de se posicionar no mundo. Influenciada pelo exemplo da mãe, que enfrentou adversidades para manter a trajetória acadêmica, Ana reconhece o estudo como ferramenta de transformação. Ainda assim, sente frustração por não conseguir dedicar-se com a mesma intensidade do passado, experimentando uma relação de insuficiência em sua vida acadêmica.

Núcleo 5 – Conciliação insuficiente entre estudo e trabalho

O acúmulo de papéis provoca dificuldade em conciliar estudo e trabalho. Ana percebe que o trabalho ocupa o espaço dos estudos, resultando em sobrecarga e diminuição da dedicação acadêmica. Apesar de gostar profundamente de estudar e valorizar o conhecimento como forma de mudança social, vivencia um sentimento de regressão, pois só consegue estudar em momentos pontuais ou de obrigação. Essa insuficiência gera incômodo e reforça a contradição entre desejo e prática.

A experiência de Ana se aproxima do que Antunes (2009) descreve como contradições do mundo do trabalho na contemporaneidade. O trabalho, ao mesmo tempo que oferece estabilidade e um espaço de realização, também é marcado pela intensificação, pela sobrecarga e por estruturas hierárquicas que limitam a autonomia do trabalhador. O incômodo com decisões inquestionáveis na empresa e a experiência de sobrecarga refletem essa dinâmica contraditória do capitalismo atual, em que a promessa de autorrealização convive com processos de exaustão e controle. Os sentidos produzidos por Ana não são lineares, mas atravessados por

contradições que revelam sua construção subjetiva. O trabalho é simultaneamente fonte de prazer e sofrimento, sendo ressignificado pela história familiar: a experiência da mãe com burnout funciona como uma referência simbólica, que dá direção à sua escolha de atuar com saúde mental nas empresas. O estudo, por sua vez, também adquire um lugar contraditório em sua subjetividade, sendo ao mesmo tempo valorizado como identidade e cidadania, mas também com uma autocobrança de dar conta.

O sentido do estudo, ainda que marcado pelo cansaço e pela renúncia, conecta-se à busca por protagonismo e transformação, revelando sua aposta no conhecimento como ferramenta de reposicionamento frente às contradições do presente. Para Ana, trabalho e estudo são dois eixos prioritários e constitutivos de sua subjetividade. Essa dualidade evidencia a busca por conciliar diferentes dimensões de vida – trabalho, família, estudo e saúde – numa tentativa de não repetir o destino materno marcado pelo burnout. Ana ressignifica essas tensões à luz de sua história e projeta no futuro a possibilidade de construir um trabalho que seja, ao mesmo tempo, fonte de sustento, realização e promoção de saúde.

II. Participante Bruno

Bruno, 26 anos, é estudante de Psicologia e atua como analista júnior de Recrutamento e Seleção em uma empresa de médio porte. Sua trajetória profissional teve início na empresa da família, no ramo da construção civil, onde exercia funções administrativas e financeiras. Após um breve período na Engenharia Elétrica, abandonada durante a pandemia, iniciou um percurso de transição até encontrar no campo de Recursos Humanos um espaço de aprendizado e desenvolvimento. Atuou inicialmente em Departamento Pessoal, depois migrou para Recrutamento e Seleção, função na qual se mantém até o presente momento. Bruno demonstra satisfação com as atividades que envolvem planejamento, análise e estratégia, especialmente na interlocução com gestores e na construção de soluções para os processos seletivos. Ainda assim, reconhece que sua motivação atual é predominantemente financeira: trabalha por necessidade e estabilidade, enquanto vislumbra, no futuro, dedicar-se à Psicologia Clínica, área que associa ao verdadeiro sentido do trabalho.

Em sua fala, o trabalho aparece como uma fase transitória e instrumental, vivida com certo distanciamento afetivo, mas também como espaço de aprendizado e autoconhecimento. Bruno expressa o desejo de encontrar maior realização

profissional, conectando o fazer laboral ao propósito de ajudar pessoas, o que associa à atuação clínica. O estudo, nesse contexto, assume papel de meio para atingir esse objetivo futuro, funcionando como motivação para suportar o cotidiano de trabalho e estudo. Apesar de relatar cansaço e falta de rotina, reconhece no aprendizado o caminho para transformação pessoal e profissional. Sua relação com o trabalho revela, portanto, uma tensão entre o presente pragmático — guiado pela necessidade — e um futuro idealizado — sustentado pela busca de sentido e autonomia.

Analisando a fala de Bruno, os núcleos de significação identificados a partir de sua fala são:

Núcleo 1 – Trabalho como meio financeiro e etapa de transição

Para Bruno, o trabalho cumpre hoje uma função predominantemente financeira: sustentar-se fora da casa dos pais e alcançar metas materiais. A atuação em RH é percebida como uma fase necessária do percurso — um “meio” para adquirir experiência e estabilidade enquanto decide o rumo definitivo da carreira (com forte atração pela clínica). Há, portanto, um sentido provisório e instrumental atribuído ao trabalho atual.

Núcleo 2 – Sentido projetado: criação, estratégia e clínica

Quando emerge prazer no trabalho, ele está ligado à dimensão estratégica e criativa: mapear perfis, discutir com gestores, redesenhar escopos e prazos, automatizar planilhas, criar indicadores e melhorar processos. Esses momentos o aproximam do que considera “trabalho com sentido” (ir além do dinheiro e gerar impacto), sentido que ele projeta encontrar de modo pleno na prática clínica ou, no curto/médio prazo, migrando para Business Partner para tornar o caminho menos “doloroso”.

Núcleo 3 – Estudo como ponte para o projeto de vida

O estudo funciona como motor de futuro: “é ele que vai me ajudar a chegar onde quero”. Mesmo reconhecendo que a faculdade entrega apenas uma base parcial, Bruno a valoriza como sustentação para a clínica e para uma vida estável. Interessa-se por psicanálise e por conhecer “outros pontos de vista”, vendo no aprender um instrumento de ampliação de repertório pessoal e profissional.

Núcleo 4 – Conciliação pragmática e intermitente entre estudar e trabalhar

A rotina é marcada por cansaço e ausência de método estável de estudo. Predominam estratégias pragmáticas (aproveitar bem a aula quando consegue, “correr atrás” perto das provas, usar slides) e períodos de estudo concentrado aos fins de semana. Bruno reconhece que “poderia se esforçar mais”, mas assume o limite atual: trabalha de dia, estuda à noite e prioriza o mínimo equilíbrio possível.

Núcleo 5 – Estudar e trabalhar como necessidade e sobrecarga

O acúmulo de papéis aparece como inevitável e necessário, mas também como fonte de desgaste. Trabalhar garante a renda para manter sua vida independente, mas limita sua dedicação acadêmica. Estudar, por sua vez, é vivido com motivação, porém insuficiente diante da rotina cansativa. Essa contradição gera sentimento de esforço parcial em ambas as esferas, reforçando a ideia de que o presente é uma fase de sacrifício em nome de um futuro melhor.

A fala de Bruno revela de forma clara a contradição destacada por Antunes (2009) sobre o mundo do trabalho: de um lado, a necessidade material que leva a permanecer em um trabalho sem sentido; de outro, a expectativa de realização futura, quase como promessa que nunca se concretiza no presente. Essa cisão entre trabalho como necessidade e trabalho como sentido reflete a precarização da experiência laboral contemporânea, na qual as atividades operacionais pouco criativas se tornam predominantes.

Do ponto de vista da Teoria da Subjetividade, de González Rey (2005), o sujeito constrói sentidos a partir das contradições entre a realidade vivida e projetos desejados. Bruno reconhece no presente um trabalho esvaziado de significado, mas projeta no futuro a possibilidade de realização vinculada à Psicologia Clínica. Essa aposta funciona como produção subjetiva de esperança, elemento que organiza sua ação mesmo diante da insatisfação atual.

O estudo, nesse contexto, ocupa um lugar simbólico fundamental: ainda que dificultado pela rotina, representa o caminho para romper a limitação do trabalho como pura sobrevivência e alcançar o trabalho como espaço de ajuda e criação. O estudo aparece, portanto, como projeto de subjetividade, em que ele se reinscreve como protagonista de sua história. Se o presente é dominado pela necessidade econômica,

o futuro é projetado como espaço de sentido, em que trabalho e estudo se alinham para dar consistência a um projeto de vida mais autêntico.

III. Participante Gabriel

Gabriel, 27 anos, trabalha há quase oito anos em um supermercado, onde iniciou como temporário e hoje atua como conferente de mercadorias. É seu primeiro e único emprego formal, no qual construiu uma trajetória de crescimento gradual, passando por setores e funções distintas. Apesar da estabilidade conquistada, expressa um sentimento de estagnação e desmotivação, reconhecendo que permanece no emprego apenas pela segurança financeira e pela possibilidade de pagar a faculdade de Psicologia. O trabalho é descrito como repetitivo e exaustivo, sem sentido simbólico, mas ainda assim permeado por laços afetivos e amizades que suavizam a rotina. Ele relata ter enfrentado sobrecarga e sintomas de exaustão no passado, reconhecendo a experiência de quase “burnout”. Gabriel critica a lógica de exploração e a falta de valorização do trabalhador, percebendo o mercado como um espaço que reduz as pessoas a números e ignora suas subjetividades.

Ao falar sobre o estudo, Gabriel demonstra entusiasmo e sentimento de renovação. A faculdade surge como um divisor de águas: representa a chance de crescimento pessoal e de construir um trabalho com sentido, pautado no desejo de ajudar pessoas e “melhorar o mundo”. Ele valoriza o aprendizado, o contato com novas ideias e a ampliação de horizontes proporcionados pela Psicologia, que ressignificaram sua visão sobre o trabalho, a vida e a saúde mental. Ainda que enfrente dificuldades para conciliar jornada laboral e estudos, relata esforço e resiliência para manter ambos, reconhecendo a importância da educação como via de transformação e autonomia. O estudo aparece, portanto, como contraponto simbólico ao trabalho atual — um espaço de esperança e reconstrução do futuro, no qual projeta seu desejo de encontrar propósito e autenticidade profissional.

Os indicadores levantados na conversa com Gabriel e depois transformados em núcleos de significação são:

Núcleo 1 – Trabalho como sustento e permanência estratégica

O trabalho no varejo surge, inicialmente, como meio de sustento e autonomia juvenil e, hoje, mantém-se sobretudo pelo salário que viabiliza a graduação e as contas. Apesar de oito anos na mesma empresa e de relações positivas com colegas,

Gabriel define o emprego atual como “só um emprego” e rejeita promoções à liderança por entender que afetariam vínculos e não trariam o sentido que busca. A permanência é, portanto, pragmática e calculada.

Núcleo 2 – Sentido do trabalho: desejo de impacto e reconhecimento da exploração

O sentido almejado vincula-se a “fazer diferença” e melhorar a vida das pessoas — horizonte que associa à Psicologia. Em contraste, descreve o varejo como espaço de sobrecarga, metas e tratamento instrumental do trabalhador (“número”, “recurso substituível”), o que mina o significado da atividade. Episódios de apoio a colegas (conversas que aliviam e orientam) fazem vislumbrar o tipo de contribuição que deseja oferecer profissionalmente.

Núcleo 3 – Estudo como ampliação de mundo e projeto de futuro

Voltar a estudar reacende o interesse por conhecimento (História, Psicologia) e amplia repertórios, contatos e perspectivas. A universidade reconfigura sua autoimagem e seu projeto: terminar a graduação, especializar-se (pós) e atuar na área clínica. O estudo é visto como investimento que tira da “zona de conforto”, reposiciona prioridades e sustenta o sonho de uma vida com mais propósito.

Núcleo 4 – Conciliação estudo–trabalho entre cansaço e negociação

A rotina intensa (academia cedo, jornada de trabalho, aulas à noite) produz cansaço e, em períodos críticos, sinais de esgotamento. Ainda assim, Gabriel lidera ajustes: negocia horários, usa banco de horas e, quando necessário, prioriza a presença na faculdade. Reconhece oscilações (anos “bons” e “difíceis”) e constrói estratégias para não perder o vínculo acadêmico.

Núcleo 5 – Qualidade de vida e saúde mental como critério de escolha

A experiência de quase burnout e a reflexão trazida pelos estudos deslocam prioridades: busca equilíbrio entre trabalho, estudo, lazer e convivência com família e amigos. Qualidade de vida passa a ser parâmetro ético-prático para decidir permanecer ou sair, criticar a lógica de exploração e projetar uma transição para a Psicologia que una sustento e sentido.

A narrativa de Gabriel explicita uma tensão constitutiva entre o trabalho como necessidade e o trabalho como produção de sentido. No presente, o vínculo é instrumental (“O salário me segura”), orientado a garantir a permanência na graduação; no horizonte, o sentido é relacional: “mudar a vida de alguém”, “agregar à sociedade”. Essa contradição, longe de ser um desvio, é o que organiza sua subjetividade em movimento.

Em termos de González Rey (2007), os sentidos subjetivos do trabalho emergem como configurações simbólico-emocionais produzidas na articulação entre história de vida (8 anos no varejo; chance frustrada de ascender pela idade), condições concretas (salário, turnos, metas) e projetos futuros (Psicologia Clínica). O “não sentido” atual não é ausência de sentido, mas um sentido transicional que regula escolhas (manter o emprego para financiar a formação) e estabelece limites (recusar liderança para preservar vínculos e valores).

A crítica de Gabriel à exploração em sua fala em relação ao seu dia a dia “pressão por metas, rotatividade, pessoas tratadas como números” e reconhecimento simbólico que não se converte em salário — encontra ressonância direta no diagnóstico de Antunes (2000) sobre a reestruturação produtiva e a difusão de formas de trabalho intensificadas, polivalentes e desprovidas de reconhecimento material. O varejo aparece como *locus* de precarização subjetiva: múltiplas tarefas, pressão por performance e salários comprimidos convivem com uma “gestão da motivação” feita por elogios e pequenos incentivos, mas sem proteção real. Nessa chave, o burnout autorrelatado não é apenas um evento individual; é expressão de relações de trabalho que colonizam o tempo e o corpo.

O estudo opera como dispositivo subjetivante: amplia repertórios, cria novas sociabilidades e reconfigura valores, conforme relata “repensei qualidade de vida, meus relacionamentos e a minha visão de futuro”, convertendo o projeto clínico em âncora de futuro. Ainda em González Rey (2007), é pela produção de sentidos na experiência estudantil que Gabriel reorganiza sua agenda (negocia horários, prioriza aulas cruciais, projeta pós-graduação), construindo alternativas ao “circuito mercado-mercado” que ele recusa repetir. Assim, trabalho e estudo não são polos estanques: formam um sistema de regulação no qual o primeiro financia e o segundo ressignifica.

IV. Participante Fernanda

Fernanda, 23 anos, é estudante de Psicologia e trabalha como professora de inglês em uma escola particular. Sua trajetória profissional começou durante a pandemia, quando, diante da suspensão dos vestibulares, cursou um semestre de Pedagogia online para viabilizar o ingresso no mercado de trabalho. Pouco depois, foi chamada para atuar como professora, função na qual permanece até hoje. Paralelamente, realizou um estágio na área organizacional de uma multinacional, experiência que descreve como enriquecedora, embora tenha precisado interromper por motivos financeiros. Apesar de gostar da docência e do ambiente escolar, reconhece que o trabalho atual tem um sentido predominantemente instrumental — serve como meio de sustento e caminho para alcançar o verdadeiro projeto profissional, que é atuar como psicóloga. O trabalho, para Fernanda, cumpre um papel de responsabilidade e autonomia, mas ainda não desperta realização plena, pois representa uma etapa transitória rumo à concretização de um propósito mais profundo.

Em sua narrativa, o estudo ocupa lugar central como símbolo de crescimento, conquista e transformação. Fernanda demonstra um forte compromisso com a aprendizagem contínua e realiza cursos complementares, tanto ligados à sua função atual quanto à futura atuação na Psicologia. Apesar das dificuldades de conciliar dois empregos, estágio e graduação, ela expressa satisfação por poder financiar sua própria formação. Valoriza o estudo não apenas como meio de qualificação profissional, mas como parte do desenvolvimento pessoal e espiritual, reconhecendo nele um eixo estruturante da sua identidade. Seus relatos também revelam o desejo de equilíbrio e qualidade de vida, enfatizando que, mais do que status ou remuneração, busca uma vida leve, com tempo para a família, o cuidado de si e a construção de um futuro mais coerente com seus valores e ideais.

Após compreender sua trajetória e os sentidos atribuídos ao trabalho e ao estudo, foram identificados núcleos de significação que evidenciam como Fernanda articula esses elementos em sua experiência subjetiva, revelando contradições, permanências e transformações em seu modo de compreender o próprio percurso. São eles:

Núcleo 1 – Trabalho como necessidade financeira e transição temporária

O trabalho atual como professora de inglês é percebido como um meio de sustento e de pagamento da faculdade, mas não como escolha definitiva de carreira. Fernanda o encara como transição, até poder consolidar-se como psicóloga, área em que deposita suas expectativas de futuro.

Núcleo 2 – Sentido do trabalho na contribuição e no cuidado com o outro

O trabalho com sentido, para ela, é aquele que ajuda pessoas e resolve problemas. Embora o trabalho atual não seja o desejado, ela encontra algum sentido no contato com as crianças, no cuidado e no impacto positivo que exerce no ambiente escolar.

Núcleo 3 – Estudo como prioridade e desenvolvimento integral

O estudo é valorizado como caminho para o crescimento profissional e pessoal. Fernanda não se restringe à faculdade, investindo também em cursos externos e certificações. Essa busca reflete seu desejo de qualificação contínua e de se preparar para a futura atuação como psicóloga.

Núcleo 4 – Conciliação difícil entre múltiplos papéis

A rotina de conciliar dois empregos e a faculdade é vista como pesada, marcada por cansaço e pela impossibilidade de se dedicar integralmente aos estudos. Embora reconheça a importância do trabalho para viabilizar a graduação, sente frustração por não poder se engajar em projetos acadêmicos mais profundos.

Núcleo 5 – Realização futura na Psicologia como objetivo central

O futuro é projetado na transição para a Psicologia, com o desejo de atuar na clínica e alcançar realização profissional. Para ela, somente a inserção plena na área escolhida poderá unir propósito, qualidade de vida e bem-estar. O trabalho atual, portanto, é entendido como etapa temporária rumo a essa realização maior.

Fernanda evidencia a centralidade do trabalho em sua vida, ainda que marcado por contradições. Em seu relato, o trabalho atual aparece sobretudo como necessidade financeira, pois garante o custeio da faculdade e das despesas pessoais. Nesse sentido, aproxima-se do que Antunes (2009, p. 32) afirma ao analisar o lugar

do trabalho na sociedade contemporânea: “se, por um lado, o trabalho continua sendo uma atividade vital, imprescindível à reprodução social, por outro, ele se apresenta sob formas cada vez mais precarizadas e destituídas de sentido para o trabalhador”. A fala da participante reflete essa contradição: o trabalho é essencial, mas sua configuração atual não corresponde ao que ela projeta como realização profissional.

Outro eixo relevante é o estudo, compreendido como mediador de identidade e projeto de futuro. Para Fernanda, o estudo é indispensável para exercer a profissão, ainda que hoje seja atravessado por sentimentos de insuficiência e sobrecarga. Essa contradição dialoga com a Teoria da Subjetividade, de González Rey (2011, p. 21), ao afirmar que “a subjetividade é um sistema complexo, em permanente produção, que integra contradições e sentidos singulares na configuração do sujeito”. O estudo, portanto, é simultaneamente fonte de sentido — pois sustenta sua identidade profissional — e espaço de sofrimento, já que o acúmulo de funções impede que se dedique como gostaria.

V. Participante Juliana

Juliana, 25 anos, é estudante de Administração e atua como supervisora de atendimento em uma agência de marketing. Iniciou sua trajetória profissional ainda jovem, como aprendiz em uma grande organização, e posteriormente construiu uma longa experiência em uma empresa de planos odontológicos, empresa em que permaneceu quase seis anos e pela qual passou de assistente a coordenadora. Essa ascensão foi acompanhada de intensa dedicação e sobrecarga, o que culminou em desgaste emocional e afastamento por questões de saúde mental. Atualmente, em uma nova empresa, vivencia um contexto mais flexível e menos hierárquico, embora ainda permeado por desafios relacionados à falta de processos e à instabilidade de demandas. O trabalho, para Juliana, é percebido como necessidade e responsabilidade, fruto da ausência de apoio familiar e da busca por autonomia financeira. Ao mesmo tempo, é também um espaço de aprendizado e reconhecimento, onde pode ver materializados os resultados de seu esforço e competência.

Sua relação com o trabalho revela uma tensão entre o dever e o desejo de realização. Se, por um lado, o trabalho é compreendido como obrigação — um meio para garantir estabilidade e independência —, por outro, carrega o potencial de satisfação quando há clareza, coerência com valores e equilíbrio com a vida pessoal.

Os estudos surgem em sua narrativa como símbolo de transformação e ruptura de um ciclo familiar marcado pela falta de oportunidades: filha de pais com baixa escolaridade, Juliana vê na educação o caminho para “mudar o destino” e alcançar um lugar de autonomia. Apesar da rotina exaustiva, reconhece o estudo como instrumento de emancipação, amadurecimento e ampliação de consciência. Sua trajetória evidencia um processo de reconstrução subjetiva, no qual o trabalho e o estudo se entrelaçam como meios de conquista de dignidade e identidade profissional.

A partir do conjunto de significações emergentes em sua fala, foram elaborados 05 núcleos de significação que sintetizam as principais dimensões subjetivas presentes em sua experiência como jovem estudante e trabalhadora, permitindo compreender como Juliana constrói sentidos sobre o trabalho e o estudo.

Núcleo 1 – Trabalho como necessidade e sobrevivência

O trabalho ocupa lugar de obrigação e necessidade, vinculado à falta de apoio financeiro familiar e ao desejo de independência. Para Juliana, ele é central na conquista de autonomia e na manutenção da vida adulta, marcado pela responsabilidade precoce em assumir múltiplos papéis no mercado.

Núcleo 2 – Sentido do trabalho no alinhamento a valores e no equilíbrio

O trabalho só faz sentido quando está em consonância com valores pessoais e quando permite clareza de processos e equilíbrio entre vida profissional e pessoal. A experiência em ambientes de pressão e desrespeito reforçou sua percepção de que a coerência entre valores individuais e organizacionais é determinante para a permanência.

Núcleo 3 – Estudo como oportunidade de mudança de destino

O estudo representa uma ruptura com a trajetória familiar de falta de escolaridade, inspirada especialmente na mãe. A faculdade de Administração foi escolhida por sua amplitude e empregabilidade, funcionando como instrumento para ampliar oportunidades, evitar a estagnação e construir uma vida diferente da vivida pelos pais.

Núcleo 4 – Conciliação entre estudo e trabalho com limitações

Conciliar trabalho e estudo é um processo exaustivo, no qual admite não conseguir dedicar-se plenamente à faculdade. Apesar disso, organiza-se para manter ambos os papéis, priorizando estratégias de planejamento e execução de tarefas em finais de semana, mesmo reconhecendo os limites dessa conciliação.

Núcleo 5 – Futuro voltado à especialização e estabilidade

O futuro é projetado com continuidade dos estudos, como pós-graduação ou cursos complementares, além da definição de um foco profissional mais estável. Juliana almeja alcançar segurança financeira e um trabalho próspero, que una realização pessoal e coerência com seus valores, consolidando um caminho de crescimento e estabilidade.

A trajetória de Juliana evidencia como o trabalho se constitui simultaneamente como condição de sobrevivência e espaço de construção de identidade. Sua entrada precoce no mercado, sem apoio financeiro da família, produziu a experiência de que trabalhar é uma obrigação inescapável. Contudo, essa necessidade também foi motor de sua ascensão profissional, marcada por empenho, responsabilidade e reconhecimento pelos gestores. Nessa ambiguidade, o trabalho aparece como aquilo que sustenta a vida material, mas também como espaço de conquista e mobilidade.

No entanto, os sentidos produzidos não se esgotam na dimensão econômica. Juliana aponta que só considera um trabalho significativo quando há clareza de etapas, planejamento, alinhamento com valores éticos e equilíbrio com a vida pessoal. Ao mesmo tempo, denuncia práticas organizacionais que violavam esses princípios — como cobranças desmotivadoras, invalidação de sua voz e machismo estrutural — como experiências que desfiguravam o sentido de sua atividade.

A experiência do sofrimento não é secundária, mas constitutiva de novos sentidos. O período em que precisou recorrer a medicação controlada levou Juliana a redefinir suas prioridades, passando a valorizar a saúde mental e a estabelecer limites mais claros na relação com o trabalho. Essa resignificação ilustra a perspectiva de González Rey (2005), ao compreender a subjetividade como produção dinâmica e contraditória, na qual experiências de dor e ruptura podem gerar reorganizações criativas da vida subjetiva.

O estudo, por sua vez, é elaborado como estratégia de emancipação. Vinda de um contexto familiar de baixa escolaridade, a entrevistada projeta na formação acadêmica a possibilidade de “mudar o destino”, afastando-se da condição de precariedade vivida pelos pais. Ainda que reconheça a superficialidade do aprendizado diante da sobrecarga do trabalho, considera o conhecimento como instrumento para ampliar escolhas e conquistar autonomia. Nesse ponto, o trabalho e o estudo se articulam dialeticamente: o primeiro garante condições materiais para sustentar a formação, enquanto o segundo funciona como horizonte de transformação.

Assim, o percurso de Juliana revela que o trabalho ocupa um lugar central e contraditório em sua vida, nos termos de Antunes (2009): indispensável para a sobrevivência, mas vivido de forma tensa, entre precariedade e possibilidade, sofrimento e prazer. Se no passado predominou o trabalho como imposição e fonte de adoecimento, hoje emerge a busca por um sentido que una clareza, ética e equilíbrio, enquanto o estudo se apresenta como mediação fundamental para a construção de um futuro mais autônomo.

VI. Participante Mateus

Mateus, 24 anos, é estudante do curso de Administração e atua como gerente em uma empresa familiar do ramo de esquadrias e puxadores de vidro. Sua trajetória profissional teve início ainda na adolescência, quando ingressou como auxiliar de expedição em uma empresa do mesmo setor, permanecendo por três anos. Desde então, construiu uma carreira estável e ascendente, assumindo progressivamente funções de maior responsabilidade até chegar à posição de gestor. No trabalho atual, é responsável pela administração geral da empresa, cuidando de compras, produção, processos internos e metas. Demonstra orgulho pelas conquistas obtidas e pela autonomia adquirida, associando o trabalho à responsabilidade, maturidade e estabilidade financeira. Sua fala revela um sentimento de realização, mas também de permanente busca por crescimento e inovação, mostrando-se comprometido em aprimorar a gestão e manter a competitividade no mercado.

O estudo ocupa um lugar estratégico em sua trajetória, sendo percebido como um meio para alinhar a prática à teoria e aprimorar sua capacidade de gestão. Embora já possua uma graduação anterior, Mateus optou por cursar Administração para fortalecer sua atuação empresarial e expandir a visão administrativa. Reconhece o

desafio de conciliar rotina intensa e estudos, mas demonstra disciplina e organização para equilibrar as demandas, estudando nos finais de semana e aplicando imediatamente os aprendizados no trabalho. Para ele, estudar é investir no futuro e evitar a estagnação, mantendo-se atualizado em um mercado cada vez mais exigente e tecnológico.

A partir da análise de sua narrativa, foram identificados núcleos de significação que revelam como Mateus constrói sentidos sobre o trabalho e o estudo, articulando valores de responsabilidade, autonomia e progresso com a busca por aprendizado contínuo e reconhecimento.

Núcleo 1 – Trabalho como responsabilidade e sustento

O trabalho é compreendido como fonte de sustento e autonomia, mas também como espaço de construção de responsabilidade. Administrar uma empresa na juventude trouxe amadurecimento e o sentimento de que o trabalho ocupa posição central em sua vida, garantindo conquistas e motivando a busca por melhores condições.

Núcleo 2 – Sentido do trabalho na inovação e no atendimento ao cliente

O sentido do trabalho é associado à capacidade de atender clientes com qualidade, bater metas e inovar constantemente. Para Mateus, o trabalho só tem sentido quando está vinculado a objetivos claros, crescimento da empresa e diferenciação no mercado. Um trabalho sem inovação ou sem metas é visto como sem propósito.

Núcleo 3 – Estudo como investimento no futuro e complemento da prática

O estudo ocupa papel fundamental, permitindo alinhar teoria e prática. Para ele, estudar Administração é investir no futuro, uma forma de ampliar a visão estratégica e sustentar o crescimento da empresa. O aprendizado teórico aparece como complemento à experiência prática, trazendo maior segurança e embasamento para a tomada de decisões.

Núcleo 4 – Conciliação entre trabalho e estudo com disciplina e organização

Conciliar trabalho e estudo é um desafio constante, marcado por cansaço e falta de tempo, mas o entrevistado aposta na disciplina e na organização para

sustentar esses dois papéis. Aproveita finais de semana para leituras e trabalhos, organiza atividades da empresa para não comprometer a faculdade e busca manter uma rotina equilibrada, mesmo com sacrifícios pessoais.

Núcleo 5 – Futuro voltado à expansão empresarial e especialização

O futuro é projetado na continuidade dos estudos, com planos de pós-graduação ou MBA, aliados ao desejo de consolidar e ajudar a expandir a empresa. Mateus sonha em alcançar estabilidade financeira, mas também valoriza equilíbrio entre trabalho, família e qualidade de vida. O investimento na formação acadêmica é visto como meio para alcançar tais objetivos.

A narrativa de Mateus evidencia uma compreensão do trabalho fortemente ancorada na noção de meta e resultado. O trabalho surge como campo de realização prática, no qual o indivíduo mede seu valor a partir da performance que entrega. Essa relação revela uma perspectiva marcada pelo viés da produtividade e da eficácia, em que os indicadores de sucesso são essencialmente externos, vinculados a objetivos mensuráveis.

A partir da perspectiva de González Rey (2005), o sentido do trabalho em Mateus se constitui em um espaço subjetivo atravessado pela centralidade da performance. A subjetividade se organiza em torno de significados que se relacionam diretamente com a eficácia e a obtenção de metas, indicando que o trabalho não é apenas atividade objetiva, mas uma dimensão que estrutura sua identidade como gestor.

O prazer está presente na possibilidade de se reconhecer como eficaz e competente, ao mesmo tempo em que a busca constante por resultados pode se transformar em pressão subjetiva, criando tensões e vulnerabilidades. Nesse ponto, cabe destacar a contribuição de Gaulejac (2007), ao falar da ideologia gestionária: os sujeitos passam a internalizar a lógica da gestão e se avaliam segundo critérios de produtividade e eficácia, reforçando uma identidade quase exclusivamente vinculada ao desempenho.

Em consonância, Antunes (2009) denuncia o processo de mercantilização da vida no capitalismo contemporâneo, em que a lógica do trabalho coloniza as demais esferas da existência. A fala de Mateus reflete esse movimento, à medida que reduz

a centralidade do trabalho à performance e ao alcance de resultados, enfraquecendo outros possíveis sentidos ligados a relações, bem-estar ou projetos de vida.

Essa configuração aponta para uma vivência que pode ser interpretada como uma forma de alienação. O sujeito se reconhece quase exclusivamente por sua capacidade de produzir e atingir metas, restringindo sua identidade a um registro instrumental. Essa alienação dialoga com a crítica de Gaulejac (2011) à tirania da performance, quando o trabalhador internaliza a racionalidade gerencial como medida de valor pessoal, passando a confundir o “ser” com o “performar”. Assim, o trabalho, em vez de abrir múltiplas possibilidades de sentido, acaba por aprisionar o entrevistado em um eixo estreito de reconhecimento e validação social.

VII. Participante Mariana

Mariana, 22 anos, é estudante do 2º período do curso de Administração e atua como assistente administrativa em uma empresa de reciclagem. Sua trajetória profissional começou aos 18 anos, em uma clínica odontológica durante a pandemia, onde iniciou na área administrativa e depois passou a atuar com cobranças e finanças. Em seguida, trabalhou como jovem aprendiz no setor administrativo de uma empresa de tecnologia, onde permaneceu quase dois anos. Após esse período, realizou trabalhos informais e atuou brevemente em outra empresa antes de ingressar no emprego atual. Mariana descreve o trabalho como elemento central de sua vida, associado à motivação, propósito e à busca por estabilidade. Reconhece o valor simbólico e social do trabalho, mas também critica o modelo produtivo atual, que considera exaustivo e pouco humanizado, expressando o desejo de um formato que permita maior equilíbrio entre esforço, lazer e qualidade de vida.

Em relação ao estudo, Mariana o percebe como meio de ascensão social e realização pessoal. enxerga a formação superior como caminho para garantir um futuro melhor, ampliar oportunidades e conquistar autonomia financeira. Apesar do cansaço da rotina de conciliar trabalho e faculdade, mantém o estudo como prioridade, demonstrando disciplina e senso de propósito. A jovem expressa admiração por áreas ligadas às ciências humanas e comportamentais, e revela o desejo de seguir estudando e prestar concurso público após a graduação. Sua narrativa evidencia uma jovem trabalhadora que valoriza o esforço, a educação e a estabilidade, mas que

também reflete criticamente sobre as desigualdades de acesso e as condições precárias que dificultam a realização plena do sentido do trabalho e do estudo.

A partir de sua narrativa, foram identificados núcleos de significação que revelam como Mariana constrói sentidos sobre o trabalho e o estudo, descritos a seguir:

Núcleo 1 – Trabalho como sustento e autonomia

O trabalho é compreendido como obrigação financeira, responsável por garantir independência e reconhecimento. Ele cumpre a função de sustento material, mas também se relaciona com a conquista de responsabilidades e amadurecimento pessoal.

Núcleo 2 – Sentido do trabalho na utilidade e no reconhecimento

O trabalho com sentido é percebido quando há impacto positivo sobre outras pessoas e reconhecimento por parte do outro. Ele associa a utilidade social e a valorização como elementos que transformam o trabalho em algo significativo. Além disso, atrela sentido ao trabalho com qualidade de vida e equilíbrio.

Núcleo 3 – Estudo como ferramenta de ascensão e desenvolvimento

O estudo é visto como caminho de crescimento e ascensão, permitindo ampliar horizontes e conquistar autonomia. A escolha pela Administração aparece como decisão pessoal e significativa, que dá novo sentido à sua trajetória.

Núcleo 4 – Conciliação marcada por renúncia e esforço

Conciliar trabalho e estudo exige esforço contínuo, com sacrifícios, especialmente na redução do tempo livre e do lazer. Apesar das dificuldades, reconhece a importância de sustentar ambos os papéis para alcançar seus objetivos, porém apresentando intersecção de locais *versus* papéis: “Estudo no trabalho”.

Núcleo 5 – Futuro voltado à especialização

O futuro projetado é continuar estudando. Fazer uma especialização e um concurso público para buscar estabilidade e qualidade de vida.

A trajetória de Mariana, ainda no início da carreira, evidencia um modo de atribuir sentido ao trabalho que combina propósito, sociabilidade e utilidade, mas que também é atravessado pelas contradições da precarização e da sobrecarga. Em suas falas, o trabalho aparece como algo “muito importante”, pois traz ambição e motivação para “correr atrás das coisas”. Essa centralidade remete à ideia de trabalho como atividade vital (Antunes, 2009), indispensável não apenas à sobrevivência, mas à própria constituição da vida social e subjetiva. Para Mariana, contudo, o trabalho não basta em sua forma bruta: ele só faz sentido quando lhe permite sentir-se útil, importante e parte integrante da empresa.

O segundo aspecto marcante de sua narrativa é a ênfase na qualidade de vida e no lazer, constantemente mencionados como elementos fundamentais. Mariana critica a escala 6x1¹⁵ e reivindica jornadas mais equilibradas, associando o trabalho digno à possibilidade de viver bem. Essa perspectiva se aproxima das críticas de Antunes (2009) ao modo de produção contemporâneo, que tende a expropriar o tempo livre e colonizar a vida para além da esfera produtiva. O depoimento da participante também revela experiências de precarização em trabalhos anteriores, caracterizados pela ausência de registro e jornadas excessivas, que refletem a intensificação da exploração e a perda de direitos que marcam o mundo do trabalho atual. Ainda assim, ela reconhece que, mesmo nessas condições, obteve conquistas – como a possibilidade de tirar a carteira de motorista –, o que mostra a ambivalência entre a exploração e a utilidade que o trabalho lhe proporciona.

No campo do estudo, Mariana atribui a ele um papel transformador, enxergando-o como o caminho mais seguro para conquistar melhores condições de vida, conhecimento e oportunidades. Essa fala ressoa com a noção de sentido subjetivo de González Rey (2005), em que o estudo não se limita a um requisito formal, mas é vivido como horizonte de futuro e emancipação. Contudo, ela também reconhece as dificuldades de conciliar estudo e trabalho, apontando cansaço, renúncia ao lazer e estratégias de enfrentamento (como leituras, resumos e uso de tecnologias para lidar com o TDAH¹⁶).

¹⁵ A escala 6x1 é um regime de jornada de trabalho no qual o trabalhador exerce suas atividades por seis dias consecutivos, tendo direito a um dia de descanso semanal, conforme prevê a CLT.

¹⁶ O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é classificado na CID-11 como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por níveis persistentes de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, inadequados para a idade e que prejudicam o funcionamento global do indivíduo. (OMS, 2019)

Por fim, Mariana projeta seu futuro no ingresso em um concurso público e na continuidade da formação acadêmica por meio de uma pós-graduação. Esse desejo de estabilidade e segurança expressa uma busca por romper com a lógica de instabilidade vivida em suas experiências anteriores. Em termos críticos, pode-se dizer que Mariana se encontra no campo de tensão apontado por Gaulejac (2007), ao falar da ideologia da gestão: de um lado, internaliza a importância de ser útil, produtiva e valorizada; de outro, reivindica “qualidade de vida e o direito de trabalhar para viver, e não viver para trabalhar.” Essa tensão evidencia que, mesmo no início da carreira, sua narrativa já carrega as contradições entre o trabalho como espaço de emancipação e como espaço de alienação, sendo que este último se manifesta quando a atividade se reduz à mera sobrevivência, sem lazer ou saúde.

VIII. Participante Vitor

Vítor, 22 anos, é estudante de Administração e trabalha como coordenador administrativo em uma escola particular, onde atua há três anos. Sua trajetória profissional começou cedo, em uma loja de brinquedos da família, onde desempenhava múltiplas funções — de caixa a estoque e atendimento. Em seguida, serviu ao Exército, experiência que associa à disciplina e ao senso de responsabilidade que carrega até hoje. Na atual função, coordena rotinas administrativas e participa de ações ligadas à comunicação e marketing, produzindo vídeos e fotos para o ambiente escolar. O trabalho é descrito como fonte de orgulho, aprendizado e crescimento pessoal, permitindo-lhe sentir-se útil e realizado. Para Vítor, o sentido do trabalho está em poder contribuir com o desenvolvimento das crianças e com a criação de um ambiente acolhedor e educativo, o que o motiva a permanecer na área.

O estudo, por sua vez, é visto como ferramenta de aprimoramento e autoconfiança. A faculdade de Administração representa para ele a oportunidade de consolidar o conhecimento adquirido na prática, desenvolver pensamento crítico e preparar-se para desafios futuros. Apesar da rotina intensa — com longas jornadas entre o trabalho e a universidade —, mantém um alto nível de comprometimento, acreditando que o esforço atual é um investimento em seu futuro. Vítor valoriza a estabilidade e o progresso material, mas também reconhece a importância da realização emocional e da qualidade de vida. Sua narrativa revela um jovem

disciplinado e perseverante, que associa o sucesso ao equilíbrio entre responsabilidade, aprendizado e propósito.

Foram identificados 05 núcleos em sua narrativa, sendo os mesmos descritos abaixo:

Núcleo 1 – Trabalho como realização e orgulho pessoal

O trabalho ocupa papel central na vida do participante, indo além da função de sustento financeiro. Ele o entende como espaço de crescimento, orgulho e realização pessoal. Sua atuação como coordenador administrativo escolar lhe proporciona responsabilidades de gestão e contato direto com a realidade organizacional, sendo um espaço de aprendizado contínuo e de construção de identidade profissional.

Núcleo 2 – Sentido do trabalho no contato humano e na educação

O sentido do trabalho é encontrado especialmente no contato com as crianças e na possibilidade de contribuir para a educação e o ambiente escolar. Mesmo em um cargo administrativo, Vitor valoriza tarefas que o aproximam dos alunos, como produção de materiais e atividades de apoio, reforçando que o trabalho faz sentido quando está alinhado a propósito, bem-estar e realização, e não apenas ao dinheiro.

Núcleo 3 – Estudo como praticidade e aplicação imediata

O estudo é visto como ferramenta de transformação, capaz de desenvolver pensamento crítico e ampliar a capacidade de tomada de decisão. Ele valoriza a praticidade de estudar Administração, pois muitos conceitos teóricos vistos em sala encontram aplicação imediata em sua rotina de trabalho. Assim, estudar é um meio de ampliar horizontes e, ao mesmo tempo, qualificar o exercício profissional.

Núcleo 4 – Perseverança na conciliação entre trabalho e estudo

Conciliar trabalho e estudo exige disciplina e resiliência. A rotina é marcada por longas jornadas, indo direto do trabalho à faculdade, o que traz cansaço. Contudo, ele valoriza a troca presencial em sala de aula e busca não faltar, utilizando a perseverança como estratégia para lidar com a sobrecarga. O contato com colegas e professores é percebido como elemento de apoio e de crescimento.

Núcleo 5 – Futuro marcado por especialização e prosperidade

No futuro, Vitor projeta seguir estudando, realizar pós-graduação e especializações, além de consolidar sua carreira na área administrativa. Ele deseja manter o equilíbrio entre conquistas pessoais, qualidade de vida e crescimento profissional, valorizando um ambiente de trabalho próspero e que contribua tanto para si, quanto para as pessoas ao seu redor. Seus sonhos incluem também construir uma família, unindo vida pessoal e realização profissional.

A trajetória de Vitor mostra um jovem trabalhador que constrói o sentido do trabalho a partir da realização, do propósito e da dimensão educativa. Para ele, a atividade profissional vai além da sobrevivência financeira, constituindo-se como espaço de crescimento pessoal e de orgulho. O ambiente escolar aparece como lugar de destaque, pois nele encontra o contato com as crianças, aspecto que atribui centralidade ao seu relato. Essa vivência lhe permite sentir-se não apenas administrador, mas também educador, alguém capaz de transmitir valores, ouvir sentimentos e contribuir para a formação de outros. Esse modo de dar sentido ao trabalho dialoga com a noção de sentido subjetivo em González Rey (2005), que compreende o trabalho como produção simbólica singular, em que o sujeito organiza sua identidade em função das experiências vividas.

Ao relacionar trabalho com propósito, Vitor se distancia da lógica de redução da atividade laboral à mera sobrevivência, apontada por Antunes (2009) como característica do trabalho alienado no capitalismo contemporâneo. Para o autor, o trabalho pode assumir dimensões emancipadoras quando recupera seu valor de uso, permitindo ao indivíduo realizar-se no que faz. Essa perspectiva é observada no discurso de Vitor, que reconhece no contato com as crianças um sentido que ultrapassa a racionalidade instrumental, vinculando o trabalho ao prazer de educar e de se inserir em um ambiente acolhedor.

O estudo aparece em sua narrativa como instrumento fundamental de complementação prática e de desenvolvimento crítico. Vitor valoriza a relação entre teoria e prática, reconhecendo que a formação acadêmica amplia sua compreensão sobre as atividades cotidianas e lhe dá segurança diante dos desafios da gestão. Tal percepção reforça a ideia de que o estudo, para além de requisito formal, assume função constitutiva na subjetividade, abrindo horizontes de crescimento e legitimando sua prática profissional.

No entanto, sua vivência também é marcada por uma rotina intensa e disciplinada, na qual concilia longas jornadas de trabalho com os estudos noturnos. Esse esforço constante, embora fonte de realização, traz cansaço e exige estratégias de enfrentamento. Vitor adota a disciplina como resposta, afirmando a necessidade de "não desistir". Esse aspecto pode ser interpretado à luz de Gaulejac (2007), que descreve a ideologia gestonária como produtora de sujeitos que internalizam o dever de resistir, superar-se e manter-se sempre presentes, mesmo diante da exaustão. Assim, embora sua narrativa esteja marcada pela realização, ela também carrega traços da pressão da performance, que se traduz na necessidade de persistência e superação contínua, e revela as tensões do mundo laboral contemporâneo, onde a ideologia da performance, descrita por Gaulejac, se infiltra na subjetividade, exigindo resistência e constante autossuperação.

4.3 Contradições e sentidos do trabalho e do estudo: a síntese dos núcleos de significação

A análise das oito entrevistas realizadas com jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z evidencia a complexidade e a contradição na forma como esses sujeitos constroem sentidos sobre o trabalho e o estudo. Segundo Aguiar, Soares e Machado (2015), os núcleos emergem da análise como configurações de significações que condensam contradições e revelam dimensões subjetivas não imediatamente evidentes. Trata-se, portanto, de um movimento interpretativo e ancorado na perspectiva histórico-dialética (Aguiar e Ozella, 2006; 2013). Essa abordagem parte do pressuposto de que os sentidos não são dados ou fixos, mas se constituem historicamente a partir da articulação entre as trajetórias individuais, as condições concretas de inserção social e as contradições que atravessam as experiências de vida e de trabalho. Com isso, exige-se ir além da superfície das respostas, buscando compreender como o particular se conecta ao geral, como as falas singulares se articulam com processos históricos e sociais mais amplos. Corroborando, González Rey (2003, 2017) afirma que a subjetividade é sempre produzida de maneira singular, mas atravessada por determinações sociais, relações e contradições que estruturam a vida em sociedade, sendo impossível dissociar a experiência individual do contexto coletivo.

O panorama das oito entrevistas coletivamente permitiu identificar convergências e divergências: as convergências apresentam elementos que se repetem entre os jovens, evidenciando um padrão geracional de construção de sentidos, como a centralidade do trabalho, a valorização do estudo como motor de mobilidade e a busca por estabilidade futura. Já as divergências revelam singularidades relacionadas a trajetórias pessoais, condições familiares, escolhas acadêmicas e inserções profissionais distintas, conforme quadro comparativo a seguir:

Quadro 10: Comparativo dos sentidos mapeados dos entrevistados

Participante	Papel do Trabalho	Sentido do Trabalho	Sobre Estudar	Sobre Estudar e Trabalhar	Sobre Futuro
Ana 26 anos Psicologia 8º período Business Partner RH	Prioridade e base de estabilidade e realização; disputa espaço com a família.	quando há valorização, cuidado e possibilidade de prevenir adoecimento.	Identidade e cidadania; alto valor simbólico, mas sente insuficiência pelo pouco tempo.	Conciliação insuficiente; sobrecarga e renúncia de lazer para dar conta.	Manter estabilidade no RH e avançar em saúde mental nas empresas
Bruno 26 anos Psicologia 8º período Analista RH	Predominância do financeiro; etapa transitória até se formar.	Sentido em criar/estruturar soluções; horizonte de realização na clínica.	Ponte para o projeto de vida; interesse por psicanálise e ampliação de repertório.	Estratégias pragmáticas; estudo concentrado em provas/finais de semana.	Migrar para Business Partner no curto prazo e, depois, clínica/pós; possível empreender
Gabriel 27 anos Psicologia 6º período Conferente	Sustento e permanência estratégica (“só um emprego” para pagar a faculdade).	Sentido = impacto/ajuda; crítica à exploração e à lógica de “número”.	Amplia mundo e reposiciona prioridades; base para transição.	Rotina extenuante com negociações de horário; preserva presença na faculdade.	Sair do varejo; atuar na clínica fazer uma pós e melhor qualidade de vida.
Fernanda 23 anos Psicologia 8º período Professora	Necessidade financeira e fase de transição até consolidar-se na Psicologia.	Faz sentido quando ajuda/resolve problemas; encontra algum sentido com as crianças.	Prioridade formativa (faculdade + cursos); desejo de maior imersão acadêmica.	Conciliação difícil (dois empregos + faculdade); frustração por não se dedicar mais no estudo.	Migrar gradualmente para a clínica; conciliar até viabilizar dedicação plena.
Juliana 25 anos Administração 8º período Supervisora	Necessidade/o brigação; caminho de autonomia sem apoio familiar.	Depende de alinhamento a valores, clareza de processos e equilíbrio vida-trabalho.	“Mudança de destino”; Administração pela amplitude/empr egabilidade.	Organização com limites: admite que não consegue dar 100% aos estudos.	Seguir estudando (pós/inglês), definir foco e alcançar estabilidade.
Mateus 24 anos Administração 2º período Gerente	Responsabilidade e sustento; central na autonomia e nas conquistas.	Sentido em metas, inovação e atendimento ao cliente com competitividade.	Instrumental e aplicado: teoria para fortalecer a prática e decisões.	Disciplina e planejamento; usa fins de semana para estudos.	Pós/MBA; consolidar e expandir a empresa com equilíbrio vida-trabalho.

Participante	Papel do Trabalho	Sentido do Trabalho	Sobre Estudar	Sobre Estudar e Trabalhar	Sobre Futuro
Mariana 22 anos Administração 2º período Assistente Administrativo	Sustento e autonomia com crítica à sobrecarga (defesa do lazer/qualidade de vida).	Sentido na utilidade, reconhecimento e equilíbrio; rejeita “trabalhar só por salário”.	Ferramenta de ascensão e desenvolvimento; escolha consciente por Administração.	Renúncia e esforço; estratégias com tecnologia, TDAH; estuda também no trabalho.	Concurso público + pós para estabilidade e melhor qualidade de vida.
Vitor 23 anos Administração 2º período Coordenador Administrativo	Realização e orgulho; trabalho como trajetória de crescimento.	Propósito no contato com crianças e na dimensão educativa do trabalho.	Praticidade: levar teoria para a prática; estudo amplia segurança/decisão.	Perseverança e disciplina; jornadas longas, mas valoriza a troca em aula.	Especializações/pós; consolidar carreira administrativa com prosperidade e família.

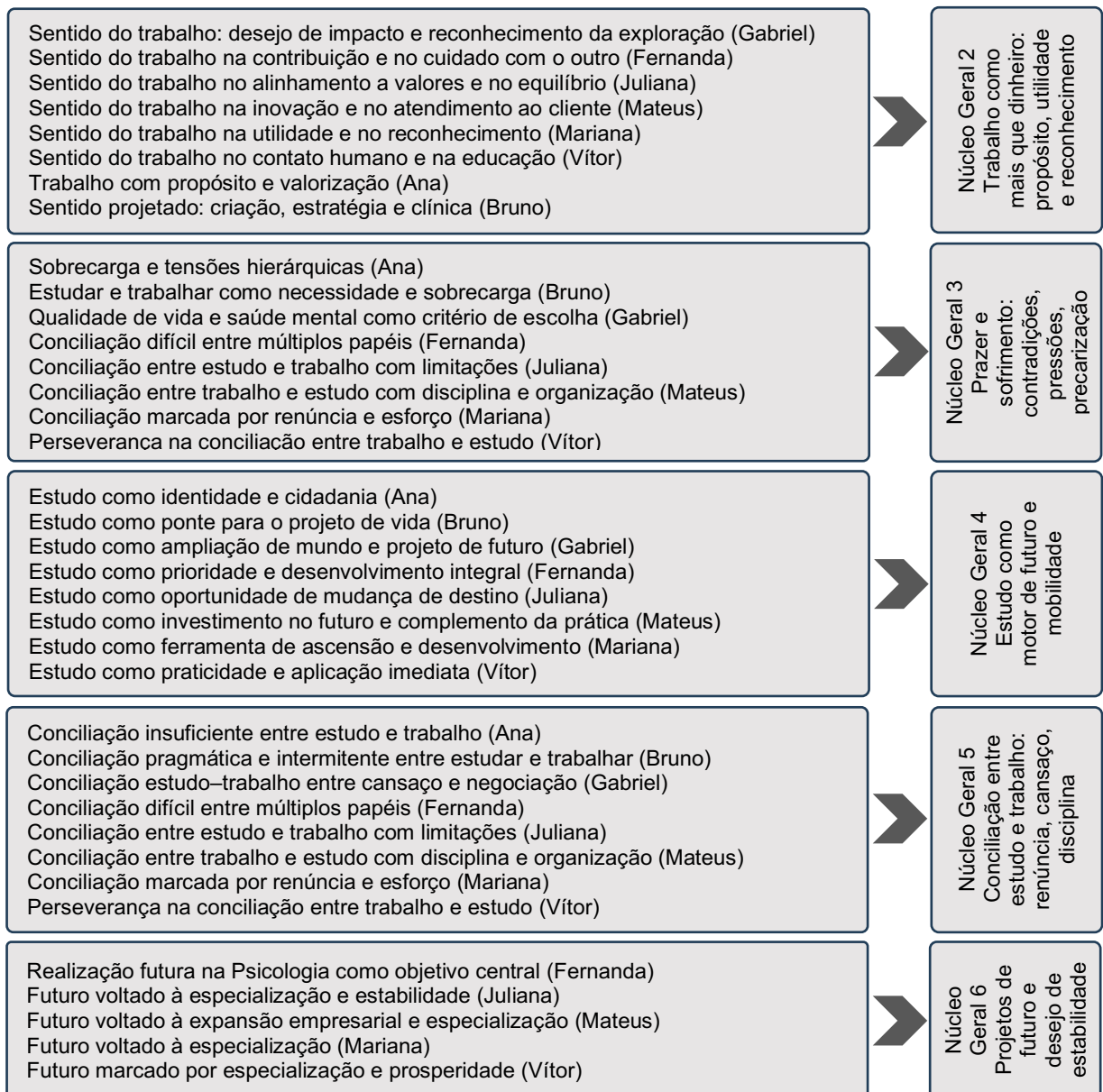
Fonte: Dados da Pesquisa, 2025

Ambas as dimensões — convergência e divergência — são constitutivas da análise, uma vez que os sentidos não são homogêneos, mas se expressam como plurais, dinâmicos e contraditórios, compondo aquilo que Aguiar e Ozella (2013) denominam rede de significações.

Nessa rede, os sentidos não aparecem de forma linear ou isolada, mas se entrelaçam em uma malha de significações que se transformam continuamente. Isso significa que uma mesma fala pode condensar contradições, como quando o trabalho é visto, ao mesmo tempo, como espaço de realização e de sofrimento; ou quando o estudo é fonte de mobilidade social, mas também de sobrecarga. Assim, como defendem Aguiar e Ozella (2006), os núcleos não são categorias estanques, mas construções interpretativas que funcionam como mediações entre a experiência individual e a totalidade social. A partir desse entrelaçamento entre falas singulares, foi possível organizar os sentidos produzidos pelos jovens em seis núcleos coletivos, que sintetizam tanto as recorrências, quanto as tensões mais expressivas conforme a Figura 3 abaixo:

Figura 3: Demonstração da consolidação dos núcleos individuais em núcleos gerais.





Fonte: Dados da Pesquisa, 2025

A seguir, cada núcleo será detalhado e discutido em diálogo com as falas dos entrevistados e com o referencial teórico adotado, de modo a evidenciar como os jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z produzem sentidos sobre o trabalho e o estudo em meio às contradições de sua condição social e histórica.

4.3.1 Núcleo 1 – Trabalho como centralidade e responsabilidade

O primeiro núcleo que emerge das entrevistas evidencia a centralidade do trabalho como eixo estruturador da vida dos jovens. Independentemente das

condições, dos setores ou das trajetórias específicas, todos reafirmam o trabalho como algo inescapável, vital e constitutivo de identidade. Em chave ontológica, Lukács (2012) reforça que o trabalho é a categoria fundante do ser social, pois organiza as mediações entre indivíduo, coletividade e natureza.

Essa percepção ecoa o que Marx (2013) já havia apontado: o trabalho é a atividade vital pela qual o homem se produz, transforma a natureza e a si mesmo, ainda que no capitalismo essa relação esteja marcada pela alienação. A análise dos núcleos de significação permite observar que a alienação, descrita por Antunes (2000; 2020) como expressão da lógica capitalista que esvazia o sentido do trabalho, está presente de maneira recorrente nas vivências dos jovens estudantes-trabalhadores. Os relatos sobre exaustão, repetitividade das tarefas, falta de reconhecimento, pressão por produtividade e ausência de perspectiva revelam a distância entre o trabalho real e as necessidades subjetivas desses sujeitos. Tal desconexão, evidenciada em expressões como “sou só mais um”, “não tenho tempo para estudar” ou “meu trabalho não tem nada a ver comigo”, mostra que o trabalho, longe de constituir espaço de realização, tem sido vivido como obrigação funcional e emocionalmente desgastante, produzindo estranhamento, insegurança e desligamento simbólico em relação à atividade.

Nas narrativas, esse caráter indispensável aparece de forma explícita. Fernanda declarou: “o trabalho é muito importante para qualquer pessoa, e não ter trabalho é viver sem sentido”. Mariana afirmou: “o trabalho pra mim é muito importante... acho que ele te dá um pouco de propósito, ambição de correr atrás das coisas”. Vitor completou: “na verdade o trabalho é mais o que vai além da sobrevivência financeira, do dinheiro... é o que você faz ou dá sentido na tua trajetória”.

Outros entrevistados reforçam a mesma centralidade. Ana sintetizou: “o trabalho é prioridade, é estabilidade e realização, mas também é sobrecarga, é abrir mão dos estudos e do lazer”. Mateus destacou o papel de maturidade: “o trabalho fez com que me tornasse bem responsável na minha vida... sempre desejando algo a mais”. Juliana, que iniciou cedo no mercado, sem apoio familiar, narrou: “sem apoio em casa, precisei trabalhar para me sustentar, mas foi isso que me fez crescer e conquistar meu espaço”. E por fim, Gabriel, ainda que frustrado, reconheceu: “o salário me segura”, pois sem ele não poderia pagar a faculdade.

Essas falas confirmam a centralidade inescapável do trabalho: ele é, ao mesmo tempo, necessidade, orgulho e condição de possibilidade para os projetos futuros. Antunes (2000, 2020) descreve esse movimento como uma contradição estrutural: o trabalho permanece indispensável à vida social, mas, sob o capitalismo contemporâneo, assume formas cada vez mais precárias, intensificadas e esvaziadas de sentido. No relato de Bruno, a centralidade do trabalho aparece não apenas como necessidade financeira, mas como eixo estruturante de sua rotina e de sua própria forma de organizar a vida: “eu trabalho para conseguir pagar a faculdade e ajudar em casa; não posso sair porque dependo disso para ter futuro”. A partir dessa fala, observa-se que o trabalho não se limita ao tempo produtivo, mas passa a orientar escolhas, expectativas e até o modo como o entrevistado compreende seu processo de formação.

Alves (2011) acrescenta que, na era do capitalismo manipulatório, o trabalho não apenas ocupa o tempo produtivo, mas coloniza a subjetividade, impondo aos indivíduos a lógica da performance e da competitividade. Ao vincular sua permanência na faculdade, seu projeto de futuro e sua própria estabilidade emocional à manutenção do emprego, Bruno revela como a lógica da performance e da necessidade constante de produtividade atravessa seu cotidiano e estrutura suas possibilidades de ação. Assim, a dependência econômica deixa de ser apenas uma condição material e transforma-se em um operador subjetivo que molda prioridades, restringe alternativas e define o que é possível ou não em sua trajetória — exatamente como analisado por Antunes (2020) no contexto do capitalismo contemporâneo.

Essa pressão aparece nos relatos. Mariana criticou a escala 6x1, afirmando que “o trabalho teria que ter um espaço mais para o lazer e uma qualidade de vida mais adequada”. Gabriel falou sobre a recusa de cargos de liderança para preservar vínculos e saúde mental: “não queria virar chefe e perder meus amigos, nem me cobrar por algo que não faz sentido”. E Ana relatou o peso da sobrecarga: “às vezes sinto que o trabalho ocupou o espaço do estudo, e isso me gera uma sensação de insuficiência”.

Em paralelo, o trabalho também é fonte de orgulho e reconhecimento. Vitor disse: “me sinto orgulhoso e em constante crescimento”. Juliana valorizou a confiança recebida: “sempre assumi responsabilidades, meus gestores me viam como alguém de confiança”. Mateus enfatizou a entrega coletiva: “o que eu mais gosto no meu trabalho é a dedicação dos colaboradores”. Essa ambivalência confirma o que

Gaulejac (2007) chama de “capitalismo paradoxal”: o trabalho é simultaneamente espaço de emancipação e de aprisionamento, fonte de prazer e de sofrimento. Ao mesmo tempo em que se apresenta como realização, também exige renúncias e impõe tensões.

Do ponto de vista geracional, os dados convergem com Bezerra et al. (2019) e Ceribeli, Lourenço e Saraiva. (2023), que mostram como a Geração Z, embora questione aspectos do modelo tradicional de trabalho, não consegue escapar de sua centralidade. Essa geração reconhece a importância do lazer, da saúde mental e da qualidade de vida, mas continua presa à lógica de que trabalhar é “necessário para viver”. Como resumiu Gabriel, “eu não me vejo sem trabalho, porque se eu não trabalhar, eu não consigo estudar, não consigo viver”.

Portanto, o trabalho aparece nas narrativas como categoria ontológica, identitária e socialmente indispensável, ainda que permeada por contradições. É central não apenas para a sobrevivência, mas para a construção de si, para a dignidade e para o pertencimento. Essa constatação, já apontada por Antunes e Alves (2024) ao analisarem as mudanças do trabalho na mundialização do capital, confirma-se na experiência concreta dos jovens entrevistados: mesmo precarizado, intensificado e esvaziado em alguns momentos, o trabalho permanece como eixo inescapável de sentido. A precarização manifesta-se nas falas quando relatam jornadas extenuantes, como Bruno, que afirma que sua rotina “é trabalhar, estudar e dormir”, indicando ausência de tempo para descanso ou vida social; quando mencionam tarefas além da função, como Ana, que relata que “acumula demandas porque sempre falta gente”; ou ainda quando descrevem condições de instabilidade, como Beatriz, que teme perder o emprego a qualquer momento porque “a empresa troca a equipe com frequência”. Esses elementos revelam concretamente o cenário descrito por Antunes (2020): um trabalho que exige cada vez mais, oferece cada vez menos e, ainda assim, permanece indispensável à reprodução da vida e da subjetividade.

Cada fala, portanto, não pode ser interpretada isoladamente: é no movimento de rede que elas ganham densidade, revelando que o trabalho é central, mas sempre atravessado por tensões entre prazer e sofrimento, obrigação e desejo, necessidade e reconhecimento. Esse modo de compreender os sentidos dialoga ainda com González Rey (2017), que entende a subjetividade como uma configuração simbólico-emocional permanentemente em produção, na qual os sentidos emergem de

experiências concretas, atravessadas por história e projetos. Assim, a centralidade do trabalho para esses jovens não se reduz a uma afirmação abstrata: ela é vivida e ressignificada em cada trajetória, compondo uma trama de significações em constante transformação.

4.3.2 Núcleo 2 – Trabalho como mais que dinheiro: propósito, utilidade e reconhecimento

Um dos eixos mais expressivos nas entrevistas foi a compreensão do trabalho para além da sua dimensão estritamente econômica. Se o trabalho é indispensável para a sobrevivência material — condição reconhecida por todos —, ele também emerge, nas falas, como espaço de produção de sentido quando associado a propósito, utilidade e reconhecimento. Essa perspectiva aparece de modo recorrente nos relatos, ainda que com diferentes ênfases.

A participante Mariana, por exemplo, afirma que um trabalho com sentido é aquele em que se pode “sentir-se útil, realizado e com objetivo”, destacando a dimensão de reconhecimento subjetivo que transcende a mera remuneração. De modo semelhante, Ana enfatiza que o trabalho adquire valor quando possibilita “impactar positivamente os outros”, enquanto Fernanda conecta o sentido à possibilidade de “ajudar crianças, ensinar e transformar vidas”. Bruno menciona que encontra algum sentido quando pode “construir, discutir e trazer soluções”, ou seja, lampejos de reconhecimento e criatividade. Já Vitor associa realização ao fato de trabalhar com amor e propósito, destacando: “o que eu mais gosto é estar em contato com as crianças, poder ensinar e educar, transmitir valores”.

Essas falas expressam aquilo que Antunes (2000) denomina como a afirmação e a negação do trabalho: ao mesmo tempo em que o trabalho pode se reduzir à lógica do capital, ele também conserva potencialidades humanas ligadas ao reconhecimento, à cooperação e ao propósito coletivo. Nessa mesma linha, Alves (2011) analisa como a subjetividade do trabalhador na era do “capitalismo manipulatório” é constantemente tensionada entre a mercantilização da vida e a busca por formas de resistência simbólica que mantenham o sentido da atividade.

A literatura sobre sentidos do trabalho corrobora essa dimensão. Araújo e Sachuk (2007) destacam que os indivíduos, mesmo em contextos organizacionais marcados por racionalidade instrumental, buscam ressignificar a atividade a partir de

valores subjetivos, encontrando sentido no impacto social ou no reconhecimento interpessoal. Isso também se observa em Bezerra et al. (2019), que analisam as expectativas da Geração Z, apontando que, para esses jovens, o trabalho não pode se restringir à sobrevivência, devendo estar vinculado à realização pessoal, propósito e contribuição social.

O reconhecimento aparece como aspecto central. Mariana relata que, ainda que reconheça que todos são substituíveis, sente-se parte da empresa e valorizada por sua contribuição, afirmando: “sei que ajudo a empresa, que faço parte dela, visto a camisa”. Essa busca por reconhecimento conecta-se ao que Obregon et al. (2016) identificaram em jovens estudantes: o trabalho é percebido como fonte de identidade quando há espaço para o indivíduo sentir-se importante e funcional. Assim, a utilidade não se reduz ao resultado econômico da empresa, mas se refere a um sentimento de pertencimento.

Do ponto de vista da Teoria da Subjetividade, González Rey (2011, 2017) ajuda a compreender esse movimento. Para ele, os sentidos subjetivos são configurações simbólico-emocionais produzidas em rede, nas quais elementos históricos e sociais se articulam com a experiência pessoal. Nesse sentido, o momento histórico vivido pelos participantes não é apenas pano de fundo, mas parte constitutiva da produção de sentido. Nos últimos anos, o Brasil tem atravessado transformações profundas no campo laboral — a Reforma Trabalhista de 2017, a Reforma da Previdência de 2019, o enfraquecimento das organizações sindicais, o avanço da informalização, o aumento da rotatividade e a flexibilização das garantias contratuais¹⁷. Esses processos, amplamente discutidos por Antunes (2020) e Alves (2011), produzem um cenário de instabilidade que atravessa diretamente a construção subjetiva dos jovens.

É nesse contexto que os entrevistados constroem sentidos subjetivos sobre o trabalho. Quando Bruno afirma que trabalha “puramente pelo financeiro, porque eu tenho que pagar minha faculdade e não dá para abrir mão disso agora”, ele expressa uma forma de leitura da realidade diretamente atravessada pela insegurança

¹⁷ Desde 2017, o Brasil passa por transformações estruturais no campo laboral, como a Reforma Trabalhista (Lei nº 13.467/2017), que flexibilizou contratos, ampliou formas de terceirização e reduziu proteções coletivas; a Reforma da Previdência (Emenda Constitucional nº 103/2019), que alterou regras de aposentadoria; e o enfraquecimento de sindicatos após o fim da obrigatoriedade da contribuição sindical. Esses processos contribuíram para o aumento da informalidade, da rotatividade e da responsabilização individual pelo sucesso profissional, compondo o contexto no qual os sentidos subjetivos analisados nesta pesquisa são produzidos.

econômica e pela responsabilização individual. Sua fala também evidencia a centralidade inescapável do trabalho, ainda que destituída, em alguns momentos, de realização pessoal. Outros participantes também revelam como o contexto histórico-social incide sobre suas experiências. Fernanda, por exemplo, relata “eu deixei de dormir vários dias porque precisava estudar e trabalhar, se eu largasse o trabalho não tinha como continuar no curso”, articulando as tensões entre formação, sobrevivência e expectativas de futuro. Já Mariana comenta: “às vezes parece que tudo depende de mim dar conta de tudo, como se o mundo inteiro cobrasse isso”, expressando a interiorização de discursos de performance e aceleração presentes no mundo contemporâneo.

Ao atribuírem sentido ao trabalho quando ele se conecta a um propósito — seja ajudar, educar ou transformar —, esses jovens reorganizam subjetivamente sua inserção no mundo laboral, resistindo à tendência de alienação que reduziria o trabalho ao mero salário. As falas de Vítor exemplificam esse movimento: “eu fico mais motivado quando vejo que estou ajudando alguém, aí parece que vale mais a pena”. Aqui, como propõe González Rey, a dimensão social não determina de forma mecânica, mas entra como elemento constitutivo na produção dos sentidos subjetivos: as condições estruturais são reinterpretadas à luz da história, dos afetos e dos projetos de cada um.

Há, portanto, uma tensão entre o trabalho como mercadoria e o trabalho como espaço de realização. Essa contradição foi sintetizada por Antunes e Alves (2004), ao analisarem as mutações do trabalho no capitalismo contemporâneo: ao mesmo tempo em que cresce a precarização e a mercantilização da força de trabalho, emergem reivindicações por reconhecimento, propósito e dignidade, especialmente entre os jovens.

O discurso de Fernanda ilustra bem essa ambivalência: embora afirme que hoje trabalha principalmente para “pagar a faculdade e as contas”, também diz que só considera o trabalho significativo quando ele “ajuda a pessoa a ser melhor, traz realização e tem finalidade ética”. Essa oscilação revela, de acordo com Aguiar e Ozella (2013), como os sentidos não aparecem de forma linear, mas se constituem em contradições e redes de significação. O mesmo sujeito que denuncia a lógica do trabalho apenas pelo lucro é aquele que, ao mesmo tempo, ressignifica sua atividade ao conectar-se ao impacto positivo que ela pode gerar.

Assim, o núcleo revela uma dimensão fundamental: para os jovens entrevistados, o trabalho não pode ser reduzido à sobrevivência, mas precisa estar associado à utilidade social, reconhecimento e propósito pessoal. Essa compreensão ecoa no que Campos et al. (2022) denominaram “prazer subjetivo nas carreiras”, quando a atividade profissional se conecta a valores e identidades individuais.

Nesse sentido, o Núcleo 2 evidencia que a Geração Z, mesmo atravessada por condições de precarização, projeta sobre o trabalho uma expectativa de realização simbólica e ética. O salário é necessário, mas insuficiente; o que legitima o trabalho é a possibilidade de sentir-se útil, reconhecido e participante de algo maior do que a própria sobrevivência.

4.3.3 Núcleo 3 – Prazer e sofrimento no trabalho (contradições, pressões, precarização)

O terceiro núcleo que emerge das entrevistas evidencia a dimensão contraditória do trabalho: se, por um lado, ele pode ser espaço de realização, pertencimento e orgulho, por outro também se configura como campo de sofrimento, precarização e adoecimento. Essa ambivalência é constitutiva da experiência laboral na contemporaneidade, como assinalam Antunes e Praun (2015), ao afirmarem que vivemos numa “sociedade dos adoecimentos no trabalho”, marcada pela intensificação das exigências e pela precarização das condições laborais.

Os relatos dos participantes explicitam de forma contundente as condições que conduzem ao sofrimento: Juliana afirmou que, em sua experiência anterior, vivenciou machismo, invalidação e pressões intensas, o que a levou ao uso de medicação controlada por três anos. Mariana denunciou a escala 6x1 como símbolo de um regime produtivista que retira tempo de descanso e lazer, reduzindo a vida à lógica da produtividade. Gabriel relatou ter experimentado burnout após anos em um supermercado, descrevendo que “o salário me segura”, numa clara expressão de que o trabalho deixou de ter significado intrínseco e passou a ser apenas meio de sobrevivência. Ana mencionou sobrecarga e uma hierarquia rígida que impedia questionamentos, limitando sua autonomia e potencial criativo.

Essas falas encontram eco em Han (2017), ao afirmar que a “sociedade do cansaço” é marcada pela autoexploração e pelo imperativo de desempenho. O trabalhador internaliza a pressão por produtividade e passa a se sentir culpado por

não dar conta de tudo. Do mesmo modo, Gaulejac (2007) descreve esse fenômeno como a “tirania da performance”, em que os sujeitos avaliam a si mesmos exclusivamente pela capacidade de cumprir metas. O discurso de Mateus, para quem o trabalho só faz sentido quando há cumprimento de objetivos e metas, exemplifica esse processo de internalização da lógica gerencial, em que a pressão deixa de ser vista como patológica e se torna naturalizada.

Além disso, há uma dimensão clara de precarização. Mariana relatou que, em seu trabalho anterior, não havia registro formal e tampouco horários definidos, precisando entrar antes e sair depois, sem garantias. Essa situação reflete o que Alves (2011) chama de “espírito do toyotismo”, em que a flexibilização aparente esconde a intensificação real do trabalho. Pesquisas recentes confirmam esse cenário: Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2023) apontam que jovens da Geração Z, mesmo qualificados, enfrentam condições de instabilidade, contratos frágeis e ambientes pouco dignos; Corseuil, França e Poloponsky (2020) ressaltam que a inserção dos jovens brasileiros ocorre num contexto de recessão e informalidade, o que amplia sua vulnerabilidade.

Porém, a análise não se esgota no sofrimento. Em todos os relatos, há momentos em que o trabalho é ressignificado como fonte de prazer, utilidade e reconhecimento. Juliana afirmou sentir-se realizada quando via seu esforço materializado na montagem de um estande. Vitor destacou a satisfação de estar próximo das crianças, educando e transmitindo valores, o que o faz sentir orgulho de sua trajetória. Ana e Mariana mencionaram a realização de sentirem-se úteis e de impactar positivamente os outros, mesmo em meio à sobrecarga. Gabriel, embora crítico à exploração, valoriza os vínculos afetivos com os colegas do supermercado, reconhecendo na sociabilidade uma fonte de permanência.

Embora esse trabalho esteja pautado em epistemologias conectadas ao materialismo dialético, essa dimensão do prazer pode ser compreendida pontualmente à luz da psicodinâmica do trabalho de Dejours (1992), que defende que o prazer emerge quando o sujeito encontra reconhecimento pelo uso de sua inteligência, ou seja, quando percebe que contribui de forma singular e legítima. O sofrimento, ao contrário, aparece quando esse reconhecimento é negado ou quando a atividade é reduzida a mera repetição. Nos relatos, o prazer se manifesta justamente nos momentos em que há reconhecimento — seja na utilidade percebida (Mariana: “me sinto peça importante da empresa”), no impacto social (Fernanda e Vitor: ajudar crianças), na realização concreta de uma tarefa (Juliana: ver o estande pronto), ou,

ainda, como promessa futura, em casos como o de Bruno, que relata a frustração com a rotina operacional e a ausência de sentido no trabalho atual, podendo ser articuladas como sofrimento, mas também contrastadas com o prazer que ele imagina no futuro, atuando com Psicologia Clínica e ajudando pessoas.

Esse duplo movimento confirma a dialética prazer-sofrimento proposta por Dejours (1992): a mesma atividade pode ser fonte de dignidade e de desgaste, dependendo das condições concretas e do modo como é significada. Como destacam Almeida et al. (2022), narrativas de trabalhadores frequentemente mostram essa coexistência: satisfação com o que se realiza, mas ao custo de intensificação e impactos na saúde. Costa, Marques e Ferreira (2020) reforçam que jovens trabalhadores-estudantes vivem essa tensão de forma acentuada, relatando tanto aprendizado e crescimento, quanto exaustão e renúncia.

Essa ambivalência também pode ser lida a partir da tradição marxista. Para Marx (2013), o trabalho, na sociedade capitalista, tende a ser alienado, uma vez que o trabalhador é separado do processo e do produto de sua atividade. Essa alienação aparece nos relatos de repetição, pressão por metas e sensação de substituíbilidade: Gabriel afirma que não vê “graça” nesta função que está, “sem aprender nada... é sempre a mesma coisa”, e Mariana relata a falta de qualidade de vida em função da jornada várias vezes durante sua entrevista.

Por outro lado, Lukács (2012) lembra que o trabalho conserva uma dimensão ontológica criadora: é por meio dele que os sujeitos constroem sua humanidade. Isso se expressa em falas como a de Vitor, que enxerga no contato com as crianças uma fonte de orgulho e de realização, ou na de Juliana, que valoriza o reconhecimento do esforço materializado. Mesmo em contextos precarizados, o trabalho é vivido como espaço de autoafirmação, de orgulho e de dignidade.

Assim, a contradição fundamental do trabalho na sociedade capitalista está no fato de que ele é, simultaneamente, fonte de alienação e de humanização. Os jovens entrevistados, em suas falas, confirmam essa tensão: sentem-se explorados, sobrecarregados e precarizados, mas ao mesmo tempo reconhecem momentos de prazer, orgulho e pertencimento.

O caso da Geração Z acrescenta uma nuance relevante a essa discussão. Como apontam Bezerra et al. (2019) e Dorsey (2021), essa geração busca não apenas estabilidade financeira, mas experiências de trabalho que tragam propósito, impacto social e equilíbrio com a vida pessoal. Isso aparece de forma recorrente nas

entrevistas: Mariana insiste que o trabalho deveria garantir tempo para lazer; Ana conecta o sentido do trabalho à saúde mental, inspirada pela experiência de burnout da mãe; Vitor valoriza a dimensão educativa de seu trabalho com crianças.

Esses elementos sugerem que entre os estudados não aceita passivamente a precarização, mas procura ressignificar o sofrimento, buscando prazer e realização mesmo em contextos adversos. Contudo, essa tentativa de conciliação pode gerar novas formas de sofrimento, uma vez que o mercado de trabalho ainda funciona sob a lógica da intensificação e do controle. Como lembram Antunes e Alves (2004), vivemos um tempo em que promessas de realização convivem com processos inéditos de precarização, criando sujeitos permanentemente tensionados entre prazer e desgaste.

4.3.4 Núcleo 4 – Estudo como motor de futuro e mobilidade

O quarto núcleo evidencia o papel central do estudo na vida dos jovens entrevistados, aparecendo como o principal motor de transformação, mobilidade social e realização pessoal. Apesar das diferentes trajetórias e cursos escolhidos, todos associam o estudo à possibilidade de construir um futuro melhor, seja em termos de condições materiais, seja em termos de sentido e reconhecimento. Essa valorização converge com a análise de Tibola, Raitz e Aquino (2020), que destacam o estudo como estratégia simbólica de ascensão e legitimação social entre jovens universitários.

Para alguns, estudar representa um ato de ruptura ou reparação simbólica em relação à história familiar e ao sofrimento vivido. Ana destaca que escolheu Psicologia após a experiência da mãe com burnout, projetando nos estudos uma forma de “salvar outras pessoas dentro das empresas” e construir práticas de cuidado em saúde mental. O estudo, nesse caso, não é apenas um meio de empregabilidade, mas um projeto de vida atravessado por afetos e marcas familiares.

Juliana, por sua vez, ressalta que estudar é a possibilidade de “mudar o destino”, já que seus pais concluíram o Ensino Médio ao mesmo tempo em que ela iniciava a graduação. Para ela, a universidade é um ponto de ruptura com a trajetória de baixa escolaridade da família, e um caminho de emancipação e autonomia. Essa dimensão confirma a perspectiva de González Rey (2011), segundo a qual o estudo é vivido como sentido subjetivo, carregado de significações emocionais e simbólicas

que extrapolam a dimensão formal da formação. Gabriel também associa o estudo a uma ruptura, já que, após oito anos no supermercado, afirma que a faculdade de Psicologia “abriu outros mundos”, permitindo repensar qualidade de vida e projetar uma transição profissional para a clínica. Essa fala contrasta com discursos amplamente difundidos sobre a Geração Z, que muitas vezes é representada como uma geração que não vê valor na formação superior tradicional ou que prioriza trajetórias rápidas e desvinculadas da universidade. No caso desses jovens, ao contrário, a formação é percebida como requisito para ocupar posições profissionais mais qualificadas — especialmente no campo da clínica psicológica — e como via concreta de mobilidade social.

Sua fala ecoa Campos et al. (2022), que identificam nos recém-formados gestores um desejo de construir carreiras alinhadas a projetos de vida, em oposição a empregos vividos como meramente operacionais. Aqui também se observa que a faculdade não é apenas uma qualificação técnica, mas um marco subjetivo que reorganiza expectativas, amplia repertórios e inaugura a possibilidade de pertencimento a campos profissionais valorizados.

Para outros jovens, o estudo é o fundamento da construção de um futuro melhor. Bruno afirma que, apesar de hoje viver um trabalho sem sentido na área de RH, aposta que a Psicologia lhe dará a possibilidade de atuar de forma significativa: “Trabalho com sentido é quando eu puder ajudar alguém”. O estudo, nesse caso, funciona como promessa de sentido futuro, ainda que não plenamente acessível no presente. Aqui, o estudo é mais do que conhecimento técnico; é dispositivo de fuga da precarização, horizonte de sentido que ressignifica a permanência no trabalho atual. Fernanda enfatiza que o estudo sempre foi indispensável em sua vida: primeiro como pré-requisito para ser professora, e agora como caminho para se tornar psicóloga. Mesmo sobrecarregada com a rotina, reafirma que o estudo é a base de sua identidade e da realização que busca no futuro. Essa fala confirma a análise de Vieira e Costa (2024), segundo a qual os jovens universitários vivenciam os estudos como eixo de construção de identidade profissional e pessoal, mesmo quando atravessados por cansaço e insuficiência.

Já para outros participantes, especialmente os estudantes de Administração, o estudo aparece de forma mais instrumental e aplicada à prática profissional. Mateus afirma que buscou a graduação em Administração para “ampliar conhecimentos em gestão e fortalecer sua carreira”, associando diretamente o estudo à capacidade de

manter competitividade e inovação em sua função de administrador. Ele afirma que o curso de Administração o ajuda a “organizar melhor a gestão da empresa, pensar em metas e resultados”, ou seja, o estudo adquire um caráter aplicado, voltado diretamente à performance. Vitor reforça essa visão, ao afirmar que “cada semestre aprendo coisas que já consigo aplicar no trabalho”, mostrando como o estudo funciona como complemento imediato à prática de gestão escolar. Essa compreensão aproxima-se do que Alves (2011) descreve como o espírito do toyotismo, em que a formação contínua é incorporada como exigência de performance e atualização permanente. Contudo, mesmo nessa lógica mais pragmática, os relatos revelam orgulho e valorização do estudo como condição de segurança e preparação para enfrentar desafios futuros.

Mariana apresenta um discurso marcado pela valorização do estudo como garantia de qualidade de vida e oportunidades. Para ela, “o estudo é o caminho para ter uma condição de vida boa, abrir a cabeça, ter novas conversas, acessar novas tecnologias”. Embora reconheça a frustração de perder finais de semana de lazer, afirma que estudar é o que abre portas e sustenta seus sonhos de prestar concurso público e fazer pós-graduação. Sua fala ecoa os dados da PNAD (IBGE, 2024), que mostram o Ensino Superior como diferencial para maior empregabilidade e salários mais altos entre jovens.

O estudo, portanto, atravessa as narrativas dos oito entrevistados como um núcleo central de significação, que pode assumir três principais dimensões:

- a) Ruptura/Emancipação – como em Ana, Gabriel e Juliana, que enxergam no estudo um meio de transformar trajetórias marcadas por sofrimento ou baixa escolaridade.
- b) Promessa de futuro e identidade – como em Bruno e Fernanda, para quem o estudo sustenta a esperança de um trabalho com sentido e consolida a identidade profissional.
- c) Instrumentalidade prática – como em Mateus, Mariana e Vitor, que valorizam o estudo pela ligação direta com competitividade, estabilidade e aplicação imediata no trabalho.

Além disso, essa distinção também pode ser interpretada a partir das diferenças entre os cursos frequentados: os estudantes de Psicologia (Ana, Bruno, Gabriel, Fernanda) tendem a valorizar o estudo como processo formativo ampliado,

capaz de abrir horizontes, transformar a si mesmos e impactar outras pessoas. Já os de Administração (Juliana, Mateus, Mariana, Vitor) articulam o estudo de forma mais utilitária e pragmática, como recurso de empregabilidade, mobilidade ou aumento de performance.

Essa diversidade de sentidos confirma a proposição de Aguiar e Ozella (2013) de que os núcleos de significação se configuram como redes contraditórias de sentidos, em que o mesmo objeto (o estudo) pode ser investido de expectativas emancipatórias, identitárias ou pragmáticas, dependendo da trajetória e das condições de inserção do sujeito. Ao mesmo tempo, reforça a análise de Antunes (2020) de que, em um mundo do trabalho marcado pela instabilidade, o estudo emerge como uma das principais âncoras de esperança para a juventude.

O quarto núcleo evidencia como o estudo é central para os jovens entrevistados, funcionando como meio de transformação, mobilidade social e preparação para o futuro. Ainda que marcado por sobrecarga e renúncias, ele é concebido como caminho indispensável para conquistar estabilidade, melhorar condições de vida e garantir oportunidades que não seriam possíveis apenas pelo trabalho. González Rey (2011, 2017) ajuda a compreender essa centralidade do estudo, ao destacar que o sentido subjetivo não se reduz a um valor objetivo, mas à forma como cada sujeito, em sua singularidade, produz significados que regulam sua ação. O estudo, portanto, não é apenas um requisito formal, mas um organizador subjetivo que sustenta projetos e reconfigura identidades.

4.3.5 Núcleo 5 – Conciliação difícil entre estudo e trabalho (renúncia, cansaço e disciplina)

A rotina dos jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z é marcada pela sobreposição de papéis e pela necessidade de conciliar estudo e trabalho em jornadas extenuantes. Nas entrevistas, todos evidenciam que o equilíbrio entre essas esferas é difícil e exige renúncias significativas, que vão desde a abertura de mão do lazer até estratégias de disciplina e negociação. Esse núcleo traduz o dilema central da juventude contemporânea: como construir um futuro promissor sem comprometer a saúde física e mental no presente.

As falas dos participantes ilustram esse paradoxo. Ana relata que, para dar conta das responsabilidades, precisou limitar compromissos e abrir mão do lazer e da

convivência social: “abandonei amigos e festas para conseguir estudar e trabalhar”. Bruno confirma a mesma dinâmica, dizendo que “sacrifico finais de semana e momentos em família, porque ou trabalho ou estudo, não sobra tempo para mais nada”. Mariana reforça a sensação de perda ao comentar: “a pior parte é quando quero sair no fim de semana, aproveitar a vida, e tenho um monte de trabalhos da faculdade para fazer”. Vitor descreve sua rotina como extremamente intensa — trabalho das 7h às 18h e faculdade até as 22h30 — e afirma que sua estratégia é simplesmente “não desistir”, ressignificando a disciplina como forma de resistência.

Um aspecto central é a invasão recíproca dos tempos de trabalho e estudo. Mariana admite que muitas vezes estuda durante o expediente: “às vezes aproveito momentos no trabalho para revisar matérias”. Já Fernanda relata que leva questões do trabalho para a sala de aula: “não consigo dar conta de todo o trabalho durante o dia... então estou ouvindo a aula, mas trabalhando no meu computador”. Essa circulação de sentidos mostra que não há fronteiras fixas entre os espaços, mas uma sobreposição constante, em que estudo e trabalho se entrelaçam. Gabriel, que atua em escala de mercado, muitas vezes precisa negociar com os gestores faltas, horas extras e compensações de jornada, de forma a preservar sua permanência na faculdade. Essa “estratégia de sobrevivência” evidencia que os jovens não apenas sofrem com a sobrecarga, mas criam formas ativas de negociar seus papéis.

Por outro lado, alguns expressam o desejo de se dedicar apenas aos estudos, como Juliana, que desabafa: “gostaria de ter tido a chance de só estudar, mas não foi possível, precisei trabalhar cedo para garantir meu sustento”. Essa fala revela a desigualdade estrutural que atravessa a juventude brasileira: enquanto alguns podem se concentrar exclusivamente na formação acadêmica, outros precisam desde cedo conciliar trabalho e faculdade, mesmo com prejuízos à saúde e à aprendizagem. No entanto, mais do que uma diferença socioeconômica, essa fala expõe o “lugar social” a partir do qual Juliana produz seus sentidos — um lugar marcado por menor acesso a recursos, por oportunidades limitadas e por uma trajetória em que o trabalho precoce não é uma escolha, mas uma necessidade.

Do ponto de vista da Teoria da Subjetividade, isso significa que suas condições materiais e simbólicas de existência se traduzem em sentidos subjetivos específicos, atravessados por emoções como renúncia, pressão e responsabilidade antecipada. Para González Rey (2017), os sentidos subjetivos emergem justamente da articulação entre as condições históricas e sociais vividas pelo sujeito e seus

processos emocionais e simbólicos, configurando modos singulares de interpretar o mundo. Assim, ao relatar que não pôde apenas estudar, Juliana não apenas descreve uma circunstância objetiva; ela revela uma forma de subjetivação marcada pela necessidade, pela urgência e pela sensação de dívida consigo mesma, elementos típicos de posições sociais mais vulneráveis. Sua narrativa traduz a tensão entre desejo e imposição estrutural, mostrando que a precariedade material não é apenas um dado externo, mas uma força que produz sentidos, afetando como ela se percebe, como projeta o futuro e como atribui valor ao trabalho.

Nesse sentido, a fala de Juliana evidencia como desigualdades sociais estruturais tornam-se parte da experiência subjetiva, configurando sentidos que não podem ser compreendidos sem considerar o contexto de classe, gênero, território e acesso desigual a recursos — exatamente como propõe González Rey ao afirmar que a subjetividade é produzida na intersecção entre o individual e o social, nunca de forma isolada ou descontextualizada. Esses relatos evidenciam o que Costa et al. (2020) chamam de ambivalência dos jovens trabalhadores-estudantes: ao mesmo tempo em que a dupla jornada é fonte de desgaste físico e emocional, também é ressignificada como espaço de aprendizado e de conquista. Da mesma forma, Almeida et al. (2022) mostram que a intensificação das tarefas leva a sofrimento psíquico, mas os sujeitos buscam sentidos positivos, seja pelo crescimento pessoal, seja pela esperança de mobilidade futura.

A análise se conecta ainda à leitura de Han (2017) sobre a “sociedade do cansaço”. Para o filósofo, vivemos um regime em que os indivíduos internalizam o imperativo da performance e se transformam em exploradores de si mesmos. Os jovens entrevistados ilustram esse processo: mesmo diante do cansaço extremo, narram estratégias de resistência, como “não desistir” (Vitor), “negociar horas com o gestor” (Gabriel), “tirar compromissos do final de semana para dar conta” (Ana, Bruno, Juliana e Mateus) ou “aproveitar o trabalho para estudar e vice-versa” (Fernanda e Mariana), revelando que o esgotamento é ressignificado como parte do percurso necessário. Esse movimento dialoga com a análise de Gaulejac (2007) sobre a tirania da performance, em que os sujeitos passam a medir seu valor pessoal pela capacidade de suportar pressões e acumular tarefas.

O peso dessa conciliação também afeta a saúde mental. Ana expressa o sentimento de insuficiência: “sinto que não consigo estudar o quanto deveria, porque o trabalho ocupa grande parte da minha energia”. Já Juliana, em experiências

anteriores, precisou recorrer a medicação controlada por três anos devido ao impacto das pressões laborais em sua vida acadêmica. Estudos como o de Gundim et al. (2020) confirmam esse quadro, apontando que estudantes universitários trabalhadores têm índices mais elevados de ansiedade, depressão e exaustão quando comparados aos que apenas estudam.

Esse núcleo, portanto, evidencia que a conciliação entre estudo e trabalho não é apenas uma questão de gestão do tempo, mas uma experiência subjetiva marcada por renúncia, cansaço, estratégias criativas e disciplinamento do corpo e da mente. Os jovens constroem formas de resistir e resignificar, construindo um sentido para a continuidade. Contudo, essa resistência não elimina os efeitos da sobrecarga. Ao contrário, confirma o que Antunes (2020) descreve: se o trabalho e o estudo são caminhos para a emancipação, eles também podem se transformar em dispositivos de exploração, nos quais o presente é sacrificado em nome de um futuro incerto.

4.3.6 Núcleo 6 – Projetos de futuro e desejo de estabilidade

O último núcleo evidencia como os jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z projetam seus futuros profissionais e pessoais a partir das experiências atuais de estudo e trabalho. Apesar das dificuldades relatadas na conciliação e das contradições vividas no presente, os entrevistados revelam expectativas de estabilidade, realização e transformação de vida, apontando para trajetórias que buscam romper com a precariedade e alcançar maior autonomia.

As falas são reveladoras. Mariana projeta sua vida em concursos públicos, associando essa escolha à segurança e qualidade de vida: “meu sonho é passar em um concurso, trabalhar para o governo e ter estabilidade”. Fernanda, professora em início de carreira, declara com firmeza que a clínica é o futuro que almeja: “a docência é transitória, meu objetivo é viver da clínica, é lá que vejo sentido”. Já Bruno aposta no projeto de ser psicólogo clínico como a possibilidade de exercer um trabalho significativo, afirmando: “o trabalho só vai ter sentido para mim quando eu puder ajudar alguém de verdade, e isso é na clínica”.

Vitor, por sua vez, projeta seguir na área da Administração Educacional, mas sempre ligado à educação e ao contato com crianças: “quero continuar trabalhando em um lugar próspero, fazer pós-graduação e me especializar, sem perder essa ligação com a escola”. Mateus, já em posição de administrador, revela um horizonte

diferente, marcado pela lógica da competitividade: “quero inovar, manter a empresa em crescimento, sempre buscando resultados”. Nesse caso, o futuro é pensado em continuidade ao presente, reafirmando a centralidade da performance como critério de valor.

Juliana traz uma dimensão mais afetiva e familiar ao falar do estudo e do futuro: “meus pais terminaram o ensino médio junto comigo, e para mim estudar é poder ter uma vida diferente da que eles tiveram”. O estudo, nesse caso, aparece como instrumento de emancipação intergeracional, rompendo com ciclos de limitação social e escolaridade restrita. Já Ana projeta seu futuro ligado à saúde mental nas organizações, em continuidade à experiência da mãe com burnout: “quero atuar em saúde mental nas empresas, para que outras pessoas não passem pelo que minha mãe passou”. Aqui, o futuro é carregado de sentido ético e pessoal, funcionando como resposta subjetiva a uma história familiar.

Outro aspecto transversal nos relatos é a vontade de continuar estudando. Todos os entrevistados, de formas distintas, associam o futuro à educação contínua, seja por meio de pós-graduação, especializações ou concursos. Ana expressa o desejo de ampliar sua formação para atuar com saúde mental nas empresas; Bruno afirma que não pretende parar de estudar e que a pós-graduação será essencial para exercer a Psicologia Clínica; Fernanda reafirma que o estudo é indispensável para alcançar o futuro que deseja na clínica; Juliana vê na universidade a possibilidade de “mudar o destino”; Gabriel projeta uma pós-graduação como condição para mobilidade; Mateus valoriza a atualização permanente em gestão; Mariana pretende seguir estudando mesmo após o concurso público; e Vitor declara explicitamente: “depois da graduação, quero fazer uma pós e continuar crescendo”.

Essas projeções se aproximam da análise de Antunes (2020), ao destacar que os jovens buscam no trabalho e no estudo não apenas sobrevivência, mas também um projeto de vida que una segurança e realização. Para alguns, esse projeto se ancora na busca por estabilidade material, como nos concursos públicos mencionados por Mariana; para outros, na construção de uma prática significativa, como na clínica projetada por Bruno e Fernanda; e ainda há aqueles que vinculam o futuro à continuidade de uma trajetória organizacional de gestão e performance, como Mateus.

A literatura confirma essa pluralidade de horizontes. Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2023) mostram que jovens da Geração Z valorizam o trabalho como espaço

de crescimento, mas não aceitam viver apenas na precarização, projetando carreiras que ofereçam bem-estar e qualidade de vida. Leite et al. (2022) analisam o fenômeno do *opt-out*, em que jovens abandonam empregos instáveis ou insatisfatórios justamente por não abrirem mão de sentido e estabilidade. Já Melo et al. (2019) apontam que muitos jovens optam por caminhos profissionais ligados ao empreendedorismo e à inovação, mas sempre combinados à busca de empregabilidade e segurança no longo prazo.

Nesse núcleo, a contradição entre presente e futuro aparece de forma clara. Enquanto no presente predominam relatos de sobrecarga, renúncia e precarização, o futuro é idealizado como espaço de realização plena, onde o trabalho teria sentido, a saúde seria preservada, a estabilidade estaria garantida e o estudo continuaria como motor de crescimento. Essa discrepância reflete o que Antunes e Alves (2004) chamam de “promessa não cumprida do trabalho”: a ideia de que o futuro poderá corrigir as falhas do presente, ainda que as condições objetivas indiquem dificuldades para concretizar tais expectativas.

Há ainda uma dimensão geracional a considerar. Como afirmam Bezerra et al. (2019), os jovens da Geração Z se diferenciam por não aceitarem passivamente a precariedade: eles denunciam a exploração, mas projetam alternativas – seja pela estabilidade do serviço público, seja pelo empreendedorismo ou pela clínica. Ao mesmo tempo, como destaca Han (2017), essa geração carrega o peso da sociedade do desempenho, internalizando a pressão por “não desistir” e persistir mesmo diante da exaustão, como afirma Vitor.

Portanto, o Núcleo 6 evidencia que os jovens entrevistados não se resignam às condições atuais. Eles constroem sentidos de futuro como horizonte de superação da precariedade e de conquista de estabilidade, projetando-se em concursos, na clínica, na pós-graduação, no empreendedorismo ou na gestão. Essa pluralidade de projetos revela tanto a força da subjetividade em criar alternativas (González Rey, 2017), quanto as contradições de uma geração que vive hoje a sobrecarga e a insegurança, mas alimenta a esperança de que o futuro será diferente — sempre com o estudo como fio condutor, sustentando sonhos, transformações e a promessa de mobilidade.

Todavia, a projeção desse futuro “melhor” precisa ser lida à luz das transformações contemporâneas do trabalho. A aposta em soluções como empreendedorismo, concursos públicos ou profissionalização acelerada nem sempre

corresponde a trajetórias reais de estabilidade. Como alertam autores críticos do mundo do trabalho (Antunes, 2020; Alves, 2011), o empreendedorismo juvenil frequentemente funciona como eufemismo para inserções precarizadas, como MEIs¹⁸ sem proteção social, renda variável e ausência de direitos trabalhistas. Do mesmo modo, o concurso público, outrora símbolo de segurança, já não garante o mesmo horizonte: reformas previdenciárias sucessivas, congelamento salarial e reestruturações de carreiras corroeram benefícios históricos desse regime. Assim, embora os jovens projetem o futuro como espaço de alívio e reparação, esse futuro também se dá em um cenário estruturalmente precarizado, instável e incerto.

Nesse sentido, a esperança expressa pelos entrevistados precisa ser compreendida como produção subjetiva situada, que reorganiza simbolicamente a dureza das condições atuais para sustentar possibilidade e continuidade. A subjetividade cria brechas, mas essas criações coexistem com dimensões ilusórias — não por ingenuidade individual, mas porque são produzidas dentro de um contexto social que desloca para o indivíduo a responsabilidade por “dar certo”, mesmo quando as estruturas não garantem as condições mínimas para isso. Assim, os jovens constroem sentidos de futuro que expressam tanto resistência subjetiva quanto as contradições objetivas do mundo do trabalho contemporâneo. O que aparece como promessa de mobilidade pode, simultaneamente, carregar a marca da precarização generalizada, revelando um horizonte ambíguo: esperançado, sim, mas também vulnerável.

4.4 O sentido de trabalhar e estudar a partir da Teoria da Subjetividade

A análise das entrevistas realizadas com jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z evidencia que os sentidos atribuídos ao trabalho e ao estudo não são lineares, homogêneos ou estáticos, mas se constituem como configurações dinâmicas e contraditórias. Para apreender essa complexidade, utilizou-se a metodologia dos Núcleos de Significação, proposta por Aguiar e Ozella (2006, 2013), fundamentada na

¹⁸ No Brasil, o Microempreendedor Individual (MEI) tem sido amplamente usado por empresas como forma de flexibilizar vínculos de trabalho, substituindo relações empregatícias formais por contratos individualizados sem direitos trabalhistas, previdenciários ou proteção coletiva., deslocando ao indivíduo riscos, custos e responsabilidades que antes eram de natureza empregatícia.

perspectiva histórico-dialética e articulada à Teoria da Subjetividade, de González Rey (2003, 2011, 2017).

Segundo Aguiar, Soares e Machado (2015), os núcleos de significação permitem apreender como diferentes elementos da experiência se organizam em torno de sentidos que não aparecem de forma imediata, mas emergem da análise das falas em sua contradição. Assim, os sentidos não são captados como enunciados isolados, mas como redes de significações (Aguiar e Ozella, 2013), nas quais convivem simultaneamente prazer e sofrimento, conquista e renúncia, autonomia e restrição.

Rossato e Martinez (2017), ao discutirem a metodologia construtivo-interpretativa inspirada em González Rey, reforçam que a análise não deve buscar “verdades objetivas” ocultas nas falas, mas compreender como os sujeitos produzem sentidos subjetivos que expressam sua singularidade em articulação com contextos históricos e sociais. Assim, interpretar os relatos desses jovens implica reconhecer que seus discursos revelam tanto vivências pessoais, quanto contradições mais amplas da sociedade do trabalho e da educação.

Para González Rey (2003, 2017), a subjetividade deve ser compreendida como produção simbólico-emocional singular, marcada pela historicidade. Isso significa que, embora cada participante produza sentidos próprios sobre o trabalho e o estudo, essas produções são atravessadas pelas condições sociais, familiares e culturais que estruturam suas trajetórias.

Essa dimensão histórica é evidente em Juliana, que associa o estudo ao desejo de “mudar o destino da família”, já que seus pais concluíram o Ensino Médio junto com ela. Em Ana, a escolha pela Psicologia está ligada à experiência com o burnout da mãe: “quero construir práticas para evitar que outras pessoas passem pelo que ela passou”. Esses relatos revelam como a história pessoal e familiar opera como matriz simbólica para a construção dos sentidos subjetivos, dando forma a projetos e escolhas.

Fernanda também reforça essa centralidade, afirmando que estudar sempre foi indispensável: “o estudo é essencial para ser professora e futura psicóloga”. A fala de Fernanda mostra que o estudo, mesmo vivido em meio à sobrecarga, mantém-se como eixo de identidade e futuro, revelando como a subjetividade organiza sentidos mesmo diante da exaustão. Já Mateus traz uma perspectiva distinta, mais voltada ao campo da Administração, em que o estudo aparece como ferramenta prática e

competitiva: “vejo o estudo como forma de aprimoramento, para aplicar diretamente na gestão e ter resultados”. Essa fala mostra que, ainda que o curso seja valorizado de forma instrumental, o estudo constitui parte de seu projeto de legitimação profissional, funcionando como recurso simbólico de diferenciação em um mercado competitivo. Esses relatos revelam como a história pessoal e a área de formação interferem na forma como o estudo é investido de sentido, confirmando que a subjetividade é sempre singular, mas nunca desvinculada das condições sociais concretas.

Um aspecto recorrente nos depoimentos é que o trabalho e o estudo não aparecem como dimensões separadas, mas como experiências que se atravessam mutuamente, ora em conflito, ora em articulação. Mariana afirma: “final de semana eu queria sair, mas tenho bastante coisa da faculdade para fazer... às vezes estudo até no trabalho”. Vitor relata que muitas situações vividas na escola “só consegui entender depois em sala de aula”, revelando uma articulação direta entre teoria e prática. Já Gabriel, descreve que negocia banco de horas e faltas no supermercado para não perder aulas, demonstrando como reorganiza sua vida laboral em função do estudo. Esse entrelaçamento confirma a ideia de González Rey (2011), segundo a qual o sentido subjetivo não pode ser reduzido a um “atributo” de um objeto externo (como “o trabalho” ou “a faculdade”), mas é sempre uma produção relacional, emergente da articulação entre diferentes contextos de vida.

As falas também mostram que os sentidos não são unívocos, mas se organizam em contradições permanentes. Ana valoriza o trabalho como estabilidade, mas, ao mesmo tempo, sente que ele ocupa o espaço do estudo, gerando “sentimento de insuficiência”. Bruno afirma que seu trabalho atual “serve apenas para pagar as contas”, mas projeta no futuro a realização profissional vinculada à Psicologia. Mariana reconhece que o trabalho trouxe conquistas, como a carteira de motorista, mas também critica a precarização e a falta de tempo para lazer. Essas contradições não anulam os sentidos, mas os constituem. Como ressaltam Aguiar e Ozella (2013), os núcleos de significação não são categorias fixas, mas expressões de redes simbólico-emocionais em movimento, nas quais o mesmo objeto pode ser investido de significados positivos e negativos ao mesmo tempo. Nesse mesmo caminho, Rossato e Martinez (2017) destacam que a análise subjetiva é sempre interpretativa, porque lida com sentidos que emergem em tensão e em processo, e não como resultados definitivos.

Apesar das restrições e da precarização presentes em várias falas, os jovens também revelam estratégias criativas de subjetivação. Ana transforma a dor da mãe em projeto de atuação em saúde mental nas empresas. Gabriel recusa cargos de liderança para preservar vínculos e valores pessoais. Mariana utiliza tecnologia e o ChatGPT como ferramenta para lidar com o TDAH e aprender de forma mais ativa. Vitor afirma que sua estratégia é “não desistir”, ressignificando o cansaço como fonte de orgulho. Esses exemplos confirmam a perspectiva de González Rey (2003), de que a subjetividade não se limita à adaptação, mas constitui-se como produção criadora, capaz de ressignificar experiências adversas. O sentido não é dado pelo contexto em si, mas pela forma como o sujeito, em sua singularidade, elabora simbolicamente a experiência.

Os depoimentos analisados dialogam com pesquisas brasileiras que investigam especificamente a condição de jovens que conciliam estudo e trabalho. Costa, Marques e Ferreira (2020) demonstram que esses sujeitos vivenciam a tensão entre prazer e sofrimento: o trabalho garante independência e identidade, mas impõe sobrecarga que compromete a saúde mental. Tibola, Raitz e Aquino (2020) reforçam que o estudo, para universitários trabalhadores, funciona como âncora de futuro, mesmo quando vivido sob cansaço e renúncia. Vieira e Costa (2024) apontam que o estudo aparece como espaço de mobilidade social, permitindo aos jovens reposicionar-se diante da precarização do trabalho.

Assim, o processo de construção de sentidos do trabalho e do estudo pelos jovens entrevistados evidencia que o trabalho surge como dimensão central de suas vidas, mas atravessado por contradições entre realização e sofrimento; e que o estudo aparece como projeto de futuro e identidade, conectado à mobilidade social e à emancipação, mas vivido também como renúncia e cansaço. E por fim, trabalho e estudo não são esferas isoladas, mas se entrelaçam em redes de significações contraditórias, nas quais se articulam com a história pessoal, os contextos familiares e os projetos de vida.

A subjetividade, nessa perspectiva, não é adaptação às condições externas, mas produção criativa de sentidos, na qual os jovens ressignificam experiências de precarização, sobrecarga e insegurança em projetos singulares de futuro. Como enfatizam González Rey (2017) e Rossato e Martinez (2017), compreender o trabalho e o estudo apenas como esferas objetivas é insuficiente. É necessário captá-los como dimensões subjetivas em constante produção, atravessadas por redes simbólicas que

organizam a vida dos sujeitos. Essa é a contribuição que a Teoria da Subjetividade oferece para analisar a experiência da Geração Z, revelando como o sentido do trabalho e do estudo se constrói na tensão entre as condições concretas e a criatividade singular de cada jovem.

4.5 Estratégias de enfrentamento

As entrevistas realizadas com os oito participantes da pesquisa mostram que a experiência de conciliar estudo e trabalho é marcada por contradições permanentes: ao mesmo tempo em que o trabalho garante sustento e identidade, ele impõe limitações ao estudo, produz cansaço e renúncia. Essa condição exige dos jovens a elaboração de estratégias de enfrentamento que não se reduzem a técnicas de sobrevivência, mas que configuram verdadeiras produções subjetivas, no sentido apontado por González Rey (2003, 2011).

Segundo o autor, os sujeitos não apenas reagem às condições objetivas, mas produzem sentidos singulares que reorganizam sua experiência, constituindo redes de significação que articulam sofrimento, prazer e criação. Nesse contexto, as estratégias de enfrentamento observadas nos relatos podem ser compreendidas como formas de subjetivação, nas quais os jovens elaboram respostas às contradições vividas, transformando limites em recursos simbólicos ou reorganizando a maneira como se posicionam diante deles.

Uma das estratégias mais recorrentes é a renúncia de dimensões da vida pessoal para dar conta da dupla jornada. Ana relata abrir mão de lazer e amizades: “tive que deixar de lado festas e saídas para conseguir trabalhar e estudar”. Bruno expressa algo semelhante, ao afirmar que “acabo priorizando estudo e trabalho, e a família e os amigos ficam de lado”. Esses relatos ecoam os achados de Costa, Marques e Ferreira (2020), que apontam que jovens trabalhadores-estudantes frequentemente restringem sua vida social, vivenciando isolamento e esgotamento. Do ponto de vista da subjetividade, essa renúncia não é apenas sacrifício, mas constitui também uma forma de afirmar um projeto de futuro. Como lembra González Rey (2017), o sentido subjetivo não é linear: “abrir mão” de uma dimensão pode significar investir outra de modo prioritário, ressignificando a perda como aposta em um futuro mais promissor.

Outros jovens relatam estratégias de negociação com gestores para dar conta do estudo. Gabriel, que trabalha há oito anos no supermercado, relata: “às vezes negocio banco de horas, troco de turno, compenso faltas... tudo para não perder aula”. Essa prática mostra a agência do sujeito em buscar brechas dentro de condições rígidas de trabalho, aproximando-se da ideia de Rossato e Martinez (2017) de que a subjetividade é também produção criadora diante de contextos adversos. A negociação, nesse caso, não elimina a precarização, mas a ressignifica como possibilidade de gerir parcialmente as próprias condições, ainda que de forma limitada.

Vitor traz uma estratégia marcada pela disciplina: “minha estratégia é não desistir, chegar e participar de todas as aulas, mesmo cansado”. Essa postura remete àquilo que Han (2017) chama de “sociedade do cansaço”: o sujeito internaliza o imperativo da performance e transforma a resistência em obrigação pessoal. No entanto, a partir da perspectiva de González Rey (2003), esse mesmo movimento pode ser lido como produção subjetiva que ressignifica o cansaço em orgulho e dignidade. Mariana, que tem TDAH, desenvolveu recursos próprios: “faço resumos, leituras, uso o ChatGPT para me organizar”. A utilização de ferramentas tecnológicas como estratégia de enfrentamento revela criatividade e ampliação de repertórios, o que se aproxima da análise de Tibola, Raitz e Aquino (2020), segundo os quais o estudo, mesmo sob sobrecarga, é vivido como espaço de experimentação e invenção.

Outro aspecto relevante é a interpenetração entre as esferas de estudo e trabalho. Fernanda relata que, como professora, “às vezes levo questões do trabalho para sala de aula para dar conta de tudo... Tento ouvir a aula e montar meu planejamento”. Mariana diz que “às vezes estudo no trabalho, aproveito os momentos livres”. Esses relatos mostram que o enfrentamento não se dá apenas por resistência ou renúncia, mas também por hibridização de tempos e espaços, estratégia que revela como os jovens tentam integrar suas atividades para reduzir a sobrecarga. Essa prática confirma a análise de Aguiar e Ozella (2013) sobre a constituição de sentidos em rede: estudo e trabalho não são dimensões isoladas, mas se entrelaçam de forma dinâmica, sendo ressignificados continuamente a partir da experiência.

Apesar das estratégias criadas, alguns jovens expressam o desejo de que fosse possível apenas estudar, sem a necessidade de conciliar estudo e trabalho. Juliana afirma: “se pudesse, queria só estudar, aproveitar melhor a faculdade”. Esse relato expressa o limite das estratégias individuais, revelando que a sobrecarga não é

apenas questão de disciplina ou escolha, mas produto de condições sociais que obrigam os jovens a sustentar financeiramente seus estudos com o próprio trabalho. Esse dado converge com os achados de Almeida et al. (2022), que identificam narrativas de prazer no estudo e no trabalho, mas sempre atravessadas pelo sofrimento decorrente da intensificação das jornadas.

As estratégias de enfrentamento, portanto, não devem ser compreendidas como simples respostas adaptativas, mas como produções subjetivas que revelam criatividade, contradição e agência. Ana transforma a renúncia em projeto de futuro; Gabriel utiliza a negociação como forma de preservar o estudo; Vitor ressignifica o cansaço como orgulho; Mariana inova ao integrar tecnologia em sua rotina; Juliana expressa o limite da sobrecarga ao desejar estudar sem trabalhar. Essas produções confirmam a perspectiva de González Rey (2011), para quem a subjetividade não é determinada diretamente pelas condições externas, mas se constitui como sistema complexo em que os sujeitos criam sentidos, reorganizam experiências e elaboram novas formas de posicionamento diante da realidade.

O conjunto das entrevistas revela que as estratégias de enfrentamento constituem núcleos subjetivos de resistência e criação. Ainda que se expressem em práticas como renunciar ao lazer, negociar horários, disciplinar-se para não desistir ou hibridizar tempos de estudo e trabalho, o que está em jogo é a forma como os jovens produzem sentidos para sustentar sua trajetória, mantendo vivo o projeto de futuro. Essas estratégias, por vezes atravessadas pela tirania da performance (Han, 2017), também revelam a potência criadora dos sujeitos, confirmando a análise de González Rey (2017) de que a subjetividade é sempre produção simbólica singular, em que até mesmo o sofrimento pode ser ressignificado em novas formas de viver e projetar a vida.

4.6 Hábitos da Geração Z

A análise das entrevistas realizadas com os oito jovens trabalhadores-estudantes evidencia como a Geração Z constrói sentidos sobre o trabalho e o estudo de maneira atravessada por valores contemporâneos como diversidade, sustentabilidade, tecnologia, saúde mental, redes sociais e qualidade de vida. Essa pluralidade de sentidos confirma a literatura (Bezerra et al., 2019; Ceribeli, Lourenço

e Saraiva, 2023; Melo et al., 2019), que descreve a geração como marcada pela hiperconectividade, pela busca por autenticidade e pela ambivalência entre a valorização da performance e o desejo de equilíbrio e bem-estar.

a. Diversidade e respeito às diferenças

A diversidade apareceu nas falas como princípio central. Mariana afirmou: “diversidade gera novas ideias, novas tecnologias, não faz sentido todo mundo pensar igual”. Vitor complementou: “é necessário reconhecer e valorizar a diferença de qualquer pessoa, seja de cultura, identidade ou pensamento”. Essas falas dialogam com Bezerra et al. (2019), que analisaram jovens hiperconectados e concluíram que a valorização da diversidade está associada à circulação constante de informações e ao contato com múltiplas identidades.

Bruno também destacou a diversidade, mas sob outro ângulo: “quando posso discutir, pensar em novas soluções, isso vale a pena; não é só rotina”. Para ele, diversidade significa espaço de criatividade e liberdade de pensamento. Essa leitura aproxima-se de Araújo e Sachuk (2007), que enfatizam que o trabalho só adquire sentido quando o sujeito encontra possibilidade de expressão criativa, em oposição à rotina operacional que gera alienação. Outros participantes também se aproximaram do tema, mesmo sem usar a palavra diversidade. Ana, por exemplo, afirmou que o trabalho com sentido acontece quando há valorização dos funcionários, especialmente quando são ouvidos e reconhecidos. Sua fala ecoa a noção de diversidade como respeito às singularidades dentro das organizações. Gabriel, por sua vez, recusou a liderança no supermercado justamente para preservar as relações de igualdade com colegas, revelando uma postura ética que rejeita hierarquias rígidas e desigualdades.

Fernanda, ao falar do ensino, destacou que encontra sentido quando percebe que está ajudando crianças de diferentes contextos, reconhecendo a pluralidade que atravessa a sala de aula. Esse reconhecimento de diferenças sociais e culturais pode ser lido como prática concreta de diversidade no trabalho docente. Juliana relatou a experiência de machismo e invalidação em sua trajetória, o que a fez valorizar ambientes de trabalho em que há respeito e equidade de gênero como condição para o trabalho ter sentido. Já Mateus, embora não tenha falado diretamente em

diversidade cultural, reforçou uma visão mais alinhada à diversidade de estratégias de gestão e inovação: “trabalho sem meta ou inovação não tem sentido”. Esse discurso mostra uma face distinta da geração, mais sintonizada com a racionalidade instrumental e com a lógica de mercado, o que remete à crítica de Gaulejac (2007) sobre a internalização da ideologia gestonária pelos trabalhadores.

Assim, observa-se que a diversidade aparece como valor compartilhado, mas ressignificada conforme a trajetória: para uns, como pluralidade de identidades (Mariana, Vitor); para outros, como diversidade de ideias e criatividade (Bruno, Ana); para alguns, como postura ética frente às relações (Gabriel, Fernanda, Juliana); e, ainda, como diversidade de estratégias de gestão e inovação (Mateus). Essa multiplicidade confirma que a diversidade, para a Geração Z, não é conceito homogêneo, mas rede de significações (Aguiar e Ozella, 2013), construída no entrelaçamento de experiências pessoais, valores éticos e exigências organizacionais.

b. Sustentabilidade, consumo e meio ambiente

A preocupação com sustentabilidade e meio ambiente aparece de modo significativo nas falas dos jovens, revelando como a Geração Z vincula o sentido do trabalho e da vida cotidiana não apenas ao retorno individual, mas também a um compromisso coletivo com o futuro.

Mariana foi bastante direta ao afirmar: “eu trabalho numa empresa de reciclagem, então eu vejo um pouquinho desse lado e acredito que a gente tem que cuidar mesmo porque é muito lixo que a gente gera, muitos resíduos, e aos poucos se a gente não cuida disso vai afetar a gente... aliás já está afetando”. Sua fala expressa de forma concreta a percepção de que a degradação ambiental não é uma ameaça distante, mas um fenômeno que já incide sobre a vida cotidiana. Vitor, atuando em uma escola, destacou que a instituição promove projetos ambientais com as crianças: “as crianças têm que pensar no equilíbrio entre os recursos que usam, as pessoas e o futuro delas”. A educação ambiental, nesse sentido, adquire um papel de transmissão de valores para as próximas gerações, mostrando como a sustentabilidade se inscreve também no campo da formação ética e cidadã.

Outros jovens conectam a sustentabilidade às práticas de consumo. Ana relatou que procura não acumular produtos e faz escolhas cotidianas de consumo

consciente, evitando embalagens desnecessárias e optando por alternativas mais sustentáveis. Bruno trouxe reflexões semelhantes, afirmando que não vê sentido em manter estoques ou consumir em excesso, preferindo comprar apenas quando necessário. Ambos destacaram ainda o impacto de hábitos alimentares, como a escolha pelo veganismo, como forma de alinhar valores pessoais a práticas de cuidado com o planeta. Esses discursos ampliam a noção de sustentabilidade para além da reciclagem e da educação ambiental, incluindo a crítica ao consumismo e a defesa de modos de vida mais simples e responsáveis.

Essas falas dialogam com a literatura que descreve a juventude contemporânea como particularmente sensível às pautas ambientais. Bezerra et al. (2019) identificam que a Geração Z, ao crescer em meio a crises ambientais e climáticas globais, tende a articular sua identidade ao engajamento com causas socioambientais. Já Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2023) confirmam que jovens valorizam organizações e estilos de vida que assumem responsabilidade ambiental, relacionando esse fator à motivação e ao sentido do trabalho.

A conexão entre sustentabilidade e mundo do trabalho também é destacada por Antunes e Alves (2004), que, ao analisarem as mutações do trabalho no capitalismo globalizado, ressaltam como a pressão por competitividade frequentemente entra em choque com a necessidade de práticas sustentáveis. O discurso dos jovens entrevistados evidencia essa contradição: reconhecem a importância da sustentabilidade, mas também percebem que, muitas vezes, as empresas ainda privilegiam o lucro imediato em detrimento de ações efetivas de preservação.

Outro ponto importante é que a sustentabilidade, para esses jovens, não é apenas pauta institucional, mas experiência vivida. Mariana observa diariamente o excesso de resíduos; Vitor se envolve em práticas educativas de conscientização; Ana e Bruno fazem escolhas de consumo que evitam o desperdício e criticam o consumismo. Esse conjunto mostra que a preocupação ambiental e social aparece de forma entrelaçada, ampliando a compreensão de sustentabilidade para além da esfera ecológica. Essa postura conecta-se à análise de Fernandes e Lopes (2023), que ressaltam que o avanço tecnológico e produtivo precisa ser acompanhado de responsabilidade socioambiental, sob pena de aprofundar desigualdades e comprometer a qualidade de vida futura. O discurso dos jovens participantes revela que essa consciência está presente: Mariana defende que “as grandes empresas

também precisam ser responsabilizadas”, Vitor insiste no equilíbrio entre recursos naturais e bem-estar humano, enquanto Ana e Bruno mostram que escolhas individuais no consumo também podem ser formas de resistência e cuidado.

Por fim, pode-se afirmar que a sustentabilidade aparece nas falas dos entrevistados como núcleo de sentido transversal, atravessando tanto o campo da realização pessoal quanto da ética coletiva. Se, de um lado, os jovens reconhecem a importância da preservação ambiental e da redução do consumo para garantir qualidade de vida e dignidade às próximas gerações, de outro denunciam a distância entre essa preocupação e as práticas concretas das empresas. Como aponta Clot (2007), o trabalho só se torna fonte de sentido quando vinculado a valores éticos que extrapolam a esfera individual. Nesse caso, a sustentabilidade se torna uma referência simbólica que amplia o horizonte de significação do trabalho, articulando-o à preservação da vida em sua dimensão coletiva e futura.

c. Qualidade de vida, bem-estar e saúde mental

A preocupação com qualidade de vida e saúde mental apareceu de forma recorrente nas falas dos oito entrevistados, revelando-se como uma dimensão central na construção de sentidos sobre o trabalho e o estudo. Para esses jovens, não basta trabalhar ou estudar: é necessário que essas atividades permitam também viver bem, preservar a saúde e garantir momentos de lazer e equilíbrio. Mariana expressou essa percepção de maneira clara: “qualidade de vida é a principal coisa nessa vida, acho que você trabalha para ter qualidade de vida, não é viver para trabalhar, mas trabalhar para viver”. Sua fala traz a crítica à lógica produtivista que inverte as prioridades, colocando o trabalho no centro da vida em detrimento do bem-estar. Ana também ecoa essa ideia ao relatar que, ao abrir mão de lazer e amizades para dar conta da dupla jornada, experimenta cansaço e sensação de insuficiência, ainda que mantenha o estudo e o trabalho como centrais em sua vida.

Juliana, por sua vez, trouxe a experiência marcante de como o trabalho pode impactar negativamente a saúde mental. Seu relato evidencia a dimensão do sofrimento no trabalho, mas também a necessidade de colocar limites e redefinir prioridades para preservar o bem-estar. Gabriel complementa esse cenário, ao narrar episódios de burnout no supermercado onde trabalha há oito anos, descrevendo a sobrecarga de metas e a desvalorização salarial como fatores que corroem a

motivação e a saúde mental. Essas falas confirmam diagnósticos contemporâneos sobre a relação entre juventude, trabalho e adoecimento.

Antunes e Praun (2015) descrevem a emergência de uma “sociedade dos adoecimentos no trabalho”, na qual a intensificação de exigências e a precarização das condições laborais levam ao aumento de quadros de ansiedade, depressão e exaustão. Han (2017), em *Sociedade do Cansaço*, complementa esse diagnóstico ao mostrar como os indivíduos internalizam os imperativos de desempenho, transformando-se em empreendedores de si mesmos e adoecendo pela autossuperexploração. Essa lógica aparece na fala de Vitor, que mesmo reconhecendo o cansaço de sua rotina extensa, afirma que sua estratégia é “não desistir”, ressignificando o desgaste como disciplina e orgulho.

A literatura brasileira também reforça esse cenário. Gundim et al. (2020), ao analisarem a saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia, mostraram que a sobrecarga de papéis — especialmente entre aqueles que trabalham e estudam — contribui para sentimentos de ansiedade, estresse e perda de motivação. Costa, Marques e Ferreira (2020) apontam que os jovens trabalhadores-estudantes vivem constantemente o dilema entre prazer e sofrimento, já que o trabalho e o estudo são valorizados como caminhos de mobilidade e reconhecimento, mas exigem renúncia do tempo livre e afetam a saúde mental.

As falas também revelam que a qualidade de vida não é compreendida apenas como ausência de sofrimento, mas como a possibilidade de conciliar o trabalho com o lazer, o convívio social e a realização pessoal. Mariana destaca a importância de “ter dois a três dias de folga para aproveitar a família e colocar comida na mesa”, enquanto Bruno valoriza os momentos de construção criativa e de troca, mesmo em meio a uma rotina exaustiva. Para ele, o estudo mantém viva a motivação, funcionando como contraponto ao trabalho vivido apenas como financeiro.

No caso de Mateus, a qualidade de vida está associada à organização do trabalho: ao comparar empregos, relatou que no atual se sente melhor por ter metas claras e ambiente estruturado, diferente do anterior, marcado por insegurança e risco de demissão. Já Vitor conecta a qualidade de vida ao ambiente escolar, considerando-o acolhedor, sobretudo no contato com crianças, que lhe traz satisfação e sentido. Esses relatos mostram que o bem-estar é construído de forma subjetiva e singular, mas sempre atravessado pelas condições objetivas de trabalho e estudo.

Esse entrelaçamento confirma a análise de González Rey (2011, 2017), para quem o sentido subjetivo se constitui na articulação entre história individual, contradições sociais e produção simbólica singular. A qualidade de vida, para os jovens entrevistados, não se reduz a indicadores objetivos — salário, jornada ou cargo —, mas emerge das contradições entre prazer e sofrimento, reconhecimento e precarização, lazer e sobrecarga. Como afirmam Costa et al. (2023), o trabalho só é fonte de realização quando garante condições dignas e equilíbrio, caso contrário, torna-se apenas sobrevivência e desgaste.

A partir destas colocações acima, pode-se afirmar que os jovens da Geração Z entrevistados constroem a qualidade de vida como um núcleo essencial de sentido, articulando o trabalho e o estudo não apenas à sobrevivência, mas ao direito de viver bem, preservar a saúde mental e usufruir do lazer. Sua ênfase em “trabalhar para viver, e não viver para trabalhar” revela tanto uma crítica ao modelo produtivista vigente, quanto uma aposta em novos modos de construir a vida.

d. Tecnologia e Redes Sociais

O lugar da tecnologia e das redes sociais na vida dos jovens da Geração Z entrevistados apresenta tanto seu caráter instrumental quanto subjetivo, revelando tensões entre o uso cotidiano, a busca por lazer e o papel que essas ferramentas assumem na construção da identidade e da sociabilidade. Como afirmam Bezerra et al. (2019), trata-se de uma geração hiperconectada, para a qual a tecnologia e a comunicação digital não são apenas meios, mas ambientes constitutivos de suas experiências.

No que se refere à tecnologia, os participantes a percebem como um elemento indispensável e constitutivo do mundo contemporâneo. Vitor afirma que a tecnologia é “uma das coisas mais importantes que a gente tem hoje em dia”, ressaltando que, sem ela, a sociedade atual não teria sequer capacidade de organização. Mariana complementa, ao destacar que a tecnologia deve “se desenvolver com responsabilidade, tanto para o meio ambiente quanto para a sociedade”. Mateus associa a tecnologia à competitividade e eficiência, relacionando-a à gestão de processos. Essa pluralidade confirma Fernandes e Lopes (2023), que destacam como o avanço tecnológico impacta tanto na produção quanto na subjetividade, exigindo adaptação constante e novas formas de gestão da vida.

Alguns participantes expressaram preocupação com os efeitos do uso excessivo das redes sociais e da tecnologia. Gabriel afirma que percebe nas redes “um espaço de comparação”, em que muitas vezes os jovens se sentem pressionados a corresponder a padrões irreais. Fernanda complementa que gosta de interagir e compartilhar experiências, mas sente a exigência de estar “sempre visível”, o que gera cansaço e, em suas palavras, “parece que se não posta, não existe”. Essas falas ilustram o que Santos et al. (2023) analisam sobre o impacto das mídias na saúde mental dos jovens, destacando os riscos de ansiedade e baixa autoestima ligados à superexposição. Na mesma linha, Han (2017) alerta para a lógica da autoexploração, em que o sujeito, conectado continuamente, passa a vigiar e medir a si mesmo segundo padrões de desempenho e visibilidade.

Do ponto de vista teórico, a relação dos jovens com a tecnologia reforça o que Han (2017) denomina “sociedade do cansaço”, em que a hiperconectividade molda ritmos e expectativas. Para o autor, a tecnologia é ambivalente: emancipa ao oferecer acesso ilimitado à informação, mas aprisiona ao transformar a produtividade em imperativo subjetivo. Essa leitura ajuda a compreender como os jovens entrevistados percebem a tecnologia ao mesmo tempo como oportunidade e como fonte de pressão e vigilância.

Já em relação às redes sociais, os relatos revelam uma pluralidade de sentidos. Mariana afirma: “eu adoro ficar no celular... tem horas que eu só quero desligar o cérebro e ficar vendo vídeo... sou viciada em música...”, revelando o papel das redes como espaço de lazer e alívio do cotidiano. Vitor, ao contrário, descreve um uso mais pragmático, afirmando que sua relação pessoal é “bem baixa”, mas que acompanha de perto os perfis institucionais da escola onde trabalha. Essa dualidade confirma Santos et al. (2023), que identificam nas redes sociais tanto benefícios para a sociabilidade quanto riscos de dependência e sobrecarga psíquica.

Outros entrevistados também expressam uma relação seletiva com as redes. Juliana menciona que as utiliza como fonte de atualização e inspiração, mas evita conteúdos fúteis. Gabriel valoriza o uso para manter vínculos sociais, embora perceba que muitas vezes as redes se tornam espaços de comparação. Fernanda relata que utiliza redes para interagir com colegas e compartilhar experiências da vida acadêmica, mas reconhece a pressão de estar sempre “visível”. Essas falas ressoam com Freire Filho e Lemos (2008), que analisam como a mídia produz imperativos de conduta juvenil, transformando a presença on-line em critério de pertencimento social.

Esse mosaico de percepções mostra que a tecnologia e as redes sociais cumprem função ambivalente: são, ao mesmo tempo, emancipadoras e controladoras. Vieira e Costa (2024) argumentam que compreender os sentidos atribuídos ao trabalho e ao estudo por jovens universitários requer considerar como as redes e tecnologias atravessam seus modos de socialização, configurando uma nova subjetividade. Assim, para os jovens entrevistados, as redes são indispensáveis para aprendizado, lazer e sociabilidade, mas também representam riscos de consumo acrítico e intensificação da rotina.

e. Interações Sociais

As interações sociais no ambiente de trabalho e estudo surgem como elemento constitutivo na construção de sentidos para os jovens entrevistados. Ainda que nem sempre sejam mencionadas diretamente como centrais, elas atravessam as narrativas, revelando que o convívio com colegas, gestores, clientes, professores e mesmo familiares constitui uma dimensão fundamental da experiência subjetiva de trabalhar e estudar.

Gabriel destacou que, mesmo após oito anos no supermercado e relatando sofrimento com metas e exploração, o vínculo com os colegas foi um fator decisivo para permanecer: “o que me segura são as pessoas com quem eu trabalho, o convívio que a gente tem”. Essa fala ecoa o que Costa, Marques e Ferreira (2020) identificam em jovens trabalhadores-estudantes: a sociabilidade é tanto espaço de prazer quanto mecanismo de resistência frente às condições adversas. Nesse sentido, o trabalho deixa de ser apenas um espaço de alienação e se torna lugar de relações que atribuem sentido à permanência.

De modo semelhante, Mariana valoriza fortemente a convivência: “eu gosto muito de trabalhar porque sou sociável, gosto de conviver com as pessoas”. Para ela, a utilidade do trabalho se combina com a dimensão relacional, evidenciando que sentir-se parte de um grupo amplia o significado de suas tarefas. Essa dimensão dialoga com Bezerra et al. (2019), que ressaltam como a Geração Z, ainda que altamente conectada digitalmente, busca nos vínculos presenciais no trabalho um espaço de pertencimento e construção identitária. As interações também aparecem na dimensão dos estudos. Ana, por exemplo, associa o ambiente universitário à

possibilidade de novas trocas e discussões, mesmo diante do cansaço: “o estudo é também construir cidadania, poder se posicionar no mundo”.

No caso de Vitor, essa dimensão assume forma específica: ainda que atue na área administrativa, é o contato com as crianças que dá sentido à sua função. Ele afirma: “consigo educá-las, consigo ouvir os sentimentos delas, e isso é bem importante”. Essa fala mostra que as interações não se restringem a colegas de trabalho, mas também à relação com os destinatários da atividade laboral. Como apontam Araújo e Sachuk (2007), o sentido do trabalho é construído na interseção entre a experiência individual e o impacto gerado nos outros, confirmando que a dimensão interacional é essencial para compreender o significado atribuído ao fazer profissional. Já Fernanda ressalta que a docência, mesmo vivida como espaço transitório, só ganha sentido quando percebe estar ajudando crianças, reforçando que o encontro com o outro é o que legitima o esforço cotidiano. González Rey (2003, 2017) ajuda a compreender esse ponto, ao afirmar que a subjetividade se produz nas relações sociais, sendo o outro um mediador indispensável na constituição do sentido.

Por outro lado, Mateus revela uma postura distinta: seu foco maior está nas metas, mas, mesmo nesse contexto, menciona o orgulho em ver a dedicação dos funcionários: “tenho orgulho na dedicação e eficiência da equipe”. Ainda que marcado por uma lógica de gestão e desempenho, o reconhecimento das interações demonstra que, até em visões mais orientadas à performance, a dimensão coletiva não é apagada.

Essas falas revelam que, para os jovens entrevistados, o trabalho e o estudo não se reduzem a atividades técnicas ou individuais. Eles são espaços atravessados por relações, nas quais se produzem vínculos de pertencimento, apoio, afeto e reconhecimento. Como afirmam Aguiar, Soares e Machado (2015), os sentidos não emergem de forma isolada, mas se configuram como uma rede de significações, na qual as interações funcionam como nós fundamentais. Assim, ao analisar a Geração Z, nota-se que as interações cumprem um papel duplo: são fonte de prazer e realização, ao possibilitarem vínculos significativos, mas também podem ser geradoras de tensões, quando implicam conflitos com clientes ou gestores — como relataram Gabriel, Fernanda, Juliana, Mariana e Vitor. Essa dialética reforça que o trabalho com sentido, para essa geração, é inseparável das relações humanas que nele se constroem.

f. Os sonhos da Geração Z

Os sonhos e projetos de futuro constituem uma dimensão central da subjetividade dos jovens trabalhadores-estudantes, funcionando como horizonte simbólico que orienta escolhas no presente e dá sentido ao esforço cotidiano. Como destaca González Rey (2011; 2017), o sujeito produz sentidos não apenas em função de suas experiências imediatas, mas também a partir das projeções que constrói para si, em diálogo com as condições sociais e históricas em que está inserido. Dessa forma, os sonhos não podem ser reduzidos a desejos individuais isolados, mas devem ser compreendidos como construções subjetivas atravessadas por contradições sociais, históricas e culturais.

Para muitos dos participantes, a ideia de futuro está fortemente vinculada ao desejo de estabilidade, segurança e proteção frente às incertezas do mercado de trabalho. Mariana expressa claramente esse anseio ao afirmar que seu objetivo é “passar em concurso público e trabalhar para o governo”, associando essa trajetória à possibilidade de garantir uma vida digna e equilibrada. Esse desejo de estabilidade também aparece em Juliana, que planeja fazer uma pós-graduação, e em Ana, que vê no estudo contínuo a oportunidade de consolidar sua carreira. Essa busca reflete o que Ceribeli, Lourenço e Saraiva (2023) identificam entre jovens da Geração Z: um movimento de valorização de carreiras mais seguras e previsíveis, em contraste com a lógica de instabilidade que caracteriza o trabalho contemporâneo.

A pós-graduação, mencionada por todos os entrevistados, aparece como símbolo dessa busca de proteção, funcionando como estratégia de diferenciação e preparação frente à competitividade do mercado. Tibola, Raitz e Aquino (2020) reforçam que, para jovens universitários, o estudo é investido como promessa de mobilidade social e segurança futura, ainda que sua concretização esteja atravessada por tensões e sobrecarga.

Outros entrevistados articulam seus sonhos diretamente à realização profissional. Gabriel e Bruno projetam o futuro na clínica de Psicologia, vendo nessa atuação a possibilidade de construir um trabalho com sentido, vinculado a ajudar outras pessoas. Da mesma forma, Fernanda sonha em deixar a docência e viver exclusivamente da clínica, entendendo esse espaço como “o lugar de sentido pleno do trabalho”. Esses relatos confirmam a análise de Araújo e Sachuk (2007), segundo

os quais os sentidos do trabalho estão fortemente associados à possibilidade de contribuir para o outro, construindo reconhecimento e identidade profissional.

Já Mateus projeta seu futuro em torno da inovação, competitividade e gestão, reforçando uma lógica mais orientada à performance e ao resultado. Nesse caso, o sonho se mistura ao risco de alienação, pois se restringe a parâmetros de eficiência e produtividade. Para Juliana, por sua vez, o sonho de futuro está atravessado pela emoção de “fazer diferente dos pais”, que concluíram o Ensino Médio ao mesmo tempo em que ela já trabalhava. Sua trajetória acadêmica é vista como instrumento de emancipação e ruptura com a precariedade familiar, em consonância com o que Campos et al. (2022) descrevem sobre jovens gestores que atribuem ao estudo e à carreira um papel de transformação geracional.

Para além da dimensão profissional, os sonhos também se articulam ao campo pessoal, em torno de ideais de bem-estar, lazer e relações. Mariana revela que sonha em “ter dinheiro para viajar com a mãe, pedir uma pizza quando quiser, sair jantar sem se preocupar”, mostrando como o trabalho e o estudo são vistos como meios para conquistar uma vida simples, mas com qualidade e autonomia. Vitor menciona o desejo de “formar família, já que conseguiu um apartamento e um carro”, projetando sua realização também no campo afetivo. Da mesma maneira com Ana: “me vejo na minha casa, com gramado, meu marido (que hoje é meu noivo) e filhos...”. Essas falas se aproximam das análises de Bezerra et al. (2019), que identificam na Geração Z uma forte valorização do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, bem como o desejo de que o trabalho seja um meio para viver melhor, e não o contrário.

Nesse sentido, os sonhos funcionam como horizonte regulador da ação, reorganizando o presente e conferindo sentido às escolhas, mesmo diante da precarização. Como afirma González Rey (2017), os sentidos subjetivos não são lineares, mas emergem de contradições, de redes simbólicas que articulam sofrimento e esperança, limitação e projeto. É nesse movimento que se pode compreender por que os jovens entrevistados, mesmo vivendo sobrecarga, cansaço e frustrações, continuam projetando a pós-graduação, o concurso público, a clínica de Psicologia ou a possibilidade de viajar: os sonhos se tornam, assim, não apenas um futuro desejado, mas uma forma de sustentar a experiência presente.

O núcleo dos sonhos e projetos de futuro revela que, para a Geração Z entrevistada, os sonhos aparecem como mediadores da subjetividade, condensando tanto os limites da realidade concreta, quanto a potência criativa de projetar algo

diferente. Como destaca Saciloto et al. (2017), os jovens projetam suas carreiras em busca de autonomia e realização, mas não deixam de reivindicar segurança e qualidade de vida. Para esses trabalhadores-estudantes, sonhar é também resistir: é afirmar que, apesar da precarização e da sobrecarga, ainda é possível imaginar e construir um futuro em que trabalho, estudo e vida pessoal se articulem de forma mais digna e significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender a construção dos sentidos do trabalho entre jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z, considerando a conciliação entre estudo e trabalho e os impactos desse processo. Partiu-se do problema central: de que forma esses sujeitos, ao vivenciarem a dupla inserção no mercado e na universidade, elaboram sentidos que orientam suas práticas, escolhas e projetos de vida?

Para responder a essa questão, utilizou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa e no método dos Núcleos de Significação. Esse referencial possibilitou apreender as contradições, tensões e produções subjetivas que emergem das narrativas, articulando-as a um contexto histórico e social mais amplo. A Teoria da Subjetividade, de González Rey, constituiu o eixo central da análise, permitindo compreender a produção dos sentidos como um processo dinâmico, relacional e atravessado por múltiplas contradições.

Além disso, a discussão dialogou com diferentes perspectivas sobre o trabalho e sua centralidade social, em especial as contribuições de Ricardo Antunes, que destaca tanto a dimensão ontológica criadora, quanto os processos de alienação que marcam a experiência laboral. Em articulação com outros autores da mesma abordagem, permitiu-se situar as transformações contemporâneas do trabalho e suas implicações para a juventude, enquanto Han e Gaulejac contribuíram para a análise da internalização da lógica da performance e da sociedade do cansaço.

A dimensão do estudo e da formação foi discutida a partir de autores que problematizam os sentidos do aprender e sua relação com a mobilidade social, que demonstram a crescente inserção de jovens em jornadas duplas de estudo e trabalho. E, por fim, a especificidade geracional foi analisada a partir da literatura sobre a Geração Z, que a caracteriza como hiperconectada, crítica em relação ao trabalho tradicional e fortemente impactada por questões de diversidade, bem-estar e sustentabilidade. Esses referenciais foram confrontados com os achados empíricos, permitindo tensionar estereótipos e oferecer uma compreensão mais complexa da construção dos sentidos entre os jovens pesquisados.

A análise revelou que o trabalho assume o lugar de centralidade na vida dos jovens, configurando-se como uma dimensão inescapável da existência. Essa centralidade, contudo, é ambígua: ao mesmo tempo que o trabalho representa fonte

de estabilidade, crescimento e reconhecimento, também se apresenta como espaço de precarização, sobrecarga e adoecimento. O estudo evidenciou a coexistência de prazer e sofrimento, demonstrando que a experiência laboral não pode ser reduzida a uma dimensão unívoca.

O estudo no Ensino Superior, por sua vez, emergiu como um motor fundamental de mobilidade social e de construção de projetos de futuro. A universidade foi ressignificada como espaço de emancipação, de ampliação do repertório cultural e de acesso a novas oportunidades. Entretanto, a conciliação entre estudo e trabalho se mostrou marcada por tensões, renúncias e estratégias de enfrentamento, o que reforça a condição paradoxal da juventude que busca, simultaneamente, sustentar-se materialmente e projetar uma vida melhor. Outro achado importante refere-se à projeção de futuro. Os jovens demonstraram forte desejo de continuidade dos estudos, investindo em pós-graduações e especializações, e aspirando à estabilidade, seja por meio de carreiras públicas, seja pela construção de percursos profissionais sólidos no setor privado. A pesquisa também revelou valores fortemente associados à diversidade, sustentabilidade, qualidade de vida e saúde mental. Tais dimensões surgem como parâmetros que os jovens desejam ver incorporados no mundo do trabalho, deslocando a concepção de emprego para além da mera sobrevivência e aproximando-a de perspectivas éticas e coletivas.

Muitos discursos midiáticos descrevem a Geração Z como jovens impacientes, imediatistas, instáveis e pouco comprometidos. Outros, reforçam o estereótipo de que essa geração prioriza apenas prazer, flexibilidade e ascensão rápida, evitando sacrifícios. Os resultados desta pesquisa, entretanto, revelaram uma realidade mais complexa e distante dessas simplificações. Os jovens entrevistados mostraram-se altamente comprometidos com o trabalho e com os estudos, ainda que enfrentem precarização e sobrecarga. Todos relataram renúncias significativas (lazer, descanso, saúde) para conciliar estudo e trabalho, o que desmonta a ideia de falta de resiliência. Além disso, emergiu um forte desejo de estabilidade e continuidade dos estudos, em contraste com a imagem de jovens voláteis e desengajados. Se há críticas ao mundo do trabalho, elas não se dão pela recusa ao esforço, mas pela exigência de condições dignas e equilibradas, nas quais qualidade de vida e reconhecimento não sejam sacrificados.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados de forma plena. O objetivo geral — analisar os sentidos do trabalho para jovens trabalhadores-estudantes da Geração Z a partir da Teoria da Subjetividade — foi respondido à medida que se mostrou como esses sentidos são construídos em redes contraditórias, atravessadas por história, condições concretas e projetos de futuro. Para além, os objetivos específicos também foram contemplados:

- a) Identificar aspectos centrais e periféricos do trabalho: o trabalho apareceu como centralidade, mas também como espaço de sofrimento e precarização, enquanto o estudo foi associado à mobilidade e emancipação.
- b) Aproximar discussões entre elementos comuns e divergentes entre estudo e trabalho: a análise mostrou que ambos se entrelaçam em tensões: o trabalho garante condições para estudar, mas limita a dedicação; o estudo dá sentido ao trabalho, mas exige renúncias significativas.
- c) Verificar características dos jovens da Geração Z: foram evidenciadas centralidade do trabalho, valorização da qualidade de vida, desejo de estabilidade e a presença de valores ligados à diversidade e sustentabilidade.

Do ponto de vista da lacuna teórica, este estudo avança ao articular a Teoria da Subjetividade, de González Rey, com a metodologia dos Núcleos de Significação, aplicando-a ao tema da juventude trabalhadora, que ainda é pouco explorado nessa chave analítica. Mostra-se, assim, a fecundidade da Epistemologia Qualitativa para compreender processos subjetivos complexos que convivem de maneira contraditória. A principal contribuição deste trabalho está em oferecer uma análise aprofundada sobre a subjetividade da Geração Z a partir da conciliação entre estudo e trabalho, um tema pouco explorado em estudos nacionais. Ao articular teoria e empiria, o estudo evidencia que essa geração não pode ser compreendida a partir de estereótipos, mas sim como sujeitos que vivem tensões entre estabilidade e precarização, prazer e sofrimento, continuidade e ruptura. A pesquisa amplia, assim, a compreensão sobre como os jovens constroem sentido em um contexto marcado pela intensificação do trabalho e pela exigência de formação contínua.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte institucional e formativo adotado: os participantes são oriundos de uma única Instituição de Ensino Superior privada de Curitiba-PR e pertencem a apenas dois cursos específicos, o que restringe

a diversidade de trajetórias estudantis e configurações subjetivas acessadas. Essa delimitação não compromete a proposta qualitativa da pesquisa — cujo objetivo não é produzir generalizações estatísticas —, mas aponta para a necessidade de ampliar, em investigações futuras, a variedade de cursos, instituições e perfis socioeconômicos, de modo a captar outras formas de produção de sentidos do trabalho entre jovens estudantes-trabalhadores.

Outra limitação é que a pesquisa foi realizada em um recorte temporal específico, não captando possíveis mudanças na trajetória dos jovens ao longo de suas carreiras. Estudos futuros podem ampliar a amostra para diferentes regiões do Brasil, investigando como variáveis socioeconômicas, gênero e raça influenciam na construção dos sentidos do trabalho e do estudo. Também pode ser relevante aprofundar as estratégias de enfrentamento que os jovens mobilizam para conciliar trabalho e estudo, tema que emergiu nas entrevistas, mas que merece investigação específica.

No plano pessoal e acadêmico, este trabalho representou um processo de intenso aprendizado. Os desafios de conduzir entrevistas, sistematizar os núcleos de significação e lidar com as contradições dos relatos exigiram disciplina, sensibilidade e resiliência. Ao mesmo tempo, foi uma oportunidade de amadurecimento como pesquisadora, permitindo articular a escuta empírica à densidade teórica, e reconhecer no percurso investigativo a própria dialética entre esforço, cansaço e realização — tão semelhante à dos jovens participantes. Houve momentos de identificação pessoal com os relatos, especialmente no esforço de conciliar múltiplos papéis, o que demandou um exercício constante de distanciamento crítico e autorreflexão. A escrita da dissertação também se mostrou um desafio, pois exigiu transformar histórias singulares em análises coletivas, sem perder de vista a riqueza e a subjetividade de cada depoimento.

Em síntese, esta pesquisa confirma que o trabalho continua sendo central para a vida dos jovens, mas não em sua forma tradicional, alienada e apenas voltada para a sobrevivência. O que emerge é a busca por um trabalho que una dignidade, reconhecimento, propósito e equilíbrio com outras dimensões da vida. O estudo evidencia que o sentido do trabalho e do estudo é produzido em redes complexas, atravessadas por contradições, mas também por projetos de futuro e desejo de transformação. Essa constatação responde ao problema de pesquisa, reafirma a relevância da Teoria da Subjetividade como lente analítica e oferece contribuições

para a compreensão das juventudes contemporâneas, apontando que ouvir suas vozes é condição fundamental para pensar o futuro do trabalho e da educação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W.M.M; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, p. 222-245, 2006.
- AGUIAR, W.M.J de; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 94, p. 299-322, 2013.
- AGUIAR, W.M.M; SOARES, J.R.; MACHADO, V.C. Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa** – v. 45, n. 115, p. 56-75, jan/mar. 2015.
- ALMEIDA, H.F.R, PACHECO, M.A.B, LEITE, L.M.C, SANTOS, R.D.C; LOYOLA, C.M.D. Narrativas de prazer e sofrimento no trabalho: impactos na saúde do trabalhador. **Research, Society & Development**, V.11, n.6, 2022.
- ALVES, G. **Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2009.
- ANTUNES, R. A explosão do novo proletariado de serviços. In: ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. cap. 2. p. 25-65.
- ANTUNES, R. Qual o futuro do trabalho? **Laboratore**, ano III, n.4, p. 6-14, janeiro/junho 2020.
- ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago, 2004.
- ANTUNES, R. ; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social**: São Paulo, n.123, p. 407-427, julho/setembro 2015.
- ARAUJO, R.R.; SACHUK, M.I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, janeiro/março 2007.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BEZERRA, M.M., LIMA, E.C., BRITO, F.W.C.; SANTOS, A.C.B. Geração Z: relações de uma geração hiperconectada e o mundo do trabalho. **Revista Gestão em Análise**, Fortaleza, v.08, n.01, p. 136-149, jan/abr,2019.

BHARAT, C.; MAHANANDIA, R. Generation Z entering the workforce: the need for sustainable strategies in maximizing their talent. **Human Resource Management International Digest**, 26(4), 34-38, 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm.

BRYMAN, A.; BELL, E. **Business Research Methods**. 3rd Edition, Oxford University Press, Oxford, 2011

CANAL CIEE. **Empregabilidade Jovem Brasil - Reconhecendo quem faz a diferença pela inclusão produtiva no Brasil**. YouTube, 26 de maio de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/live/Lbnp_OqiQ_g?feature=shared. Acesso em 20 de outubro de 2023.

CAMPOS, R.C., CAPPELLE, M.C., BOTELHO, M.A.; MACIEL, L H.R. Explorando os Sentidos Subjetivos das Carreiras de Recém-Formados Gestores. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, 12(1), 120-132, 2022.

CAVALCANTE, L.T.C.; OLIVEIRA, A.A.S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 82-100, 2020.

CERIBELI, H.B.; LOURENÇO, R F. ; SARAIVA, C.M. As Dificuldades Enfrentadas no Mercado de Trabalho e o Bem-Estar da Geração Z. **Revista Gestão & Conexões**, v. 12, n. 2, p. 5–26, 2023.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CNS – Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510. Brasília, 2016**. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>

CORDEIRO, F.A., FRIEDE, R.; DE MIRANDA, M.G.A violência simbólica na sociedade do cansaço do século XXI. **Revista Augustus**, 23(46), 30-53, 2018.

CORSEUIL, C.H.L., FRANCA, M.P.; POLOPONSKY, K. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. **Novos Estudos CEBRAP**, 39(3), 501-520, 2020.

COSTA, S.D.M., BARBOSA, J.K.D., REZENDE, A.F.; PAIVA, K.C.M. Os Sentidos do Trabalho para Trabalhadores Jovens: Uma análise com aprendizes na região metropolitana de Belo Horizonte. **Revista Gestão & Conexões**, 12(1), 106-126, 2023.

COSTA, S.D.M.; MARQUES, E.M.I.; FERREIRA, A.C.C. Entre os Sentidos do Trabalho, Prazer e Sofrimento: Um Estudo Baseado na Perspectiva de Jovens Trabalhadores-Estudantes. **Revista Gestão Organizacional**, v. 13, n. 1, p. 64-85, 2020.

CRESWELL, J.W.; CRESWELL, J.D. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

DANTAS, H.L.L.; COSTA, C.R B.; COSTA, L.M.C.; LÚCIO, I.M.L.; COMASSETTO, I. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Revista Recien**, v. 12, n. 37, p. 334-345, 2022.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez; Oboré. 1992

DELOITTE. **2024 Gen Z and Millennial Survey. Deloitte Global Human Capital Trends**. Reino Unido: Deloitte Development LLC / Deloitte Touche Tohmatsu Ltd, 2024. Disponível em <https://www.deloitte.com/content/dam/assets-shared/docs/campaigns/2024/deloitte-2024-genz-millennial-survey.pdf?dlvb=1>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2024.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DIAS, D.A; SIQUEIRA, M.V.S.S; MORAIS, A.P.S; GOMES, K.B.P. Ideologia gerencialista e adoecimento mental no trabalho: uma análise crítica. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 185-198, 2019.

DORSEY, J; VILLA, **Zconomy: como a geração z vai mudar o futuro dos negócios e o que fazer diante disso**. Rio de Janeiro: Agir, 2021.

FARIA, J.H.; MARANHÃO, C.M.S.A.; MENEGHETTI, F.K. Reflexões epistemológicas para a pesquisa em administração: contribuições de Theodor W. Adorno. In: EnANPAD, 35. 2011, Rio de Janeiro. **Anais do XXXV EnANPAD 2011**. Rio de Janeiro: ANPAD v. 01. p. 01-16, 2011.

FERNANDES, F.R., GEDRAT, D.C.; VIEIRA, A.G. O significado do trabalho: um olhar contemporâneo. **Cadernos da Fucamp**, v.22, n.56, 2023.

FERNANDES, L.E.; LOPES, L.B. As implicações subjetivas do avanço tecnológico. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.9, n.7, p.21381-21391, jul., 2023.

FERRAZ, D.L.S.; FERNANDES, P.C.M. Desvendando os sentidos do trabalho: limites, potencialidades e agenda de pesquisa. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 165-184, dez. 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE FILHO, J.; LEMOS, J. F. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.5, n.13, pp.11-25, 2008.

FREITAS, M.T.A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002

GAULEJAC, V. **A Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GAULEJAC, V. **A tirania da performance**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

GONZÁLEZ REY, F. La categoría de sentido subjetivo y su significación en la construcción del pensamiento psicológico. **Contrapontos**, v. 1, n. 2, p.13-83, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. Subjetividade, subjetivação e desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 1, p. 117-122, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. Pesquisa qualitativa e subjetividade: cos processos de construção da informação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.35 n.125, p.11-30, jan/abr 2005.

GONZÁLEZ REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, n. 24, p.115-179, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017.

GUNDIM, V.A.; ENCARNAÇÃO, J.P.; SANTOS, F.C.; SANTOS, J.E.; VASCONCELLOS, E.A.; SOUZA, R C. Saúde Mental De Estudantes Universitários durante a pandemia de Covid-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2020.

HACKMAN, J.N.; OLDFHAM, G.R. Development of the job diagnostic survey.IN: **Journal of Applied Psychology**, s.l., v. 60. n. 2. p.159-170, 1975

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed.– Petrópolis: Vozes, 2017

HASSUNUMA, R.M., GARCIA, P.C., VENTURA, T.M.O., SENEDA, A.L.; MESSIAS, S.H.N. Revisão integrativa e redação de artigo científico: uma proposta metodológica em 10 passos. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, 5(3), 1–16, 2024

IBGE. PNAD Contínua: **Educação 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. 138 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2102068&view=detalhes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

IBGE. PNAD Contínua: **Educação 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. 126 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2102002&view=detalhes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

IBGE. PNAD Contínua: **Educação 2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2102180&view=detalhes>. Acesso em: 20 jun 2024.

LEANDRO, B., SOBRINHO, A.; ABRAMO, H. **Panorama da situação de saúde de jovens brasileiros de 2016 a 2022: intersecções entre juventude, saúde e trabalho**. Rio de Janeiro: EPSJV; Cooperação Social da Presidência; Fiocruz; SUS; Ministério da Saúde; Governo Federal – Brasil União e Reconstrução, 2024. Disponível em: <https://fiocruz.br/documento/2024/04/panorama-da-situacao-de-saude-de-jovens-brasileiros-intersecoes-entre-juventude>. Acesso em: 20 de ago 2025.

LEITE, K., HAHN, I.S., SCHERER, F.L.; TRINDADE, N.R. Opt-Out: por que profissionais da Geração Z optam por deixar as empresas? **Revista Administração em Diálogo - RAD**, 24(2), 8-23, 2022.

LEMOS, A.H.C, PINTO, M.S.; SILVA, M.A.C. Mal-estar nas organizações: Por que os jovens estão abandonando o mundo corporativo? **RACE**, Joaçaba, v.16, n.2, p.703-728, mai/ago 2017.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2007.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO, A.O., TAVARES, M.V.B., FELIX, B.S.; SANTOS, A.C.B. Identidade da geração Z na gestão de startups. **Revista Alcance**, 26, 320-333, 2019.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, 17(4), 758-764, 2008

MIGUELES, C.P.; ZANINI, M.T.F.; CARVALHO, J.; FILARDI, F.. O impacto da diversidade das gerações na confiança dentro das empresas. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 932–945, out./dez. 2021.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E.M. Os sentidos do trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 41, n. 3, p. 8–19, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/37722>. Acesso em: 16 aug. 2025.

MOW International Research Team. **The meaning of working**. London: Academic Press, 1987.

NOVELLA, R.; REPETTO, A.; ROBINO, C.; RUCCI, G. **Millennials en América Latina y el Caribe: ¿trabajar o estudiar?** Canadá: BID, 2018.

OBREGON, S.L.; FACCO, A.L.R.; RODRIGUES, G.O.; MARCONATTO, A.B.; LOPES, L.F.D. Geração z: compreendendo as aspirações de carreira de estudantes de escolas públicas e privadas. **Revista de Administração**. v. 15, n. 26, p. 84-108, dez. 2016.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Health at work: policy brief**. Genebra: OIT, 2022. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/oms-e-oit-pedem-novas-medidas-para-enfrentar-os-problemas-de-saude-mental>. Acesso em 30 jul. 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **World mental health report: Transforming mental health for all**. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em 25 jul. 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Classificação Internacional de Doenças para Estatísticas de Mortalidade e Morbidade – CID-11**. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/en>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PEREIRA, E.F.; TOLFO, S.T.R. Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: uma revisão das suas bases teórico e epistemológicas. **Psicologia Argumento**, v. 34, n. 87, 2017.

RIZZO, C.B.S.; CHAMON, E.M.Q.O. O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 8, n. 3, 2011.

ROSSATO, M.; MARTINEZ, A. **A metodologia construtiva-interpretativa como expressão da Epistemologia Qualitativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade**. CIAIQ, 2017.

ROSSO, B.D.; DEKAS, K.H.; WRZESNIEWSKI, A. On The Meaning of Work: A Theoretical Integration and Review. **Research in Organizational Behavior**, v. 30, 2010.

SÁ, J.G.S.; LEMOS, A.H.C. Sentido do Trabalho: Análise da Produção Científica Brasileira. **Revista ADM.MADE**, v. 21, n. 3, p. 21-39, 2017.

SACILOTO, E.B.; D'AGOSTINI, M.; SARTOR, R.M.; MATTE, J. CHAIS, C.; GANZER, P.P.; RADAELLI, A.A.P.; MUKENDI, J.T.; COSTA, L.F.; WELCHEN, V.; MACIEL, J.V.; SANTOS, M. J.; OLEA, P.M.; DORION, E.C.H. Expectativa da geração Z na carreira profissional: um estudo em uma empresa de grande porte em Caxias do Sul/RS. **Artigos Convibra**, 2017.

SALGADO, C.C.R., AIRES, R.F.F.; SANTOS, F.J.S. Dialética do “prazer e sofrimento”: a relação de mestrandos e doutorandos com seu trabalho acadêmico. **Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, 16(2), 113-145. 2018.

SANTOS, I.V.P.; AMÂNCIO, N.F.G.; ROMÃO, M.F.; ALMEIDA, K.C. A influência das mídias e redes sociais na saúde mental dos jovens. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 3771–3784, 2023.

SANTANA, R.R.C.; RISTUM, M. Os sentidos de trabalho e escola construídos por adolescentes trabalhadores. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.34 e34727, 2022

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, M.P.; SIMÕES, J.M. O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas. **Revista Capital Científico**, v. 13, n. 3, 2015.

SILVA, M,V.; BRASILEIRO, B.G. Os sentidos do trabalho na perspectiva dos alunos e professores dos cursos técnicos integrado e subsequente da rede estadual de ensino. **Revista Ponto de Vista**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 01–18, 2024.

SOUZA, E.C.; TORRES, J.F.P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. Obutchénie. **Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 34–57, 2019.

SOUZA, M.T; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**, v. 8, p. 102-106, 2010.

TIBOLA, N.G., RAITZ, T.R.; AQUINO, D.C.C. Sentidos do trabalho na perspectiva de jovens universitários. **Boletim Técnico Do Senac**, 46, 2020.

TOLFO, S.R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Revista Psicologia e Sociedade**, n.19, ed.1, p. 38-46, 2007.

TORRES, T.P.R.; BOTTINI, F.F.; PAIVA, K.C.M.; PEREIRA, J.R. Prazer e Sofrimento para Jovens Trabalhadores de Belo Horizonte. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 19, n. 2, p. 8-26, 2020.

VIANA, M.S. A psicopolítica em Byung-Chul Han: introdução para a crítica das novas tecnologias-inovações de poder. **Interseções**, UERJ, 2023.

VIEIRA, M.K.C; COSTA, S.D.M. Compreendendo os sentidos do trabalho: um estudo a partir da percepção de trabalhadores universitários. **Revista GESTO: Revista De Gestão Estratégica De Organizações**, 12(1), 33-44, 2024.

VIEIRA, R.S.G., SANTOS, R.M.; ALMEIDA, S.L. O Trabalho: tripalium ou uma busca por significados e realizações. **Cadernos GEPE**, v.1, n.3, 2023.

WOLECK, A. O Trabalho, a ocupação e o emprego. Uma perspectiva Histórica. **Revista de Divulgação Técnico-científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, p. 33 - 39, 01 jan. 2002

APÊNDICE A – DETALHAMENTO DA REVISÃO INTEGRATIVA

#	CAPEs	SPELL	ARTIGO	AUTORES	PUBLICAÇÃO	QUALIS
1	x	x	<u>OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UM ESTUDO MULTIMÉTODOS</u>	RODRIGUES, A. L.; BARRICHELLO, A.; MORIN, E. M	RAE – Revista de Administração de Empresas, vol. 56, n. 2, mar-abr. 2016, p. 192–208	A2
2	x		<u>Adaptação do Inventário de Sentido do Trabalho (WAMI) para o contexto brasileiro</u>	LEONARDO, M. da G. L.; PEREIRA, M. M.; VALENTINI, F.; DE FREITAS, C. P. P.; DAMÁSIO, B. F.	Revista Brasileira de Orientação Profissional, vol. 20, n. 1, 2019, p. 79-89	A2
3	x	x	<u>Cuidar de preso?!: os sentidos do trabalho para agentes penitenciários</u>	SIQUEIRA, K. C. de L.; SILVA, J. M. da; ANGNES, J. S.	Revista de Ciências da Administração, v. 19, n. 48, ago. 2017, p. 84–9	A3
4	x		<u>Desvendando os sentidos do trabalho</u>	FERRAZ, D. L. da S.; FERNANDES, P. C. de M.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 22, n. 2, 2019, p. 165–184	A3
5	x		<u>Os sentidos do trabalho para egressos do sistema prisional inseridos no mercado formal de trabalho¹</u>	TOLEDO, I. d'Á.; KEMP, V. H.; MACHADO, M. N. da M.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 17, n. 1, 2014, p. 85–99	A3
6	x		<u>Trajetórias identitárias e sentidos do trabalho docente para professores universitários</u>	RAITZ, T. R. & SILVA, C. D. L.	Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 204-213, 2014.	A2
7	x	x	<u>Trabalhar É Manter-Se Vivo: Envelhecimento e Sentido do Trabalho para Docentes do Ensino Superior</u>	NASCIMENTO, R. P.; COSTA, D. V. F.; SALVÁ, M. N. R.; MOURA, R. G. & SIMÃO, L. A. S.	Sociedade, Contabilidade e Gestão, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 118–138, mai./ago. 2016	A3
8	x		<u>REGIMES DE FLEXIBILIZAÇÃO E SENTIDOS DO TRABALHO PARA DOCENTES DE ENSINO SUPERIOR EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS</u>	D'ARISBO, A.; BOFF, D.; OLTRAMARI, A. P. & SALVAGNI, J.	Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 495–517, maio/ago. 2018.	A2
9	x		<u>CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO: SENTIDOS DO TRABALHO PARA AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE</u>	SANTOS, A. G. & TRAESEL, E. S.	Trabalho (En)Cena, Palmas, v. 3, n. 3, p. 18–33, 2018	B1
10	x		<u>Um estudo sobre os sentidos do trabalho para os agricultores familiares a partir da pluriatividade</u>	VIRGOLIN, I. W. C.; HILLIG, C. & FROEHLICH, J. M.	Extensão Rural, Santa Maria, v. 22, n. 4, p. 116–134, out./dez. 2015	B4
11	x	x	<u>De empregado a empresário: mudanças no sentido do trabalho para empreendedores</u>	LEMOs, A. H. C.; CAVAZOTTE, F. S. C. & SOUZA, D. O. S.	Pensamento Contemporâneo em Administração, [S. l. ou cidade da editora], v. 11, n. 5, p. –, dez. 2017	A3
12	x	x	<u>Meteoro da ilusão: sentidos do trabalho para jovens gerentes de bancos públicos</u>	SILVA, E. B.; COSTA, I. S. A.; FREITAS, J. A. S. & SALLES, D. M. R.	Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, vol. 17 (spe), p. 765–782, nov. 2019	A2
13	x		<u>O sentido do trabalho para mulheres após a licença maternidade: um estudo com profissionais de educação</u>	ANDRADE, C. J.; PRAUN, L. D. & AVOGLIA, H. R. C.	Semina: Ciências Sociais e Humanas, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 147–158, dez. 2018	B1
14	x		<u>SENTIDOS DO TRABALHO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA ADQUIRIDA</u>	SANTOS, J. C. & CARVALHO-FREITAS, M. N. C.	Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 30, e160054, p. 1–11, maio 2018	A2

15	x		<u>Pandemia da Covid-19 e a Enfermagem brasileira: desvelando sentidos do trabalho</u>	DE SOUSA FILHO, J. D.; SOUSA, K. H. J. F.; SILVA, Í. R.; ZEITOUNE, R. C. G.	Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 56, n. ? (não informado), 2022	A2
16	x	x	<u>ENTRE SENTIDOS DO TRABALHO, PRAZER E SOFRIMENTO: UM ESTUDO BASEADO NA PERSPECTIVA DE JOVENS TRABALHADORES-ESTUDANTES</u>	COSTA, S. D. M.; MARQUES, E. M. I. & FERREIRA, A. C. C.	Revista Gestão Organizacional, Chapecó, v. 13, n. 1, p. 64–85, jan./abr. 2020	B1
17	x	x	<u>Sentido do Trabalho: Análise da Produção Científica Brasileira</u>	SPINELLI-DE-SÁ, J. G. & LEMOS, A. H. da C.	ADM.MADE, [s.l. – sujeito à conferência dos dados da revista], v. 21, n. 3, p. 21–39, 2018	A4
18		x	<u>O show tem que continuar: encaixos e percalços do ser/estar prostituta</u>	PEREIRA, J. R.; PAIVA, K. C. M.; SANTOS, J. V. P. & SOUSA, C. V.	Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão, v. 16, n. 3, p. 151-180, 2018	A4
19		x	<u>Qualidade de Vida no Trabalho: Um Modelo Sistêmico de Análise</u>	VILAS BOAS, A. A. & MORIN, E. M.	Revista Administração em Diálogo-RAD, v. 19, n. 2, p. 62-90, 2017	A4
20		x	<u>O trabalho e seus sentidos: um estudo com peritos criminais da Polícia Federal</u>	RODRIGUES, A. L., BARRICHELLO, A., IRIGARAY, H. A. R., SOARES, D. R., & MORIN, E. M.	Revista de Administração Pública, v. 51, n. 6, p. 1058-1084, 2017	A2
21	x		<u>O TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO DE LUXO: ANÁLISE DOS SENTIDOS PRODUZIDOS POR PROSTITUTAS EM BELO HORIZONTE – MG</u>	SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A.	Revista de Gestão Social e Ambiental, p. 23-39, 2017.	A3
22	x		<u>Bem-vindos ao espetáculo: sentidos do trabalho para artistas circenses</u>	GIRELLI, S.; DAL MAGRO, M. L. P.; WERNER, L.	Revista de Ciências Humanas, v. 51, n. 2, p. 456-476, 2017.	A4
23	x	x	<u>O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica</u>	ROHM, R. H. D.; LOPES, N. F.	Cadernos EBAPE. BR, 13 (2), 332–345 [em linha]. 2015.	A2
24	x	x	<u>SENTIDOS DO TRABALHO APREENDIDOS POR MEIO DE FATOS MARCANTES NA TRAJETÓRIA DE MULHERES PROSTITUTAS</u>	SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A.	Revista de Administração Mackenzie, v. 16, n. 6, p. 19-47, 2015.	A2
25	x		<u>Não tinha trabalho, mas tinha reciclagem: sentidos do trabalho de catadores de materiais recicláveis</u>	BRAGA, N. L.; LIMA, D. M. A.; MACIEL, R. H.	Temas em Psicologia, Fortaleza, v. 23, n. 4, p. 1.051-1.059, dez. 2015	A2
26	x	x	<u>Para além dos estereótipos: os sentidos do trabalho para mulheres da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro</u>	LEMOS, A. H. da C.; OLIVEIRA, L. B. de	Cadernos EBAPE.BR, v. 20, n. 4, p. 500–513, 2022.	A2
27	x	x	<u>Sentido do Trabalho: a Percepção de Empreendedores Sociais de Cooperativas de Reciclagem</u>	FIGUEIRÓ, P. S. & BESSI, V. G.	Revista Gestão & Conexões, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 50–72, 2020	A4
28	x	x	<u>O SENTIDO DO TRABALHO DOS GARIS COLETORES DE RESÍDUOS DOMICILIARES</u>	MATOS, T. M.; LIMA, T. C. B.; PAIVA, L. E. B. & FERRAZ, S. F. S.	Revista Gestão Organizacional, Chapecó, v. 10, n. 3, p. 125–143, 2017	B1
29	x		<u>SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO: REFLEXÕES PARA A</u>	SCHMIDT, M. L. G.; BARBOSA, W. F.; PINCELI, S. C. C. & LUCCA, S. R.	Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, v. 6, n. 2, p. 138–142, maio 2017	A2

			<u>ATUAÇÃO DO MÉDICO DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE</u>			
30	x		<u>Sentido do trabalho: uma análise sobre a percepção dos coordenadores de cursos em uma instituição universitária</u>	RONCHI, C. C.; BANDEIRA, N. P.; BRAGA, C. H. M.; OLIVEIRA, R. D. & MELO JR., J. S. M.	Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 174–195, set. 2016	A4
31	x		<u>O sentido do trabalho na Atenção Primária à Saúde</u>	BRANDÃO, L. G. V. A.; TEIXEIRA, C. C.; AFONSO, T. C.; AMARAL, R. T.; BEZERRA, A. L. Q.	Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 11, n. 8, e528, 2019	B1
32	x	x	<u>O Sentido do Trabalho para o Agente Funerário</u>	NASCIMENTO, R. L.; SANTOS, A. S. L.; LIMA, T. C. B.; PINHO, A. P. M.	Revista de Ciências da Administração (RCA), Florianópolis, v. 21, n. 53, p. 112–128, abr. 2019	A3
33	x		<u>SENTIDO DO TRABALHO: UM ESTUDO COM ENFERMEIROS GESTORES</u>	ARAÚJO, D. S.; SILVA, A. J. N. B.; MELO, F. E. M.; MENEZES, B. S. & SANTOS, S. M.	Revista Expressão Católica Saúde, Quixadá, v. 8, n. 1, p. 87–96, jan./jun. 2019	B1
34	x		<u>RESPEITÁVEL PÚBLICO. O SENTIDO DO TRABALHO PARA O ARTISTA CIRCENSE VAI COMEÇAR!</u>	COLET, D. S. & MOZZATO, A. R.	Revista Organizações & Sociedade, Salvador, v. 34, n. 1, p. 111–127, jan./mar. 2019	B1
35	x		<u>Sentidos do trabalho na percepção de pessoas que exercem trabalho comum</u>	MARTINS, R. D.; CERUTTI, P. S.; VAZ, E. R. D. & GALLON, S.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1–15, 2018	A3
36	x		<u>Sentidos do Trabalho em Diferentes Trajetórias Ocupacionais da Enfermagem: um Estudo de Caso</u>	PRADO, K.; SANT'ANNA, A. S. & DINIZ, D. M.	Revista Psicologia: Organizações & Trabalho, Brasília, v. 21, n. 1, p. 1345–1354, 2021	A2
37	x	x	<u>Trabalhar pra quê? O significado e o sentido do trabalho para os bancários</u>	BERTOSSO, H.; EBERT, P. N. P.; BONEMBERGER, A. M. O.; CENTENARO, A.; SEVERO, E. A.	Revista Administração UFSM, Santa Maria, v. 12, n. 3, p. 492–508, 2019	A4
38	x		<u>PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS DE ASSENTAMENTOS RURAIS: ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO</u>	MELO, T. G.; SCOPINHO, R. A.	Psicologia em Estudo (Online), Maringá, v. 20, n. 4, p. 529–541, out./dez. 2015	A1
39	x		<u>O sentido do trabalho educativo no campo social</u>	SANTOS, K. B. dos; LEMES, M. A.	Revista Série-Estudos, Campo Grande (MS), v. 21, n. 43, p. 45–67, set./dez. 2016	A3
40	x		<u>Sentidos do trabalho e formas de participação: o caso de uma cooperativa de trabalhadores rurais do Assentamento Mário Lago, Ribeirão Preto (SP)</u>	MELO, T. G.; SCOPINHO, R. A.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 123–136, 2015	A3
41	x		<u>A percepção dos sentidos do trabalho para enfermeiros no âmbito hospitalar</u>	FAZA FRANCO, M. F.; FARAH, B. F.	Revista Enfermagem Atual In Derme, Juiz de Fora, v. 90, n. 28, 23 dez. 2019	B1
42	x	x	<u>Propósito organizacional na prática: impacto no sentido do trabalho e no engajamento dos colaboradores</u>	BATISTA, R. M. M.; CEPellos, V. M.	Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM), São Paulo, v. 23, n. 2, p. 231–267, 2024	A4
43	x		<u>Além da intermediação de compra e venda de imóveis: os sentidos do trabalho para corretores imobiliários</u>	DUARTE REZENDE, A. L. & DIAS MENDES COSTA, S.	Revista Visão: Gestão Organizacional, Caçador (SC), v. 13, n. 1, p. e3391, jan./jun. 2024	B4

44	x	x	<u>Moralidade e sentido do trabalho para profissionais do sexo</u>	REBONATTO, C. S.; PESSOTTO, A. P.; GALLON, S. & PAULI, J.	Revista de Ciências da Administração (RCA), Florianópolis, v. 23, n. 61, p. 134–148, set./dez. 2021	A3
45	x	x	<u>SENTIDO DO TRABALHO E A ESCOLHA PELA VIDA NA CASERNA PARA MILITARES DO EXÉRCITO BRASILEIRO</u>	DENARDIN, M. G.; MACIEL, J. S.; LOPES, L. F. D. & TRAVERSO, L. D.	Revista Gestão Organizacional, Chapecó, v. 15, n. 1, p. 80–97, jan./abr. 2022	B1
46	x	x	<u>Relações entre os sentidos do trabalho e a satisfação no trabalho: uma análise com uma categoria de servidores públicos</u>	RIBEIRO, E. L. & MARRA, A. V.	Revista de Administração da UFSM, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 119–137, 2021	B2
47	x	x	<u>PERCEPÇÕES SOBRE A INCLUSÃO LABORAL E O SENTIDO DO TRABALHO PARA TRABALHADORES COM DEFICIÊNCIA</u>	CARON, D.; COSTA, V. F.; RODRIGUES, G. F. & GADONSKI, J.	Revista Pensamento & Realidade, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 21–40, 2023	B1
48	x		<u>Sentidos do Trabalho</u>	COSTA, S. D. M. & VIEIRA, M. K. C.	Revista de Gestão e Secretariado (GeSec), São Paulo, v. 13, n. 3, p. 204–224, 2024	A4
49	x		<u>Os impactos da pandemia na empresa pública federal: entre as novas modalidades e os novos sentidos do trabalho</u>	BARROS, L. G. C. B.; HOLANDA, L. P. Q. D.; RODRIGUES, C. M.	Contribuciones a las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v. 16, n. 10, p. 21494–21512, 2023	A4
50	x		<u>Percepções de mulheres sobre gestação e os sentidos do trabalho</u>	TOLEDO, J. S.; MARTINS, J. T. & GONÇALVES, J.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 26, e-184737, 2023	A3
51	x	x	<u>Os Sentidos do Trabalho para Trabalhadores Jovens</u>	COSTA, S. D. M.; BARBOSA, J. K. D.; REZENDE, A. F.; PAIVA, K. C. M.	Revista Gestão & Conexões, Vitória (ES), v. 12, n. 1, p. —, jan./abr. 2023	A4
52	x		<u>SENTIDO DO TRABALHO E VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO EM VENEZUELANOS QUE MIGRARAM AO BRASIL</u>	GREGOVISKI, V. R.; SEI, M. M. C.; SOARES, A. P. & MONTEIRO, J. K.	Trabalho (En)Cena, Palmas, v. 7, e022005, 2022	B1
53	x	x	<u>Sentidos do trabalho no varejo de supermercados</u>	VALORIA, C. S.; CERQUEIRA, L. S. & LUNARDI, G. L.	Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RPCA), Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 55–71, jul./set. 2022	A3
54	x	x	<u>Os sentidos do trabalho no serviço público: uma perspectiva geracional</u>	NASCIMENTO, T. A. C. & OLIVEIRA, S. R.	Anais do Encontro Nacional da ANPAD – EnANPAD, São Paulo, 2013.	B2
55	x	x	<u>Uma hora o trabalho começou a atrapalhar: Os diferentes sentidos do trabalho de um dependente químico em recuperação</u>	IANNA, F. R. P. M.; TONON, J. P. B. B.; TONON, L.; FERREIRA, A. S.	Gestão & Conexões – Management and Connections Journal, Vitória (ES), v. 9, n. 2, p. 51–73, maio/ago. 2020	A4
56	x	x	<u>OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA DOCENTES DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: UM ESTUDO COM DOCENTES DAS ÁREAS DE ADMINISTRAÇÃO E EDUCAÇÃO</u>	PILONI PETRI, M.; GALLON, S. & DUARTE VAZ, E.	Revista Alcance, Biguaçu, v. 25, n. 3, p. 366–380, set./dez. 2018	A4
57	x		<u>Educação corporativa: análise dos sentidos do trabalho à luz da formação continuada</u>	ARNT, K.; MORAES, M. A. C. & AMARAL, J. C. S. R.	ScientiaTec: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 1–14, 2018	B3

58	x		<u>Sentido do trabalho e orientação para o trabalho: um estudo em universidades públicas de Minas Gerais e do Quebec</u>	VILAS BOAS, A. A. & MORIN, E. M.	Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL, Florianópolis, v. 8, n. 4 (Edição Especial), p. 117–133, dez. 2015	A4
59	x		<u>O bem-estar biopsicossocial e o sentido do trabalho: a necessidade de políticas públicas interdisciplinares</u>	GEMMA, S. F. B.; BERGSTRÖM, G. T. & PIRINO, B.	Revista Ação Ergonômica, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 1–13, 2023	B5
60	x		<u>Os Sentidos do Trabalho: Análise do Trabalho Fabril em uma Indústria Farmacêutica</u>	MOTA, F. R.	Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, UERJ, v. 23, n. 3, p. 856–876, 2023	A2
61	x	x	<u>O sentido do trabalho docente: uma análise comparativa entre instituições de ensino superior públicas e privadas</u>	KERN, J.; COSTA, V. M. F.; TOMAZZONI, G. C.; SANTOS, R. C. T. dos & BALSAN, L. A. G.	Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe), São Paulo, v. 13, n. 2, p. 343–364, mai./ago. 2023	A4
62	x	x	<u>Do Lar? Sentidos do trabalho para mães trabalhadoras</u>	VIDIGAL, S. S.; PARADELA, V. C.; COSTA, D. V. F.	Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RPCA), Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 123–139, jan./abr. 2023	A3
63	x		<u>Sentidos do trabalho para enfermeiros da Atenção Primária à Saúde em áreas rurais</u>	OLIVEIRA, A. R. de; BARBOSA NETO, J. H.; PONTES, D. R. Q.; MARTINIANO, C. & ALVES, M.	Revista de APS (Online), Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 919–936, out./dez. 2022	B1
64	x		<u>Os sentidos do trabalho para os internos do sistema prisional</u>	DA SILVA, B. R. F. & BISPO, D. A.	Revista Gestão e Secretariado (GeSec), São Paulo, v. 14, n. 4, p. 6579-6601, 2023	A4
65	x		<u>Sentidos do trabalho para o psicólogo hospitalar em tempos de pandemia</u>	DE OLIVEIRA, R. C. R. P.	Brazilian Journal of Development, v. 9, n. 1, p. 5425–5433, jan. 2023	B2
66	x		<u>O SENTIDO DO TRABALHO PARA HOMENS COM ANEMIA FALCIFORME E ÚLCERAS FALCÊMICAS</u>	NASCIMENTO, D. C.; GARCIA, L. R.; COSTA, R. N.; POZZA, R.; SOARES, S. S. S. & SOUZA, N. V. D.	Texto & Contexto - Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 31, e2022-0218, 2022	A2
67	x	x	<u>Sentidos do trabalho, vínculos organizacionais e engajamento: proposição de um modelo teórico integrado</u>	COSTA, S. D. M.; PAIVA, K. C. M. & RODRIGUES, A. L.	Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 470–482, jul./ago. 2022	A2
68	x	x	<u>Para além de uma Vocação: Sentido do Trabalho para os Professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo</u>	ROQUE, M. G. M.; GOMES, A. F.; CHAVES, A. M. & SANTOS, M. O.	Revista Gestão & Conexões – Management and Connections Journal, Vitória (ES), v. 11, n. 2, p. 28–51, mai./ago. 2022	A4
69	x		<u>SENTIDOS DO TRABALHO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO E PROPOSIÇÃO DE AGENDA DE PESQUISA</u>	COSTA, S. D. M.	Revista Gestão em Análise, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 155–170, set./dez. 2021	B3
70	x		<u>O SENTIDO DO TRABALHO NA UNIVERSIDADE</u>	GUIMARÃES, G.	O sentido do trabalho na universidade. <i>Revista Educativa – Revista de Educação</i> , Goiânia, v. 23, n. 1, p. e8646, 2021	A4
71	x		<u>O sentido do trabalho: um estudo de caso com docentes argentinos / The Sense of Work: a Case Study with Professors from Argentina</u>	GAI, M. J. P.; COSTA, V. F.; LOPES, L. F. D.; MEINERZ, D. L.; SALES, S. S. S.	Revista Multidisciplinar de Psicologia, Curitiba, v. 15, n. 57, p. 186–202, out. 2021	B1

72	x		<u>Significados e sentidos do trabalho docente na educação infantil: reflexões a partir do materialismo histórico-dialético</u>	SOUZA, R. P.; MOHN, R. F. F. & SILVA, K. A. C. P. C.	Revista de Educação Básica do Cepae (UFG), Goiânia (GO), v. 32, n. 2, p. 255–270, 2021	A3
73	x		<u>Precários e sobrantes: os sentidos do trabalho para usuários de drogas em situação de rua</u>	MENDES, K. T.; PAIVA, F. S. & RONZANI, T. M.	Lutas Sociais, São Paulo, v. 24, n. 44, p. 91–104, jan./jun. 2020	D
74	x		<u>Os sentidos do trabalho para técnicos em assuntos educacionais no contexto do modo de produção capitalista</u>	MARTINS, C. C.; SILVA, A. L.	Debates em Educação, Maceió, v. 12, n. 27, p. 330–351, mai./ago. 2020	A2
75	x		<u>Sentidos do Trabalho no Ensino de História: revisão da produção científica produzida no período de 1996 a 2018</u>	COUTINHO, L. C. S.; CAPUCHO, V. A. C. & MARINHO, G. C	História & Ensino, Londrina, v. 26, n. 2, p. 183–208, jul./dez. 2020	A1
76	x		<u>Tutores na educação superior: o que a análise crítica do discurso revela sobre o sentido do trabalho?</u>	IRIGARAY, H. A. R. & NEVES, Y.	Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 180–195, dez. 2020	B1
77	x		<u>Os sentidos do trabalho: um estudo na percepção dos enfermeiros</u>	BERALDO, K. A.; MAURÍCIO, N. M. M.; LIMA, T. C.; BEZERRA, N. S.; RODRIGUES, T. A. N. M.	Revista Observatório, Palmas, v. 6, n. 1, p. 1–17, jan./mar. 2020	A2
78	x		<u>Sentidos do trabalho na perspectiva de jovens universitários</u>	TIBOLA, N. G.; RAITZ, T. R. & AQUINO, D. C. C.	Revista BTS – Boletim Técnico Senac, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 121-132, jan./abr. 2020	B2
79	x		<u>UM OLHAR VIVIDO PARA O SENTIDO DO TRABALHO</u>	COSTA, D. V. F. & NASCIMENTO, R. P.	Revista Brasileira de Estudos Organizacionais, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 181–209, 2019	D
80	x	x	<u>O SENTIDO DO TRABALHO PARA OS SERVIDORES DA JUSTIÇA FEDERAL EM ALAGOAS</u>	BALBINO, A. & BARBOSA, M. A. C.	Pensamento & Realidade, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 77–96, 2018	B1
81	x		<u>O sentido do trabalho para bombeiros pós-evento crítico</u>	TOMASI, M.; GALLON, S.; PAULI, J. & CARVALHO, R.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 143–163, dez. 2019	A3
82	x		<u>O Sentido do Trabalho para o Operário: estudo de caso em uma fábrica de componentes eletrônicos</u>	PRATES, C.; SILVA, N. G.; PICCININI, V. C.	Ciências Sociais em Perspectiva, João Pessoa, v. 13, n. 24, p. 139–160, jun. 2014	A4
83	x		<u>Juventude e os sentidos do trabalho</u>	PIRES, A. S. e PERIN, J. P. F.	Revista Brasileira de Sociologia, São Paulo, v. 11, n. 29, p. 124–150, set./dez. 2023	A3
84	x		<u>Sentidos do Trabalho para Brasileiros de Meia-Idade: Um Estudo Fenomenológico</u>	MARTHO, R. G. & MESSIAS, J. C. C.	Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 138–157, 2023	A2
85	x		<u>Jovens homens que 'saíram pelo meio do mundo': sentidos do trabalho para cortadores de cana</u>	SILVA, C. M. da.	Revista PerCursos, Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 143-166, maio/ago. 2019	A4
86	x		<u>Hoje és nevoeiro...: linhas sobre o conteúdo e sentido do trabalho escravo contemporâneo</u>	MACHADO, G. S. S.	Revista Videre, Dourados (MS), v. 10, n. 19, p. 263–282, jan./jun. 2018	n/i
87	x		<u>O CAMINHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: percepções sobre o sentido do trabalho e do trabalho docente</u>	SANTOS, M. G. M.; MORAIS, J. K. C. & BRANDÃO, P. A. F.	Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica (REPEAT), v. 1, n. 12, p. 96–110, jan. 2017.	A2

88	x		<u>Entre a escola e a universidade: os múltiplos sentidos do trabalho de campo como mediação didática</u>	GIROTTTO, E. D.; MORETTO, B. C.	GeoTextos, Salvador (BA), v. 13, n. 2, 2017	A3
89	x		<u>O sentido do trabalho para os neosujeitos numa posição gerencial / The meaning of work for neo-subjects in managerial positions</u>	SOBRINHO, J. G. da S.	Revista Polis e Psique, Porto Alegre (RS), v. 5, n. 3, p. 135–147, 2015	B1
90	x		<u>Os sentidos do trabalho do professor e o lugar social do ensino de História</u>	DA CUNHA, J. L.; CARDÔZO, L. dos S.	Revista do Centro de Educação (UFMS), Santa Maria (RS), v. 40, n. 3, p. 529–544, set./dez. 2015	A2
91		x	<u>O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas / The study of the meaning of work: contributions and challenges for contemporary organizations</u>	SILVA, M. P. da; SIMÕES, J. M.	Capital Científico – Eletrônica, Londrina, v. 13, n. 3, p. 136–151, jul./set. 2015	B1
92		x	<u>Além das limitações:</u>	PAIVA, L. E. B.; AQUINO, J. P. C. de; LIMA, T. C. B. de; MARQUES, D. S. & MATOS, T. M.	Gestão.Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, Campinas, v. 22, p. 1-28, 2024	A4
93		x	<u>Mal-estar nas organizações: por que os jovens estão abandonando o mundo corporativo?</u>	LEMOS, A. H. C.; PINTO, M. S.; SILVA, M. A. de C.	RACE – Revista de Administração, Contabilidade e Economia, Joaçaba, v. 16, n. 2, p. 703–728, maio/ago. 2017	A4
94		x	<u>O TRABALHO, SUAS REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS: DA DEMISSÃO À RECONTRATAÇÃO DE TRABALHADORES DOI - 10.5752/P.1984-6606.2014v14n36p31</u>	CAMPOS, M. de; SARAIVA, L. A. S.	Revista Economia e Gestão, Belo Horizonte, v. 14, n. 36, p. 31-61, 2014	B2
95		x	<u>Sentido do trabalho e deficiência: um estudo com cadeirantes após lesão medular / Meaning of work and disability: a study with chairmen after spinal injury</u>	OLIVEIRA, C. C. M.; MARRA, A. V. & LARA, S. M.	Gestão & Regionalidade, Univisiz, v. 39, e20237570, jan.–dez. 2023	A4
96		x	<u>A Construção de Sentido para o Trabalho Emocional</u>	SANTOS, E. F. & FONTENELLE, I. A.	Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 20, n. 1, eRAMG190089, 2019	A2
97		x	<u>Don't worry, be happy! O engodo da qualidade de vida no trabalho</u>	FORTES, J. G. R.; NORONHA, V. Q.; MARANHÃO, C. M. S. A.	Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 66–120, abr. 2016	A4
98		x	<u>Expressões de Felicidade no Trabalho Organizacional: Estudo com Executivos, Profissionais Graduados e Não Graduados</u>	PROLO, I.; ARANTES, D. D.	Caderno Profissional de Administração – UNIMEP, Limeira, v. 8, n. 2, p. 20–39, out./dez. 2018	B3
99		x	<u>Indicadores de Qualidade de Vida no Trabalho para Professores de Instituições Públicas de Ensino Superior: uma Comparação entre Brasil e Canadá</u>	VILAS BOAS, Ana Alice; MORIN, Estelle M.	Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 170–198, mai./ago. 2016	A4
100		x	<u>O caso do trabalhador preferido – três diretrizes para uma agenda de pesquisa decolonial sobre sentidos do trabalho</u>	BARRETO, G. S. D.O	Cadernos EBAPE.BR, v. 22, n. 6, p. 0-231, 2024	A2

101		x	<u>O lixo pode ser mais que lixo: o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis</u>	SILVA, K. A. T.; BRITO, M. J.; CAMPOS, R. C.	Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 7, n. 19, p. 622-658, 202	A4
102		x	<u>O Sentido do Trabalho para Gestores de Lojas num Shopping Center em Caruaru-PE</u>	GOMES, W. R.; SANTOS, E. C. D.	Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 6, n. 17, p. 1035-1078, 2019	A4
103		x	<u>O sentido do trabalho: um estudo com garis em uma cidade de médio porte</u>	MEIRA, F. G. G.; GOMES, A. F.; AMARAL, M. S.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, v. 12, n. 2, p. 105-125, 2022	A4
104	x	x	<u>Sentido do Trabalho e Fatores de Qualidade de Vida no Trabalho: a Percepção de Professores Brasileiros e Canadenses</u>	BOAS, A. A. V.; MORIN, E	Revista Alcance, v. 23, n. 3, p. 272-292, 2016	A4
105		x	<u>Sentido e significado de felicidade no trabalho para professores</u>	RIBEIRO, A. D. S.; SILVA, N	NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2020	B3
106		x	<u>Sentidos do Trabalho - Um Estudo Exploratório com Trabalhadores do Polvilho em Minas Gerais</u>	PINTO, L. B.; PAULA, A. V.; LOBATO, C. B. P.; BOAS, A. A. V.	Revista PRETEXTO, v. 16, n. 4, p. 65-81, 2015	A4
107		x	<u>SIGNIFICADO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS (2001 A 2021)</u>	VIEIRA, C. L. S.; GOMES NETO, M. B.; GRANGEIRO, R. R.	Gestão e Sociedade, v. 16, n. 46, p. 1-32, 2022	B1
108		x	<u>Superando os desafios de viver um chamado ocupacional: um estudo com veterinários</u>	FELIX, B.; SANTOS, A. M. S. D.; ZWERG-VILLEGAS, A. M.	Cadernos EBAPE.BR, v. 20, n. 5, p. 639-652, 202	A2
109		x	<u>Turismo Voluntário: Uma Experiência em Busca do Sentido? Vida e Trabalho em Questão</u>	MÜLLER, C.; SCHEFFER, A.	Revista de Administração Mackenzie, v. 20, n. 1, p. 1-26, 2019	A2
110	x	x	<u>Vínculos Profissionais e Sentido do Trabalho: Uma Pesquisa com Professores do Ensino Superior</u>	IRIGARAY, H. A.; OLIVEIRA, L.; BARBOSA, E.; MORIN, E.	Revista de Administração Mackenzie, v. 20, n. 1, p. 1-27, 2019	A2
111		x	<u>Discurso Gerencial no Controle de Docentes em Instituições de Ensino Superior Privadas: Uma Análise Crítica</u>	MEDEIROS, B. N.; SIQUEIRA, M. V. S	Cadernos EBAPE.BR, v. 17, n. 2, p. 294-304, 2019	A2
112		x	<u>Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8: Trabalho Decente e Pleno Emprego</u>	SZCZEPANIK, D. M. G.; STEFANO, S. R.; BERNARDIM, M. L	Revista de Carreiras e Pessoas, v. 13, n. 2, p. 0-0, 2023	A4
113		x	<u>Os Sentidos do Trabalho para Profissionais de Enfermagem</u>	ARMINATTI, S.; RECH, L.; GALLON, S.; CORTE, V. F. D	Reuna, v. 26, n. 1, p. 62-82, 2021	A4
114		x	<u>Sentido e Significado do Trabalho: Uma Análise dos Artigos Publicados em Periódicos Associados à Scientific Periodicals Electronic Library</u>	NEVES, D. R.; NASCIMENTO, R. P.; FELIX JR., M. S.; SILVA, F. A.; ANDRADE, R. O. B.	Cadernos EBAPE.BR, v. 16, n. 2, p. 318-330, 2018	A2
115	x	x	<u>Sentidos do trabalho para os policiais militares do estado da Bahia: uma primeira análise</u>	BENEVIDES, T. M.; ALMEIDA, D. R.; CUNHA, E. A.; MENDES, J. F.	Revista Gestão & Conexões, v. 3, n. 2, p. 181-197, & Conexões	A4
116		x	<u>Sentidos do Trabalho: Itinerários de Pesquisas em uma Revisão Sistemática da Literatura</u>	COSTA, S. D. M.; VIEIRA, M. K. C.	Revista Gestão & Conexões, v. 13, n. 3, p. 204-204, 2024	A4

117		x	<u>Sentidos do trabalho: possibilidades de diálogos entre Estelle Morin e Ricardo Antunes?</u>	COSTA, S. D. M.; PAIVA, K. C. M.; RODRIGUES, A. L.	Revista Gestão & Planejamento, v. 23, n. 1, p. 573-588, 2022	D
118	scielo		<u>Os sentidos de trabalho e escola construídos por adolescentes trabalhadores</u>	SANTANA, R. R. C.; RISTUM, M.	Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 34, e34727, 2022	A2
119	x		<u>O sentido do trabalho do docente universitário: reflexões para o pós-pandemia à luz do pensamento de Viktor Frankl</u>	SILVA, F. L. H.; SIMÕES, R. F. M.; QUEIROZ, R. S. P.; PONTES, A. M.	Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 2, e12655, 2021	A3
120	x		<u>O sentido do trabalho infantil doméstico</u>	LIRA, T. S. V.	S.E.R. Social, Brasília, v. 23, n. 49, p. 496–516, jul./dez. 2021	D
121	x	x	<u>Sentidos do Trabalho Voluntário: um Estudo com Membros de uma Instituição Luterana</u>	BORCHARDT, P.; BIANCO, M. F.	Revista de Administração Mackenzie, v. 17, n. 5, p. 61-84, 2016	A2
122	x		<u>COMPREENDENDO OS SENTIDOS DO TRABALHO</u>	VIEIRA, M. K. de C.; COSTA, S. D. M.	Revista Gesto – Revista de Gestão e Sustentabilidade Organizacional, Frederico Westphalen (RS), v. 12, n. 1, p. 01-16, 2024	B4
123	x		<u>Identidade, aprendizagem e protagonismo social: sentido do trabalho para sujeitos recicladores</u>	BORGES, M. de L.; SCHOLZ, R. H. & DA ROSA, G. F.	Otra Economía: Revista Latinoamericana de Economía Social y Solidaria, Buenos Aires, v. 8, n. 14, p. 83–98, jan./jun. 2014	B1
124	x		<u>O sentido do trabalho científico</u>	CORONA, J. B.; NUNES, K. C.; ROCHA, V. C.	Revista Perspectiva Sociológica, n. 11, p. 1-15, 2017	B5
125	x		<u>O sentido do trabalho no contexto da atividade do catador de material reciclável</u>	LIMA, M. E. A.; TRINDADE, I. B.	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 33–43, 2018	A3
126	x		<u>O sentido do trabalho: a visão humanista e a aposentadoria
 The sense of work: the humanist vision and retirement</u>	PELLEGRINI, B. M. de; BOER, N.	Saber Humano: Revista Científica Da Faculdade Antonio Meneghetti, 4(5), 8–35, 2014	B2
127	x		<u>O TRABALHO NÃO É UMA MERCADORIA: CONTEÚDO E SENTIDO DO TRABALHO NO SÉCULO XX</u>	MACHADO, S.; ZANONI, A. P.	Revista da ABET (Online), v. 19, p. 439–441, 2021	A4
128	x		<u>OS SENTIDOS DO TRABALHO E A PRODUÇÃO ARTESANAL: OS CASOS DO LUTHIER E DO MESTRE VIDREIRO</u>	TAVARES, F.; PADILHA, V.	Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão, v. 1, n. 1, p. 6–24, 2016	B3
129	x		<u>Os sentidos do trabalho na perspectiva dos alunos e professores dos cursos técnicos integrado e subsequente da rede estadual de ensino</u>	SILVA, M. V. da; BRASILEIRO, B. G.	Revista Ponto de Vista, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 01–18, 2024	A1
130	x		<u>Os sentidos do trabalho para engenheiros de diferentes gerações</u>	DRUMOND, T. D. R.; ITUASSU, C. T.; VASCONCELOS, F. C. W.	Diálogo (Canoas), n. 32, p. 81–102, ago. 2016	B2
131	x		<u>Resiliência e sentido do trabalho dos profissionais no cuidado de pacientes onco-hematológicos</u>	COSTA, M. J. M.; YUNES, M. A. M.; EL ACHKAR, A. M. N.; PEREIRA, P. A. R.	Contribuciones a las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v. 17, n. 4, p. 1–22, 2024	A4
132	x		<u>SE FAZ SENTIR, FAZ SENTIDO: O SENTIDO DO TRABALHO NOS OBSERVATÓRIOS SOCIAIS</u>	DA SILVA, J. P.; RODRIGUES, A. P. G.	Revista FOCO [S. l.], v. 15, n. 2, p. e359, 2022	B2
133	x		<u>Sentidos do trabalho com arte e cultura:</u>	GRILLO, A.	Teoria e Cultura, v. 18, n. 2, 2023	B1

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Curitiba, 14 de outubro de 2024.

Senhor (a) Coordenador (a),

Declaramos que nós do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa **Os sentidos do trabalho para jovens estudantes e trabalhadores de duas Instituições de Ensino Superior de Curitiba: um olhar para a geração z a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey**, sob a responsabilidade da Profª Drª Liliane Canopf Vera, e tendo como pesquisadora Raphaela de Souza Borges, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UTFPR, até o seu final em 31/03/2025.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão estudantes devidamente matriculados no Ensino Superior nesta instituição e bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e complementares.

Documento assinado digitalmente
 ANDREA DE FATIMA RUA ESTACIO
 Data: 10/10/2024 09:31:25 -0300
 Verifique em https://validar.br.gov.br

Profª Msc Andrea de Fátima Rua Estácio
 Coordenadora de Curso
 Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR

www.unicesumar.edu.br

Avenida Guindres 1870 - CEP 81220-350 - Maringá - Paraná - Avenida Santa Mônica, 455 - CEP 80037-010 - Londrina - Paraná
 Rua Espírito Santo, 173 - CEP 81070-100 - Curitiba - Paraná - Rua Osvaldo Cruz, 30 - CEP 84036-900 - Ponta Grossa - Paraná

APÊNDICE C - FORMULÁRIO DE INTERESSE DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Olá! Estamos realizando uma pesquisa intitulada Os sentidos do trabalho para jovens estudantes e trabalhadores de duas Instituições de Ensino Superior de Curitiba: um olhar para a geração z a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey na sua instituição de ensino superior. Sua participação é muito importante para o sucesso deste estudo! Se você interesse em participar, pedimos que preencha as informações abaixo. Todas as respostas serão tratadas com total confidencialidade.

Você aceita participar da pesquisa?

- Sim, aceito participar.
 Não, não aceito participar.

Por favor, preencha os seguintes dados:

Nome completo:

Data de nascimento (dd/mm/aaaa):

Gênero:

- Feminino
 Masculino
 Outro: _____

Curso superior que está frequentando: _____

Você está trabalhando atualmente?

- Sim
 Não

Modelo de contrato de trabalho:

- CLT
 Estágio
 Trainee
 Outro: _____

Há quanto tempo você está na empresa atual?

- Menos de 1 ano
 1-3 anos
 Mais de 3 anos

Cargo atual: _____

Você está de férias ou em algum tipo de licença no momento?

- Sim, de férias
 Sim, em licença
 Não

Você teve experiências profissionais em outras empresas?

- Sim
 Não

Se sim, por quanto tempo no total você trabalhou em outras empresas?

- Menos de 1 ano
 1-3 anos
 Mais de 3 anos

Agradecemos sinceramente por seu interesse em participar desta pesquisa!

Caso seu perfil seja selecionado, entraremos em contato em breve para agendar a próxima etapa da pesquisa. Em caso de dúvidas ou mais informações, não hesite em nos contatar pelo e-mail raphaelborgesdh@gmail.com. Muito obrigado(a) pelo seu tempo e disponibilidade!

Atenciosamente,

Raphaela de Souza Borges

Aluna de Pós Graduação Stricto Sensu em Administração da UTFPR

APÊNDICE D - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

ASPECTOS PESSOAIS

Identificação para entrevista:

Gênero que se identifica:

Etnia declarada:

Data de Nascimento:

Estado Civil:

Filhos:

Escolaridade:

Profissão:

Renda Mensal:

Composição familiar:

HÁBITOS E COMPORTAMENTOS

Conte suas atividades relacionadas com o smartphone. O que você faz com ele e o que não faz com ele?

Como é a sua relação com redes sociais?

Fale sobre sua preferência de interação com amigos? E no estudo? E no trabalho?

O que você pensa sobre qualidade de vida, equilíbrio e saúde mental?

Qual sua opinião sobre sustentabilidade e meio ambiente?

Qual sua opinião sobre diversidade?

Qual sua opinião sobre trabalho?

Como você se atualiza em relação a informações e conteúdos?

Como você estuda?

Quais são seus sonhos?

HISTÓRICO PROFISSIONAL

Empresas que trabalhou:

Tempo em cada empresa:

Atividades realizadas:

TRABALHO

Por que escolheu sua carreira?

Qual o papel do trabalho em sua vida?

Como você se sente em relação ao seu trabalho? Exemplifique citando como é a rotina de trabalho.

O que você gosta no seu trabalho?

O que você não gosta no seu trabalho?

Como era o seu trabalho em outras empresas? O que era bom e o que não era bom?

Na sua opinião o que é um trabalho com sentido?

Na sua opinião o que é um trabalho sem sentido?

ESTUDO

Por que escolheu seu curso (profissão)?

Qual o papel do estudo em sua vida?

Como você se sente em relação ao seu estudo? Exemplifique citando como é a rotina de estudo.

O que você gosta em estudar?

O que você não gosta em estudar?

Por que decidiu fazer ensino superior?

Já tinha iniciado ou cursado ensino superior antes? O que levou a fazer este curso?

Na sua opinião, faz sentido estudar hoje? Por quê?

ESTUDO + TRABALHO

Como é a sua rotina estudo e trabalho?

O que é bom? E o que é ruim?

Que estratégias você utiliza para dar conta destes dois papéis?

Quais seus planos para depois da formatura?

APÊNDICE E – TCLE e TCUISV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) TERMO DE CONSENTIMENTO UTILIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM E VOZ (TCUISV)

Título da pesquisa: Os sentidos do trabalho para jovens estudantes e trabalhadores de duas instituições de ensino superior de Curitiba: um olhar para a geração Z, a partir da teoria da subjetividade de González Rey.

Dados do Pesquisador responsável pela pesquisa:

Nome: Professora Dr^a Liliane Canopf

Telefone: 46 99975-9213

e-mail: lilianec@utfpr.edu.br

Dados do aluno/assistente de pesquisa:

Nome: Raphaela de Souza Borges

Telefone: 41 99914-0101

e-mail: raphaelaborgesdh@gmail.com

Obs: Todos os envolvidos na pesquisa (pesquisador responsável, assistentes e equipe de de pesquisa) estão incluídos na Plataforma Brasil.

Local de realização da pesquisa: presencialmente, em local tranquilo/seguro à escolha da participante.

Endereço: _____

A. INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa que tem como objetivo analisar os sentidos do trabalho para o jovem estudante e trabalhador de duas IES – Instituições de Ensino Superior de Curitiba-PR. Essa pesquisa se propõe realizar um estudo que ouça diretamente os membros da Geração Z, dando-lhes espaço para compartilhar suas experiências, preocupações e aspirações de maneira mais detalhada, permitindo uma análise mais rica das nuances individuais e das diferentes perspectivas sobre o trabalho. Portanto, um aprofundamento do tema por meio da pesquisa, especialmente incorporando as vozes diretamente envolvidas, será essencial para uma compreensão mais rica e contextualizada.

Dito isso, espera-se como os achados do presente estudo obter algumas conclusões sobre a maneira como os jovens, estudantes e profissionais, interpretam as dicotomias de sentimentos frente ao trabalho e como constroem o seu sentido para o trabalho no contexto atual.

Rubrica Pesquisador

Rubrica Participante

Do ponto de vista prático, então é necessário compreender como o trabalho afeta a vida desses jovens, considerando que suas experiências profissionais podem influenciar sua trajetória futura. A partir destes estudos poderá tornar possível construções de políticas públicas atuais ou reforço de políticas já existentes.

De outro lado, pode-se incentivar, a partir de pesquisas desta natureza, a conscientização de organizações sobre suas práticas de gestão em desacordo à promoção de trabalhos sem sentido para trabalhadores.

O diálogo será guiado a partir de um roteiro, com algumas questões pré-estabelecidas. O que não significa que, necessariamente, seguirá uma ordem rígida de perguntas e respostas. Para sua participação na pesquisa, a pesquisadora disponibilizará este termo em papel, no dia da entrevista, para sua assinatura enquanto participante, em duas vias. As entrevistas serão gravadas e transcritas na íntegra e literal.

O termo que você está lendo é uma exigência da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), uma comissão do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Ele existe para garantir que o participante da pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida. A resolução propõe que toda pesquisa que envolva seres humanos, direta ou indiretamente, deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa. A ética na pesquisa exige o respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida (Resolução CNS nº 466 de 2012). Para que seja cumprida essa resolução, esta pesquisa será submetida ao Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

2. Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os sentidos do trabalho para o jovem estudante e trabalhador de uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR. E, para corroborar com a proposta do objetivo geral, propõe-se os objetivos específicos:

- a. Identificar aspectos centrais e periféricos do trabalho para os jovens da Geração Z;
- b. Aproximar discussões entre elementos comuns e divergentes sobre o sentido do estudo e do trabalho para os jovens estudantes e trabalhadores;
- c. Verificar características dos membros da Geração Z em uma Instituição de Ensino Superior de Curitiba-PR.

3. Participação na pesquisa

A Instituição de Ensino Superior autorizou a realização desta entrevista, mediante anuência dos(as) coordenadores(as) de curso. A coordenação dos cursos da Instituição de Ensino Superior recebeu este documento, assim como o projeto detalhando o conteúdo e propósito desta pesquisa. Você foi selecionado por atender os critérios de inclusão e sua participação acontecerá da seguinte forma:

1. Entrevista presencial (em local tranquilo/seguro e definido por você). O horário e o dia da entrevista serão agendados entre você e a pesquisadora, devendo ocorrer entre junho a agosto de 2025. A entrevista terá a duração estimada de 60 minutos e com a gravação do áudio;
2. O áudio gravado será transcrito na íntegra e o texto será transformado em narrativa em primeira pessoa.

4. Confidencialidade

O conteúdo do diálogo e a sua transcrição são confidenciais, sendo que o roteiro com o nome será identificado por outro fictício. Somente a pesquisadora terá acesso ao nome correspondente a cada substituído. Todas as informações e todos os dados gerados nesta pesquisa são sigilosos, de acordo com Resolução nº 466, de 12 de dezembro 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

a) Riscos: O único risco a que você estará exposto é o possível constrangimento de conceder a entrevista, porém, é uma preocupação primária desta pesquisa diminuí-lo ao máximo, o que significa que você pode deixar de responder a quaisquer perguntas caso não se sinta confortável. Para isso, você, participante, será esclarecido a respeito de cada etapa que estiver sendo realizada. Serão seguidas todas as recomendações da Resolução nº 466, de 12 de dezembro 2012, do Conselho Nacional de Saúde, e se necessário será acionado unidade médica mais próxima da realização da entrevista.

b) Benefícios: O principal benefício que esta pesquisa proporcionará a você é a reflexão sobre seu trabalho e a possibilidade de dar visibilidade ao desempenho de suas atividades como estudante e profissional bem como as alternativas encontradas para continuar trabalhando e estudando.

6. Critérios de inclusão e exclusão

a) Inclusão: (I) ter nascido a partir de 1990 e ter mais que 18 anos; (II) estar cursando Ensino Superior (III); estar trabalhando a mais de um ano na mesma empresa com contrato formal de trabalho.

b) Exclusão: (I) estar em férias ou qualquer forma de licença no período da pesquisa; (II) estar trabalhando como estagiário.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo

Você tem o direito de deixar este estudo a qualquer momento, bem como de receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Você possui liberdade para recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem penalização. Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

() quero receber os resultados da pesquisa.

e-mail para envio: _____

() não quero receber os resultados da pesquisa.

8. Ressarcimento e indenização

Não haverá nenhuma despesa pessoal ou compensação financeira em decorrência de sua participação nesta pesquisa. É importante frisar, no entanto, que você terá direito de indenização em razão de eventual dano que venha a sofrer decorrente da pesquisa, uma vez comprovado o nexo causal.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado(a) ou que está sendo prejudicado(a) de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco L, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, Telefone: (41) 3310-4494, e-mail: coep@utfpr.edu.br. 106

B. CONSENTIMENTO PARA USO DE SOM E IMAGEM

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa. Declaro, ainda, que compreendi objetivo, natureza, riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Permito que a pesquisadora obtenha informações a meu respeito por meio de entrevista, cujo áudio será gravado, transcrito e transformado em narrativa em primeira pessoa para fins de pesquisa científica/educacional. As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Estou consciente de que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo e que, permanecendo na pesquisa, não serei identificado(a) pelo nome ou qualquer outra forma.

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de nascimento: ___/___/___ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Eu declaro ter me apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido, da melhor forma possível, às questões formuladas. Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, basta entrar em contato com Raphaela de Souza Borges, via e-mail: raphaelaborghesdh@gmail.com ou telefone: 41-99914-0101

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco L, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, Telefone: 3310-4494, e-mail: coep@utfpr.edu.br

Rubrica Pesquisador

Rubrica Participante

APÊNDICE F – TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DE RELATÓRIO FINAL

Eu, Prof^ª Dr^ª Liliane Canopf Vera pesquisador (es/as) responsável (is) pelo projeto de pesquisa intitulado **Os sentidos do trabalho para jovens estudantes e trabalhadores de duas Instituições de Ensino Superior de Curitiba: um olhar para a geração z a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey**, comprometemo-nos a dar início a este estudo somente após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e registro de aprovado na Plataforma Brasil.

Com relação à coleta de dados da pesquisa, nós pesquisadores, abaixo firmados, asseguramos que o caráter anônimo dos dados coletados nesta pesquisa será mantido e que suas identidades serão protegidas. Bem como, outros documentos não serão identificados pelo nome, mas por um código.


Nós pesquisadores, manteremos um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio. Os formulários: **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem**, assinados pelos participantes serão mantidos pelo pesquisador em confidência estrita, juntos em um único arquivo.

Asseguramos que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem, que poderá ser solicitada de volta no caso deste não mais desejar participar da pesquisa.


Eu, como professora orientadora declaro que este projeto de pesquisa, sob minha responsabilidade, será desenvolvido pela aluna Raphaela de Souza Borges, do curso Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração (mestrado)

Declaro, também, que li e entendi a Resolução 466/2012 (CNS) responsabilizando-me pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e comprometendo-me a enviar ao CEP/UTFPR, relatório do projeto em tela quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Curitiba, 14 de outubro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 LILIANE CANOPF VERA
 Data: 24/10/2024 11:48:54-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^ª Dr^ª Liliane Canopf Vera

Documento assinado digitalmente
 RAPHAELA DE SOUZA BORGES
 Data: 24/10/2024 11:59:02-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Raphaela de Souza Borges